

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



FRUTO DO CAMPO:  
HISTÓRIA DE UM VIVER NO INTERIOR RURAL PORTUGUÊS

João Rui Alves Andrade Afonso

Nº 10844

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia**

Especialidade em Clínica

2009



*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

FRUTO DO CAMPO:  
HISTÓRIA DE UM VIVER NO INTERIOR RURAL PORTUGUÊS

João Rui Alves Andrade Afonso

Dissertação orientada por Prof. Doutor António Diniz

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia**  
Especialidade em Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutor António Diniz, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 Publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## Agradecimentos

Ao Avô Zé, à Avó Gena, à Avó Maria, pelas memórias de infância.

À Dona P., por me ter recebido, por se ter dado, pela almofada na soleira da porta.

Ao Prof. Doutor António Diniz, pela disponibilidade, pela orientação, pelo rigor e pelo espírito saltitante.

Aos meus pais, pela compreensão e paciência para com as minhas opções, por estarem lá.



## Resumo

Em busca do homem total, no contexto de uma visão integrativa da personalidade, a identidade surge como necessidade, procura e construção individual do sentido num tempo. É na cultura e na apropriação criativa dos guiões por esta transportados que o indivíduo se reconhece e unifica. Inerente a este esforço de coesão identitária, tapeçaria onde aspectos desavindos do *self* alcançam novas coerências, encontra-se a noção de história. É na permanente elaboração narrativa que o sujeito reconstrói o passado, percebe o presente e se projecta no futuro. As histórias de vida, método e objecto, dão assim acesso ao tecer subjectivo de um vivido que é também portador de uma cultura. A D. Palmira (nome fictício), habitante de um interior rural português empobrecido, envelhecido e desertificado, surge como uma das últimas testemunhas de um sistema cultural de valores e tradições feito prisioneiro pelo romper das redes de transmissão oral. O presente estudo procura, através da recolha da sua história, dar voz a quem usualmente não a tem, fixando em papel um modo de vida que tende a deixar de o ser. Com ele procura-se também, por meio de análise de conteúdo da sua história de vida, o escalpelizar temporal da organização identitária enquanto narrativa pessoal.

**Palavras-chave:** história de vida; identidade; desenvolvimento humano; idosa.



## Abstract

In the quest for the man as whole, contextualized by an integrative view of personality, identity emerges as an individual necessity, search and construction of meaning in time and place. It's in the culture, and in the creative appropriation of the plots it carries, that the individual finds unity and self-conscience. Inherent to this effort of identity cohesion, tapestry where disagreeing aspects of the self achieve new forms of coherence is the notion of story. It's in the permanent elaboration of a self's narrative that the subject rebuilds his past, perceives his present, and anticipates his future. Life stories, method and object, give access to the subjective weave of a life that is also the carrier of a culture. D. Palmira (fictitious name), inhabitant of an impoverished, aged and abandoned Portuguese rural interior, arises as one of the last witnesses of a cultural system of values and tradition imprisoned by the disruption of oral transmission chains. The present work seeks, by the harvest of her story, to give voice at who usually doesn't have it, carving in paper a way of life that struggles to survive. Moreover, by mean of a content analysis, we also seek to dissect chronologically the organization of identity as personal narrative.

**Key Words:** life story; identity; human development; elder.



## Índice

<b>Introdução</b>	1
<b>Revisão de Literatura</b>	5
1. A Busca do Homem Total	5
2. Uma visão Integrativa da Personalidade	8
3. A identidade: Uma Construção Pessoal	10
4. Identidade e Sentido na Modernidade	14
5. O Tecer da História Individual	16
6. A Identidade e o Feminino	20
7. O Presente Estudo	22
<b>Método</b>	25
8. Considerações Metodológicas	23
9. Descrição da Participante	28
10. Procedimentos e Instrumentos de Recolha	30
11. Procedimentos e Instrumentos de Análise	34
<b>Resultados</b>	39
12. Análise Cronológica	39
13. Análise Categorical Temática	47
<b>Discussão</b>	57
<b>Conclusão</b>	65
<b>Referências</b>	67

**Anexos**

A. Cronograma dos Encontros	77
B. Transcrição Integral das Entrevistas	79
C. História de Vida	261
D. Categorias de Análise Temática	287

**Figuras**

<i>Figura 1.</i> Biograma	58
---------------------------	----

## Introdução

O realizar deste estudo nasceu, antes do mais, de uma ligação emocional ao rural e às suas gentes. A ideia, ou sentimento, original: captar o brilho único de uma vida, a existência enquanto percurso singular entre nascimento e morte: vida associada ao campo, porque vivida nele tanto quanto vivida por ele. Propusemo-nos assim desvelar o trajecto singular de uma idosa, habitante de um minúsculo e isolado lugar do interior raiano da Beira Baixa, na maneira como este foi por ela percebido e, logo, construído.

Esta intenção conduziu-nos, na visão sobre a psicologia e seus objectos, bem como nas consequentes opções metodológicas, à colocação do presente no campo dos estudos de vertente ideográfica – i.e. aqueles que se centram sobre o Homem enquanto inteiro e único, procurando a sua descrição e compreensão profundas (American Psychological Association, 2007). Pareceu-nos, pois, acertado iniciá-lo com uma breve resenha da evolução das ideias sobre assunto, na procura de assim melhor explicitar e enquadrar as nossas opções.

A compreensão do indivíduo aqui procurada ancorou-se no narrar que o próprio fez da sua história, do seu vivido e experiência individual. Através deste dotou-nos dum retrato dinâmico da maneira como se encara enquanto passado, presente e futuro encenados num determinado contexto espaço-temporal: da sua identidade. De modo a analisarmos o mesmo, bem como a situar a sua importância e papel no seio da construção identitária do sujeito, procedemos a uma revisão da literatura que considerámos pertinente. Nesta, partindo de uma visão integrativa da personalidade humana, proposta por McAdams & Pals (2006), explorámos a identidade enquanto necessidade, procura e construção individual emergente na adolescência (Erikson, 1971,1980) e a maneira como esta tarefa, e a busca de sentido através dela, se têm tornado cada vez mais prementes no contexto das sociedades modernas (Adler, 1959; Giddens, 2000; McAdams, 2001). Através do proposto por McAdams (1996, 2001) examinámos ainda a forma como, por meio de histórias em permanente construção e reavaliação, os indivíduos vão procurando, ao longo da vida e na especificidade de um contexto cultural específico, a construção de um sentido de si mesmos. Por fim abordámos as especificidades inerentes ao papel da mulher e construção da identidade no feminino, considerando os contributos teóricos de Josselson (1996) e Gilligan (1994).

Tendo como documento basilar e razão primeira da sua existência a história de vida única, a segunda parte deste estudo, incidindo sobre as questões metodológicas, inicia-se com uma resenha histórica do seu emprego, em que se evidencia a sua versatilidade, dualidade

enquanto método/objecto e utilidade enquanto espelho do vivido subjectivo. É, ainda, destacada a sua importância enquanto instrumento que permite para dar voz a quem a não tem, preservando vivências, costumes e tradições que tendem a desaparecer (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1999).

À descrição da participante e seu meio envolvente segue-se a explicitação do procedimento de recolha, realizada através de entrevistas semi-directivas ou abertas, repetidas ao longo de vários encontros. São aqui consideradas as questões metodológicas inerentes ao processo, bem como as vicissitudes práticas verificadas no mesmo, decisões tomadas e sua justificação.

No procedimento de análise clarifica-se o tratamento dos dados desde a sua transcrição em bruto até à história de vida enquanto documento final, objecto de estudo. Discutem-se ainda as opções relativas às técnicas utilizadas – análise cronológica, análise temática e biograma – e à sua fidelidade e validade.

De seguida apresentam-se os resultados, sob a forma de análise cronológica e temática, em que se procura, através de um trabalho de codificação e categorização, uma maior organização e clarificação do corpo do texto, bem como a análise e compreensão da história a partir das categorias propostas por McAdams (1996) para a compreensão das histórias de vida do adulto.

A quarta parte do estudo é consagrada à discussão dos resultados. Esta foi levada a cabo a partir da articulação do referencial teórico explorado com os dados resultantes das três técnicas de análise utilizadas. Durante a discussão tivemos a preocupação de manter sempre presente uma visão holística da participante, não perdendo nunca de vista a história de vida como documento matricial uno. O biograma, cruzando análise cronológica e temática, é aqui apresentado de modo a facilitar o acompanhamento e compreensão da discussão.

Os resultados mostram que a necessidade e o trabalho de construção identitária por parte da participante foram em grande medida aliviados pelo contexto sociocultural em que sempre viveu. De facto, este, caracterizado por uma grande estabilidade ao nível do ambiente físico, das relações pessoais e do sistema de valores tradicionais, não foi ainda tocado pelos efeitos perturbadores da modernidade, mantendo-se as cadeias de transmissão oral intergeracionais ainda intactas. Assim, o guião de estilo de vida dominante, transportado pela cultura, um de matriz hegemonicamente católica, preencheu em grande medida, *a priori*, as necessidades de unidade e sentido identitário da participante.

Não quer isto dizer que não tenha existido tecer identitário, na verdade, a flexibilidade das histórias de vida enquanto método e a abrangência da concepção narrativa da identidade

permitiram, mesmo num contexto tão específico, explorar de uma forma muito proveitosa o relato de vida da participante e perceber, não só a maneira como ela própria se encara e ao seu percurso, mas também as nuances da urdidura que ao longo do tempo foi fazendo de si mesma, da sua identidade.



## Revisão de Literatura

### 1. A Busca do Homem Total

O ser humano, principalmente no que às suas dimensões psicológicas e comportamentais diz respeito, sempre se mostrou um objecto esquivo aos olhos curiosos dos investigadores. No seu trabalho de 1912, *Memories and Studies*, William James escreveu:

“ Em cada indivíduo existe uma unicidade que desafia todas as formulações. Podemos, por assim dizer, sentir o seu toque e reconhecer o seu sabor, deleitarmo-nos ou não gostarmos, conforme o caso, mas não podemos dar dela uma explicação última e temos, no fim, simplesmente de admirar o criador (James, 1912, cit. por Allport 1962, p. 408)”.

Esta perplexidade demonstrada por James perante ineficiência da psicologia em lidar com a singularidade do indivíduo prende-se com as características em si do ser humano e com as do paradigma científico positivista vigente.

No raiar do século vinte um movimento importante dentro da psicologia procurou e conseguiu a sua aproximação ao modelo das ciências naturais como forma única de a confirmar como “real” ciência (Langenhove, 1996). Fazendo parte desse movimento, o próprio James afirmou que a psicologia não tinha ainda produzido “uma única lei no sentido em que a física nos apresenta leis”, não sendo assim uma ciência mas apenas “uma esperança de ciência” (James, 1961, cit. por Allport, 1962). A adequação da psicologia a um modelo em que se procura a causalidade e se valorizam formas de análise quantitativas na tentativa de gerar leis de base universal, levou à sua credibilização e maior aplicação prática junto da sociedade, mas diminuiu o seu potencial de compreensão do ser humano enquanto um todo (Langenhove, 1996). O tratamento experimental dos seres humanos como se estes fossem objectos naturais, num mimetismo em relação ao que fazem as ciências físicas, tende a tornar-se redutor, uma vez que existe uma grande diferença entre a forma como as pessoas agem e a maneira como os mecanismos causais se comportam. (Langenhove, 1996). Não é assim tido em linha de conta o facto de o comportamento humano ser um com significado e intenção, possuindo o sistema humano capacidades de antevisão, auto-conhecimento e uma flexibilidade e interacção entre funções e objectivos que fazem dele um desafio bem maior que qualquer outro sistema vivo (Allport, 1962; Langenhove, 1996).

O balançar da psicologia entre “a incapacidade dos modelos positivistas para acederem às dimensões da subjectividade, do vivido, dos sentidos e, genericamente, a todas as dimensões processuais” (Santos, 1998, p. 503), e a circunstância de que “por mais intensivo, prolongado, objectivo e bem controlado que um estudo de caso seja, não se pode nunca ter a certeza da extensão a que as regularidades nele encontradas podem ser generalizadas a outras pessoas (...)” (Holt, 1962, p. 397), não é novo, tendo ao longo do tempo motivado discussão à sua volta. É a dicotomia nomotético *versus* idiográfico.

Os termos nomotético (estabelecer leis) e idiográfico (retratar o que é privado, peculiar, individual) foram introduzidos pelo filósofo Wilhelm Windelband (1894) como forma de contrastar ciência, lidando com aspectos perenes da realidade, e humanidades, lidando com acontecimentos únicos. A sua notoriedade surgiu, no entanto, sobretudo a partir do uso que deles fez o pioneiro no campo da psicologia da personalidade Gordon Allport (1937), ao empregá-los para descrever o que via como sendo dois ramos complementares da psicologia. Assim, enquanto o grosso da psicologia se encarregava da procura de leis gerais do comportamento, sendo portanto nomotética, caberia à personologia o estudo do que remanescia, a personalidade única de cada um, que tinha de ser estudada de uma forma que tornasse possível a captura dessa unicidade, ou seja, de forma idiográfica (Holt, 1962; Thomae, 1999).

A proposta de Allport não foi pacífica, quer pela divisão que traçava, quer pelos termos escolhidos para designar o resultado da mesma. Em oposição esta avança a visão de uma ciência psicológica única que permanece metodologicamente inalterada quer se foque na análise de casos individuais quer na produção de leis, considerando que os primeiros se encaixam com facilidade nos limites do estudo científico ortodoxo. Enquanto o estudo do caso individual não pode ser utilizado no estabelecimento de leis, estas, mesmos gerais, mantêm sempre alguma validade em relação ao indivíduo. Isto porque a unicidade da personalidade de cada um não é absoluta, na medida em que cada homem é como todos os homens, como alguns outros homens e como nenhum outro homem. A compreensão do individual, do idiográfico, é remetida então para os primeiros degraus do método científico, uma fase essencialmente exploratória onde são escolhidos objectos, formuladas hipóteses, definidas as variáveis a controlar e as estratégias e metodologias a utilizar. A sua verificação posterior terá, no entanto, de ser feita através de métodos experimentais ou o seu carácter científico não estará assegurado (Eysenck, 1954; Falk, 1956; Kluckhohn & Murray, 1953, cit. por Holt, 1962; Holt, 1962).

A crítica que os defensores desta corrente fazem às considerações de Allport é, de certo modo, enviesada pela sua colagem às definições originais de nomotético e idiográfico e pela forma como isto trunca a sua abertura às ideias nelas contidas. Talvez que, como Holt (1962) o diz, o lado estético de Allport o tenha levado, em certa medida, a misturar objectivos científicos com artísticos. Isto não implica, no entanto, que a sua visão da psicologia seja uma não científica. De facto, Allport não vê a submissão dos psicólogos aos procedimentos e objectivos das ciências naturais como necessariamente mau, mas teme que esta os tenha feito negligenciar outras formas de proporcionar ao homem um maior conhecimento sobre si próprio (Allport, 1962).

“Porque não devemos começar por utilizar o comportamento individual como fonte de possibilidades (como fizemos no passado), e a partir destas procurar as nossas generalizações (como também o fizemos no passado), mas regressarmos por fim ao indivíduo – não para a aplicação mecânica de leis (como o fazemos agora), mas para uma mais completa, suplementar, e mais precisa avaliação do que a que somos agora capaz de fazer?” (Allport, 1962, p.407)

O que está em causa, aquilo porque Allport se bate, parece ser mais a possibilidade de uma visão holística e compreensiva do homem do que o levantamento exaustivo da individualidade de cada um. E se este sempre despertou anticorpos junto de grande parte dos psicólogos, a primeira é, de certa forma, consensual, ainda que poucas vezes tenha realmente descido do céu da teoria à prática terrena (McAdams, 1997). A busca do homem enquanto um todo contínuo, não só como todos os outros homens e como alguns outros homens, mas também como nenhum outro homem, é assim um problema ainda actual e em busca de resposta, já que, apesar dos progressos da psicologia, o seu desenvolvimento não se tem desviado muito de uma linha condutora assente em princípios que têm permanecido praticamente inalterados. Esta é uma homogeneidade que começa, no entanto, a ser desafiada, porquanto o avanço no conhecimento propiciado pelo paradigma científico vigente levou à identificação dos limites, insuficiências estruturais e fragilidade dos pilares em que o mesmo se funda (Santos, 2001). Em sequência disto surge um novo e crescente questionamento acerca da natureza, fronteiras e novos caminhos da disciplina, conduzindo-a a um estado de mudança (Smith, Harré & Langenhove, 1996a).

## 2. Uma Visão Integrativa da Personalidade

Em busca do homem total lobrigado por Allport (1962) e estando este entalado em visões da personalidade que hesitam entre as grandes teorias tradicionais, com os seus princípios básicos “não testados e intestáveis” (Mendelson, 1993, cit. por McAdams & Pals, 2006, p.205) e um mundo estilhaçado de pesquisas e assuntos experimentalmente comprovados, mas que falham ao não apresentar uma linha de sentido, McAdams e Pals (2006) apresentam uma proposta integrativa que se propõe ser uma grelha estruturadora da pesquisa e teorização no campo da psicologia da personalidade. A mesma organiza-se em cinco princípios gerais onde se procuram articular saberes provenientes de diferentes ramos da psicologia na busca de uma compreensão alargada da personalidade e seu desenvolvimento.

O primeiro princípio relaciona-se com a forma como todos os humanos se encontram ligados entre si porque portadores de um património evolutivo comum. Parte-se assim da noção de que “as vidas humanas são variações individuais do mesmo design evolutivo geral” (McAdams & Pals, 2006, p. 205), aperfeiçoado ao longo de milhares de ano pela pressão selectiva de factores ambientais e onde se incluem programas cognitivos que, entre outras coisas, configuram respostas de natureza psicológica à tarefa evolutiva. As características resultantes do processo evolutivo funcionam como rocha mãe para a diferenciação da individualidade humana, comportando-se como *design* universal a partir de onde esta se dá. Se tudo tem um início, ao que o homem não é excepção, compreender o que somos hoje e porque o somos implica, antes de tudo, conhecer e ter em conta as bases biológicas que nos fazem e o caminho que tivemos que percorrer (McAdams & Pals, 2006).

O segundo leva em linha de conta a noção de traço disposicional, “dimensões globais, testáveis, lineares e comparativas da individualidade humana” (McAdams, 2001, p. 111), que expressam diferenças entre pessoas e se apresentam consistentes ao longo do tempo e situações. Este princípio é então constituído por um pequeno número de traços disposicionais, implicados na vida social e determinados evolutivamente, que constituem o aspecto mais estável e reconhecível da personalidade do indivíduo. Extroversão, afabilidade, determinação, neuroticismo e abertura à experiência são os cinco traços básicos que, surgindo consistentemente em diversos estudos feitos em várias sociedades e diferentes línguas, parecem reunir a maior parte da informação que se pode esperar saber acerca da personalidade de alguém e portanto dar resposta às questões acerca do outro a que evolutivamente teria sido útil responder. Estes traços comportam-se assim como unidades

básicas e pouco mutáveis, o que se deve em parte à influência genética na sua origem, definidoras da personalidade de cada indivíduo (McAdams, 1992; McAdams & Pals, 2006).

Para lá destas dimensões que, úteis na avaliação básica do estranho, se mostram evidentemente pobres quando se almeja uma descrição mais rica acerca de quem é efectivamente alguém, encontram-se os coloridos da individualidade psicológica contextualizados no tempo, situação e papel social. O terceiro princípio avançado pelo autor diz então respeito às adaptações características que, embora por vezes de forma não muito clara, diferem dos traços disposicionais apresentados no princípio anterior por se apresentarem mais intimamente ligadas a aspectos da individualidade relacionados com preocupações motivacionais, socio-cognitivas e desenvolvimentais. Estas encontram-se assim mais susceptíveis à influência cultural demonstrando uma maior afinidade à “ecologia social da vida do dia-a-dia” (McAdams & Pals, 2006, p. 209). Há assim um movimento de um encarar descritivo do indivíduo para um mais complexo encarar compreensivo (McAdams, 2001; McAdams & Pals, 2006).

A procura reflexiva do sentido e identidade levada a cabo pelos indivíduos no mundo moderno marca o quarto princípio. Esta procura é feita através de histórias de vida integrativas, baseadas em factos biográficos, mas indo além destes, porquanto as pessoas reconstróem passado e constroem futuro a partir de narrativas em que se apropriam selectivamente das suas experiências. O encarar da existência, enquanto história sempre em construção e evolução, em busca da coesão e unidade identitária, é particularmente saliente e pertinente nas sociedades actuais vividas sobre o complexo signo cultural da modernidade. É nos relatos que fazem de si mesmas, a si mesmas e aos outros, que o colorido da individualidade pessoal mais se evidencia e sobressai. É na unicidade da sua história de vida que cada pessoa é menos como as outras pessoas e mais como si própria (McAdams, 1996; McAdams & Pals, 2006).

A paisagem da vida humana tece-se no pano de um contexto cultural, social e histórico específico. As acções das pessoas resultam da sua interacção com o ambiente. No entanto, a cultura, enquanto veículo de um conjunto de significados, práticas e discursos, exerce influências diversas nos diferentes degraus da personalidade, sendo distinta a que exerce ao nível dos traços disposicionais, porque quase inexistente, da que exerce nas histórias de vida, forte. O quinto princípio é, pois, relativo à cultura “As histórias vivem na cultura. Elas nascem, crescem, proliferam e eventualmente morrem de acordo com as normas, regras e tradições prevalentes numa dada sociedade” (McAdams, 2001, p. 114). Nas suas histórias as pessoas capturam e utilizam o caldo imagético e metafórico em que se encontram inseridas.

A cultura fornece assim cada uma com um cardápio de hipóteses sobre como viver e interpretar a sua vida. Cabe ao indivíduo a escolha em relação ao que se apropriar, de acordo com os guiões fornecidos e a própria percepção da sua existência (McAdams, 2001; McAdams & Pals, 2006).

Uma abordagem completa e compreensiva da vida de um indivíduo implica pois, necessariamente, um levar em conta da combinação única formada por traços, adaptações características e histórias de vida, todos eles ancorados num passado evolutivo e complexamente influenciados pela cultura. Das histórias possíveis, conservadas num património cultural comum, as pessoas escolhem e personificam aquelas a que se sentem ligados. Neste processo estas são alteradas, tendo em conta “ as circunstâncias únicas do seu mundo social, político e económico, bem como o seu contexto familiar, experiência educacional e ainda os seus traços disposicionais e adaptações características” (McAdams & Pals, 2006, p. 212). Isto para que se encaixem na percepção que têm da sua própria individualidade (McAdams & Pals, 2006).

### 3. A Identidade: Uma Construção Pessoal

Ao atribuírem ao indivíduo esta necessidade de fazer sentido da sua existência numa narrativa identitária que integre as diferentes facetas do seu eu – expressas numa vida de constante interacção com um todo cultural, social e histórico – McAdams (2001) e McAdams e Pals (2006) aprofundam o quinto estágio do modelo de desenvolvimento de Erikson (1971) e as concepções nele desenvolvidas.

Erik Erikson, psicanalista, apresenta uma concepção de desenvolvimento ligada às noções de ciclo e curso de vida enfatizando o papel desempenhado neste pelas relações entre *self* e mundo (Levinson, 1986). Esta teorização psicossocial do desenvolvimento estende-se pelo todo da existência humana assente no pressuposto de que a forma como os indivíduos lidam com as suas experiências sociais acaba por modelar as suas vidas (Fonseca, 2005). Assim, para Erikson (1980), desde bebé que o ser humano possui e se insere num *milieu* de vida social, sendo que “ao nascer (...) abandona a permuta química do ventre materno pelo sistema de permutas sociais da sua sociedade”. No contínuo do desenvolvimento a sua forma de lidar activamente com a realidade, numa actividade sintética do *ego*, enraíza-se na identidade do grupo a que pertence de acordo com um espaço, tempo e plano de vida.

“ (...), pode-se dizer que a personalidade se desenvolve de acordo com uma escala predeterminada na prontidão do organismo humano para ser impelido na direcção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições, ao mesmo tempo que está cónscio da existência desse círculo e pronto para a interacção com ele” (Erikson, 1972, p.90).

A visão epigenética do desenvolvimento psicossocial ao longo do ciclo de vida espraia-se por oito estádios, agregados e sequenciais, conducentes à formação de um todo funcional. Todos os seres humanos atravessam estes estádios, cada um marcado por um momento de crise específico, em que as possibilidades de desenvolvimento psicossocial, desencadeadas por factores internos, se concretizam, ou não, de forma saudável, segundo a interacção estabelecida com as instituições externas marcantes em cada momento. Interacção essa que, apesar de conter a influência de factores de ordem genética, será a chave para a resolução adequada de cada uma das fases do desenvolvimento (Erikson, 1980; Fonseca, 2005).

Os quatro primeiros dos oito estádios referem-se ao desenvolvimento infantil. Eles são aqui sumária e sequencialmente descritos: Confiança Básica *versus* Desconfiança Básica, onde se joga na qualidade da relação com a mãe um fé básica do indivíduo nas suas capacidade e na esperança que os outros depositam em si; Autonomia *versus* Vergonha, fase onde conflituam a possibilidade da criança exercer uma acção mais efectiva e experimentadora sobre o meio sem com isso sentir ameaçada a confiança adquirida no estádio anterior; Iniciativa *versus* Culpa, fase marcada por um forte sentimento de independência, ambição e iniciativa, bem como pela emergência da curiosidade sexual infantil, em que a criança experimenta o medo de expressar activamente as suas novas capacidades sem que isso lhe provoque sentimentos de culpa, nomeadamente vindos do confronto com o progenitor do mesmo sexo. Indústria *versus* Inferioridade, fase em que, interiormente, a criança se encontra preparada para a entrada na vida, consciente que o seu futuro terá que se estender para lá da família e a sua actividade ultrapassar a mera procura de prazer pela expressão de modos orgânicos, procura então adequar-se às leis inorgânicas do mundo e encontrar sentimentos de utilidade e produtividade porque reconhecidos e incentivados pela sociedade (Erikson, 1971, 1980)

O quinto estádio, o qual retomaremos com maior detalhe mais à frente, refere-se ao período da adolescência com a emergência da puberdade e das alterações corporais a significarem uma rotura em relação às uniformidades e continuidades anteriormente estabelecidas. O conflito nesta fase desenvolve-se em torno da problemática Identidade *versus*

Confusão de Papel, com os jovens a terem que travar muitas das batalhas dos anos anteriores na busca de um novo sentido de coerência e da confirmação dos seus papéis sociais. O perigo de confusão de identidade, nomeadamente étnica e sexual, leva o indivíduo à intolerância contra a diferença dos outros, à estereotipação de inimigos e à instituição de ídolos e ideais protectores. Há assim a procura de um sentimento de identidade do *ego*, confirmado pela percepção de que se caminha para um futuro tangível e para a definição de uma personalidade integrada numa realidade social conhecida: o que se revela essencial para a auto-estima e permitirá o ultrapassar da crise (Erikson, 1971,1980).

Os restantes estádios dizem respeito ao desenvolvimento durante a idade adulta, sequencialmente: Intimidade *versus* Isolamento, fase caracterizada pela emergência da genitalidade, e em que o jovem adulto, que emerge do estádio anterior com uma identidade própria e preparado para a intimidade, hesita entre fundir a sua identidade com os outros na prossecução de objectivos profissionais e afectivos ou em fechar-se num isolamento temeroso em relação à potencial ameaça das pessoas; Generatividade *versus* Estagnação, fase em que através da progenitura, investimento nas gerações seguintes ou dedicação a actividades altruístas e artísticas socialmente reconhecidas, o indivíduo procura deixar um legado que lhe sobreviva por oposição a uma sensação de penetrante estagnação e infecundidade; Integridade do Eu *versus* Desespero, fase marcada pela necessidade do indivíduo em reavaliar e redefinir as forças e tensões resultantes dos estádios anteriores, para que, apoiando-se no passado, consiga permanecer vitalmente envolvido no presente, por oposição a deixar que o desespero se instale no reconhecimento da morte e de que o tempo já é curto para começar outra vida ou explorar outros caminhos para a integridade (Erikson, 1971, 1980).

A emergência de um sentido de identidade, “identidade como configuração integrativa do *self* no mundo dos adultos” (McAdams, 2001, p.102), é assim enquadrada por Erikson nas tarefas com que se deparam adolescentes e jovens adultos que, empurrados por bruscas mudanças corporais e hormonais, bem como por exigências sócio-culturais, se vêm despojados dos modelos anteriores e obrigados a perceber de entre o que são quem são e de entre o que podem vir a ser o que querem. “É durante este período de desenvolvimento que as pessoas procuram integrar os seus papéis díspares (...) num padrão de pensamento e actividade que forneça à vida a aparência de unidade e propósito psicológicos” (Breger, 1974 in McAdams, 2001, p.102). Dá-se então uma primeira exploração de ideologias, ocupações e papéis sociais culturalmente disponíveis com o objectivo de consolidar crenças, valores e

novos ídolos numa identidade pessoal guardiã de uma putativa identidade final (Erikson, 1972; McAdams, 2001).

A integração identitária é feita tendo em conta uma síntese interna das discrepâncias do *ego* e a assumpção de um dado papel grupal. Pressupõe a pertença a uma comunidade de pessoas cujos valores partilhados se tornam significantes para o adolescente em crescimento ao mesmo tempo que o facto de este os adoptar assume relevância para a comunidade. Neste contexto a coerência identitária é procurada a nível sincrónico, ou seja dos papéis diversos que caracterizam uma vida no momento, e a nível diacrónico, ou seja dos diferentes papéis, ideias e opções assumidas num contínuo temporal vivido (Erikson, 1968; McAdams, 2001).

A identidade, aquela de que aqui se fala, refere-se a uma textura própria do modo como a pessoa arruma a percepção e compreensão que tem de si própria, situando-se num nicho psicossocial significativo e dotando a sua vida com um determinado grau de unidade e propósito. Deste modo a identidade, enquanto capacidade e necessidade de forjar e unificar um padrão identitário, não surge antes do fim da adolescência e início da idade adulta. Não que antes disso não exista um *self*, ou que as crianças e jovens não tenham noção de quem são, do seu eu, mas o percurso do seu desenvolvimento e as exigências da comunidade ainda não fizeram do sentido identitário um problema psicossocial (Erikson, 1971; McAdams, 1996, 2001).

São várias as razões que explicam o porquê de só por esta altura emergir a necessidade de refundar os aspectos diversos do eu sob uma história de vida coesa. Erikson enfatiza o papel da erupção da sexualidade genital, enquanto marca do fim da infância e início de uma vivência adulta do amor e trabalho, como mudança qualitativa que leva à necessidade de apreensão de uma nova história pessoal. Paralelamente, mas estabelecendo com esta pontes, surge também uma pressão, interna e externa, no sentido do desenvolvimento dos papéis psicossociais. O indivíduo experimentará os guiões possíveis que lhe são oferecidos, correspondendo à expectativa da comunidade para que faça escolhas e assuma compromissos social e culturalmente valorizados, no fundo que arranje uma vida. Instrumental parece ainda ser o advento do pensamento formal e a possibilidade aberta por este ao indivíduo de enveredar por raciocínios hipotético-dedutivos permitindo-lhe considerar simultaneamente uma série de hipóteses e cenários alternativos (Erikson, 1968; McAdams, 2001).

Enquanto que Erikson confina a formação da identidade ao período da adolescência, McAdams estende o realizar do trabalho identitário a toda a vida adulta. O mesmo consubstancia-se na construção de narrativas pessoais, outorgadoras de coesão e sentido, que

se vão desenvolvendo e metamorfoseando ao longo do tempo, reflectindo incidências e mudanças, e permitindo ao indivíduo debruçar-se, no contínuo da vida, sobre diversos dos seus aspectos. Estas narrativas do *self*, histórias de vida que compreendem “o passado reconstruído, o passado percebido e o futuro antecipado” (McAdams, 1996, p. 307), funcionam assim como mecanismos básicos de construção da identidade: edifícios pessoais, de arquitectura reflexiva, alterando-se em permanência na busca utópica da coesão perfeita. (McAdams, 1996, 2001).

#### 4. Identidade e Sentido na Modernidade

O processo de construção da identidade tem-se, no entanto, tornado cada vez mais difícil uma vez que a sociedade e cultura modernas, pelas suas características, tornam o desafio da unificação identitária cada vez mais complexo e, ao mesmo tempo, mais premente. A ideia do indivíduo como possuidor de particularidades e potencialidades a serem desenvolvidas e elaboradas enquanto projecto pessoal é uma concebida pela modernidade. Antes desta,

“ (...) linhagem, género, estatuto social e outros atributos relevantes para a identidade eram todos relativamente fixos. Transições tinham que ser feitas através das diversas etapas da vida, mas estas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo nas mesmas era relativamente passivo” (Giddens, 2000, p. 251).

O termo modernidade é geralmente utilizado para referir os sistemas políticos, económicos e culturais, nascidos da revolução industrial e alimentados pela expansão do capitalismo, que conheceram o seu apogeu durante os séculos XIX e XX. Este período é marcado por uma visão positivista, tecnocrática e racionalista da realidade, com crescente cepticismo em relação à religião e outras formas tradicionais de autoridade, em favor da crença de que com os avanços científicos e tecnológicos o mundo se tornaria mais estável e ordenado. O sentimento actual, no entanto, agora que segundo Giddens (2000) nos encontramos num tempo de alta modernidade e na opinião de Gergen (1992), referido por McAdams (2001), já na pós-modernidade, é o de que as esperanças efabuladas nem sempre se condensaram em realidade (Giddens, 2000; McAdams, 2001).

O abrandar do espartilho configurado pelo peso da tradição e costumes, se conduziu a sociedades mais democráticas e livres nos domínios de pensamento e comportamento, levou, também, pela quebra de linhas orientadoras e de referência, à alteração das bases da identidade individual. A consciência de quem somos, em contextos tradicionais, é significativamente sustentada pela adequação ao estatuto social ocupado na comunidade. Assim, num mundo onde nada é incontestado, onde todos os modelos têm falhas, onde a multiplicidade e relatividade imperam e a verdade é parede e não mineral, o tecer da identidade, verdadeira manta de retalhos, de forma coesa e significativa, torna-se um trabalho de complexa resolução (Giddens, 2000; McAdams, 1996, 2001).

Oferecendo ao indivíduo uma paleta díspar de possibilidades, exponenciada pela globalização e coro mediático, mas poucas indicações dando sobre que cores escolher e combinar, as culturas modernas actuais socializam-no no sentido de “encontrar o seu próprio caminho, engenhando um *self* que seja verdadeiro a si próprio” (McAdams, 2001, p. 115). A adopção de um determinado estilo de vida – conjunto mais ou menos integrado de práticas em que indivíduo embarca, não apenas por razões utilitárias e funcionais, mas porque corporizam uma dada narrativa identitária – torna-se neste contexto uma necessidade, algo que todos são obrigados a fazer, face aos agora extenuados guiões tradicionais. O *self* moderno é assim visto enquanto processo reflexivo em que indivíduo trabalha no dia-a-dia social, possuidor de diversas camadas e desenvolvendo-se num contínuo temporal do qual procura coerência (Giddens, 2000; McAdams, 2001).

O indagar do sentido da vida é algo que ocupa também o pensamento de Adler (1959), no entanto, mais que o individual construído e integrado a partir de um conjunto de possibilidades válidas, é o do homem, enquanto *design* evolutivo ideal, que o interessa. Para compreender a direcção e destino da existência é, segundo o autor supracitado, necessário ter em conta o seu progresso evolutivo marcado por um contínuo esforço de adaptação às exigências do mundo exterior. E, apesar de ninguém poder saber em absoluto qual o caminho mais certo e justo, desde infância que o indivíduo aspira à perfeição, à maturidade, à evolução no sentido de uma adaptação triunfante no mundo que o rodeia. Esta pressupõe um desenvolvimento total da personalidade, dos movimentos expressivos, do modo de ver, maneira de pensar, sentimentos e concepção do mundo.

A perfeição e adaptação triunfantes, o estado avançado de evolução a que homem aspira, encontram o seu sentido e zénite no sentimento de comunidade e na subsequente pretensão à possibilidade de criação de uma comunidade fundamental, “comunidade ideal humana, meta íntima e definitiva da evolução” (Alder, 1959, p.270). O hipotético atingir

desse estado último pressupõe um acumular evolutivo de existências e gerações. De facto, a evolução da espécie humana não teria sido viável se os homens não se tivessem instituído enquanto comunidade e insistido no contínuo e progressivo aperfeiçoamento da mesma como meta de realização. O homem não avança na sua própria evolução senão vivendo e trabalhando enquanto parte de um colectivo, lutando, quer a nível individual quer a nível comunitário, tanto no passado como no presente, para alcançar um maior grau de sentimento de comunidade (Adler, 1959).

Ao chegar ao mundo o indivíduo não encontra mais que as realizações dos homens que o precederam, contribuições para o progresso da humanidade inscritas na cultura. Assim, geração a geração, no seu esforço de aperfeiçoamento, na linha do sentido da vida, maiores são as contribuições para um bem-estar comum onde a capacidade de cooperação cresce sensivelmente e o indivíduo se sente, cada vez mais, parte de uma totalidade. Na construção e escolha do sentido a empregar à vida – processo iniciado na infância e influenciado pelas especificidades e qualidade das relações precoces – devem então ser integrados os contributos legados pelos antepassados. Esta integração constitui-se como forma de atribuir coesão e significado à identidade vivida do sujeito e de continuar a tendencial evolução do homem rumo à possibilidade de se relacionar e organizar numa comunidade fundamental (Adler, 1959).

Quer seja na procura reflexiva, eminentemente individualista, de coerência identitária num mundo de linhas orientadoras dispersas, quer na participação mais ou menos activa num design humano geral, a sujeito vê-se obrigado a, dentro das suas possibilidades, optar por formas de actuação, pensamento e mesmo sentimento culturalmente impressas por modos de vida anteriores. A adopção de determinado estilo de vida enquadra-se, como corpo vivido, numa história maior, sempre em produção, de que o indivíduo faz uso para se manter em contacto consigo próprio: quem é, o que foi e o que quer vir a ser.

## 5. O Tecer da História Individual

Como já dito, uma história de vida é uma narrativa evolutiva do *self* que, a partir de um presente vivido, vai revendo passado e configurando o futuro. Trata-se, então, de uma construção psicossocial, obra conjunta de sujeito e sua cultura de pertença, cuja principal função é a integração dos elementos dispersos do *Me* no tempo. O fazê-lo representa a

criação de um *self* reflexivo que contraria as dificuldades postas pela cultura moderna ao trabalho identitário (Atkinson, 1998; Giddens, 2000; McAdams, 1996, 2001; McAdams & Pals, 2006).

A possibilidade de apropriação por parte do *self* de ações, pensamentos, sentimentos e experiências como suas implica um processo de *selfing*, em que o *I*, processo, origina o *Me*, produto. McAdams (1996), utilizando os termos introduzidos por James (1963), avança o *Me* como produto primário do processo de *selfing*, “é o *self* que o *selfing* constrói” (McAdams, 1996, p. 302), um conjunto evolutivo de auto-atribuições, materiais, sociais e espirituais, sentidos como seus. É assim este processo que permite ao indivíduo viver o experienciado enquanto seu e assim alcançar as noções de propriedade e alteridade. É no campo do *Me*, que não é o da personalidade – os dois conceitos não são perfeitamente coincidentes, havendo aspectos do *Me* que não dizem respeito à personalidade e partes da personalidade que se encontram fora do alcance do processo de *selfing* – que as histórias de vida cumprem a sua função potenciando a sua integração temporal ao conferir-lhe unidade e propósito. (McAdams, 1996).

Apesar de ser na adolescência que emerge a necessidade de construir uma identidade narrativamente estruturada (Erikson, 1971,1980; McAdams, 1996, 2001), esta não se ergue a partir de terreno estéril, nem estagna para o resto da vida. Para McAdams (1996), o desenvolvimento da identidade desenrola-se ao longo de três eras distintas: uma era pré-narrativa, associada à infância e primeiros anos da adolescência; uma era narrativa, que se estende da adolescência ao fim da idade adulta; e uma pós-narrativa, que nem sempre ocorre e se liga ao estágio de Integridade *versus* Desespero descrito por Erikson (1971, 1980) na sua concepção desenvolvimental.

Nas crianças não existe ainda a necessidade de criar unidade e propósito na apropriação do *Me*, de gerar identidade, ainda que comecem já a desenvolver-se os embriões que a hão-de dar à luz. A era pré-narrativa é uma marcada pela recolha de material. Este, proveniente do vivido, irá ser utilizado mais tarde quando as crianças, já jovens adultos, construírem as suas próprias histórias. A escola, a família, os amigos, a vizinhança são campos de experiência que depois terão um impacto necessário na identidade criada e percebida. As relações significativas precoces e a vinculação, problemática que se poderá também enquadrar no estágio de Confiança *versus* Desconfiança Básica de Erikson (1971,1980), estarão, por exemplo, associadas ao tom narrativo adaptado pelo adulto para a sua história. Para além deste, que pode variar entre uma fé inabalável e um pessimismo militante, “as imagens dominantes e temas das histórias de vida do adulto (...) podem

reflectir influências dos primeiros anos de vida” (McAdams, 2001). Versões primitivas da história de vida podem surgir mais cedo, ao longo da infância e início da adolescência, em fábulas pessoais e construções autobiográficas fantásticas (Elkind, 1981 in McAdams, 2001; McAdams, 1996, 2001).

A era narrativa propriamente dita inicia-se, então, no fim da adolescência, primavera da idade adulta, com a adoção de um dado *setting* ideológico e reconstrução ficcionada do passado num texto mnésico contendo episódios nucleares que o *I* passa a entender como formativos do *Me* (Eriksson, 1968; McAdams, 1996; St.Aubin, Wandre, Skerven & Copolillo, 2001).

“ Ao organizar os valores pessoais num sistema ideológico que é visto como tendo origem no passado e orientando o *self* em direcção ao futuro e ao seccionar e sublinhar cenas chave do passado para explicar quem é hoje e quem poderá vir a ser no futuro, o adolescente, ou jovem adulto, começa a construir uma história partir do *Me*” (McAdams, 1996, p. 311).

O desenrolar da idade adulta traz novas ocorrências, novos desafios e, portanto, novas especificidades à história que agasalha a identidade. Com o diversificar de papéis exigido pela sociedade o indivíduo concentra-se na articulação, expansão e refinamento dos mesmos, desenvolvendo diversas personagens, ou *imagos*, que protagonizam narrativamente diferentes aspectos do *Me*. Isto pode tornar-se excepcionalmente complexo, porquanto o campo da modernidade propõe ao indivíduo uma quantidade cada vez maior de possibilidades imagóicas e poucas indicações sobre como as escolher e integrar sob um *self* unificado (Giddens, 2000; McAdams, 1996, 2001). As escolhas feitas e o esforço para as desenvolver e refinar podem ser vistos como o movimento natural do homem rumo ao aperfeiçoamento referido e defendido por Adler (1959).

Ao nível do experienciado pessoal e do reconhecimento social, a meia idade corresponde para muitos adultos a pico de vida com a exploração dos diferentes *imagos* a tingir a sua máxima expressão ao nível do *Me*. A percepção de que metade da vida já se findou e de que o tempo que se encontra para a frente é necessariamente menor que o que ficou para trás, acarreta, no entanto, mudanças no narrar da identidade. A possibilidade e necessidade de encontrar uma determinada paz consigo e em si mesmo leva a um trabalho no sentido da harmonia, do equilíbrio e conjugação de temas e tendências até aí divergentes, conflituantes (McAdams, 1996, 2001).

O avançar da meia-idade origina também uma preocupação com a morte e com o legado que, ou não, se pretende perpetuar. O explorar de uma linha generativa assume então uma grande importância, no sentido de que ao final físico inevitável o indivíduo procura contrapor uma imortalidade simbólica que lhe permita ter sobre o mesmo uma palavra a dizer. O cuidar das novas gerações, a herança positiva deixada ao futuro e a retribuição à sociedade são alguns temas que começam a habitar as histórias de vida por esta altura porquanto os sujeitos se “começam a definir a eles mesmos em termos das coisas, pessoas e ideias que geraram e deixaram ficar” (McAdams, 1996, p. 312). A própria história começa a sofrer a sua edição final com a procura de uma coerência e causalidade temporal – em termos de princípio, meio e fim – em que o término possa funcionar como resolução (Erikson, 1971, 1980; McAdams, 1996, 2001). A generatividade, o legado positivo que é deixado e, em maior ou menor medida, necessariamente integrado pelas gerações seguintes, funciona como contributo para que estas encontrem o sentido da vida e para que a humanidade siga o seu progressivo caminho de aperfeiçoamento (Adler, 1959)

Durante era pós narrativa, que não será atravessada por todos, o trabalho de criação já praticamente não existe. O indivíduo encontra-se centrado na sua revisão, recapitulação e reorganização tendo em vista sua adequação à realidade presente. A possibilidade de paz em relação à situação de velhice, e desafios por esta levantados, é influenciada pela coerência, unidade e resolução da história que construiu.

A partir do supramencionado, com a constatação das estreitas relações entre identidade pessoal e narrativa, e da forma como estas se processam ao longo do desenvolvimento humano, que McAdams (1996) desenvolve uma grelha de análise que se propõe escarpelizar as histórias de vida quer no seu conteúdo quer na sua estrutura. Esta é constituída pelas categorias Tom Narrativo, Imagética, Linhas Temáticas, *Setting* Ideológico, Episódios Nucleares, Imagos, Desenrolar Generativo e Avaliação Narrativa, sendo aqui utilizada por nós como um dos instrumentos de acesso à riqueza subjectiva do vivido e narrado por uma individualidade.

## 6. A Identidade e o Feminino

A vida de alguém, enquanto sua fonte máxima de expressão, é necessariamente condicionada e influenciada pelo contexto histórico, cultural e social em que esta se insere. Indivíduo e meio interagem no sentido em que as características e desafios postos pelo último

constrangem e dão oportunidade à possibilidade de expansão e acção do primeiro e que este, através das suas escolhas e realizações, imprime no outro uma marca que não deixa de o alterar. No acto criativo que pressupõe o esculpir da identidade, as especificidades sociais e culturais são apropriadas pelo autor que as incorpora ao mesmo tempo que se integra nelas (Erikson, 1971, 1980; Josselsson, 1996; McAdams, 1996, 2001).

Apesar de – comparativamente aos que se debruçam sobre o homem que é, na maior parte das vezes, o mesmo que dizer o sexo masculino – o conhecimento e investigação realizados sobre as mulheres e o seu trabalho de construção identitária não serem abundantes, percebe-se com facilidade que os materiais a estas disponibilizados pela cultura e sociedade sempre foram reduzidos. Até há não muito atrás, os possíveis estilos de vida, no sentido em que a eles se refere Giddens (2000), à disponibilidade das mulheres, não apenas se encontravam claramente definidos e delimitados, como assim o pareciam estar desde sempre. A mulher era um ser para o casamento e a progenitura, o seu papel e valor social eram definidos pelo do seu marido. O que ela era, a sua identidade, derivava essencialmente do casamento (Josselsson, 1996).

“ A ‘profundidade’, ambas física e emocional, do envolvimento da mulher no ciclo da atracção sexual, concepção, gestação, lactação e cuidado das crianças, tem sido explorada pelos criadores de ideologias e sociedades para relegar as mulheres a uma vida de ‘confinamentos’ e papéis confinantes. A Psicanálise tem mostrado que a formação da identidade feminina tem sido negativamente influenciada pelo que uma mulher não pode ser ou ter, ao invés de o ser pelo que ela é, foi e pode ainda ser” (Eriksson, 1968, p. 681).

Desde a Segunda Grande Guerra, no entanto, com especial ênfase nas sociedades ocidentais, as mulheres puderam, mercê do rearranjo social em relação ao que lhes era permitido, encarnar outros papéis e perseguir outros objectivos. Ao se assumirem por direito próprio enquanto trabalhadoras, eleitoras independentes, antes a considerar na tecedura social, o foco da investigação, nomeadamente a psicológica, começa também a incidir sobre elas. Isto leva à percepção e compreensão de que as lentes por que se olha a mulher, o seu desenvolvimento e identidade, deveriam ser diferentes das até aqui utilizadas, pois estas, ajustadas ao masculino, pouco mais nos dão que uma realidade míope (Gilligan, 1994; Josselsson, 1996).

Para lá da “trama do casamento” (Josselsson, 1996, p. 32), percebeu-se então que as mulheres têm sempre construído e definido a sua identidade de forma diferente da que os homens o fazem. Esta é definida essencialmente em termos relacionais e de conexão ao outro

– o que nem sempre é contemplado pelos modelos generalistas que apontam o desenvolvimento no sentido da separação e ganho de independência – o que é diferente e não implica a sua delimitação na redoma marido, filhos: “o amor é uma forma de delinear o *self*, não de perder o *self*, como muitos erradamente concluíram” (Josselsson, 1996, p. 32). A identidade na mulher encontra-se mais associada ao que ela é do que ao que consegue. A consciência de si própria é principalmente alcançada nas relações que estabelece com o mundo personificado nos outros e as suas histórias de vida orbitam, bastas vezes, em torno de como se vê e sente nessas mesmas relações (Gilligan, 1994; Josselsson, 1996).

Isto, segundo Gilligan (1994), atribui à mulher uma percepção mais difusa do seu *self* - pela forte associação do mesmo a relações e contextos - bem como um entendimento e expressão social marcados pela gentileza, compreensão dos sentimentos alheios, forte necessidade de segurança e fácil demonstração de sentimentos ternurentos. Esta vulnerabilidade, pelo menos assim definida tendo em conta a medida cultural, pode ser mapeada através dos séculos em que a vivência feminina se viu arredada de uma participação directa na sociedade, existindo na dependência directa da protecção e suporte masculino. Apesar das mudanças de papel e aumento da significância social, que necessariamente irão alterando a cultura que mais tarde acolherá novas gerações, a identidade percebida das mulheres é, ainda, uma de fragilidade. O entendimento de que sociedade e cultura as privam de caminhos identitários, reduzindo-lhes drasticamente as hipóteses de escolha, leva-as a diminuírem-se a si próprias, escusando-se às responsabilidades inerentes à tomada de decisões e posições.

## 7. O Presente Estudo

Para uma população total de aproximadamente 10.000.000 de habitantes, o Censos de 2001 apontavam a existência em Portugal de 1.723.532 pessoas com idade superior a 65 anos (INE, 2001). Este envelhecimento, concordante com a realidade de muitos outros países desenvolvidos, não é, no entanto, geograficamente uniforme, sendo mais acentuado no interior e zonas rurais. Isto deve-se não só ao decréscimo da taxa de natalidade e aumento da esperança de vida mas também a factores específicos como a migração do interior rural para o litoral urbano e a emigração, particularmente importante por volta de 1960, para o estrangeiro (Fonseca, Paúl, Martin & Amado, 2000).

O interior rural português, empobrecido, envelhecido e progressivamente desertificado, é polvilhado por lugares e aldeias dispersas, onde as pessoas se dedicam maioritariamente à agricultura e onde o acesso a recursos e serviços, normalmente afastados das suas zonas residenciais, se faz com dificuldade. As condições de existência individual são, como em qualquer outro local, heterogéneas. Se, por um lado, muitos permanecem nestes locais, entregues a si próprios, aos cônjuges ou em situação de institucionalização, afundados num sentimento de resignação e mais não esperando que a manutenção da saúde; por outro, a valorização pessoal alcançada na possibilidade de continuar a trabalhar, a coesão e estabilidade, tanto das características físicas do meio, como das tradições e valores, bem como o suporte percebido e efectivo proporcionado pela comunidade, fazem do meio rural um onde se torna mais fácil para o indivíduo manter uma situação de bem estar, associada a uma maior autonomia e a um sentimento de pertença e propósito. (Fonseca et al, 2000; Melo & Neto, 2003; Rowles, 1984).

A caracterização acima feita, posta de parte qualquer questão em relação à sua fidelidade e importância, é, no entanto, manca na visão que nos fornece. Não tendo sido esse o seu propósito, falta-lhe a dimensão pessoal e dramática do vivido, o animar de uma especificidade histórica, cultural e social, pela sua integração num organismo que pensa e sente: o Homem. O que pensam estas gentes da sua situação? Como vêm o seu percurso através dos anos? O que sentem com o lento desaparecer de um mundo e modo de existência que foram os seus? Como terão construído as suas vidas, a sua visão e conhecimento de si próprios, a sua identidade, num trabalho a quatro mãos com a cultura envolvente?

Partiu-se, assim, para este estudo, um de índole qualitativa e exploratória, com o duplo fito de recolher uma história de vida: narrar subjectivo de um viver específico e de, a partir da mesma e encarando-a como construção unificadora da experiência individual, apreciar no indivíduo o tecer do trabalho identitário.

O fixar da história, por si só objecto final e não apenas método, insere-se numa lógica de: 1) dar voz a quem a não tem: uma mulher, idosa, a residir num lugar isolado do interior rural Português; 2) resgatar da diluição pela modernidade todo um sistema cultural e de valores, ditos tradicionais, que durante séculos informaram e enformaram os pensamentos, comportamentos e sentimentos das sociedades e que, agora, se encontram em risco de extinção pela quebra das cadeias de transmissão de saber orais entre gerações (Clapier-Valladon, 1982; McAdams, 2001; Poirier et al., 1999).

A análise posterior do material recolhido, que se pretende clarificadora mas nunca fragmentante, aspira a dar conta da singularidade de um trajecto a que se chama vida. A

maneira como o indivíduo o percebeu e se percebeu, as escolhas, os momentos significativos, as dúvidas, as alegrias, os sentidos, os afectos, as ideias, o sujeito enquanto actor da sua vida em relação com o meio social. Almeja também explicitar o modo como, no seu relato, um indivíduo, no caso a participante, faz uma apropriação criativa e selectiva das suas vivências num tempo e num espaço específicos, integrando-as narrativamente em identidade. Para tal recorre-se ao sustento teórico de algumas visões sobre o desenvolvimento humano, papel e formação da identidade – e.g. Adler (1959), McAdams (1988, 1996, 1997, 2001), McAdams & Pals (2006), Erikson (1968, 1971, 1972,1980), Giddens (2000) e Giligan (1994) – e, de forma aplicada, às categorias teóricas propostas por McAdams (1996) para análise da estrutura e conteúdo das histórias de vida.



## Método

### 8. Considerações Metodológicas

A necessidade de se conservar na mesma declaração as palavras ciência e personalidade, devolvendo o homem ao centro da investigação (Beck, 1953), tem levado a uma abertura da psicologia a áreas de pesquisa e métodos de recolha antes quase ignorados. A possibilidade de uma visão idiográfica, interessada na compreensão de como os homens se tornaram o que vieram a ser, parece agora mais perto, apoiada e impulsionada pelas mudanças inerentes ao surgir de um novo paradigma. “Um número de metodologias consonantes com uma viragem para um paradigma pós-positivista, não experimental, estão agora a emergir e a começar a ser usadas num vasto leque de estudos empíricos” (Smith, Harré & Langenhove, 1995)

É nestas metodologias, trazidas de novo à superfície pela erosão dos modelos experimentalistas e quantitativos, que se enquadram as histórias de vida. Paradoxalmente, muitas das críticas que a estas eram apontadas, pela sua inadequação aos sistemas de pensamento positivista mais duros, são agora as razões que levam ao recrudescimento da sua utilização no explorar das áreas que esses mesmos sistemas foram incapazes de abordar (Santos, 1998).

Assiste-se de facto, nas últimas décadas, a um intenso e renovado interesse por esta metodologia e as suas potencialidades (Atkinson, 1998; Clapier-Valladon, 1982; Legrand, 1992; Santos 1998; McAdams, 1988; Poirier et al., 1999), no entanto a utilização nas ciências sociais de material narrativo e, mais particularmente, de histórias de vida pode ser seguida até ao século XIX e às práticas desenvolvidas por etnógrafos e antropólogos (McAdams, 1988).

A rápida transformação e evolução tecno-económica do mundo no pós Primeira Grande Guerra leva a uma dinâmica de mudanças aceleradas e irreversíveis na estrutura tradicional da sociedade, em particular da rural, com ruptura das coerências culturais onde se fundavam os antigos sistemas de valores. Nas sociedades que então surgem, a cadeia de transmissão dos saberes entre gerações, nomeadamente os orais, encontra-se rompida o que resulta na caducidade do sistema de valores até aí vigente, sistema esse agora em risco de desaparecer (Poirier et al., 1999). A vontade de preservar esse passado em diluição, pela fixação dos testemunhos orais daqueles que são dele últimas testemunhas, “os povos do

silêncio” (Poirier et al., 1999, p.9), é o húmus que leva a um desenvolvimento e florescimento da recolha de histórias de vida (Clapier-Valladon, 1982; Poirier et al., 1999).

A este esforço associam-se os trabalhos desenvolvidos nos Estados Unidos durante os anos 20, tendo como substrato o confronto entre os migrantes e os nacionais anteriormente instalados, do qual se destaca a Escola de Sociologia de Chicago (Clapier-Valladon, 1982; Santos, 1998; Shaw, 1966), bem como o desenvolvimento na Europa dos anos 50 de um amplo movimento de recolha directa ou indirecta de testemunhos vivos, em vários domínios: etnológico, psicológico, sociológico (Poirier et al., 1999).

Para Clapier-Valladon (1982), a produção de histórias de vida enquanto ferramenta metodológica terá assim conhecido quatro grandes impulsionadores: a já mencionada Escola de Chicago, Freud e os avanços na psicanálise, a tradição antropológica e a reflexão epistemológica nas ciências sociais. Evidencia-se assim o carácter multidisciplinar da metodologia das histórias de vida que, no seu duplo papel de método e objecto (Santos, 1998; Poirier et al., 1999), se constitui “como uma ferramenta com tantas aplicações quantas aquele que a está a usar conseguir descobrir” (Atkinson, 1998, p. 2).

Na actualidade, e depois várias décadas de pousio e esquecimento (Howard, Maerlender, Myers & Curtin, 1992) em que atraíam apenas os mais românticos dos investigadores em psicologia (McAdams, 2001), seguindo as pisadas de homens como Allport (1942) e Murray (1938), citados por Atkinson (1998), as histórias de vida conhecem novo desenvolvimento desde meados da década de 80, tendo um papel de destaque na compreensão do viver subjectivo dos indivíduos. “Quando os psicólogos da personalidade começam a virar a sua atenção para as vidas das pessoas descobrem que noções como história ou narrativa são especialmente úteis na atribuição de coerências e significado às vidas” (McAdams, 2001, p.100). Há assim um virar para as histórias não apenas como objecto metodológico mas também como grelha de interpretação do vivido e se, para Brunner (1990), as narrativas são um importante meio de abordar a forma como o indivíduo constrói a sua vida e, logo, o desenvolvimento humano, já para McAdams (1996) é a identidade ela mesma que toma a forma de história com cenas, enredo, personagens e tema.

A utilização das histórias de vida enquanto método permite-nos aceder a uma dimensão muitas vezes negligenciada que é a do próprio sujeito encarando e contando o seu vivido, isto é, “o conjunto dos acontecimentos singulares que se desenrolam entre o nascimento e a morte (...), a vida concreta, a dramática da existência, a dramática do ser humano” (Santos, 1998, p.504). A melhor maneira de perceber uma existência pessoal e o seu papel numa comunidade mais abrangente é através das histórias. Uma história de vida é a

essência do que aconteceu a uma pessoa: consciencializamo-nos das nossas próprias vidas contando-as (Atkinson, 1998).

A narrativa pessoal é, pois, uma em permanente evolução, construção e reconstrução consoante o indivíduo procura integrar num todo coerente uma vivência que, como um rio, apresenta força, correntes e remoinhos próprios, mas vê o seu percurso necessariamente constrangido pelas margens de um tempo histórico, social e cultural determinados. Esta característica faz com que a história de vida surja como óculo privilegiado para uma subjectividade específica que é não apenas do indivíduo mas de como ele se entrelaça com um contexto concreto que o influencia e que ele influencia. É ao nível da narrativa que a complexa teia de relações entre personalidade individual e cultura são mais visíveis. Uma história pode dizer tanto acerca da cultura em que o indivíduo se insere como do próprio indivíduo (Santos, 1998; McAdams, 2001; McAdams & Pals, 2006; Poirier et al., 1999).

Na proposta de abordar a existência de alguém que se constitui como um dos últimos representantes de uma forma de viver, e portanto também de um tempo e de um espaço que a fizeram, o recolher de uma história de vida constitui-se, por um lado, como fixar de um documento único de valor inquestionável, marco de um tempo que já não é; por outro, e indissociavelmente, como testemunho da integração e estruturação narrativa de experiências e vivências marcadas por esse mesmo contexto e apropriadas identitariamente pelo indivíduo. Há assim

“ (...) uma aproximação aos contextos naturais onde fenómeno ocorre onde o fenómeno ocorre, se revela e se desenvolve, e aos actores que o produzem, uma vez que é nesse ‘meio natural’ que os actos e os processos psicológicos associados adquirem o seu sentido e que os actores agem e projectam significações através dos seus actos (Santos, 1998, p.511).”

Estamos aqui no campo da história de vida única e da heterobiografia, ou biografia indirecta, porque produzida na interacção de investigador e biografado; uma heterobiografia de enfoque psicológico, ou psicobiografia, já que o objectivo central, ainda que não único, é a personalidade, imersa no social, mas interiorizando-o e atribuindo-lhe a sua significação pessoal (Poirier et al., 1999; Santos, 1998).

Apesar de a utilização de metodologias qualitativas, nas quais esta se insere, ter sido, como já visto em cima, muitas vezes contestada no que diz respeito à possibilidade e validade das inferências delas retiradas, os resultados encontrados por Howard, Maerlender, Myers e Curtin (1992) evidenciaram que a nível da validade de diversos constructos tradicionais da

personalidade, obtidos a partir de autobiografias, os resultados se mostraram ao mesmo nível ou melhores que os de técnicas de avaliação tradicionais. Demonstraram ainda um forte suporte em relação à validade dos temas sumário atribuídos às narrativas. Estas evidências devem funcionar como indicador de confiança para todos os que usam esta metodologia que, ultrapassadas as dúvidas em torno da validade dos seus resultados, fornecem dados tão mais ricos que os recolhidos através de instrumentos padronizados.

A adopção de metodologias e abordagens de fâcies idiográfico, como as histórias de vida o são, não implica o abandono da possibilidade, que não é, note-se, uma obrigatoriedade, de se estabelecerem leis de carácter geral, mas apenas de as estabelecer a partir de métodos que não se iniciem com assumpções nomotéticas, uma vez que se desde o início se “procede nomoteticamente, então a informação respeitante a um indivíduo em particular deixa de ser recuperável dos dados do grupo” (Smith, Harré & Langenhove, 1996b, p. 61).

## 9. Descrição da Participante

De modo a proteger a identidade da participante, bem como a de todas os sujeitos nomeados no relato por si feito, preceito ético com ela acordado à partida, tomei a liberdade de alterar os nomes de todas as pessoas, bem como os das localidades que, pela sua especificidade, considere demasiado reveladoras.

A participante, do género feminino, sem qualquer tipo de escolaridade, D. Palmira, conta à data do nosso último encontro 88 anos. Habita sozinha uma pequena casa, uma das duas únicas ainda ocupadas no Tojo, sendo viúva desde os setenta anos. Teve dois filhos: um nado morto e outro, que morava desde há muito na zona de Lisboa e veio a falecer durante as entrevistas, que lhe deu dois netos. Viveu toda a sua vida na aldeia à excepção de dois pequenos períodos em que esteve primeiro na casa do filho e depois na dos compadres. Actualmente sobrevive essencialmente do que compra na aldeia vizinha do Rosmaninho e do que os vizinhos lhe dão em troca de pequenas ajudas.

A D. Palmira é uma idosa de aspecto mirrado mas rijo, olhos claros já algo deslavados, sempre de lenço e bordão na mão. Apresenta para a idade uma autonomia considerável, não tomando medicação psicofarmacológica ou de qualquer espécie, apesar de se queixar frequentemente das dores e sofrimentos por que passa e que a impedem de levar e fazer a vida que gostaria. Ao nível cognitivo, pelo que se pode perceber das entrevistas, é atenta, viva e

perspicaz, mostrando apenas dificuldades a nível da memória que me pareceram perfeitamente congruentes com a sua idade.

O Tojo fica numa clareira totalmente rodeada de eucaliptos, onde se chega, uns três quilómetros depois de deixada a estrada de alcatrão, por um caminho de terra batida em estado avançado de deterioração. Apesar da beleza natural do local, a imagem é de uma certa desolação com as casas de pedra, muitas das quais em diversas expressões de ruína, erguendo-se como podem por entre a erva alta. A casa da D. Palmira, que ela logo no segundo encontro, e depois recorrentemente, designa de furda, é uma divisão única, sem janelas ou chaminé, de chão lajeado por largas folhas de granito e paredes escurecidas pelo fumo da fogueira a que os espaços entre as telhas não conseguem dar total vazão. Não tem água canalizada, electricidade, saneamento básico ou telefone.

Apesar de uma certa vergonha, evidenciada nos primeiros encontros por uma relutância em expor o interior da casa, o acesso posterior a este permitiu constatar um espaço asseado, arrumado e organizado. Um pouco à semelhança da existência actual da D. Palmira que, certamente marcada pela pobreza e pela dureza, conserva ainda assim uma dignidade que a mantém claramente afastada do que poderia ser visto como miséria.

O isolamento e a solidão que se poderia prever pelas informações que dela tinha antes, e mesmo pela sua vida no Tojo, é em muitos sentidos apenas aparente. Estando afastada do filho, nora e netos, que apenas vê intermitentemente, apresenta uma rede social pequena mas presente com que mantém contactos frequentes. A vizinha, a que mora grande parte do ano no Tojo, diz-me um dia não abalar de lá “por causa desta velhota”.

Tendo no início manifestado alguma relutância em receber-me e falar foi com facilidade que depois se estabeleceu entre nós aquilo que penso poder descrever como uma relação de confiança, simpatia e até cumplicidade. Ao longo das vezes em que me desloquei ao Tojo a D. Palmira mostrou sempre um prazer evidente em receber-me bem e estar comigo, patente quer no ambiente em que decorriam as entrevistas, quer em pequenas atenções como a de me oferecer sempre a almofada onde ela mesmo se costumava sentar.

O estilo comunicacional da D. Palmira manteve ao longo de todo o processo características próprias que se mostraram francamente independentes da qualidade ou aprofundamento da relação. A pergunta que me colocou aquando do início da primeira entrevista gravada “Agora o que você quer é que tem que dizer” repetiu-se sintomaticamente em outras posteriores, dando conta, a par do “Eu sei lá” com que frequentemente iniciava as intervenções, das suas dificuldades em se lembrar dos acontecimentos do passado e, principalmente, integrar os mesmos numa visão narrativa da sua vida. Este facto e as

consequências metodológicas levantadas pelo mesmo serão abordados mais à frente no espaço dedicado aos procedimentos de recolha.

## 10. Procedimentos e Instrumentos de Recolha

A recolha de uma história de vida realiza-se a partir de um conjunto de entrevistas repetidas, entrevistas semi-directivas ou abertas, que deixam espaço à anedota e à divagação do narrador, e em que a este é pedido que se conte, que descreva a sua história pessoal (Poirier et al., 1999). No presente estudo ocorreram onze encontros, cinco dos quais com gravação de material, que se estenderam de 25/02/07 a 28/12/07 (Ver anexo A). O curso e resultado final destas “conversas com um objectivo” (Burgess, 1997), ou não fossem elas assentes numa necessária relação interpessoal e de familiaridade entre narrador e narratário, estão sempre sujeitos a um determinado grau de variabilidade e subjectividade; mas apesar de a sua utilização poder ser vista como uma arte, existem modelos, métodos, teorias e preceitos que a orientam. (Atkinson, 1998; Poirier et al., 1999).

A primeira etapa é, naturalmente, a escolha do participante, do narrador, actor principal desta metodologia. No caso, sendo este um estudo de história de vida única, o relato da D. Palmira, o seu vivido, para além de meio para a possibilidade de atingir um conhecimento específico sobre o desenvolvimento de um ser humano no interior de um tempo e de uma história, é em si um fim, justifica-se por si próprio. Assim, as razões que presidiram à sua escolha, na linha do defendido por Atkinson em 1998, foram a ligação, empatia e curiosidades sentidas em relação ao que seria viver e experimentar uma vida como a da dela.

Tomei conhecimento da sua existência através de uma reportagem de televisão, vista anos antes, em que era noticiada como sendo a última habitante do Tojo. Sendo a experiência de vida de um idoso numa ruralidade em declínio aquilo que me propunha tratar foi com naturalidade que me lembrei dela e a procurei.

Esta escolha fez-me, *a priori*, levantar algumas questões sobre a forma como as minhas características pessoais iriam influenciar o estabelecer de uma relação, que sabia necessária, e o decorrer das entrevistas. Burgess (1997) defende que é impossível controlar em absoluto a relação entre o investigador e o investigado, mas que é vital o desenvolver de um clima de confiança entre os dois – a relação biográfica de que falam Poirier e colaboradores (1999). Para o desenvolvimento desse clima influem as características

individuais de cada um e a maneira como estas interagem: género, idade, estatuto social, etnia e experiência pessoal são assim variáveis a ter em conta. (Burgess, 1997).

Na situação específica preocupavam-me sobretudo as questões respeitantes ao género e à diferença etária, principalmente nas consequências que esta poderia ter a nível das dificuldades em conciliar dois vividos culturais distintos. A questão do género não me parece, pelo decorrer das entrevistas e delicadeza de algumas das temáticas abordadas, ter desempenhado um papel relevante num possível desencontro entre mim e a D. Palmira. Também a diferença de idades não se constituiu como um problema, uma vez que o desfaseamento temporal e cultural introduzido por esta foi, em larga medida, compensado pela minha experiência própria. De facto a minha experiência e conhecimento da vivência no mundo rural desempenhou um papel fundamental quer na compreensão da realidade da D. Palmira, quer na possibilidade de estabelecer com esta uma relação de partilha e troca de experiências.

O primeiro encontro entre nós deu-se a 25/02/07 patrocinado pelo presidente da Junta de Freguesia de Santo Estêvão, que contactara cinco dias antes, e que me levou até ao Tojo. Como logo compreendi este foi um passo acertado uma vez que dificilmente, como a própria admitiu, me teria recebido não tivesse existido o pedido do “Sr. Presidente”.

Os encontros que se lhe seguiram tiveram como objectivo o estabelecer da necessária e crucial relação de confiança e proximidade entre narrador e narratário (Atkinson, 1998; Burgess, 1997; Poirier et al., 1999), bem como o de me ir, a pouco e pouco, familiarizando com uma visão geral da vida da D. Palmira, e do seu contexto, que pudesse mais tarde usar como linha orientadora no processo de entrevista.

Não obstante, quer no primeiro contacto, quer no segundo, em que pela primeira vez estivemos sós, a D. Palmira se ter mostrado, a início, esquiva e pouco disposta a colaborar, o gelo cedo que quebrou passando a mesma a demonstrar genuíno interesse e prazer nas minhas visitas e no tempo que passávamos juntos. Para isto contribuiu a adopção de uma postura que vê o investigador como “um amigo e um confidente que mostra interesse, compreensão e simpatia pela vida da pessoa com que mantém uma conversa” (Zweig, 1948, cit. por Burgess, 1997, p. 113).

Apesar de, logo ao segundo encontro, lhe ter explicado o que dela pretendia e em que consistia o estudo, focando questões como a confidencialidade, as gravações e o destino do produto final, vistas por Atkinson (1998) como importantes; e apesar ainda de, ao longo das entrevistas, lhe ir fazendo ouvir as gravações, a D. Palmira nunca demonstrou grande interesse, contentando-se em saber que era um trabalho para a escola e limitando-se a usufruir

do tempo que passávamos juntos, confiando em mim para dar ao material o destino que me aprouvesse. O consentimento informado estabeleceu-se assim na base da palavra, umas vez que o acima descrito e as contingências de a participante não saber ler ou escrever, fariam da sua passagem ao escrito uma mera formalidade sem qualquer significado para a mesma.

As entrevistas, cinco ao todo, decorreram num *setting* familiar ao participante: a soleira da sua porta, uma pedra larga de xisto em que nos sentávamos; tendo sido gravadas num gravador digital de voz marca Olympus modelo vn 2100 pc, cuja escolha se deveu à facilidade de manuseamento e possibilidade de passar os ficheiros das entrevistas directamente para o computador onde seriam guardadas e trabalhadas através do software próprio do gravador. A sua duração média, dependente das interrupções que existiam sempre, quer fosse pelo aparecimento da vizinha, quer por galinhas que havia para espantar, situou-se entre a hora e a hora e meia, no que concordaram com o proposto por Burgess (1997).

A abertura e espontaneidade características deste tipo de entrevistas faz delas seres delicados em que o entrevistador, privado do controlo oferecido pelo questionário objectivo das entrevistas orientadas, funciona como guia, procurando assistir os entrevistados no revelar e partilhar da riqueza e profundidade que tornas as suas vidas importantes para si (Atkinson, 1998). O investigador, ou narratário, deve saber conferir à entrevista o ar solto de uma conversa sem nunca deixar de ter presente que esta efectivamente não o é. Assim ele deve adoptar uma postura de ouvinte activo, demonstrando ao entrevistado o seu interesse incondicional, aberto e desprovido de julgamento. A sua voz e conhecimento devem permanecer em segundo plano e todas as intervenções, gestos, comentários, acções, devem ser cuidadosamente efectuadas no sentido de orientar o relato na direcção pretendida ao mesmo tempo que não interferem com fluxo de discurso do narrador ao invés encorajando-o. Flexibilidade e capacidade de resposta são essenciais no gerir deste papel, em que posturas mais ou menos activas, mas sempre implicadas, se devem revezar no fito de facilitar a produção de narrativa (Atkinson, 1998; Burgess, 1997; Poirier et al., 1999).

Desde cedo que a minha interacção com a D. Palmira me veio mostrar que o recolher da sua história de vida não seria fácil. O seu estilo comunicacional sempre se mostrou pouco expansivo e espontâneo, não entrando em solilóquio e estando muito dependente dos estímulos por mim apresentados. A informação ia surgindo mas sempre dispersa, compartimentada, factual e pouco desenvolvida. Para além disto, tendo determinados períodos e conteúdos bem presentes, outros havia em que se tornava praticamente impossível penetrar no nevoeiro da memória.

Se a início receei estarem estas dificuldades relacionadas com deficiências na relação entre nós estabelecida, o desenrolar da mesma fez-me perder estes medos e perceber que outros seriam os motivos por trás destas características. À idade e respectiva degradação das funções mnésicas, juntam-se a sua maneira de ser, da qual a própria diz “não sou daquelas pessoas que sabem contar muitas histórias” e a aparente incapacidade de encarar a vida, o seu desenvolver, como uma narrativa que pode e tem interesse ser contada.

A manutenção destas características com o desenrolar das entrevistas levou à necessidade e decisão de adopção de um estilo mais directivo, com perguntas mais concretas, incidindo sobre áreas mais precisas e menos exploradas. Este não se revelou no entanto mais eficaz. As perguntas mais directas e a insistência em focar determinadas temáticas pareceram fazer com que a D. Palmira se sentisse pressionada a dar respostas que, fosse porque fosse, não tinha para dar e onde sentia dificuldades que a constrangiam. Isto levou a que por vezes demonstrasse algum enfado para com as perguntas e a que tentasse permanentemente levar a conversa para assuntos quotidianos e corriqueiros onde se sentia à vontade.

Numa manifestação da flexibilidade, acima referida, que se pede ao entrevistador, o equilíbrio foi encontrado num estilo totalmente coloquial de partilha e troca em que no desenrolar dos diálogos, e perante certos estímulos, as suas memórias e histórias se foram, a pouco e pouco, desenrolando como um novelo. Apesar de, ainda assim, nunca se estender muito, foi possível ir juntando peças, como se de um puzzle se tratasse, até se ter uma imagem, é certo que desigual entre períodos, mas abrangente, da sua vida.

Esta necessidade de uma postura mais activa do entrevistador, permanentemente implicado na conversa, levou a que cometesse erros que só mais tarde percebi. O embrenhar nos diálogos fez-me por vezes esquecer a posição por mim ali ocupada e cair, dentro das entrevistas, em momentos de conversa superficial que para a D. Palmira, mas percebi mais tarde também para mim, funcionavam como escapes à frustração de não obter as respostas pretendidas e de ver que a história não avançava. É claro que, de certa forma, este era o preço a pagar pela possibilidade de recolha de alguma informação, mas, ainda assim, penso que uma maior atenção e destreza poderiam ter levado a uma maior concentração na tarefa sem prejuízo para o fluir da informação.

Outra questão que me parece valer a pena focar é a das expectativas com que se enfrenta uma tarefa destas. Pessoalmente comecei as entrevistas, tendo-me apenas apercebido disto totalmente aquando da sua transcrição, com uma visão romantizada do que seria uma vida quase solitária num interior rural e pouco modernizado. Perante o vazio e silêncio muitas vezes deixado pela D. Palmira e a necessidade de o preencher com questões, algumas vezes

me vi a colocar perguntas que a procuravam enquadrar nessa minha visão, numa posição em que quase apontava as respostas, as que pretendia. Tal como o diz Burgess (1997, p. 130), “a formulação das perguntas é uma questão que os entrevistadores devem constantemente vigiar”.

Ao longo de todo o processo de recolha, desde o contacto inicial com o presidente da Junta de Freguesia de Santo Estêvão até ao último encontro com a D. Palmira, foi mantido um diário de campo com informação pormenorizada e reflexões sobre o acontecido em todos encontros.

## 11. Procedimentos e Instrumentos de Análise

Finda a recolha do material, estando os ficheiros das entrevistas devidamente arquivados e catalogados no computador, passa-se à fase de transcrição das mesmas. Enquanto material qualitativo, documento íntimo e de carácter pessoal, portador duma vivência específica da qual as características e particularidades do discurso não podem ser excluídas, optou-se, como defendido por Poirier e colaboradores (1999), pela transcrição integral do material em bruto, procurando um texto que faça juiz ao discurso registado não apenas no conteúdo semântico mas também nos seus silêncios, erros, pausas, suspiros, sorrisos (Ver Anexo B).

Seguindo o preceito explicitado pelos mesmos autores de que a transcrição deve ser feita exclusivamente pelo entrevistador, as entrevistas foram dactilografadas a computador, com espaçamento duplo entre linhas e margens de quatro centímetros à esquerda, à direita, em baixo e em cima de modo a facilitar posteriores anotações e comentários. Para agilizar a transcrição foi utilizado o software Express Scribe, um instrumento de edição de som que permite, entre outras funcionalidades, abrandar e acelerar a velocidade do discurso.

Devido às razões já exploradas no procedimento de recolha, as entrevistas apresentam-se em forma de diálogo, o que muitas vezes dificultou a sua transcrição e apresentação fidedigna pela consecutiva alternância e, por vezes mesmo sobreposição, de discursos. Na transcrição estão assim devidamente assinaladas as intervenções de narrador e narratário, num formato que tentou, na medida do possível, reflectir a interactividade de uma conversa.

Depois de completas as transcrições procedeu-se a uma nova audição das entrevistas com conseqüente comparação com o material transcrito. Esta permitiu aquilatar a qualidade e

fidelidade das mesmas bem como preencher, na medida do possível, as lacunas que existentes no corpo transcrito, à mão, nos espaços deixados em branco.

Seguindo ainda Poirier e colaboradores (1999), concluída esta fase seguem-se, na procura de legibilidade do documento, a fase de desbaste e a fase de ordenamento da narrativa.

A primeira pressupõe uma adaptação da oralidade à escrita, o que implica lidar com erros correntes da linguagem oral, bordões da fala que sempre parasitam os discursos, incongruências nos tempos verbais, dialectos e regionalismos. Este exercício permitirá ganhos na explicitação e facilidade de acesso ao conteúdo e se, naturalmente, se perde algo do discurso na passagem das formas orais, fonemas, às palavras escritas, morfemas, a consciência do entrevistador em procurar permanecer o mais perto possível do que a sua experiência lhe ensinou ser o registo quotidiano do entrevistado será sempre um garante de fidelidade.

A segunda consiste em dar à história uma apresentação coerente, clarificando-a e ordenando-a. Deve ser expurgada de redundâncias excessivas e de material supérfluo à narrativa, e deve ser organizada de forma cronológica e/ou temática tornando-a, assim mais facilmente legível e compreensível ao leitor.

Devido às características do corpo de entrevistas deste estudo e devido às possibilidades, a nível de edição e trabalho sobre o texto, oferecidas pelo uso de um computador, estas duas fases foram, no presente trabalho, executadas simultaneamente. Optou-se aqui por uma organização do texto orientada sobre um ponto de vista cronológico, conferindo-lhe assim uma certa linearidade e tornando-o mais legível e coeso (o que era importante dada a dispersão do mesmo nas entrevistas). Vendo a história de vida como um documento único de força própria não nos pareceu indicado, ainda que fosse mais fácil, apresentá-lo já dissecado em fatias temáticas aglutinadoras. Até porque, como será visível pela sua leitura, os temas fortes aparecem bem vinculados pela ênfase neles posta pela D. Palmira e pelo conseqüente espaço que ocupam no texto.

O trabalho de organização da história num todo coerente foi complexo. O aspecto coloquial das entrevistas e a dispersão dos temas e períodos por estas, às vezes apenas frases salpicadas aqui e ali, colocou grandes problemas à sua reunião e organização. Se de um modo abstracto foram seguidas as linhas teóricas propostas pelos autores, grande parte das questões práticas, pela sua especificidade, exigiram respostas próprias orientadas pelo objectivo de construir um todo coerente em que, ao ser lido, se conseguisse efectivamente ver a D.

As entrevistas foram assim impressas, os excertos que diziam respeito uns aos outros seleccionados, recortados e agrupados, para depois num trabalho de tecelagem darem origem a um todo compreensível. Neste processo foram feitos o desbaste e alisamento do discurso já antes referidos, bem como foram adicionadas, quando tal foi indispensável à percepção e fluência do texto, linhas de ligação. Estas apresentam-se na história assinaladas a itálico e são invisíveis ao nível do conteúdo, ou seja, não acrescentam ou alteram informação, sendo muitas vezes apenas a indicação da pergunta que foi feita e sem a qual seria difícil perceber o respondido.

Percebe-se que o resultado final (Ver anexo C) se encontra distante das entrevistas originais. Manter uma proximidade significaria apresentá-las sobre a forma de diálogo no que isso implicaria a nível da percepção da história como um todo. As alterações feitas tendo em vista o apresentar de um relato na primeira pessoa foram levadas a cabo com o máximo tacto e, para quem privou com a D. Palmira, é ainda a sua voz que se encontra no texto.

À fixação da história seguiu-se uma análise de conteúdo tendo por missão dar um sentido ao conjunto dos factos enunciados no relato sem, no entanto, diminuir a sua significação. Este sentido é procurado à luz de um quadro teórico orientador cuja definição é prévia à análise em si e se deve constituir como o primeiro passo da mesma (Bardin, 1997; Poirier et al., 1999; Vala, 1999;). No caso concreto esse referencial é tomado do proposto por McAdams (1996) que, após ter analisado mais de 200 relatos, avançou que a estrutura e conteúdo das histórias de vida dos adultos pode ser compreendida a partir de um conjunto de oito características base (Ver anexo D). Por forma a manter a ordem seguida aquando do labor de análise de conteúdo este referencial será abordado em pormenor mais à frente.

Começou-se por uma análise cronológica no seguimento daquilo a que Poirier e colaboradores (1999) designam por perfil biográfico. Esta teve como principal objectivo uma maior organização e clarificação de um corpo de texto denso e extenso a partir de um trabalho de codificação e categorização que procurou apresentar um esboço da história de vida. As categorias, visando “simplificar para potenciar a apreensão e se possível a explicação” (Vala, 1999, p. 110), são neste caso essencialmente descritivas, semânticas e mutuamente exclusivas, emanando dos organizadores naturais da entrevista aberta, porque também os da vida. Procedeu-se, assim, a uma leitura do documento que levou à identificação e recorte das unidades de registo, seleccionadas pelo seu conteúdo semântico, e posteriormente arrumadas nas categorias (Bardin, 1997; Poirier et al., 1999; Vala, 1999).

A análise cronológica por nós feita dissecou a vida da D. Palmira em infância, pré-adolescência/adolescência, adultez e velhice; procurando nestas a seu olhar sobre a vida nas

categorias: relações familiares e afetivas, relações sociais, percurso escolar e percurso profissional. Para além e por causa da visão mais límpida que nos permitiu sobre o seu relato, esta lança também uma ponte entre o texto e a análise temática, descarnando e pondo a nu muito do que depois há-de ser considerado naquela.

A análise temática serviu-se das categorias apriorísticas propostas por McAdams (1996) para análise e compreensão das histórias de vida do adulto a saber: tom narrativo, imagética, linhas temáticas, *setting* ideológico, episódios nucleares, imagos, desenrolar generativo e avaliação narrativa (ver anexo D). Tratam-se estas de categorias que procuram uma explicitação do processo narrativo de construção da identidade por parte do sujeito ao nível da sua estrutura e conteúdo. Procedeu-se, então, à identificação e recorte no corpo do texto das unidades de registo semântico e sua indexação às categorias correspondentes levando a uma codificação do material, “representação simplificada dos dados em bruto” (Bardin, 1997, p. 119), tendo em conta a chave teórica adoptada.

Apesar de apresentarem uma maior reverência ao referencial adoptado que as da análise cronológica, estas são ainda categorias abertas que não têm por missão o estabelecimento de leis ou a confirmação de hipóteses, mas o elucidar de acontecimentos vividos (Poirier et al., 1999). Estando aqui num campo de análise categorial em que “ a história original é separada e secções ou palavras pertencentes a uma determinada categoria são tomadas do todo da história” (Lieblich, Tuval-Mashiack & Zilber, 1998, p. 12), parece-nos ainda assim que, quer pelo enfoque teórico, quer pelas características da análise temática e das próprias categorias (que no caso da análise temática não se apresentam mutuamente exclusivas permitindo um entrelaçar das nuances do relato) não se abandona a pretensão de manter um determinado holismo na abordagem à história. De facto, não obstante, e segundo a classificação de Lieblich e colaboradores (1998), a análise cronológica se tratar de uma análise categorial de conteúdo e a temática oscilar entre esta e categorial de forma, a história única permanece sempre como documento matricial.

Foi ainda elaborado um biograma, apresentado e analisado na secção de discussão dos resultados, que permitiu o contrastar dos episódios fundamentais da vida da D. Palmira, cronologicamente ordenados, com as categorias elaboradas por McAdams (1996) que presidiram à análise temática da história (Manita & Da Agra, 2002; Tinoco e Pinto, 2001).

Estando no âmbito de um estudo qualitativo e não se recorrendo, nomeadamente na análise de conteúdo, a estratégias quantitativas, a questão da validade das inferências feitas a partir do material reveste-se de importância para o rigor a que se aspira. Na senda da mesma

foram utilizados os métodos do consenso entre juízes e da consistência temporal, e consideradas as validades intra e inter-codificadores (Cunha, 2005).

O mesmo material foi assim, no que à validade intra-codificador diz respeito, sujeito a estratégias múltiplas de análise, sendo a consistência dos resultados das mesmas continuamente confrontada. As estratégias de análise utilizadas foram: a análise cronológica, a análise temática e o biograma.

No seguimento do avançado por Stemler (2002) a validação de uma investigação qualitativa deve ser procurada no triângulo: credibilidade da análise associada ao emprego de estratégias múltiplas, confronto com outros investigadores e comparação dos dados à teoria que os sustenta. A validade inter-codificadores foi conseguida pelo recurso a uma estratégia de juízes independentes. A validade e fidelidade dos resultados assentam assim na concordância entre juízes em relação a determinados itens em que se incluem as categorias descritivas (Krippendorf, 1980). Os resultados emanados deste estudo foram analisados e confrontados por dois juízes independentes na procura de garantir, juntamente com a utilização de estratégias múltipla de análise, a validade e estabilidade das inferências avançadas.

## Resultados

### 12. Análise Cronológica

Os itálicos presentes nos excertos de discurso transcritos referem-se a palavras ou frases por mim inseridas tendo em vista a criação de um texto, relato na primeira pessoa, a partir dos diálogos, muitas vezes fragmentados, resultantes das entrevistas. Em nenhum caso estes acrescentos inserem informação ou alteram o sentido original das afirmações.

#### *Infância*

- Relações Familiares e Afectivas

A D. Palmira nasceu em 1919 no Tojo, um lugar isolado na zona raiana da Beira Baixa, no seio de um núcleo familiar alargado.

“Eu nasci aqui, nasci aqui e criei-me. O meu pai era do Rosmaninho e a minha mãe era daqui, tinha uma irmã e tinha três irmãos...ai...tinha duas irmãs e três irmãos é que era, todos aqui do Tojo.”

“Os meus avós já eram de cá também.”

“Aqui nesta *casa* que ali está esbarrondada nasci lá eu e mais três...mais quatro, nós éramos cinco: era a Amélia, era o José, era o Manel, era a Maria e era eu. A mais velha era a minha irmã Maria. Eu é que era abeirada à Maria, depois era o Manel , arrumado a mim, a Amélia e o José eram os mais novos.”

Não apresenta uma grande memória sobre a sua infância e as relações aí estabelecidas com os pais e outras figuras significativas. As que apresenta são ao nível do conteúdo, mas principalmente ao nível do discurso, factuais e desinvestidas emocionalmente.

“Eu nunca vivi mal com minha mãe, nem com meu pai, nem com os meus irmãos. Nunca tivemos um azedo uns com os outros.”

“Sempre nos demos bem, eu com minha mãe e com os meus irmãos. Nunca tivemos um despique uns com os outros.”

“*Quando éramos pequenos eu mais os meus irmãos brincávamos, brincávamos para aí uns com os outros, parece que não tínhamos assim jogos nenhuns, era só assim brincadeira uns com os outros, pronto, uns saltavam, outros saltavam, de um lado para o outro, aos saltos, onde houvesse estrume. Por exemplo como está ali aquela pedra saltavam dalém...daquela para aquela. Bulhávamos uns com os outros. Andávamos à bulha uns com os outros.*”

- Percurso Escolar

A D. Palmira não apresenta qualquer grau de educação formal, não tendo frequentado a escola.

### *Pré-adolescência e Adolescência*

- Relações Familiares e Afectivas

Tal como em relação à infância, as memórias da D. Palmira em relação a este período não são muitas, não existindo nenhuma referência significativa que possa ser enquadrada nesta definição categorial.

- Relações Sociais

As memórias relativas às relações interpessoais que evoca dizem respeito, quase exclusivamente, a relações com companheiras da mesma idade.

“*Antes disso brincava, brincávamos umas com as outras. Lembro-me de andar aí pelo meio dos matos aos carrondos. (...) Então nós íamos aos carrondos, levávamos uma cestinha, levávamos uma cestinha e um caldeirinho, trazíamos-lo cheio e sentávamo-nos ali à soalheira a ordenhá-los.*”

“Havia *ai* muitas raparigas da minha idade. Eu nunca me dei mal com nenhuma. (...) À *Senhora da Azenha* íamos a pé e vínhamos, sabe Deus o que ele custava. À noite, quando era à tardinha abalávamos daqui, ao fim do fogo vínhamos embora. Bailávamos lá, eu não sei se era a “Aldeia”, parece que era a música da “Aldeia” e no altifalante.”

- Percurso Laboral

É nesta fase que, pelo menos de uma forma mais concreta, começa a trabalhar no campo; primeiro ajudando a família nas suas lides e, já mais tarde, indo ganhar o jornal trabalhando para outros.

“*Passava os dias* atrás do gado. O meu avô tinha *ai* umas vacas quem as guardava era eu. *Tinha* *ai* uns quinze anos. Não tinha mais. Quando não tinha a gente *ai* uns treze ou catorze anos não trabalhava.”

“Ele andávamos no trabalho, quando havia que fazer íamos para o trabalho, quando não havia tínhamos que fazer alguma coisa. Eu mais minha irmã Maria é que mais ajudávamos, a arrancar juncal com uma picareta, *por exemplo*.”

“Íamos trabalhar para os outros e *depois* pagavam o jornal. Tínhamos semanas de irmos ali para o Burrinho estávamos lá toda a semana a descamisar, juntava-se lá monte e montes de gente (...).”

“Era para casa, nós ganhávamos para casa.”

### *Idade Adulta*

- Relações Familiares e Afectivas

A idade adulta marca o início das memórias mais relevantes em termos heurísticos, com forte impacto na vida da D. Palmira e na visão que a mesma expõe desta. Apesar de esta fase ser simbolicamente inaugurada pelo casamento

“Quando me casei tinha 24 anos. O meu marido era aqui também do Tojo, era filho de uma mulher que morava ali ao fundo, Maria Teresa. Ainda era meu primo porque os nossos avós eram irmãos.”

o marido não lhe merece nunca grandes, nem emocionalmente carregadas, evocações, podendo estas ser mesmo vistas como contraditórias.

“Nunca ralhámos um com o outro, *eu e o meu marido.*”

“Ele já era viúvo. *A antiga mulher dele era daqui da terra.* (...). Nunca teve ninguém, o homem também era um grande cão, e depois eu...e depois eu é que ainda me meti nelas. Minha mãe já sabia o que ele era e ainda me puxou para ele, homem!”

Fortemente marcado na memória da D. Palmira e facto que recorda, apesar dos anos já corridos, com exaustão e veemência, é a sua própria oposição ao casamento, a vontade da mãe e as consequências deste na sua vida.

“Ai já tinha *tido* tantos *pretendentes*. Melhores do que a este. Fiquei com este por causa de minha mãe.”

“O que eu escolhia ainda está vivo, e ele muito que me disse ‘ Não namores com mais ninguém que quem casa contigo sou eu, não quero mais mulher nenhuma ’.”

“Minha mãe, para eu ficar aqui é que ela emburrou o pé à parede ‘ Porque este é melhor, porque este assim, porque este assado ’, pronto. Queria-me à roda dela, para eu estar ao olhar dela.”

“Minha mãe já sabia o que ele era e ainda me puxou para ele, homem! Para ficar aqui à roda dela. Se não eu não estava aqui, era o estar. Estava fora desta piolheira. No Rosmaninho, ou ia para a Aldeia, ou ia para Vale Fresco, não estava aqui. Minha mãe é que foi a causante. (...) As mães são parvas. A mães são parvas são homem! Às vezes puxam a gente para o mal, não é para o bem.”

Tal como a de D. Palmira também a opinião do pai era diversa da mãe.

“Meu pai não queria, meu pai dizia assim: ‘ Hoje está à tua vontade, não está à minha, está à tua vontade ’.”

“E mesmo meu pai disse a minha mãe ‘ Já está à tua vontade, olha que ela os não quer, e eu também não quero, mas tu queres, já está à tua vontade ’. Via que eu não dava pé à peia, não queria.”

Ainda neste período, e no que a ligações afectivas diz respeito, é de salientar a relação com o filho, o segundo que teve, uma vez que o primeiro nasceu morto, também ela marcada cedo pelos problemas aquando do nascimento.

“E este aqui também é como que mo tiraram morto... (...) Mas depois não sei, parece que ele estava magoado dos ferros... (...)”. Deitaram-no ali por cima de uma arca, lavaram-no, deitaram-no de cima de uma arca, de cima de uma toalha, ‘ Olhe que o menino está vivo’ ... (...) Até hoje.”

E embora o filho tenha saído cedo do Tojo para trabalhar na região de Lisboa, nota-se na D. Palmira, quando a ele se refere, orgulho por ele e pelo que conseguiu.

“Ele passava por todos por não ser bom, mas sabia... (...) Com o exame da quarta lá se tirou. Os demais ainda foram ali para Vila Flor, também ainda à escola, foram para o Rosmaninho e do Rosmaninho para Vila Flor, de toda a maneira não arranjaram melhores empregos do que ele agarrou.”

“Eu não fiquei triste *quando ele se foi embora*. Eu o que eu queria é que ele ganhasse, é que tivesse uma boa vida, onde eu fiquei aqui.”

“ ...lá comprou um bocadinho, fez uma casinha, aos empurrões, aos empurrões, depois de pedir dinheiro emprestado que ele também não o tinha. Só a começou com dez contos, quanto é que ele não poupou? Sabe Deus o que ele sofreu para arranjar aquela casinha, não há lá nenhum que tenha um quintal como aquele.”

É, no entanto, também visível uma mágoa em relação ao casamento deste; à mulher que escolheu.

“... ele podia ter casado aí com uma rapariga, puxaram-no para além, pronto, para Santo Estêvão. (...) *Eu preferia que ele tivesse casado aqui com uma moça do Tojo*, estava ele melhor e estava eu melhor, e elas queriam-no, mas puxaram-no para além, puxaram-no para além para lá foi.”

“Eu se soubesse o que sei hoje quando ele diz assim: “Ó mãe veja lá o que eu vou fazer, você já é mulher do mundo sabe mais do que eu”, eu soubera o que ela era não punha lá um pé. Mas eu não sabia, ele não sabia e eu também não.”

#### ▪ Relações Sociais

Não se evidenciam descrições de relações sociais significativas no que respeita a este período, embora certamente as houvesse ou não estivéssemos a falar de um meio pequeno. As referências que aparecem, a vizinhas por exemplo, são meramente circunstanciais ou servem para demonstrar comportamentos tidos pela D. Palmira como reprováveis, tendo em conta a sua própria conduta e valores.

“É muito ruim, muito ruim aquela criatura. Só tem ali um irmãozinho, anda mal com ele que aquilo eu sei lá, capaz de se matarem um ao outro. E tanto como ele fez por ela.”

“É por isso que a gente não pode dizer mal nem pode andar mal com ninguém.”

#### ▪ Percurso Laboral

Apesar de sempre ligada ao campo, como quase não poderia deixar de ser no Tojo, a entrada na idade adulta e o casamento promoveram na actividade laboral da D. Palmira alterações.

“Tão pouco me casei pouco jornal ganhei, andava ele a ganhar que ganhasse, eu não podia deixar a vida. Naquele tempo tinha a gente um porquito, tinha galinhas, tinha um burrinho, tinha as cabrinhas, não podia... não se podia deixar tudo ao desamparo.”

“Tínhamos um bocadinho arrendado ao Marquês e íamos para aí fazer uma horta. (...) O meu marido andava para lá a trabalhar, a ganhá-lo para se comer, *na jorna*. *Eu é que tratava da horta*, que remédio tinha eu.

Não obstante a dedicação à casa e às tarefas relacionadas com esta, regista com agrado uma experiência concreta em que foi trabalhar a Espanha.

“... Ainda fomos para a Espanha, fomos para lá ao algodão... (...) Eu gostava de lá andar no algodão, mas depois choveu lá e viemos embora. Já para lá não tornei a voltar.”

### *Velhice*

- Relações Familiares e Afectivas

Pode dizer-se que esta fase de vida da D. Palmira é simbolicamente inaugurada pela morte do marido, quando esta tem setenta anos. Não tanto pelo falecimento em si, pelo menos tendo em conta o seu relato

“O meu marido morreu há dezassete anos... (...) Tinha duas hérnias muito grandes, assim uma de cada lado, mesmo assim rentes à barriga. Quando ele viu que aquilo tinha operação não quis... (...) ...depois já não se podia mexer, depois é que queria então fazer a operação. Morreu cá em casa. Nem veio cá médico nem nada.”

“Não custou nada, não me custou cá nada, (...) Então e se estou sozinha?, estou sozinha estou bem.”

mas pelas implicações imediatas que este teve a nível da sua vida prática. É a partir do desaparecimento do marido que se desencadeia um ciclo de acontecimentos que permanecem ainda, pela sua proximidade temporal mas também pelas suas implicações, bem vincados na memória da D. Palmira.

“*Depois do meu marido morrer* fui logo para lá. Se soubesse não tinha para lá ido não. Soubera o que sei hoje não tinha para lá ido. Dei cabo do arranjo que tinha, vendi as cabrinhas fiquei sem nada, o dinheiro da urna fiquei sem ele, não o vi, pronto, eu em estando cá não abalava nada e assim abalou tudo.”

Assim é um período muito marcado pela relação de conflito com a nora.

“Ela disse cá para as vizinhas que ela tinha que me levar, que eu não queria ir mas tinha que me levar, morta ou viva tinha que ir. *Não sei porquê*, ela é que sabe, para lá apanhar os corninhos que lá apanhei, anda que agora já me para lá não puxa não, óóó...”

“Quando viemos, quando chegámos ali aquilo do pai, ela queria-me lá esfarrapar... (...) Disse-me assim: ‘Se não fosse por ser quem é já aqui a esfarrapava’.”

“Por causa disso, por causa dela ser ruim é que eu de lá abalei, *de Lisboa*.”

“Era uma besta ou não era!? Ah estafermo negro!! Há noras que são boas há mas há outras... . Não venha cá para lho perdoar que não perdo.”

Este conflito teve consequências na sua relação com o filho, que apesar de continuar a ser referido em moldes positivos é acusado de não fazer frente à nora.

“Disse-lhe ‘Ó filho diz tu aí, em diante da tua sogra, o bem e o mal que fizeram os pipos. Não te disse que os arrecadasses para dentro da loja? Podia saltar um malandro pelo portão e roubar-tos’, mas o meu filho não abriu a boca, também foi um pachacho, também não abriu a boca, até hoje *ela* não tornou a falar para mim.”

Fazem parte também das suas relações familiares nesta fase os netos e os compadres, no entanto, quer uns quer outros são apenas referidos em tom descritivo no evocar de situações.

#### ▪ Relações Sociais

Depois do falecimento do marido e, quando regressa ao Tojo, pós período na Costa e nos Boieiros, a rede social assume particular importância na qualidade de vida da D. Palmira. Desta rede destaca-se a vizinha que, junto com o marido, formam com ela a população residente do Tojo.

“Em poder mexer-me não me importava nada de estar aqui, preferia estar aqui, porque os vizinhos são bons. (...) Esta aqui se eu der aqui um ai vem logo cá a ver, faz-me um chazinho vem-mo logo a trazer. (...). Ao pé desta aqui a gente está muito bem, aquilo que tem...eu não me queixo mas ela sabe se tenho a coisa ou não tenho...aquilo que tem sempre me cá veio trazer. Eu gosto *dela...*.”

Mantém ainda outras relações, que fazem com que a sua vida não seja tão solitária quanto à partida se poderia pensar.

“ Às vezes vou ali ouvir a missa, ali ao Moínho Velho com a Rata, no rádio.”

“ Quando a minha prima era viva ia para casa dela, no Rosmaninho, a ouvir a missa na televisão. (...) Ficou o homem que é tão bom ou melhor do que ela, *de vez em quando* vou lá a vê-lo pois, há pessoas que não gostam de ver as pessoas mas eu gosto de as ver.”

#### ▪ Percurso Laboral

O que mais se salienta na relação da D. Palmira com o trabalho são os efeitos que as contrariedades físicas e a velhice vão tendo sobre ela e como isso condiciona as suas capacidades e, necessariamente, a sua vida.

“ Vim lá de baixo da casa do meu filho ali para aquilo do meu compadre. (...) Eu quando para lá fui logo mo disseram ‘Olha vens para cá, tu estás cá bem, o comer não te falta, mas o trabalho ainda te falta menos. Podes contar que o comer não te falta mas o trabalho ainda te falta menos’. (...) Depois se a gente pode trabalhar com os braços ainda vá, mas se não pode? Se não trabalha ‘Ah porque ela é mandonga, ah porque ela é assim, ah porque ela é assado’, óóóó...”

“ Eu abalei de lá porque eu não podia aguentar tanto trabalho.”

“Se aqui a Maria tivesse força para arranjar as coisas então tinha-as.”

“Eu gostava de ir para o lar porque eu não posso fazer nada. É preciso semear batatas *tenho que pedir a alguém*, é preciso arranjar a terra *o mesmo*.”

### 13. Análise Categorical Temática

#### ▪ Tom Narrativo

O tom narrativo que atravessa a história de vida da D. Palmira é um de tonalidades maioritariamente pessimistas.

“Descalça como os cães. Ver aí o frio que fazia, mal enroupada, agora mal mas naquele tempo pior. Lembra-me de passar mal. Passar mal é que me lembra. Queria-o a gente comer e onde é que ele estava? Onde é que estava o dinheiro para se comprar as coisas han?”

“A pobre vida bem pensada é um romance dos melhores que pode haver. Os romances é assim, é a gente a sofrer sabe Deus o quê. Queria para comer é como não o tinha, queria para vestir não o tinha, queria para calçar não tinha, os romances são estes.”

No entanto, o defini-lo simplesmente assim, como pessimista, parece extremamente redutor quer para quem, como eu, com ela privou, quer, penso, para todos os que lerem a sua história.

Mais que pessimista, ou colorindo o pessimista, é um tom resignado e conformado de alguém que raramente encarou a vida com esperança, não porque achasse que esta só lhe iria trazer coisas más, mas porque poucas vezes teve a visão que realmente pudesse ter uma palavra a dizer sobre o assunto.

“ Se fico triste por ver a terra desaparecer? Ah eu não, mas de que serve a gente estar triste, mas de que serve? A gente não tira nada por estar triste. Quem é que manda? ”

“ Tendo mal nunca se tem uma hora de alegria, é sempre a sofrer. Deus é que sabe. Deus é que sabe à idade que a gente há-de chegar.”

- Imagética

O estilo de comunicação da D. Palmira, já discutido em cima, não é o mais propício a dar azo às texturas e nuances que relevam e denunciam a imagética própria de uma história.

Não surpreendentemente, os coloridos imagéticos mais visíveis surgem vestindo as evocações de pobreza e miséria que associa à sua vida e que iluminam o tom narrativo da história. O roto, o descalço, a fome, a comparação aos cães, são particularmente evocativos desse facto.

“Descalça como os cães. Ver aí o frio que fazia, mal enroupada...”

“Ai brincar!, ai brincar... a gente tinha alguma vontade de brincar? Ele naquele tempo, a gente descalça como os animais como é que podia andar? E íamos à serra, descalças, à lenha.”

“Miséria! Miséria! Fome! Descalços como os cães. É verdade a gente andava quase sempre descalço, roto e esfarrapado...”

- Linhas Temáticas

Uma constante na vida da D. Palmira, ou no modo como a vê, é a ênfase posta na não existência de conflitos.

“Eu nunca vivi mal com minha mãe, nem com meu pai, nem com os meus irmãos. Nunca tivemos um azedo uns com os outros. (...) É bom, é bonito mas é a gente viver bem umas com as outras. A família toda.”

“Nunca ralhámos um com o outro, *eu e o meu marido*. Agora as pessoas ralham porque querem. Se um está a falar e outro se cala nunca se ralha, agora se um fala e outro fala pior ainda...”

A sua motivação principal é uma de união com o meio envolvente, de estar bem com os que a rodeiam, mesmo que isso se faça pelo sacrifício da sua individualidade e de desejos pessoais. Isto é particularmente evidente na questão do seu casamento e da sua relação com a mãe.

“Ai *já* tinha *tido* tantos *pretendentes*. Melhores do que a este. Fiquei com este por causa de minha mãe. Minha mãe, para eu ficar aqui é que ela emburrou o pé à parede ‘ Porque este é melhor, porque este assim, porque este assado ‘, pronto. Queria-me à roda dela, para eu estar ao olhar dela.”

A linha temática predominante é assim de comunhão, estando a felicidade e o sentido da vida associados não à persecução de objectivos e iniciativas pessoais, mas a uma vivência pacífica e isenta de conflitos com o meio envolvente e as suas figuras significativas.

“Agora se a minha nora fosse boa para mim eu estava bem, estava ali ao pé dele estava bem, e assim...”

“É por isso que ninguém havia de andar mal uns com os outros, sempre bem, sempre bem.”

“*Depois de casar* às vezes ainda ia, quando aparecia ainda ia, *mas* já era menos, não tinha vida disso, se tivesse vida disso ia sempre. Diziam que eu arranjasse a vida, outra vida cá em casa, olhar do vivo, fazer alguma coisa, era preciso acadajar lenha para a caçarola.”

- *Setting* Ideológico

O *setting* ideológico que domina toda a história da D. Palmira, influenciando em absoluto toda a sua visão do mundo, da vida, seus valores e moralidade, é um de matriz católica. O estatuto de verdade única que apresenta faz com que a D. Palmira não o refira ou pense directamente, sendo que este se vê essencialmente na aplicação que faz dos seus princípios nos juízos em relação a si própria, e em relação aos outros.

“Deus é que nos dá os sentidos e é que nos os tira. Então eu agora vou ao Rosmaninho, que mais dá estar lá mais uma hora ou menos uma hora a ouvir a missa? Custa alguma coisa? Agora chegar lá e voltar logo, então o que é que uma pessoa foi lá a fazer? Aqui esta minha vizinha vai lá mas diz que também as não ouve, anda que ela lá achará o erro ainda, deixa lá que ela achará o erro. A gente agora não encontra o erro, deixa lá que morra se queres ver onde é que anda a alma por aí. Uma pessoa antes de falecer que é preciso ouvir missas e é preciso dar esmolas por aquela alma. Então se não der esmolas nenhuma o que é que a alma há-de fazer?”

“*Eu depois do meu marido morrer* não quis cá homem nenhum, e se eu tinha muitos apoquentos depois que ele morreu. Eu agora estou aqui, uma mulher que também fiquei nova sem homem, então se estivesse com outros ai Jesus era uma forcada. Era uma vergonha. (...) A minha vizinha dizia assim ‘Ó ti Patrocínia você faz mal, você faz mal’, ‘ Porquê? Para andarem só a apontar para mim? Não apontam não’. Uma mulher quando tem vergonha e tem juízo não anda a dar que falar a este e àquele. Nosso Senhor me conserve até morrer. ”

Este *setting* religiosamente ancorado mantém-se estável, como fiel da verdade, durante toda a sua vida, não havendo indícios de qualquer outro tipo de fontes, éticas, políticas ou filosóficas, que o influenciem.

- Episódios Nucleares

O primeiro episódio nuclear que nos aparece no relato da D. Palmira, quer pela força com que se encontra impresso no seu tecido mnésico, quer pelas consequências reais para a sua vida futura, é o casamento e a sujeição que este implicou à vontade da mãe.

“Eu fiquei aqui, minha mãe começou a “ Ai porque com este vais mais bem, porque aqui já tem o seu arranjo, porque desta maneira, porque da outra”, não quis que eu de cá abalasse. Se não eu não estava aqui não. Fiquei aqui para quê? Para toda a gente saber que eu estou aqui?”

“Mas depois minha mãe começou-me a rolar, como eu lhe disse que...se não lhe tenho dito nada ela nada, eu disse-lhe que fazia o caso, disse-me que não “ Olha filha este aqui é que tem a casinha, é que tem além a hortinha, é que tem onde te meteres, e o outro não tem nada”. Tive que ir à boa, à boa, à boa, pronto. Mas se fosse hoje não me levavam. Arrependi-me bastante, porque a família dele era ruim, ainda hoje eles são maus, falavam para uns e para outros mal de mim.”

Segue-se-lhe a morte do que seria o seu primeiro filho

“Tive dois *filhos*, mas um está no céu, está no céu se estiver.”

“O mais velho já mo tiraram morto, morreu sexta-feira à noite e foi tirado sábado depois do meio-dia. Tinha vontade, muita vontade de ter esse filho. Eu não sentia nada, é como a que estava morta, estava toda inchada, toda inchada; então o médico nunca me julgou viva, sempre pensou que morresse. Estive sete semanas na cama sem nunca me mexer para lado nenhum.”

e depois, embora afastado no tempo sete anos, próximo a nível da problemática e das sequelas que deixou na vida da D. Palmira, o nascimento problemático do que efectivamente o veio a ser.

“E este aqui também é como que mo tiraram morto...”

“Do outro, agora do mais novo, estive lá um mês. Nunca ninguém me julgou viva, nem o médico.”

Ambas as situações, para além e por causa do seu forte impacto emocional, deixaram sequelas ao nível físico e ao nível das expectativas que a D. Palmira tinha em relação à sua vida.

“Mas o que eu tenho sofrido ai Jesus, ai Jesus, nem quero que me lembre. Nessa altura e mesmo agora, mesmo agora ainda ando a sofrer. Porque eles cortaram-me e eu não soldei, só ficou assim um pouco de um quase nadinha para mo cortar de todo.”

“Mas o que é que se há-de fazer?, paciência. Uma mulher ter só um filho é como não ter nenhum, morre aquele pronto, e se tem dois... Então eu agora se morrer aquele já não tenho nenhum. Quem tem dois tem um, quem tem só um não tem nenhum.”

Episódio que na altura em que ocorreu não terá sido tido como extraordinariamente relevante, mas que depois, pelas suas consequências futuras, acaba por tomar um papel de destaque no relato, é o casamento do filho.

*“Eu preferia que ele tivesse casado aqui com uma moça do Tojo, estava ele melhor e estava eu melhor, e elas queriam-no, mas puxaram-no para além, puxaram-no para além para lá foi.”*

“Eu se soubesse o que sei hoje quando ele diz assim: ‘Ó mãe veja lá o que eu vou fazer, você já é mulher do mundo sabe mais do que eu’, eu soubera o que ela era não punha lá um pé. (...) Porque se ela fosse uma mulher de honra e de vergonha eu não estava aqui, eu estava lá ao pé deles e assim estou aqui...estou aqui numa cabana.”

A ida para Lisboa, pouco depois da morte do marido, contém um corte drástico na que até aí tinha sido a vida da D. Palmira.

*“Quando fui para Lisboa deixei de ter animais. Naquele tempo já só tinha duas cabritas, abalei para lá venderam-mas e meteram o dinheiro ao bolso.”*

Representa ainda o quebrar de relações com a nora e a impossibilidade consequente de permanecer junto do filho.

“Ela nunca mais tornou a fazer caso de mim, nem a falar nem nada.”

“Era uma besta ou não era!? Ah estafermo negro!! Há noras que são boas há mas há outras... . Não venha cá para lho perdoar que não perdo.”

“... ‘Eu não gosto de cá estar ’, dizia, ‘ Eu não gosto de cá estar ’, não dizia lá porque era, ‘ Eu não gosto de cá estar ’. E eu gostava de lá estar naquele sítio...”

Este é um momento significativo e muito marcado na vivência e mágoa actual da D. Palmira porque significou: primeiro o romper com a vida que até aí tinha tido; segundo o não poder permanecer junto do filho, algo que muito gostaria. Ambas estas em que se vê como vítima de processos que não controlou.

- Imagos

Os imagos tendem à personificação dos principais modelos veiculados pela cultura contemporânea ao indivíduo. Ora sendo a cultura envolvente da D. Palmira hegemonicamente católica e o catolicismo pródigo no estabelecer de modelos de moralidade e conduta, é natural que os imagos por si desenvolvidos gravitem em volta destes modelos.

Embora por vezes seja difícil destrinchá-los, uma vez que todos apegados à mesma rocha mãe, estes podem dividir-se em três grandes grupos. A boa católica,

“Então eu agora vou ao Rosmaninho, que mais dá estar lá mais uma hora ou menos uma hora a ouvir a missa? Custa alguma coisa? Agora chegar lá e voltar logo, então o que é que uma pessoa foi lá a fazer? Aqui esta minha vizinha vai lá mas diz que também as não ouve, anda que ela lá achará o erro ainda, deixa lá que ela achará o erro. A gente agora não encontra o erro, deixa lá que morra se queres ver onde é que anda a alma por aí.”

a de boa virtude,

“*Eu depois do meu marido morrer* não quis cá homem nenhum, e se eu tinha muitos apoquentos depois que ele morreu. Eu agora estou aqui, uma mulher que também fiquei nova sem homem, então se estivesse com outros ai Jesus era uma porcada. Era uma vergonha.

a resignada.

“Quem cala vence! Toda a vida assim foi, quem cala vence. É mais que a verdade ainda.”

“Eu nunca tive a ideia de chegar à idade que tenho, sempre tive ideia de chegar só aos 84,85,84, vá lá já passou muito. Eu não me importo, porque me há-de importar? Tanto me faz importar como não importar, é igual, fico na mesma.”

Este último não deriva de uma forma tão objectiva da pressão cultural exercida pela religião, mas encontra-se também ligado à forma como o papel das mulheres era encarado no seio da sociedade e a um viver muito próprio da D. Palmira, sem ondas ou ruído, procurando o intervalo dos pingos de chuva na busca da comunhão com o meio envolvente.

- Desenrolar Generativo

Esta é uma dimensão que quase não é visível no relatado pela D. Palmira. Se algo se pode encontrar que corresponda ao desejo de procura de um desenrolar generativo para a vida é o seu desejo, depois frustrado, de estar junto da família, filho e netos tomando assim parte e contribuindo para um todo maior.

“Eu gostava de lá estar porque aquele coiso também era bom, à uma tinha por onde me estender, ou a semear, ou a schar, ou regar, tinha por onde me estender. Já tinha aí uns sessenta ou setenta anos, os meus netos ainda eram pequenotes, a garota tinha oito anos e ele, o Sérgio, era mais atirado.”

Embora não se enquadrando totalmente na definição de desenrolar generativo considerada para esta análise temática, penso justo considerar-se o seguimento e adesão aos preceitos religiosos culturalmente hegemónicos como uma forma de procura de um final generativo para a vida.

- Avaliação Narrativa

Apesar do tom geral de resignação conformada com que ao longo da vida foi fazendo frente às vicissitudes e que aparece transparente na sua história

“Eu nunca tive a ideia de chegar à idade que tenho, sempre tive ideia de chegar só aos 84,85,84, vá lá já passou muito. Eu não me importo, porque me há-de importar? Tanto me faz importar como não importar, é igual, fico na mesma.”

a relação da D. Palmira com a vida que levou não é pacífica. Há uma revolta silenciosa contra as dificuldades porque passou, visível no confronto permanente que faz entre *aqueles tempos* e os de agora.

“Ali é que era uma tristeza, agora neste tempo...agora têm o que querem, são ricos. Basta dizer que só o abono, só o abono que se ganha dá para se governar. (...) Governavam-se com fome. E agora não, agora é carne disto carne daquilo, é lambidela disto lambidela do outro...”

Bem como a há em relação ao facto não poder estar ao pé do filho

“Agora se a minha nora fosse boa para mim eu estava bem, estava ali ao pé dele estava bem, e assim... Se eu fosse passarinho via-o todos os dias, sabia o viver dele, sabia a vida toda dele e assim não sei nada.”

“Se eu num tenho ninguém ao pé de mim, tenho o filho, o filho está longe, é como a quem nem ata nem desata. Se estou mal fico pior, fico à mesma, fico à mesma porque ele a mim não me faz cá nada e eu a ele também nada lhe faço. Às vezes a viver com ele estava bem, e assim...”

e à vida que, na sua idade e condições, tem que suportar no Tojo.

“*Se eu pudesse escolher* o que eu escolhia era ter muita saúde e boa sorte. Saúde e boa sorte é que eu queria, mas isso Nosso Senhor não ma dá. Já não tenho idade para isso nem nada, a gente vai chegando a velha para trás sim, mas para a frente não. Só me lembra de passar mal, só me lembra de viver mal, não é de viver bem, viver mal. Mais para a frente, mais mal ando, mais mal ando.”

“*Fiz agora oitenta e nove anos em Outubro*, daqui a nada tenho noventa anos, não posso quase andar nem nada. (...) Eu gostava de ir para o lar porque eu não posso fazer nada. É preciso semear batatas *tenho que pedir a alguém*, é preciso arranjar a terra *o mesmo*. Tive aí dois anos tiveram que me as semear que eu não semeava porque não podia arranjar a terra.”

“Em poder mexer-me não me importava nada de estar aqui, preferia estar aqui, porque os vizinhos são bons.”



## Discussão

O mundo acelerou no último século. As mudanças ocorridas neste período foram maiores e mais rápidas que as ocorridas em todos os anteriores. Estas não tiveram, no entanto, um impacto geográfico homogêneo e, segundo Poirier e colaboradores (1999), aqueles que viveram em meio rural até à Segunda Guerra Mundial viveram, de certa maneira, na idade média. Sem luz, sem água e sem saneamento básico, conjunto de casas maioritariamente em semi-ruína, o Tojo entronca ainda nesta afirmação. Tendo aí permanecido desde o nascimento a D. Palmira experienciou, ao longo do tempo, condições de relativa estabilidade: ao nível do ambiente físico, das relações pessoais e do sistema de valores tradicionais, enraizado na história da comunidade e portador de um padrão de vida (Rowles, 1984).

Falar neste caso da modernidade e das dificuldades por esta levantadas ao trabalho identitário pelo implodir dos guiões tradicionais é uma absurdo. A D. Palmira enquadra-se ainda num tempo em que as correntes de transmissão oral se encontravam intactas e, por conseguinte, os tipos de *Me* a passíveis de ser assimilados pelo *I* eram padrões transmitido de geração em geração (McAdams, 1996; Poirier et al., 1999).

Isto não significa que não tenha existido um trabalho narrativo de construção identitária, apenas que este terá sido menos intenso e menos percebido pelo sujeito, uma vez que grandes pedaços da sua história de vida, mostruário privilegiado da identidade, se encontravam já à partida preenchidos. Parte da dificuldade experimentada pela D. Palmira em se contar, para lá dos problemas de memória associadas à idade e da circunstância da própria dizer (“não sou uma daquelas pessoas que sabem contar muitas histórias”), poderá, então, encontrar-se relacionada com o facto de nunca ter tido uma grande necessidade de, através das histórias, procurar unidade e sentido no *self*. Estes encontravam-se à partida assegurados, inscritos nas linhas pré-determinadas transportadas na cultura. A construção da identidade, parte significativa do percebido enquanto *Me*, foi, neste caso, pouco necessária, estava assegurada.

Diferente mas ainda em ligação com o anterior, a estabilidade da vida, a que aludi em cima, pode também ter desempenhado um papel na maneira como a D. Palmira a retratou e se retratou. O dia-a-dia repetitivo do campo, e a existência que o reflecte e incorpora, parecem não oferecer motivos para ser contados. O que contar, quando toda a vida é vista como igual, quando o estilo de vida possível – no sentido em que o termo é utilizado por Giddens (2000) – é único e a possibilidade de intervenção e construção se encontram à partida truncadas pelo

guião cultural existente? Esta dificuldade em ver a vida como produto próprio, algo merecedor de ser contando e digno de interesse, sentia-a eu, várias vezes, quando nos momentos de silêncio ela me olhava parecendo, por um lado, não perceber que interesse podia eu ter no que me contava e, por outro, não saber muito bem o que me contar a seguir (“E agora o que é que..eu o que é para lhe dizer agora?”).

Como avançado no ponto 11 procedeu-se à elaboração de um biograma (Manita & Da Agra, 2002; Tinoco e Pinto, 2001) como técnica complementar de análise. Com ele, apresentado na *Figura 1.*, pretendi contrastar as análises cronológica e temática, explicitando a forma como a elaboração narrativa da vida se foi dando ao longo do tempo e como foram para ela contribuindo as experiências em diversas idades. O biograma é agora apresentado para melhor auxiliar o acompanhamento e compreensão da análise que se lhe segue.

INF	ADL	AD	VLH	Pré-categorias	Temáticas emergentes
☺				Tom narrativo	Vinculação insegura
☺	☺			Imagética	A Miséria
☺	☺		☺	Linhas temáticas	Evitamento de conflitos
		☺	☺		Vinculação Afectiva
	☺	☺	☺	Setting ideológico	Religião Católica
		☺		Episódios nucleares	Casamento / conflito com a mãe
		☺			Morte do primeiro e nascimento do segundo filho
		☺			Casamento do filho
			☺		Ida para Lisboa
		☺	☺	Imagos	A boa católica
		☺	☺		A de boa virtude
		☺	☺		A resignada
		☺	☺	Generatividade	Relação com o filho
	☺	☺	☺		Guião Religioso
			☺	Finais	Insatisfação e revolta com a vida
			☺		Insatisfação e pesar na relação com o filho
			☺		Dificuldades e limitações físicas

*Figura 1.* Biograma: INF = Infância; ADL = Adolescência; AD = Aduldez; VLH = Velhice.

“Para saber quem sou, preciso primeiro de decidir aquilo que acredito ser verdadeiro e bom, falso e mau, no mundo em que vivo” (McAdams, 1993, in St.Aubin et al., 2001, p. 224). A emergência da necessidade de construção identitária surge na adolescência e encontra-se

intimamente associada à adopção de um determinado *setting* ideológico (Erikson, 1971, 1980; McAdams, 1996; St. Aubin et al., 2001). O adoptar de um determinado quadro de valores referencial permite ao indivíduo enquadrar-se a si e aos seus comportamentos no seio das práticas sociais, fornecendo-lhe linhas guia para a edificação da identidade.

Como dito acima as características próprias do contexto sociocultural do Tojo, onde a D. Palmira sempre se encontrou emersa, diminuíram em muito, pela presença de um guião cultural forte e praticamente único, a necessidade e possibilidade de construção criativa da identidade individual. Tendo em linha de conta a expressão e influência, praticamente hegemónicas, da religião católica na cultura, antevemos o ascendente que a mesma, com as suas características de verdade absoluta, dogmática e orientadora de todos os aspectos da vida, terá sobre praticamente todas as áreas da existência da D. Palmira (“Deus é que nos dá os sentidos e é que nos os tira”).

Atendendo ao Biograma percebe-se como o *setting* ideológico fornecido pela religião é o único percebido, surgindo na história, como seria esperado, por alturas da adolescência. É tão único que, de facto, as referências directas, ou pensamentos, sobre o próprio são escassas, existe como realidade, verdade, e, portanto, subentende-se nos comportamentos, ideias e julgamentos desenvolvidos. A forma como a D. Palmira construiu a sua identidade, bem como a visão retrospectiva que apresenta em relação ao seu percurso, a maneira como se percebe e o percebe, são, assim, clara e largamente influenciadas por uma matriz de pensamento e concepção da existência Judaico – Cristãs. O entendimento da vida em matizes de sofrimento e a colocação do indivíduo numa posição de menoridade perante os acontecimentos ditados por um Ente Superior são características marcantes do seu discurso, constantes do seu comportamento verificáveis no relato. Esta percepção externa do *locus* de controlo (Melo & Neto, 2003), se por um lado empurra em direcção à assunção de um papel de passividade, retirando iniciativa de vida e noção da possibilidade da mesma, por outro, funciona como almofada, amortecendo o impacto dos acontecimentos e vicissitudes do dia-a-dia (“A gente não tira nada por estar triste. Quem é que manda?”).

A partir desta posição de charneira, e pelas razões e especificidades já exploradas acima, o *setting* ideológico católico estende os seus ramos de influência a inúmeras áreas da vida da D. Palmira. É, desde logo, nos seus valores, concepções morais e códigos de conduta que se vão fincar as aspirações ideais do *self* e o sentido pretendido para a vida. Enquanto personificações idealizadas do *self* os *imagos* reflectem as personagens modelo da cultura contemporânea ao indivíduo (McAdams, 1996), fornecendo as linhas, herdeiras das gerações anteriores, a que o indivíduo se procura adaptar no seu caminho para a perfeição, sentido da

vida (Adler, 1959). Firmemente ligados aos ditames católicos, e portanto intimamente relacionados entre si, o que nem sempre tornou fácil destrinchá-los, os *imagos* presentes no relato da D. Palmira – três (a boa católica, a de boa virtude, a resignada) estendendo-se da adolescência à velhice, como visível no biograma – dão todos conta de uma adesão quase total aos modelos de conduta e comportamento tidos como bons e social e culturalmente valorizados. A estabilidade e coerência destes *imagos*, quer ao nível temporal, quer do *setting* ideológico a que se encontram arraigados, é prova da força e preponderância do guião religioso, culturalmente veiculado, na construção identitária da D. Palmira.

Através dos *imagos*, na persecução e personificação dos ideais católicos, valorizados culturalmente como representantes do que é uma vida boa e apropriada, a D. Palmira procura não só um sentido identitário mas, como a própria religião lho indica, a salvação na vida para além da morte. Assim a busca de um fim apropriado para história de vida, a necessidade que surge pela meia adultez de encontrar um desenrolar generativo (McAdams, 1996,2001) que assegure uma imortalidade simbólica, encontra-se aqui parcialmente respondida pelo próprio guião cultural. A necessidade de deixar um legado às gerações seguintes, de explorar *imagos* alternativos, de criar um *Me* que sobreviva ao *self* é, então, se não se considerar a dedicação ao filho, inexistente. Entendida a generatividade como Erikson (1971, p. 246) a entende, “Preocupação relativa a firmar e guiar a nova geração”, então a importância atribuída ao filho, às questões que o envolvem, e à possibilidade de estar junto dele e dos netos – visível principalmente no período da história que foca os anos da velhice – poderá ser tida como a procura de um desenrolar generativo por parte da D. Palmira, (“Se eu fosse passarinho via-o todos os dias, sabia o viver dele, sabia a vida toda dele”). Embora possa, também, tratar-se apenas da procura de vinculação afectiva e da natural vontade de estar com os seus, por parte de alguém que os tem longe e se vê sozinha num meio isolado.

Se, no entanto, tomar a definição mais abrangente de McAdams (1996), assente na necessidade de perceber a história de vida como coerente, apresentando princípio, meio e fim, só posso associar o desenrolar generativo ao guião religioso. É na adopção dos comportamentos, culturalmente determinados, e que lhe foram transmitidos, que procura o seu aperfeiçoamento enquanto mulher, e é, com este aperfeiçoamento, e na transmissão dos seus valores, que contribui para o melhorar e progredir da comunidade (Adler, 1959). Esta parece-me, não obstante, uma opção coxa, uma vez que não se enxerta numa construção pessoal, projecto reflexivo nascido do questionamento inerente à meia adultez, mas advém de um dado cultural pré-existente ao indivíduo.

“Quem cala vence! Toda a vida assim foi, quem cala vence. É mais que verdade ainda”. Para mim, que com ela privei ao longo de onze encontros, este “Quem cala vence!” aparece como a sùmula perfeita, se é que de tal se pode falar, da vida da D. Palmira. Para lá do papel específico reservado à mulher no seio da sociedade e da condição para que a religião católica remete o ser humano e a mulher em particular, há nesta expressão – que se enquadra perfeitamente num dos seus *imagos*, o da resignada – um viver muito próprio da D. Palmira, sem ondas ou ruído, procurando o intervalo dos pingos de chuva na busca da comunhão com o meio envolvente.

A busca de comunhão com os que se encontram à sua volta aparece no relato, bem como no discurso normalmente apresentado pela D. Palmira durante os nossos encontros, como uma motivação sempre presente. “Sempre nos demos bem, eu com minha mãe e com os meus irmãos. Nunca tivemos um despique uns com os outros.”, frase sintomática porque, mesmo que não seja fácil acreditar na veracidade absoluta do nunca, indica desde logo a visão da D. Palmira a respeito das relações com os que lhe estão próximos, e com os outros em geral. De facto, a linha temática da comunhão, ligada ao amor e à intimidade, e marcada por um desinvestimento na individualidade assume uma absoluta preponderância na sua vida. Essencialmente, esta evidencia-se na procura de vinculação afectiva com os outros – nomeadamente com a família e, de grande proeminência no relato, pelo recente da questão e consequências no presente, com o filho – e numa postura de evitamento de situações conflituais, patente na submissão às ideias da mãe em relação ao próprio casamento, ou no comentário sobre a relação com o marido: “Há criaturas que apanham porque querem, palram, palram, pronto apanham porrada. Quem cala vence! Toda a vida assim foi, quem cala vence. É mais que a verdade ainda.”

Na senda dos porquês desta linha de acção encontro várias questões que podem confluir para a justificar. Desde logo o facto de a mulher tender a definir a sua identidade essencialmente em termos relacionais e de conexão ao outro, o que se liga aos papéis e modelos de submissão e exclusão social que lhes são disponibilizados pelas culturas mais tradicionais e integrados na sua identidade percebida (Gilligan, 1994; Josselson, 1996). A esta questão, que me parece em perfeita consonância com o esboço que aqui tem vindo a ser traçado do Tojo enquanto contexto histórico, social e cultural, bem como com a influência deste mesmo contexto no tecer identitário da D. Palmira, há que acrescentar outras de origem mais precoce e enfoque mais relacional. Destarte, a predominância das motivações associadas ao desejo de comunhão pode encontrar-se associada a uma falta de esperança na sua possibilidade de agir e de assumir posições mais assertivas e individualistas na interacção com

os outros e o mundo, evocando-se assim questões relativas à não existência de uma confiança básica (Erikson, 1971, 1980) herdeira de relações significativas precoces. Pode ainda resultar, ou encontrar-se relacionada, com uma má resolução do conflito Iniciativa vs. Culpa (Erikson, 1971, 1980) com esta última a sobrepor-se à primeira truncando a possibilidade de comportamentos mais independentes.

Estas últimas duas justificações por mim avançadas remetem para períodos temporões da vida do indivíduo, em que a necessidade de forjar uma identidade é, ainda, inexistente. Apesar da construção narrativa desta se iniciar apenas na adolescência e de estes períodos se situarem, portanto, numa era pré-narrativa, as suas características irão influenciar, colorir, o tecer da trama identitária. São as experiências e vivências deste período, reservadas no tecido mnésico, que mais tarde se constituirão como material inicial a partir do qual o *I* procederá à construção do *Me*. Directamente influenciado por estas vivências surge o tom narrativo emprestado pelo indivíduo à sua história. Este corresponde à tonalidade emocional global apresentada pelo relato e, para McAdams (1996), encontra-se particularmente associado à qualidade das relações de vinculação.

Como já analisado, a possibilidade e capacidade de se contar nem sempre esteve ao alcance da vontade da D. Palmira. Na desigualdade do seu relato o período relativo à infância e às relações aí estabelecidas, quer com pais quer com outras figuras tidas como importantes e significativas, foi um em relação ao qual nunca se mostrou muito prolixa. De facto, as escassas referências que lhe faz são, quer ao nível do discurso, quer do conteúdo, essencialmente factuais e emocionalmente desinvestidas. Torna-se, pois, difícil entrever a qualidade das relações de vinculação estabelecidas pela D. Palmira; relações estas que, no período pré-narrativo, se constituem como uma grande influência na percepção de segurança ou insegurança – lembrar aqui a problemática associada por Erikson (1971, 1980) ao primeiro estágio do seu modelo de desenvolvimento psicossocial, Confiança Básica vs. Desconfiança – que a criança terá em relação ao mundo e a si própria na relação com este, portanto no tom narrativo por ela mais tarde adoptado para se narrar.

O tom narrativo adoptado pela D. Palmira reveste-se de cores escuras, com o pessimismo (“Lembra-me de passar mal. Passar mal é que me lembra”) a combinar-se com a resignação e o conformismo (“Ah eu não, mas de que serve a gente estar triste, mas de que serve? A gente não tira nada por estar triste. Quem é que manda?”). Como já dito, torna-se complicado, a partir da simples análise do relato, a percepção das especificidades pré-narrativas por trás deste tom, no entanto, o enquadrar da infância da D. Palmira no seu tempo histórico permite-nos lançar sobre o assunto alguma luz. As características da organização

familiar nas primeiras décadas do século XX no interior rural português não podem ser comparadas com ideia de família hoje existente. “Os filhos não eram tratados como indivíduos nem criados para dar satisfação aos pais. (...). Não se tratava de falta de amor por parte dos pais, mas estes estavam mais preocupados com a contribuição que os filhos davam no trabalho comum do que com as próprias crianças”. Estas palavras de Giddens (2001, p. 60) permitem talvez ter uma ideia da realidade vivida pela D. Palmira enquanto criança e perceber que, pese embora ter crescido num meio familiar coeso e estruturalmente estável, as vicissitudes inerentes à instituição familiar à altura terão certamente tido influência na qualidade das relações de vinculação por ela estabelecidas e imprimido no *I* vivências e sensações que terão influenciado a forma resignada e desesperançada com que posteriormente esculpiu o *Me*.

Neste contexto, emergindo também dos anos pré-narrativos da infância, as poucas imagens (“Descalça como os cães. Ver aí o frio que fazia, mal enroupada ....”), são os adereços sombrios vestidos pelo tom narrativo. A aspereza e falta de confiança com que a D. Palmira encara o mundo, já patente na categoria anterior, influenciam agora as imagens colhidas da infância e integradas no processo de *selfing*.

Os momentos nucleares presentes na história de vida da D. Palmira apresentam-se, de certa forma, como espelho de diversas das características da sua vida exploradas até agora. Num relance abrangente sobre o texto percebe-se que este se organiza em quatro momentos, episódios nucleares, marcados pelo conflito e o sofrimento, pungentemente e largamente investidos (ver biograma), entremeados por um narrar disperso e desorganizado, quase desinteressado. Se isto, por um lado, nos remete para a supramencionada dificuldade da D. Palmira em encarar a sua vida de uma forma narrativa e, portanto, em se contar; por outro, o facto de todos os momentos se referirem a momentos de sofrimento e conflito remete para a importância dada a estas temáticas pela visão Judaico-Cristã, bem como ao tom pessimista do relato, influenciador dos momentos escolhidos como nucleares.

Devotando uma atenção mais pormenorizada aos momentos em si, dá-se conta de como todos os quatro se encontram associados a questões envolvendo desígnios de comunhão. O centrar dos momentos que considera nucleares na sua existência, em redor de problemas associados à procura de relações familiares satisfatórias, demonstra a importância que a linha temática da comunhão desempenha na sua vida. Esta importância é visível no ceder à pressão materna (“Eu fiquei aqui, minha mãe começou a ‘Ai porque com este vais mais bem, porque aqui já tem o seu arranjo, porque desta maneira, porque da outra’, não quis que eu de cá abalasse.”); no desgosto pela perda do filho (“Uma mulher ter só um filho é

como não ter nenhum, morre aquele pronto, e se tem dois...”); em toda a problemática que envolve o filho, o seu casamento e o que este significou enquanto impossibilidade da D. Palmira em viver com ele (“*Eu preferia que ele tivesse casado aqui com uma moça do Tojo, estava ele melhor e estava eu melhor (...)*”); e na ida para Lisboa, com quebra de uma situação confortável no Tojo e desilusão das expectativas de poder morar junto a filho e netos (“*Quando fui para Lisboa deixei de ter animais. Naquele tempo já só tinha duas cabritas, abalei para lá venderam-mas e meteram o dinheiro ao bolso.*”).

À luz da sua existência presente (“*Fiz agora oitenta e nove anos em Outubro, daqui a nada tenho noventa anos, não posso quase andar nem nada.*”), vivendo sozinha no Tojo em condições nem sempre fáceis, estes são os momentos que aparecem aos olhos da D. Palmira como responsáveis pela forma como o passado deu origem ao presente. A obrigação de ficar junto à mãe, a morte de um dos filhos e a impossibilidade de estar junto do filho pelo mau relacionamento com a nora, cada um deles contribuiu, à sua medida, para a situação que vive actualmente.

Assim, apesar de uma rede social de suporte surpreendentemente próxima e com um impacto consideravelmente positivo na sua qualidade de vida – na qual se destaca a vizinha (“*Ao pé desta aqui a gente está muito bem (...) aquilo que tem sempre me veio cá trazer.*”) – não se pode dizer que a D. Palmira se encontra em paz com o seu percurso e condição actual. Apesar do tom de resignação geral emprestado ao relato nota-se nela, notei-o muitas vezes no decorrer dos encontros, um certo descontentamento e revolta. Estes evidenciam-se na constante comparação das dificuldades que atravessou com as que hoje as pessoas enfrentam (“*Governavam-se com fome. E agora não, agora é carne disto carne daquilo, é lambidela disto lambidela do outro...*”), bem como, e principalmente, no facto de, depois de uma vida dedicada a temas de comunhão, não poder agora, no fim da mesma, estar junto a filhos e netos (“*Se estou mal fico pior, fico à mesma, fico à mesma porque ele a mim não me faz cá nada e eu a ele também nada lhe faço...*”). Não havendo um medo evidente da morte, amortecido pelo enredo cultural, que torna também injustificada a preocupação pelo pouco tempo para criar novas significações, parece ainda assim que a D. Palmira não terá atingido com sucesso absoluto a integridade do ego (Erikson, 1971, 1980). Talvez que a roupagem emprestada à identidade pela cultura, por muito agasalhadora que seja, não tenha nunca o tamanho certo da pessoa.

## Conclusão

Parti para este trabalho com a intenção primária de, a partir do narrado pessoal de uma idosa, esboçar a dramática e colorido de uma vida esculpida em e pelo meio rural. Pretendia, para além de conservar o relato único de uma existência, aceder à construção que o indivíduo faz de si mesmo na interacção entre as suas especificidades, por exemplo de origem genética ou dinâmica, com um sistema cultural próprio de um determinado espaço e tempo: a sua identidade.

A abordagem metodológica escolhida, de índole idiográfica e portanto apontada à compreensão profunda do sujeito, pareceu-me à partida, como me parece agora no fim, extremamente adequada. O documento recolhido, relato na primeira pessoa, apesar das suas limitações, explicitadas aquando da descrição do procedimento de análise, fica, ainda assim, como a memória conservada de alguém sobre a sua vida e o seu tempo. Sendo claro, para quem com a D. Palmira privou, que esta será sempre uma memória pálida, é, no entanto, a que ela pôde e quis fornecer, reflexo da visão que neste momento tem sobre as coisas: da maneira como se apropria e elabora os momentos da sua existência.

Para lá desta dimensão, e enquanto objecto metodológico propriamente dito, o relato na primeira pessoa mostrou-se um documento multi-facetado, aberto a diversos níveis e possibilidades de análise. Ao reflectir, e dependendo isto das palavras e do engenho de cada um, a construção e narração de uma existência, a história de vida encerra em si parte da riqueza extraordinária do ser humano e assim, tal como este, torna-se passível de ser dissecada por uma grande quantidade de bisturis teóricos.

Tendo como campo de análise principal a identidade individual vista enquanto construção narrativa (Giddens, 2000; McAdams, 1996, 2001), procurei inseri-la teoricamente numa teoria mais vasta da personalidade humana (McAdams, 1996) para depois, em busca de um conhecimento mais abrangente de como o ser humano, neste caso uma mulher, desenvolve o seu processo de elaboração e integração identitária, recorrer aos contributos de diversos autores cujas vozes me pareceram particularmente pertinentes (e.g. Adler, Erikson, Giddens, Gilligan e Giddens).

E se por exemplo no campo da modernidade – que foquei pela sua actualidade e pela luz que fez incidir sobre a importância da narrativa na busca reflexiva do Homem por um sentido de coesão do *self* – a ponte com este caso prático se pôde apenas fazer por oposição; na maior parte das outras situações houve uma adequação extremamente positiva entre a

teoria e o relato de vida da D. Palmira. Isto atesta, por um lado, a qualidade e riqueza das histórias de vida enquanto método e, por outro, a abrangência e flexibilidade da visão narrativa da construção da identidade. Esta, ao permitir a análise do trabalho identitário de uma forma compreensiva, facilita a articulação com outros domínios do saber e, logo, a sua aplicação a inúmeras realidades e contextos culturais díspares.

Integrada num *milieu* tradicionalista, com uma relativa estabilidade física, populacional e cultural, a D. Palmira enquadra-se no conjunto de indivíduos em que o *self* não é entendido como um projecto reflexivo mas como emanção de um sistema de crenças e valores tido como verdade absoluta. Tal reflecte-se quer na dificuldade em se perceber e contar como história, quer na maneira como a matriz cultural católica, apropriada como linha e estilo de vida único na construção da identidade, faz sentir o seu peso sobre praticamente todos os aspectos da sua vivência. Apesar disto, as categorias teóricas produzidas por McAdams (1996) e aqui utilizadas, não deixaram, ainda assim, de me permitir analisar o relato pessoal que me foi confiado. Destarte, mesmo nos casos em que os guiões culturais são fortes e omnipresentes continua a existir um grau de construção narrativa da identidade que pode ser analisado.

No caso presente, esta concepção teórica e a grelha de análise dela extraída permitiram-me uma visão coerente sobre a vida da D. Palmira e sobre a sua história de vida, evidenciando os aspectos por si apropriados e valorizados como fazendo parte de si mesma, da sua identidade. A partir da sua condição presente, percebi a maneira como reconstrói o seu passado pessoal, através da apropriação e valorização de determinados aspectos que se juntam sob a forma de narrativa; foi ainda possível entrever as condições e nexos subjacentes a essa mesma construção, os pontos no avesso da tapeçaria. A flexibilidade já em cima aludi permitiu, também, ir articulando as diversas camadas da história, e período a que se encontram associadas, com outros modelos e visões do desenvolvimento humano. Isto levou, penso, à obtenção de um todo coerente em que as que as categorias organizadoras da história e a própria história se combinam na apresentação de um retrato multifacetado de uma vida.

## Referências

- Adler, A. (1959). *El sentido de la vida*. Barcelona: Luís Mirasse, Editor.
- Allport, G. W. (1937). *Personality, a psychological interpretation*. New York: Holt.  
 In Holt, R. R. (1962). Individuality and generalization in the psychology of personality. *Journal of Personality*, 30(3), 405-422. Consultado em Outubro 11, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- Allport, G. W. (1942). *The use of personal documents in Psychological science*. New York: Social Science Research Council.  
 In Atkinson, R. (1998). *The life story interview*. Sage University papers on qualitative research methods, vol. 44. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Allport, G. W. (1962). The general and the unique in psychological science. *Journal of Personality*, 30(3), 405-422. Consultado Julho 10, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- American Psychological Association (2007). *APA dictionary of psychology*. Washington, D. C. : Author.
- Atkinson, R. (1998). *The life story interview*. Sage University papers on qualitative research methods, vol. 44. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beck, S. J. (1953). The science of personality: Nomothetic or Idiographic? *Psychological Review*, 60(6), 353-359. Consultado Janeiro 12, 2008, através da fonte EBSCOHost PsycARTICLES database.
- Breger, L. (1974). *From instinct do identity: The development of personality*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.  
 In McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5 (2), 100-122. Consultado em Outubro 15, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- Bruner, J. (1990). *Actos de significado: Para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70.

- Burgess, R. C. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta.
- Clapier-Valladon, S. (1982). Le recit de vie. Une nouvelle orientation de la recherche en sciences humaines. Pour une contribution de la psychologie. *Bulletin de Psychologie*, 361, 717-722.
- Cunha, A. (2005). *Crescer e envelhecer de uma forma especial...: história de vida de uma centenária*. Dissertação de mestrado em psicopatologia e psicologia clínica, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Elkind, D. (1981). *Children and adolescents* (3<sup>rd</sup> ed.) New York: Oxford University Press.  
In McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5 (2), 100-122. Consultado em Outubro 15, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- Erikson, E. H. (1968). Psychosocial Identity. In S. Schlein (Ed.), *A way of looking at things* (pp. 675 – 684). New York: W.W. Norton & Company.
- Erikson, E. H. (1971). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: W.W. Norton & Company.
- Eysenk, H. J. (1954). The science of personality: Nomothetic. *Psychological Review*, 61(5), 339-342. Consultado em Outubro 11, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycARTICLES database.
- Falk, J. L. (1956). Issues distinguishing idiographic from nomothetic approaches to personality theory. *Psychological Review*, 63(1), 53-62. Consultado em Outubro 11, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycARTICLES database.
- Fonseca, A. M. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Fonseca, A. M., Paúl, C., Martin, I., & Amado J. (2000). Condição psicossocial de idosos rurais numa aldeia do interior de Portugal. In C. Paúl & A. M. Fonseca (Eds.), *Envelhecer em Portugal* (pp. 97-108). Lisboa: Climepsi Editores.
- Gergen, K. J. (1992). *The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.  
In McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5 (2), 100-122. Consultado em Outubro 15, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- Giddens, A. (2000). Trajectory of the *self*. In P. du Gay, J. Evans & P. Redman (Eds.), *Identity: A reader* (pp. 248-266). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Giddens, A. (2001). *O mundo na era da globalização (3ªed.)*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gilligan, C. (1994). In a different voice: Women`s conceptions of *self* and morality. *Harvard Educational Review*. 47 (4), 1-37.
- Holt, R. R. (1962). Individuality and generalization in the psychology of personality. *Journal of Personality*, 30(3), 405-422. Consultado em Outubro 11, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- Howard, G., Maerlender, A. C., Myers, P. R. & Curtin, T. D. (1992). In stories we trust: studies of the validity of autobiographies. *Journal of Counseling Psychology*, 39 (3), 398 - 405. Consultado em Outubro 11, 2007, através da fonte EBSCOHost Academic Search Complete database.
- INE (2001). Census 2001 – Resultados definitivos. INE: Portugal.
- James, W. (1912). *Memories and studies*. New York, Longmans: Green.  
In Allport, G. W. (1962). The general and the unique in psychological science. *Journal of Personality*, 30(3), 405-422. Consultado Julho 10, 2007 através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- James, W. (1961). *Psychology: The briefer course*. New York, Harper: Torchbooks.  
In Allport, G. W. (1962). The general and the unique in psychological science. *Journal of Personality*, 30(3), 405-422. Consultado Julho 10, 2007 através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.

- James, W. (1963). *Psychology*. Greenwich, CT: Fawcett (original work published 1892).  
In McAdams, D. P. (1996). Personality, modernity and the storied *self*: A contemporary framework for studying persons. *Psychological Inquiry*, 7 (4), 295-321. Consultado em Outubro 15, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- Josselson, R. (1996). *Revising herself: the story of women's identity from college to midlife*. New York: Oxford University Press.
- Kluckhohn, C. & Murray, H. A. (1953). Personality formation: The determinants. In C. Kluckhohn, & H. A. Murray (Eds.), *Personality in nature, society, and culture* (capítulo 2). New York: Knopf.  
In Holt, R. R. (1962). Individuality and generalization in the psychology of personality. *Journal of Personality*, 30(3), 405-422. Consultado em Outubro 11, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- Krippendorff, K. (1980). *Content analysis: an introduction*. Newbury Park: Sage.
- Langenhove, L.V. (1996). The theoretical foundations of experimental psychology and its alternatives. In J. Smith, R. Harre, & L.V. Langenhove (Eds.), *Rethinking psychology* (pp. 10-23). London: Sage.
- Legrand, M. (1992). L'approche biographique: Théorie, méthode, pratiques. *Análise Psicológica*, 4 (X), 499-514.
- Levinson, D. J. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, 4 (1), 3-13.
- Lieblich, A., Tuval-Mashiach, R. & Zilber, T. (1998). Narrative research: Reading, analysis and interpretation. Sage University papers on Applied social research methods, vol. 47. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Manita, C. & Da Agra, C. (2002). The study of psychological *self*-organization processes in deviant pathways: Contributions of the biograma method. In S. Brochu, C. da Agra, & M. Cousineu (Eds.), *Drugs and crime deviant pathways* (pp. 33-49). Hampshire: Ashgate.
- McAdams, D. P. (1988). Biography, narrative and lives: An introduction. *Journal of personality*, 56(1), 1-18. Consultado em Março 24, 2008, através da fonte EBSCOHost PsycARTICLES database.

- McAdams, D. P. (1996). Personality, modernity and the storied *self*: A contemporary framework for studying persons. *Psychological Inquiry*, 7 (4), 295-321. Consultado em Outubro 15, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- McAdams, D. P. (1997). A conceptual history of personality psychology. In R. Hogan, J. Johnson, & S. Briggs (Eds.), *Handbook of personality psychology* (pp. 3-39) San Diego, CA: Academic Press.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5 (2), 100-122. Consultado em Outubro 15, 2007, através da fonte EBSCOHost PsycINFO database.
- McAdams, D. P. & Pals, J. (2006). A new big five: Fundamental principles for an integrative science of personality. *American Psychologist*, 61 (3), 204-217. Consultado em Março 24, 2008, através da fonte EBSCOHost PsycARTICLES database.
- Melo, L. & Neto, F. (2003). Aspectos psicossociais dos idosos em meio rural: solidão, satisfação com a vida e locus de controlo. *Psicologia Educação e Cultura*, 7, 107-121.
- Mendelsohn, G. A. (1993). It's time to put theories of personality in their place, or, Allport and Stagner got it right, why can't we? In K. H. Kraik, R. Hogan, & R. N. Wolfe (Eds.), *Fifty years of personality psychology* (pp. 103-115). New York: Plenum Press.  
In McAdams, D. P. (1997). A conceptual history of personality psychology. In R. Hogan, J. Johnson, & S. Briggs (Eds.), *Handbook of personality psychology* (pp. 3-39) San Diego, CA: Academic Press.
- Murray, H. A. (1938). *Explorations on personality*. New York: Oxford.  
In Atkinson, R. (1998). *The life story interview*. Sage University papers on qualitative research methods, vol. 44. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Poirrer, J., Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1999). *Histórias de vida: Teoria e prática* (2ª ed.). Oeiras: Celta.
- Rowles, G. D. (1984). Aging in rural environments. In I. Altman, M. P. Lawton, & J. F. Wohlwill (Eds.), *Elderly people and the environment* (pp. 129-157). New York: Plenum Press.
- Santos, C. M. (1998). *Auto-organização psicológica e transgressão : análise empirico-crítica de duas figuras do comportamento desviante: criminosos e consumidores de drogas*. Tese de doutoramento em Psicologia do Comportamento Desviante, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal.

Santos, B. S. (2001). *Um discurso sobre as ciências (12ª ed. )*. Porto: Edições Afrontamento.

Shaw, C. R. (1966). *The Jack Roller: A delinquent boy's own story*. Chicago: University of Chicago Press.

Smith, J. A., Harre, R., & Langenhove, L. V. (1995). Introduction. In J. Smith, R. Harre, & L.V. Langenhove (Eds.), *Rethinking methods in psychology* (pp. 1-8). Thousand Oaks, CA: Sage.

Smith, J. A., Harre, R., & Langenhove, L. V. (1996a). Introduction. In J. Smith, R. Harre, & L.V. Langenhove (Eds.), *Rethinking psychology* (pp. 1-9). Thousand Oaks, CA: Sage.

Smith, J. A., Harre, R., & Langenhove, L. V. (1996b). Idiography and the case-study. In J. Smith, R. Harre, & L.V. Langenhove (Eds.), *Rethinking psychology* (pp. 59-69). Thousand Oaks, CA: Sage.

ST. Aubin, E., Wandrei, M., Skerven, K. & Coppolillio, C. M. (2001). A narrative exploration of personal ideology and identity. In D. P. McAdams, Ruthelleb, & A. Lieblich (Eds.), *Identity and story: Creating self in narrative* (pp. 129-150). Washington: American Psychological Association.

Stemler, S. (2001). An overview of content analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 7(17). Consultado em Setembro 23, 2008 através da fonte <http://PAREonline.net/getvn.asp?v=7&=17>.

Tinoco, R. & Pinto, S. (2001). Abordagem biográfica das toxicodependências – o biograma como instrumento de intervenção clínica. *Toxicodependências*, 7 (1) 17-22.

Thomae, H. (1999). The nomothetic-idiographic issue: Some roots and recent trends. *International journal of group tensions*, 28 (1/2), 187-215. Consultado Fevereiro 23, 2008, através da fonte b-on: Biblioteca do conhecimento online.

Vala, J. (1986). Análise de conteúdo. In A. Silva, & J. Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais* (pp.101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Windelband, W. (1894). History and science. In Presidential speeches at the un University of Strassbourg (pp. 193-208). Strassbourg: Heitz und Mundel.

In Thomae, H. (1999). The nomothetic-idiographic issue: Some roots and recent trends. *International journal of group tensions*, 28 (1/2), 187-215. Consultado Fevereiro 23, 2008, através da fonte b-on: Biblioteca do conhecimento online.

Zweig, F. (1948). *Labour, life and poverty*. Londres: Gollancz.

In Burgess, R. C. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta.



## Anexos



## Anexo A

## Cronograma dos Encontros.

	<b>Data</b>	<b>Gravação de Registo</b>	<b>Observações</b>
<b>1º Encontro</b>	25 – 02 – 07	Não	Com o Presidente da Junta
<b>2º Encontro</b>	04 – 03 – 07	Não	
<b>3º Encontro</b>	05 – 04 – 07	Não	Com a presença da vizinha
<b>4º Encontro</b>	10 – 04 – 07	Não	Vai-me mostrar a fonte e as fragas
<b>5º Encontro</b>	22 – 04 – 07	Sim	
<b>6º Encontro</b>	29 – 04 – 07	Sim	
<b>7º Encontro</b>	06 – 05 – 07	Não	Tirámos Fotografias
<b>8º Encontro</b>	20 – 05 – 07	Sim	
<b>9º Encontro</b>	03 – 06 – 07	Sim	
<b>10º Encontro</b>	28 – 11 – 07	Sim	
<b>11º Encontro</b>	28 – 12 – 07	Não	Último encontro Morte do Filho



## Anexo B

Transcrição integral das entrevistas.

## 1ª Entrevista

(22/04/07)

JR: Pronto já pus a gravar

P: Agora o que o senhor quer é que tem que dizer

JR: Ah, eu é que tenho que dizer o que quero?

P: Pois claro....

JR: Ah, então comece..comece quando era..a senhora nasceu aqui não foi?

P: Pois eu nasci aqui, nasci aqui e criei-me.

JR: Criou-se sempre aqui?

P: Sempre aqui.

JR: E os...os seus pais já eram de cá?

P: Eram, o mê pai..o mê pai era..era do Rosmaninho e minha mãe era daqui.

JR: Do Tojo?

P: Do Tojo...

JR: E o...

P: ....também cá nasceu e criou-se.

JR: Ah, também cá nasceu e se criou. E os seus avós já eram de cá, ou não?

P: Já eram de cá também.

JR: Então e..o que é que a senhora se lembra quando era pequenina...

P: Ai!....

JR: ...aqui no Tojo

P:....ê sê lá..lembro-me..lembro-me de andar aí pelo meio dos matos aos carrondos.

JR: Aos carrondos?..O que é que são os carrondos?

P: Os carrondos têm nasce ass..nasçam assim no couso das estevas, na raiz das estevas e ódepoi tiram-lhe as florzinhas e têm..e têm umas tetas e aquilo ordenha-se..a gente ordenhava-

as pra uma pedra uma pedra qualquer ó numa telha ó..ó numa cortiça e fazia paparrada e fazia queijos, pois era aquilo num acincho e..da bolóita (?)..fazia a gente assim as coisa metias num bocadinho de sal e punha-as lá e depoi quando tava assim meio torrada é que a gente comia.

JR: Eu..eu acho que lá para a terra da minha avó isso tem outro nome, acho que se chamam lá as pútegas.

P: Ah...pois.

JR: Também é não é?...

P: Capaz de ser.

JR: Ah mas não conhece..não conhece o nome?

P: É capaz de ser..mas olha aqui são carrondos.

JR: Carrondos. Então e...

P: ....im tempos agora já não há aquase nada.

JR: Tinha muitas..tinha muitas amigas por cá..

P: ...sim...

JR: Quantas pessoas..quantas pessoas mais ou menos é que...

P: ...êêêê sê lá.....

JR: Conte-me como é que era..quando era pequena o que é que se lembra aqui da....

P: ...as amigas aqui sê lá...

JR: ...o que é que se lembra aqui da sua terra?

P: numa..numa tinha a umas seis..a umas seis raparigas (pausa) logo aqui..logo aqui..pegado aqui à vizinha tinha seis raparigas, noutra abaixo tinha treuze filhos..treuze filhos (pequena pausa) eram quatro raparigas e outro resto eram rapazes...e inda aqui havia muita gente (tossico) naquela casa além criaram-se lá (tossico) catorze pessoas...filhos...catorze pessoas, os outros: cinco, cinco, seis, cinco, seis.

JR: Era o que havia assim por cá....

P:Pois...

JR: Então e o..do que é que as pessoas viviam o que é que faziam?

P: (reposta enérgica) O qué que fazíamos?, num fazíamos nada, se havia..quando eram capaz de trabalhar ia pó..iam a trabalhar prós senhores,quando num eram estavam em casa.

JR: Estavam em casa mas tinham que viver de alguma coisa, tinham que ter aí ...

P: ...ah...

JR: ...o que é que eles..viviam..viviam do quê?

P: Se os pais podiam trabalhar, a ganhar o jornal, iam a ganhálo pra comp.. prá gente comprar pão, pão e outras cousas qualquer, mas dantes não havia tanto conforme há agora.

JR: Então nessa altura quando era pequena já iam comprar assim pão a algum lado ou faziam aqui no forno?

P: Cozíamos aqui

JR: Coziam aqui não era...?

P: Cozíamos aqui as..as cousas e íamos a moer, tínhamos semente e íamos a moe-las ao Rosmaninho ó dávamos aos moleiros, vinham cá os moleiros a buscá-las.

( silêncio prolongado)

JR: Pode-me dizer..pode-me dizer o que quiser não precisa de estar sempre à espera....

P: ...Ah...

JR: ....que eu faça perguntas...

P: ...Então o que é que ê quero..o que é que quero dizer o que é eu queiro dizer ( quereria dizer o que é eu hei-de querer dizer).

JR: Tudo me interessa, o que é que se lembra de quando era pequena, o que é que faziam aqui, quando..se foi à escola se não foi....

P: ....Ái!....

JR: ...à escola

P: Num fui,nunca fui à escola, aqui nem havia escola...

JR: ...aqui não havia escola...

P: Em tempo...em tempo não havia escolas aqui, só em Santo Estêvão é que havia uma escola..em Santo Estêvão em Vila Flor, nem..nem ali..nem ali.. eim....(queixume por lhe ser difícil recordar-se do que quer dizer) em Vale Fresco também não havia, ódepois já.. quando era o mê filho nascido é que ódepois começou aqui a fazer uma escola aqui..aqui na serra, aqui na Fonte Sobreiro, aí é que ele ia à escola.

JR: Mas isso..o seu filho andou aí na Fonte Sobreiro foi

P: Andou

JR: Aqui não..não havia nada

P: Aqui não havia nada

JR: Então quando cresceu aqui...

P: O \_\_\_\_\_ também ali..o \_\_\_\_\_ também ali ia os da \_\_\_\_\_ também, iam todos ali à escola, àquela escola ali.Ódepois..Ódepois começaram..começaram a acabar com aquela escola foram pró Rosmaninho, do Rosmaninho quiseram ter outras escola Vila Flor.

JR: Mas isso já foi agora há pouco tempo isso já foi...

P: Pois já agora há pouco tempo..já há pouco tempo já há muito tempo que eles já..já estão casados e até já têm filhos já grandes já casados até.

JR: Sim mas já foi na altura dos seus filhos.

P: Poi

JR: Então e na..na sua altura aqui o que é que se fazia..as pessoas trabalhavam para os senhores mas o que é que era..quem é que eram os senhores?

P: Quem é que eram?, era o Marquês, era o Marquês da..o Marquês da Virdibeira..da ..da ein raispartó diabo quero dizer o não posso..da Vidig..da Vidigueira!

JR: Da Vidigueira

P: Esse é que era o Marquês da Vidigueira que era pra onde a gente..a gente..pra onde a gente trabalhava mas ele..ele só vinha de tempos a tempos, mas tinha cá os criados....

JR:...hum hum.....

P: os criados é que dirigiam com isto.

JR: E eles tinham aqui..tinham aqui as terras à volta e as pessoas trabalhavam para o Marquês e depois pagavam....

P: Os senhores que cá estavam a dirigir a casa é que pagavam, ele mandava o dinheiro lá de baixo e eles pagavam cá

JR: Eles pagavam o quê?

P: pois..o trabalho, o trabalho que a gente lhe dava

JR: Ah pagavam-lhes o trabalho, mas vocês também tinham que pagar a renda de..das casas não era?

P: Das casas...das casas pouco se pagou, parece que só um anos ó dois é que se pagou aí a renda das casas, alguns não pagavam nada. E aqueles que pagavam tiveram que as arranjar, tiveram que pagar vinte escudos por ano.

JR: Mas quê tiveram que..quem é que as arranjou foram ele ou foi o Marquês é que as arranjou?

P: Foram eles mas o Marquês é que..é que dava a telha e é que dava a madeira e eles acarreavam na pedra....tinham juntas de vacas acarreavam a pedra.

JR: Com as juntas de vacas carregavam a pedra para cá...

P: ...Pois....

JR : Então e..e as hortas..as hortas aí as pessoas também precisavam de pagar renda por elas ou...

P: ah!...tinha..tinham...o que estavam a cultivar tinham que pagar, pagavam semente, não davam..não davam dinheiro, pagavam semente.

JR: Pagavam em...sim

P: O que a gente lá colhia é que..é que pagavam.

JR: Ficavam com um bocado para vocês e davam..e pagavam...

P:...Pois claro....

JR: ...ao Marquês.

P: O Marquês é que..é que dizia o que deviam dar, a renda, se eram dois alqueires ou se eram três o que é que era, agora não sei, agora não pagam nada...também cá não fazem nada.

JR: Agora já não pagam nada, não é?

P: Desde que entrou o 25 de Abril pronto, tudo acabou.

JR:Acabou...e nessa altura...

P: Se calhar por lá não é assim, ou é?

JR: Por lá por onde?

P: Pelas outras povoações.

JR: É, também é, já nem..já não..já não se paga assim ao..às pessoas....

P:...A torto e a direito...

JR: É, as pessoas normalmente têm..têm a sua terra e pronto....

P: ....ah pois... as que têm um bocadinho não pagam nada \_\_\_\_\_ décima  
\_\_\_\_\_ é décima.

JR: A décima pois

P: Era como a gente aqui..aqui a pagar \_\_\_\_\_ uns bocados donde se \_\_\_\_ a semente é como que era a décima.

JR: Pagavam..e..à..era como se fosse a décima pois mas pagavam em semente não era...

P: ...Pois era semente...

JR: E o que é que lá cultivavam?

P: Ou trigo ou centeio

JR: Aqui à volta eram campos de trigo e centeio

P: Pois...aqui tudo em volta semeavam e agora, agora não, está cá..está cá esta porcaria dos eucliptos pronto.

JR: Pois... E..e..então e as pessoas não..o que é comiam, não tinham..tinham hortas...

P: ....Ai! O que é que comiam....

JR: ...semeavam couves e assim ou compravam...

P: Naquele tempo a gente fazia hortas aqui..aqui por aí a fora estava tudo cheio de hortas até ao fundo.

JR: Mas as terras também eram do Marquês...

P: ...Pois....

JR: ...era tudo dele

P: era tudo dele. Até além à fonte Sobreiro era tudo dele.

JR: Hum Hum. Então e o.. o que é que se lembra de..o que é que se lembra assim de quando era nova conte-me...

P: Ai! O que é que se lembra?...

JR: A senhora há-de..há-de se lembrar de alguma coisa não...

P: ....êêê sei lá....

JR:.... histórias de quando era pequena, o que é que se lembra da sua vida..da sua vida enquanto era..enquanto era uma rapariga nova.

P: ÊÊÊ sei lá...já não me lembro de nada...já estou esquecida.

JR: Acho que se pensar um bocado....

P: Qual descansar, isto não é..isto não é cansamento, é que a gente não sabe, não se lembra, não sabe o que há-de dizer.

JR: Mas é o que eu lhe digo, pode dizer tudo o que quiser.

P: O que é que hei-de dizer....

JR: Conte-me o que é..o que é que faziam quando era pequena, o que é que...

P: O que é que fazia?, brincava, brincávamos umas com as outras

JR: Andavam aí a brincar umas com as outras era!

P: Pois claro

JR: Mas também..também trabalhavam, ou não?

P: Ai trabalhava pois. Quando a gente..quando não tinha a gente aí uns treuze anos quatorze anos não trabalhava.

JR: Só a essa idade é que começavam a trabalhar...?

P: Poi...

JR : Trabalhavam também aqui no centeio era?

P: Trabalhávamos para o Marquês e íamos para os caseiros, eram pessoas que tinham assim terrenos pa..para cultivar, semeavam as sementes, semeavam milho ó feijão e a gente para lá.

JR: E depois pagavam-vos era?

P:Poi

JR: Pagavam o jornal era? Então e o..o que é que brincavam por aí ainda se lembra?

P: ÊÊÊ sê lá...já não...já não sei de nada.

JR: Já não se lembra é?...

P: Já não sei de nada.....dos a(e?)ntes passados.....Há pessoas que tudo fica na memória mas eu, eu esquece-me, esquece-me....pronto.

JR: As coisas vão-se-lhe da Cabeça é?

P: É capaz de vir alguma trovoada hoje, não?

JR: À vezes quando está assim este sol....

P: ...Ái ontem..eu ontem ainda dizia que ainda vinha

JR: Às vezes quando está assim este sol..este sol forte às vezes..`as vezes vem mas não....

P: \_\_\_\_\_ pelo menos dois ou três dias como é dado

JR: Chuva....? Em Lisboa também.

P: Chuva e pedrisco, aqui prabaixo que as linhas ficaram darrotadas

JR: Lá em Lisboa..em Lisboa também, também choveu imenso.

P: Aí é onde chove..aí é onde chove mai muito.

JR: Pois, chove mais do que aqui é verdade..é verdade, lá chove..chove bastante.

P: Ná o tempo..o tempo não tem andado ruim, tem andado bom

JR: Agora é a altura..é a altura de começar assim a ficar calor é.

P: Mas agora..agora muita água não se precisa cá porque quem cortou os fenos, é preciso semear o feijão e tão ódepoi?

JR: Agora nesta altura já não..já não é precisa não

P: Já estamos aquase em Maio

JR: Então e estas casas estavam todas ocupadas quando era..quando era pequena

P: Estavam, algumas estavam, outras não.

JR: Outras já não estavam..eram..para..para guardar mantimentos, eram?

P: Já tinham..já tinham morrido alguns já as tinham deixados

JR: Quando a senhora era pequena?

P: Poi...

JR: Então e depois as pessoas..quando é que as pessoas se começaram a ir embora de cá?

P: Foi quando andaram aqui uns fogos na serra

JR: Foi...lembra-se ainda quando é que isso...

P: Com medo.. com medo que viesse o fogo..que chegasse aqui o fogo às casas, algumas para o Rosmaninho outros foram para Santo Estêvão, Hé...

JR: Lembra-se quando é que isso foi, não?

P: Isto já uns pares de anos. Já uns pares de anos já.

JR: Quando é que as pessoas deixaram de cultivar aqui a..as terras às volta?

P: Ah isso foi quando o..quando o..o Rocha tirou aqui.. tirou aqui os terrenos

JR: Quem é que era o Rocha?

P: Era o que estava aqui no Burrinho.

JR: No Burrinho?

P: Poi...

JR: O Burrinho era uma terra?

P: Ai...o Burrinho er..casas como há aqui assim, uns pares de casa. Mas estava lá aquele, primeiro esteve lá um que se chamava o senhor António Maria, esse era muito bom, ódepoi veio aquele, não sei de onde é que era, veio pra aí esse, esse também não era ruim, mas o..os lacaio que cá tinha é que era..é que eram os ruins.

JR: O que é que eles fizeram?

P: É que o picaram pa..para ele ser ruim para o pessoal.

JR: E eles queriam..queriam os terrenos era?

P: Eles não queriam os terrenos, eles queriam que o pessoal andasse sempre debaixo dos pés deles. Eles a mandar por cima e o..os desgraçados debaixo dos pés deles.

JR: E quando é que..quando é que eles plan..como é que eles fizeram para..quando eles semearam os eucaliptos como é que as pessoas..as pessoas...

P: Ah...então as pessoas..já cá não havia ninguém.

JR: Já cá não havia ninguém quando semearam os eucaliptos foi?

P: Só cá estava eu, só cá estava eu o Zé António, acho que já ca..a Matilde já cá não estava, mais de resto estava o pessoal para o Rosmaninho, outros arrajaram as casa ali pra baixo, no Moínho Velho.

JR: Tinham-se ido embora por causa..por causa dos fogos?

P: Por causa dos fogos e por causa de..de tirarem o..os terrenos.

JR: Como é que eles fizeram para tirar os terrenos?

P: Ai...meteram aí o gado do cimo ao fundo e comeram tudo.

JR: Ai meteram o gado nos terrenos das pessoas, foi?

P: Pois claro, tudo semeado, tudo semeado de milho e feijão e..e couves, nabos, tudo semeado ele comeu tudo; e..e trouxeram aí a guarda para as pessoas se lá não meterem...ai camarada....aqui...aqui sofreu-se muito.....Aqui sofreu-se muito. Daqui a um bocadinho além para o pé da..para o pé da Fonte Sobreiro e aí para diante, quer dizer além não folh...não queimo...não comeu lá nada aqui por aí acima é que comeu tudo, mas para além deixou.

JR: E as pessoas como é..como é que reagiram?

P: Ah, como é que reagiram?,...as pessoas deixaram os terrenos. Agora ódepoi que veio o 25 de Abril é que já não houve nada. O \_\_\_\_\_ já tinham abalado, pronto.

JR: Isso foi antes do 25 de Abril então, que puzeram cá o gado nos terrenos?

P: Ainda é antes, ainda foi antes.....aquilo era um co..era um grande corno o filho do diabo.

JR: Já era casada nessa altura?

P: Já, já ao tempo, já tinha que ter o meu filho em Lisboa. Já estava nos correios.

JR: Ainda cá havia muita gente, quantas pessoas é que cá havia quando eles meteram aí o gado nos terrenos?

P: Ainda cá havia muita gente

JR: Isso foi antes ou foi depois dos fogos?

P: Oi...muito antes dos fogos

JR:Então foi logo aí que começou..que começaram algumas pessoas a irem-se embora?

P: O fogos foi..ainda foi muito antes de vir o 25 de Abril, muito fog..muito antes.

JR: E o gado.. e eles meterem aí o gado ainda foi antes?

P: Pois

JR: Então ainda..foi logo daí que se começou..que se começou a ir gente embora, não é..não foi?

P: Não, o pessoal não abalava, o pessoal daqui não abalava, se não calha aí os te..se não calha aí a meter o gado o pessoal não abalava. Conti..continuavam eles a fazer..a arranjar as casas a telha-las e não abalavam mas assim, como ele tirou tudo...

JR: Ficaram sem terras

P:Ficaram sem \_\_\_\_\_. Então o trabalho é que nos governa, não é mais ninguém. A terra é que nos governa a nós, e nós pra terra nos governar temos que trabalhar nela. Ainda ontem..ainda hoje fui com uma criatura que hora em morrendo este que cá há assim mais, destes de 60 anos e 70 já morre tudo, à fome, eles não trabalham.

JR: Não trabalham no campo mas lá hão-de ter os seus trabalhos.

P: Ah...mas é se há. Tão agora você anda..anda a..anda a estudar para não trabalhar nos terrenos então mas se não dá como é que há-de ser?

JR: Se quê?

P: Se não dá, se...

JR: Ah se não arranjo emprego?

P: Se não dá para se..para se governar então como é que há-de ser?

JR: Pois...

P: Tem que a gente trabalhar, tem que a gente cavar a terra e..e semear. Ó....isto está mais mal do que a gente pensa.

JR: Já foi à flor da carqueja...

P: Esta foi no outro dia trazia-a aqui no bolso do avental\_\_\_\_\_.

JR: Quantos anos é que tinha quando se casou?

P: Tinha ali..tinha ali ca, tenho ali uma caixa dela....

JR: ...Ai de..de...

P: ....A secar....

JR: ...De chá a secar...é bom, é.

P: Aquece-se um bocadinho de água pra faze..prá gente fazer os chás.

JR: hum hum. Quantos anos é que tinha quando se casou?

P: Vinte e quatro...

JR: Tinha 24, era? Quase a idade que eu tenho hoje.

P: Tão também está no an..numa\_\_\_\_\_idade

JR: (Sorriso) mas ainda não...

P: Ainda não pensou em nada disso.

JR: Ainda não me devo casar pronto.

P: (Riso) Ai...do que a gente sabe hoje vale mais estar solteiro. Juízo (jesus?) não há, vergonha não têm nenhuma, não têm consideração...não têm nada... tanto faz estaram..estaram casados como estaram..como estarem juntos.

JR: E o seu..o seu maridoera aqui do....

P: Era aqui do Tojo.

JR: Como é que se..Conhecia-o desde pequeno? Conhecia-o desde pequeno?

P: Ai... Desde pequeno.....ele já era grande quando..quando eu o comecei a conhecer.

JR: Então aqui a terra era pequena devia...

P: ...Tão pequena, a terra era..era como se vê nas casas.

JR: Era como é agora pois.

P: Pois claro, só estavam..estavam arrançadas. A gente todos os anos as barrava, deitava-lhe assim um é como que era cal, aquilo nem era cal era barro branco.

JR: Barro sim...

P: Barro branco. Agora já ninguém..já ninguém faz caso...

JR: Pois aqui já não.

P: \_\_\_\_\_ não há forças, não há nada.

JR: E o seu marido era..era mais velho ou era mais novo do que a senhora quando se casaram?

P: Era mais..mais velho do que eu, muito mais.

JR: Tinha quantos anos?

P: Sei lá.

JR: Já não se lembra é?

P: Já não me lembra.

JR: E o...e depois o..os seus filhos..quantos anos é que tinha quando teve o seu primeiro filho?

P:Sei lá. Até que tive o primeiro filho não tinha nenhum. E estes aqui, não eram..não eram do Marquês.

JR: Estes quê?

P: Isto era..era..era de um senhor que se chamavam-no o ban..o..o manco, o manco, mas quem é que se lembra disso, alguém se lembra?

JR: Mas e a senhora ainda se lembra.....

P: ...Nem os..nem os...

JR: ...ou contavam-lhe?...

P: Nem os que cá estavam. Nem os..nem os out...nem os de mais gentios se lembram. Se lembram agora disso...era o senhor manco, o senhor manco, o senhor manco, ódepoi o..o Marquês é que desac..é que des..é que deitou unhas nisto.

JR: Se calhar comprou, não? Ao senh....

P: Ai comprou, agarrou!

JR: Ficou para ele...

P: E ista aqu..isto não era dele, isto aqui..isto era..isto era..isto era forro, desde a estrada para cima era tudo forro

JR: Era tudo...?

P: Forro, foro.

JR: Foro? O que é que isso quer dizer?

P: Que er..que era..isto aqui que não tinha ninguém...

JR: ...Ah...

P: era nhano. (Tosse) Isto era lhano, ódepoi foi agarrando, foi agarrando, foi agarrando depois foi agarrando com o pôr das estacas, pôs oliveiras, pôs oliveiras e agarrou tudo.

JR: hum, hum..

P: Ódepoi punha marcos aqui e além, aqui e além andava então então com..com os guardas a pôr os marcos.

JR: Ainda se lembra disso?

P: Ai!....Então não lembro...À se lembro.

JR: Então e a..as pessoas trabalhavam para quem antes? Trabalhavam para esse pro..pro..pro manco, era?

P: Bom aquel..aqueles antes eram capaz de trabalhar..de trabalharem pro manco.

JR: Sim...

P: A gente agora é que já não, agora é que trabalhava para este

JR: Pro Marquês? Sempre que se lembra os seus..os seus pai trabalhavam pro Marquês então?

P: Poi, praqueles senhorios

JR: E a senhora tinha quantos irmãos, quantos irmãos é que eram?

P: Éramos cinco

JR:E viviam todos na mesma casa, a dos seus pais?

JR: Se viviam todos ao pé dos seus pais era? Todos na mesma casa.

JR: Como é que se chamavam os seus irmãos?

P: Êêê sê lá já....uns eram..um era José, outro era Manel, outra era Maria, outra era Amélia, ÀÀÀ uma catrosinada deles

JR: Eram cinco conseguiu ou cinco...

P: Eram cinco comigo

JR: Cinco consigo sim. Os seus irmão depois foram morar para outras terras ou...

P: Poi

JR: A Senhora era quê, era a mais velha ou...?

P: Eu era a irmã mais velha, eu era a irmã mais velha.

JR: Então ainda teve que os ajudar a tratar

P: O meus irmãos ca.casaram três para Santo Estêvão e uma pro Rosmaninho. E eu é que fiquei aqui...fiquei aqui por causa de minha mãe,porque minha mãe queria..queria-me aqui à roda dela, que não não ficava aqui.

JR: A sua mãe queria-a aqui era?

P: Poi

JR: E porquê?

P:Porquê?! Porque era para ajuda..era para eu..para eu estar ao olhar dela.

JR: Para estar...?

P: Para estar ao olhar dela.

JR: Ao olhar dela?

P: Pois claro.

JR: O que é que se lembra da sua mãe?

P: O que é que me lembro de minha mãe?

JR: Sim dos seus pais o que é que se lembra..o que é que se lembra deles?...Como é que era viver assim nessa altura?

P: Ai viver, ai coitado, viver, viver, viver mal. Em tempos não era como agora, em tempos vinha meses e meses e a água a cair e a gente ali em casa sem ganhar nada. Ali é que era uma tristeza, agora..agora..agora neste tempo agora..agora têm o que querem, são ricos. Basta-se dizer que só o abono, só o abono que se ganha dá para se governar.

JR: Hum hum...

P: E naquele tempo nada, não tinham abonos nenhuns, era só algum jornal em que ganhavam pronto.

JR: Mas governaram-se....

P: Éh...mal. Governavam-se com fome. E agora não agora é...carne disto, carne daquilo e é lambidela disto, lambidela do outro, ora...é o que querem e de toda a maneira morrem à mesma. Ainda morrem mais. Dantes ning..nem se ouvia dizer que iam a uma pe..que iam a um médico, nem que iam a um barabeiro nem nada, agora                      dos médicos e mal comidos, mal comid..mal pensados.

JR: Mal quê?

P: Mal pensados.

JR: Mal pensados porquê?

P: Porque pensaram (passaram?) mal

JR: Ah...

P: Pois claro

JR: E os seus irmãos depois foram-se embora daqui, casaram e foram viver para outros lados...?

P: Casaram-se e morreram lá nas terras..ai nas terras deles..o meu irmão Manel esteve não sei quanto..não sei que tempo esteve..esteve no hospital, teve uma trombose, ficou sem fala, esquecido do..do corpo todo, esteve em Castelo Branco alguns quinze dias, daí levaram-no pra..acho que pra Sarn..Sarnal....pra Sarnad pra um lar...

JR: ....Hum, hum

P: ....lá morreu. E o Zé morreu cá. (...) A pobre vida bem pensada é um romance dos melhores que pode haver.

JR: Ai é...?

P: Então não é?

JR: Então está a ver, mas é..é esse romance que eu quero que me conte.

P: Ah...(ri-se) Tão e os romance é assim é a gente sofrer sabe Deus o quê. Queria para comer n..é como que não o tinha, queria para vestir não o tinha, queria para calçar não o tinha, os romances são estes.

JR: Pois é verdade..

P: Ah..Eu antes não queria saber as coisas do que sabê-las

JR: Antes queria...?

P: Antes as não queria saber.

JR: Ah...

P: Porque há pessoas que nunca passam nada disto

JR: Mas é por isso é que é..as pessoas que passam as devem..as devem contar, não é? Que é para as outras pessoas saberem que nem toda a gente passa bem.

P: Ah! Mas há muitas que nem contam, há muitas que nem passam..nem passam mal, há sempre bem. E são amigas da colher, amigas da colher, amigas da colher. Estas pessoas não são boas.

JR: São amig...

P: A gente deve pensar em fazer sempre bem, não é em fazer mal. Porque se faz mal quem é que..quem é que o sofre? É a alma. O corpo não sofre nada, o corpo vai para debaixo da terra pronto. Eu já vi contar assim a história

aquilo são coisa que Deus..que Deus já deixou escrito diz que : Onde vais tu ó alma meu fiel companheiro, toda a vida andaste comigo agora deixas-me desta maneira, tu corpo que , nem és cinza nem és pó, eu vou dar conta do\_\_\_\_\_ não me hei-de encontrar só, \_\_\_\_\_ os meus apetites \_\_\_\_\_,

tudo quanto deixares no mundo eu por ti pagarei. A alma é que paga tudo, não é o corpo. Isto foi a..foi a..a alma a despedir-se do corpo.

JR: Quem é que lhe ensinou isso?

P: Ai..ouvi.

JR: Ouviu, é daquelas coisas que se ouvem

P:E..e à pessoas que não contam assim, ainda é maior, mas eu não sou capaz já de\_\_\_\_\_.

JR: Já não se lembra da..da versão comprida.

P: Não a aprendo porque não estou ao pé daquela criatura, quanto não aprendia.

JR: Qual criatura?

P: Aquela pessoas que está lá no Rosmaninho. E eu ouvi-a lá.

JR: Ah... Foi uma pessoa do Rosmaninho que..que lhe contou?

P: A gente está aqui ne..está aqui num ermo não ouve contar nada, não sabe de nada. Por lá tudo se sabe. Por lá sab..sabem muitas coisas, a gente é que não sabe nada.

JR: Mas depois quando lá vai contam-lhe...

P: Às vezes, às vezes contam. Vou à missa, logo ontem era para ir à missa não fui, pensava que n..pensava que a missa não e..era aquela hora. Porque hoje é a festa da Senhora \_\_\_\_\_ lá do outro lado na Ribeira. E eu pensava que primeiro dissesse ele ali a missa e ódepoi fosse lá a dizer a missa à..à Ribeira. Mas não, a missa ali foi ao meio dia, ódepoi fui pra casa du..duma prima minha de...dum primo a minha prima já morreu. Não o sabia entreti-me lá, entreti-me lá, quando de lá vim estavam eles a sair da missa.

JR: E essa...essa ...essa sua prima também era..também era aqui do Tojo e foi pro salvador ou...

P: Era do Rosmaninho...

JR: ...era do Rosmaninho....

P: ...Era ela e a mãe e o pai. O mê pai também de lá era.

JR: Ah o seu pai também era do Rosmaninho?

P: Era.

JR: A sua mãe é que era...

P: ...é que era aqui do Tojo....

JR: ...a sua mãe é que era qui do Tojo. E a sua..a sua mãe tinha irmãs?

JR: Se a sua mãe tinha irmãs?

P: Tinha..tinha uma irmã e tinha três irmãos.

JR: Então tinha muitos tios

P: Ai...tinha duas irmãs..duas irmãs e três irmãos, é que era.

JR: Todos aqui do Tojo?

P: Todos aqui do Tojo.

JR: Havia aqui..havia aqui muita gente.

P: Havia cá muita gente homem..ai....então isto é como é que era aqui um povo. As casa é que era..é que eram velhas, que era..eram antigas, se as casa estivessem arranjinhas com um telhado novo como é que pareciam?

JR: Pois..

P: E assim não. Está tudo esbarrondado. E eu onde me sinto melhor é aqui.

\_\_\_\_\_ é mentira , já estive em Lisboa \_\_\_\_\_ mês, já estive ali para Santo Estêvão quase dois anos...

JR: ...Para Santo Estêvão...?

P: Em Santo Estêvão naquilo do meu compadre. Faltaram três meses para dois anos.

JR: Ah Santo Estêvão...foi mesmo em Santo Estêvão ou foi lá ao pé?

P: Ai vim lá de baixo da casa..da casa do meu filho ali pra..pro..praquilo da minha comadre. Eu n..eu não podia abrir a porta tinha..esta mão..esta mão dei cabo dela. Ódepoi vim dei cabo desta aqui, esta aqui\_\_\_\_\_tinha aqui aleijada, não sou capaz de esticar os dedos .

JR: Então e gostava mais de estar lá ou gosta mais de estar aqui no Tojo?

P: Eu gostava mais aqui logo..logo uma criatura disse pro mê filho “ Ó..ó Francisco tu tira daqui a tua mãe, olha que a tua mãe morre aqui seca, tira-a daqui que el..ela morre aqui seca como as palhas” tão mas estava em Lisboa “olha leva-a para onde ela esteja melhor, ou para Santo Estêvão, ou para o Rosmaninho ou para o Tojo, onde ela se sente melhor é que a hás-de levar”.

JR: Ah isso quando a senhora estava em Lisboa...

P: “Se não aqui morre cá, e depois \_\_\_\_\_tira-a de cá quanto mais depressa melhor” porque a minha nora era ruim, eles já sabiam o feitio dela e..e avisaram o meu filho.

JR: E a senhora onde é que gostava..desses sítios todos onde esteve onde é que gostava mais de estar, era em Lisboa, era aqui no Tojo, ou era...?

P: Ê quero dizer..eu lá em em Lisboa gostava mais, porque o mê filho tinha lá um retiro muito bom, tinha lá uma casa ma..mas uma rica casa, e tem, aquela também a fez ele coitado, comprou lá um bocado e fez lá uma vivenda

JR: Hum hum

P: E tinha assim um quintal..tinha um quintal assim comprido, ai....muito mai..quase tão comprido como aqui..como aí ao fundo das casas. Tinha tudo cheio, tudo cheio de árvores: videiras, pessegueiros..tinha lá..um..tinha figueiras, tinha...poi também tinha pessegueiros poi, tinha lá..ainda tinha mais só que não me lembra como é que era. Tinha lá um diospiros não sei se era mais alguma coisa se não, ameixoeiras essas \_\_\_\_\_mas são muita boas

JR: Pois são...

P: Ê comia lá muitas, enquanto lá estive.

JR:E depois gostava..gostava de estar ao pé do seu filho?

P: Eu gostava de lá estar porque ele..aquele coiso também era bom, à uma tinha por onde me estender, ó a semear, ó a sachar, ó a regar tinha por onde me estender, e ódepoi vim para ali a guardar cabras.

JR: Quando foi para o pé do seu compadre...

P: Poi. Inté que vim para aqui e..já podia abrir a porta, vim para aqui. Eles não queriam que eu de lá abalasse,muito lhes custou a eles que eu de lá abalasse

JR: De ao pé do seu compadre. Em que terra é que era?

JR: Em que terra é que..é que..é que ele vivia??

P: Ele estava além para diante ali pro..pro cimo de Nov..Novais

JR: Novais sim....

P: Cá para cima chamavam os Boieiros.

JR: E esteve lá quase dois anos foi?

P: Estive lá quase dois anos, faltaram três meses para dois anos.

JR: Mas o..o seu compadre era o..era quem..era o....

P: Era José Belo

JR: Sim mas e..ele é seu compadre porquê? Era pai de...

P: Era pai dela.

JR: Ai era o pai da mulher do seu filho

P: Pois

JR: Ai eles não queriam que a senhora abalasse de lá?

P: Se eu tinha lá tudo para guardar, eles não guardavam.

JR: Dava-lhes jeito também

P:Dava-lhes jeito não queriam que eu de lá abalasse

JR: E a senhora quiz abalar de lá foi? Quando..quando se viu com forças...

P: Eu abalei de lá porquê, eu não podia aguentar tanto trabalho.

JR: Ah..

P: Eu quando para lá fui logo mo disseram, olha vens pra cá, tu estás cá bem, o comer não te falta, mas o trabalho ainda te falh..ainda te falta menos. Pode contar que o trab..o comer não te falta mas o trabalho ainda te falta menos. Trabalho é tudo quando pode. E era verdade. Ódepois se a gente pode com as mãos, pode trabalhar com os braços ainda vá, mas se não pode?

JR: Pois...

P: Se não trabalha Á porque ela é ma(n?)donga, à porque ela é assim, à porque ela é assado, óóóó..... eu já os cá tinha grossos.

JR: Por isso veio-se embora...

P: Vim-me embora. Vim cá um dia a..a lavar...a...a lavar...a..estas furdas e ele quando for...quando foi que fui para lá..eu tinha lá dois caldeiros, dois baldes de plástico e trougue-os para cá, quando eles viram que eu que não..que já para lá não tornava a voltar foi quando eu cá deixei os caldeiros

JR: Ah...

P: Se não nem pensavam.

JR: Julgavam que ainda voltasse para lá?

P: Poi..Poi. E ódepoi ele e a filha queriam-me lá esfarrapar, a filha dele queria-me lá esfarrapar.

JR: Porquê?

P: Proquê?...por nada, porque o meu filho tem lá..tem tudo assim em volta videiras, quintal..tudo em volta do cimo ao fundo de um lado e de outro e cria lá uma pinga de vinho, e comprou lá um..comprou lá uns pipos desses de madeira e ódepoi quando quando eles queriam-se vir embora parece que um dia ou dois antes e o meu filho deixava-os ali, disse “Ó filho não deixes aqui os pipos, olha que salta um gatuno aí pro..pelo portão...

JR: ...Hum hum...

P: ...e rouba-te-os, e ódepoi?, vais a comprar mais? Arrecada-os lá pa dentro da loja, ficam lá bem. Ela não queria! Lá não disse nada, mas quando chegou aqui aquilo do pai “\_\_\_\_\_ por causa, por causa dos pipos, por causa dos pipos é que eu ando metida num inferno, por causa dos pipos é que eu ando metida num inferno!” e foi direita a mim para me esfarrapar home. Disse –me assim: “se não fosse..fosse por ser quem fora..quem conforme é já a aqui esfarrapava”, foi o pai traçou-a acima pela cintura sentou-lhe o cu no chão, tanto berravam uns como os outros. Tão mas eu tinha alguma culpa que o meu filho \_\_\_\_\_ os pipos?

JR: Pois...

P: Por causa \_\_\_\_\_ mas com ele morra! Não venha cá pa..pra lho perdoar que não perdo. Fui pra lá enquanto pude ajuntei-lhe ali uns poucos de montes de esterco, tinha lá a garota a garota ainda era pequenota, parece que tinha uns oito anos...

JR: A garota..quem é que er...a garota era que...era a sua...

P: Era a minha neta

JR: A sua neta

P: Dizia assim: “ Ó avó, ó avó se você quisesse ia mais eu ali à..à serra” , “ ó filha que vou eu lá fazer?, eu não posso com nada”, “ó avó leva um saquinho..leva um saquinho desses de asa e traz..e traz o..estrumo.Para estrumarmos aí o..” não sei como é que ela chamava. Era assim em volta das parreiras...

JR: Hum hum...

P: ....por aí a fora. “Leva um saquinho e..e você traz o esterco e eu apanho pinhas.” Mansas eram pinhas mansas. Bom, lá fui, a garota levou-me assim aquele caminho lá fui. Em primeiro ainda levava assim um saquinho trazia-o cheio de estrume, ódepoi ja de..já dei em pôr..em descer com..com meia saca de estrume era..já trazia meia saca de estrume. Inté que pude com uma saca de estrume..a gente tinha lá três montes mas já eram já três montes bons e não parava ali uma hora assentada. E ódepoi o meu Francisco disse assim “Ó..ó ti António” era

um...era um..um vizinho dele e era primo “ Minha mãe não pára nem um bocadinho, anda senpre a andar, sempre a andar” , “Ó Francisco não te importes que tua mãe ande, quanto mais anda melhor. Se ela se põe quieta então é que..que já..já não tiras nada dela, já morre. E assim vai andando, vai andando, vai secando os nervos....

JR: ....Humm...

P: ...e era verdade.

JR: É verdade é.

P: Uma pessoa ficando quieto pronto, os nervos já..já..já se não esticam.

JR: Isso lá na casa do seu compadre ao pé de Novais?

JR: Isso foi onde foi lá..isso dos...

P: Onde me disseram isto foi lá em Lisboa

JR: Ah em Lisboa. Mas on..e onde é...onde é que apanhava lá os montes esterco? Era em Lisboa também?

P: E..Era lá em Lisboa.

JR: Ah julguei que fosse lá no...

P: Era lá em Lisboa porque a casa do meu filho está por exemplo, por exemplo além e a serra está assim para esta parte aqui.

JR: Hum hum...

P: É como que é..é como que é um lombão que vai assim por aí abaixo. E naquela serra havia lá assim..á como é que?...saragaços..havia lá saragaços e a gente assim por baixo acarrega aquele esterco.

JR: Como é que se chamava a terra onde o seu filho vivia?

JR: A terra onde o seu filho vivia como é que se chamava mesmo?

P: Ai agora não me recorda..ali chamavam-lhe o Alto \_\_\_\_\_mas ele não é Alto \_\_\_\_\_ agora é que não me lembra o nome.

JR: Mas era..era..era ao pé...

P: Era..era Costa da Paca.. da Pacarica.

JR:Hum hum

P: Mas o meu filho fica praqui e a costa fica assim naquela parte de além

JR: Fica ali para aquele lado, sim...

P: Fica daquela..da tal onde havia o estrume assim para trás. Ali há muita fábrica, telha,ferro, havia tudo. E ali esparecia muito porque eu não parava lá em casa. Eu não gosto esta..estar de quieto, uma pessoa quando está de quieto já não tem valor nenhum.

JR: Há quantos anos é que o seu filho vive lá em Lisboa?

P: Ai ê sê lá já. Já não sei. Mas que é tinha 17 anos quando para lá foi. Já aí há uns cinquenta e...há uns cinquenta e..tal anos, aí cinquenta e quatro cinquenta e cinco.

JR: Quantos anos é que ele tem agora?

P: Já tem ciquen...cinquent e três conquenta e quatro anos. Se não tiver já cinquenta e cinco.

JR: E ainda não tinha dezassete anos quando foi lá para Lisboa?

P: Nós não queríamos que ele para lá fosse, mas o tal rapaz, o tal rapaz que eu digo quando estive a...que avisou o meu filho é que nos disse “Ó..ó Ti João” o meu homem era..era João “Ó Ti João deixe-o vir, deixe-o ir para o pé de mim que est...vai..vai..vai entregue, ao pé de mim está bem, vai para a minha casa, eu faço tudo o que posso, eu meto-o lá nos correios que está lá bem” mas esta lá um..um..estava lá um...um primo dele, que é aqui daquela mulher que está ali me baixo, ruim como a puta que a pariu, ensinou-o às avessas. Pela vez de ensine...ensinar para além ensinava para ali.

JR: Isso lá em Lisboa...

P: Poi. Por causa dele partiu lá um braço e fez um furo na barriga.

JR: Fez um furo na barriga...?

P: Por causa de um cão, por cau..ele..ele andava..andava de mota..andava de bici..biciclete, bicilete...

JR: A distribuir as cartas...

P: Poi... e aquele cão na vez do ensinar bem, que era primo, ensinou-o mal. Aquele puta que o pariu é outro tal como a mãe.Ainda outro dia a..aquela vizinha que eu ali tenho em baixo ela não se pode mexer coitadinha, ela só da..na cadeira vai assim prrrec prrrec prrrec (som de arrastar a cadeira), na cadeira prrrec prrrec que ela não se pode empinar...

JR:...Hum hum....

P: ...só assim, só assim é que anda. Chegou lá à porta dela aquilo encomendou-a ali, encomendou-a ali, apareceu lá a pita cocha, uma velhinha dela...

JR: ....Sim...

P: Protestou que tinha sido o irmão que a tinha...que a tinha fechado, atormentou ali a mulher que eu nem sei lá. Ela disse “Já me agarras..já me agarras presas se não me agarrasses presa hoje já ficavas aqui estendida”.

JR: Hum hum

P: Então ali à porta dela, matava-a ali puxava-a para casa. Ela comia ali..comia uma tralhada mas era uma tralhada. É muita ruim, muita rui aquela criatura. Só tem ali um irmãozinho anda mal com ele que aquilo eu sei lá, capaz de se matarem um ao outro.

JR: Às vezes...

P: E tanto como ela..tanto como eles \_\_\_\_\_ morreu-lhe o homem ele é que tinha..ele é que lhe tinha que lavar, ele é que tinha que semear, ele é que tinha que fazer tudo. E agora leva assim aquela paga home.

JR: Então e a..a senhora quando o seu filho foi para Lisboa não ficou triste do seu filho se ir embora daqui?

P: Ah...Não fiquei triste...? Eu o que queria era que ele ganhasse, é que ele tivesse..tivesse onde eu fiquei aqui. Se ele não fosse para o pé de boa gente...

JR: ....Hum hum....

P: .....eu custava-me muito mais. Mas ele foi para o pé de boa gente, primos e tudo, e ele..e ele estimava-o lá como...como se fosse filho. Era ele primo e a mulher prima.

JR: Aqueles para o pé de quem ele foi...

P: Poi

JR: E ele quando estava aqui no..ainda aqui no Tojo o que é ele cá fazia?

P:Quem?

JR: O seu filho, quando...

P: ... Ai....

JR: ....ainda vivia aqui no Tojo. Não trabalhava aí?

P: Trabalhava aqui...ai com uma enxada a cavar vinhas. Ai camarada, agora assim a vocês não se lhes acontece uma coisa dessas .

JR: Pois não...

P: Ah.....

JR: Ainda aí havia muitos..muitos rapazes nessa altura e raparigas por aqui ou...?

P: Tudo!, estava tudo cheio ainda.

JR: Ai era quando o seu filho era novo ainda isto aqui estava cheio de pessoal era?

P: Olá...ele podia ter casado com uma rapariga, puxaram-no para além pronto. \_\_\_\_\_.

JR: Puxaram-no para além, para aonde?

P: Para Santo Estêvão.

JR: E depois foi lá que arranjou a...a mulher.

P:Ele..ele já estava em Lisboa quando o para lá puxaram.

JR: Quem é que o para lá puxou?

P: Ai!...foi o..um Paulo um...um filho de um Paulo que aí estava.Paulo Gaspar. Ele..ele casou com uma filha ali do Ti Zé Rato. Olha que não foi para lá pa..não foi casar com aquela, já sabia como ela era, puxou para lá o meu.

JR: A senhora preferia que ele tivesse casado aqui com uma moça do Tojo era?

P: E era..e estava..estava ele melhor e estava eu melhor.

JR: Estavam os dois melhor...

P: E elas queriam-no, e elas queriam-no mas puxaram-no para além, puxaram-no para além para lá foi. E ódepoi o meu homem também era....também era assim amode...o que queria era riqueza, pensava que ele..que ele que tinha..tinha lá muita riqueza. E ele logo lhe disseram “Ó João olha que o Zé Belo com o que tem come um almoço, se o for a vender come um almoço”. Tinha lá umas fazendazitas mas ele também as comprou, que ele também não herdou, também as comprou. “Olha que ele o que tem..o que tem come um almoço, se o for a vender come tudo um almoço, não vás à espera que ele o dêem .” Mas o meu João tudo estava na fortuna em casar com aquela.

JR: E a senhora nunca gostou dela foi?

P: Eu só a vi quando cá veio trazer os tremoços.

JR: Os tremoços...?

P: Poi dantes..dantes davam tremoços. Em se aprougando(?) os \_\_\_\_\_ davam tremoços.

JR: Como é quen era?

P: Quando..quando se aprougavam quando era os \_\_\_\_\_ davam tremoços, e eles davam o vinho e elas davam tremoços.

JR: Ai era...

P: E..e andavam a dá-los pelas portas.

JR: Essa não conhecia.

P: Ah...

JR: Mas isso era quando..quando..quando combinavam o casamento era?

P: Poi..quando se apro..quando se aprougavam (aprogavam?)

JR: Aprougavam...?

P:Pois.

JR: Não conhecia essa.

P: Então era..era o casamento.

JR: Nunca tinha ouvido essa expressão.

P: Ai... Aqui..aqui sei de tudo. Eu se soubesse o que sei hoje quando ele diz assim: “Ó Mãe veja lá o que eu vou fazer, vomecê já é mulher do mundo sabe mais do que eu.” Disse para mim o meu filho. E soubera o que el..o que ela era não punha lá um pé. Mas eu não sabia..ele não sabia eu também não.

JR: Pois..

P: Se a gente está onde ouve contar as coisas a gente sabe as coisas, a gente está onde não sab..onde não ouve contar nada, pronto. Porque eu se estivesse \_\_\_\_\_ dessa mulher de honra e vergonha eu não estava aqui, eu estava lá ao pé deles, e assim estou aqui..estou aqui numa cabana.

JR: Hum hum.... E o casamento foi aqui..foi aqui no Tojo? Onde é que eles se casaram?

P: Santo Estêvão.

JR: Em Santo Estêvão foi...

P: A nosso terra..a nossa terra é Santo Estêvão. Nos so..nós somo..nós pertenc..nós pretendemos à Gadanha, não é ali a Vila Flor.

JR: É à Gadanha..

P: É à Gadanha...Gadanha-a-Nova.

JR: Só teve aquele filho?

P: Tive dois, mas um..um está no céu, está no céu se estiver.

JR: Há-de estar. Mas morreu ainda era novo?

P: Poi tiraram-mo morto.

JR: Ah..já lho tiraram morto. E...

P: E este..e este..e este aqui também é como que..é como que mo tiraram morto. Que o médico que aí, que me veio a tirar o meu veio aqui também tirar um aqui à..à..a uma vizinha que ali estava e ela disse assim pro médico: “Ó senhor doutor então o menino ainda está vivo?” , “O menino está vivo olhe ali o da sua vizinha é que estava morto, nasceu morto”. Mas ódepois não sei parece que..ele estava magoado dos ferros...

JR: Ah foi com os ferros

P: Com os ferros. E ódepoi estava lá uma vizinha que também era aqui..era mãe da..do tal rapaz que eu aqui estive a contar e estavam sentados ao lume, o médico e elas, estava lá também uma tia minha e estava uma vizinha, e ela disse assim: “ Ó senhor doutor o menino fez ah ah ó senhor doutor o menino está vivo” Deitaram-no ali por cima de uma arca, lavaram-no, deitaram-no de cima de uma arca, de cima de uma toalha, “Ólhe que o menino está vivo”, Deita-lo à água disse-lhe o médico, deita lo à água e di..e diga lá palavras. Inté hoje. Mas o que ele sofreu, o que ele sofreu e ele e eu. Aqui detrás podiam-se lá..podia-se lá com os dois dedos...aqueles buracos...dos ferros e apanhou aqui na perta, apanhou assim aqui e aqui.

JR: O meu irmão também foi tiradoa ferros, também tem uma cicatriz aqui assim na..na cabeça conforme o...

P: ...Pois pois...

JR: ...o ferros passaram, pois e eu eu não fui a ferros mas fui com..com...acho que com uma ventosa...

P: ...Ah...

JR: ...Chamam aquilo a ventosa, mete-se aqui na cabeça e puxa-se, mas acho que o meu irmão não deu assim e teve que ser mesmo a..com os ferros, também ficou assim, partiu a clavícula aqui assim no...

P: ...Ah...

JR: ....neste osso aqui assim e fez assim também uma cicatriz aqui na...

P: ...Então e quer dizer caiu?...

JR: ...na testa. Quem o meu irmão?

P: Sim

JR: Não foi quando....

P: ....Ai tiraram..foi.foi quando o tirou....

JR: com os ferros sim, também lhe fizeram assim...

P: Ooo...isto é uma desgraça, o meu filho chorou tanto tanto tanto, ê sê lá... berrava de noite e de dia, de noite e de dia, de noite e de dia aiii....jesus, dizia o pai do..do tal rapaz que eu lhe estive a contar: “ quando aquele garoto não..não quebrou não há alma nenhuma que quebre”.

JR: Quem é que dizia isso?

P: Dizia o pai do...

JR: ...Ai do rapaz que nasceu na..na mesma altura...

P: Pois. Estava ali pegado comigo, da parte de baixo.

JR: Então e..mas...esse..qual a re..o..o que nasceu morto foi primeiro ou foi depois..

P: Primeiro

JR: Foi o primeiro...pois

P: Primeiro veio cá o..veio cá um que se chamava Senhor Doutor Chora.

JR: Senhor Doutor...?

P: Chora

JR: Chora?!...era um que era...

P: Era ali genro do..do....ai....como é que se chama aquele...tinha ali..tem ali a fábrica...tinha ali uma fábrica e tem, agora não me lembra o nome dele, ele era..era Doutor, ele era genro desse.

JR: E esse veio cá foi?

P: Ai...foram la buscá-lo

JR: Isso do primeiro filho

P: Pois... e este também, também lá foram, este aqui já foi..este já foi o Senhor Doutor Perdigoto. Este também era muita bom o Senhor Perdigoto também era muito bom. Esse é que me disse que eu que não podia ter filhos, “Olhe você acaute-le-se que você não pode..não pode ter filhos”. (...) Mas o que eu tenho sofrido ai jesus ai jesus nem quero que me lembre.

JR: O que sofreu nessa altura?

JR: O que sofreu nessa altura?

P: Poi, nessa altura e..e mesmo agora, mesmo agora ainda ando a sofrer. Porque eles cortaram-me, e eu não soldei. Só ficou assim um pouco de um quase nadinha po..para mo cortar de todo. E eu disse-o ao..disse-o ao..ao médico quando foi.... esper aí que agora não me lembra....quando fomos à junta médica

JR: Hum hum, para a reforma?

P: Poi para a reforma. E ódepois estavam lá uns médicos da Zebreira e eles disseram assim “Ó Senhor Doutor então...” quando eu contei isto, então eles “ é verdade o que a senhora está a dizer?” , “É verdade, vocês é que não viram, só eu é que posso dizer como é que ela ficou”. (...) Eu não podia estar assentada, e tinha que estar só assim de nalga de nalga de nalga de nalga, eu não me podia assentar....e tinha horas que nem..nem podia andar...óóó... o que a gente sofria, nem quero que me lembre sequer.

JR: Que idade é que tinha quando eles nasceram? Quando..quando nasceu o seu filho?

JR: Já não se lembra...?

P: Já não me lembra

JR: Foi quanto tempo depois casar?

P: Então...do primeiro foi ao fim de dois anos, e o..e quando foi que deu este aqui o outro já tinha sete anos.

JR: Hum...já devia ter sete anos nessa altura era?

P: Já já, já tinha sete anos .

JR: Mas....

P: Há pessoas que não sofrem nada nada nada nada, dizem elas que é o mesmo..é mesmo que estão a orinar. Mas há outras...porra! (rimo-nos os dois) Contou-me o doutor..o doutor Perdigoto só está uma em Santo Estêvão é que era como a mim e ainda não era tão apertada. Então os ossos os ossos é que se desão, se os osso se desão tudo vai bem, se não desão pronto.

JR: Foi por isso que depois também não teve mais filhos?

P: Ai não tinha..não tinha só este .

JR: Se não não tinha só este...

P: Não tinha só este

JR: Tinha mais

P: Se calhar a mais outro ainda vinha

JR: Era...?

P: Mas o que é que se há-de fazer?, paciência. Uma..uma mulher ter só um filho é como não ter nenhum, morre aquele pronto, e se tem dois...

JR: Ah não diga isso...

P: Ai não digo isso, digo!, digo. Então eu agora se morrer aquele já não tenho nenhum.

JR:Pois...

P: E quem tem dois tem um. Quem não tem..quem não tem nenh..quem tem só um não tem nenhum. E agora se a Nora fosse boa para mim eu estava bem, estava ali ao pé dele estava bem. E assim...

JR: Sente a falta do seu filho é...?

P: Poi... Se eu fora passarinho via-o todos os dias

JR: Se fora?

P: Se fosse passarinho via-o todos os dias, sabia o..sabia a..sabia o viver dele, sabia toda dele, e assim não sei nada.

(.....)

JR: E o seu marido morreu há quanto tempo?

P: Óóó...já há alguns dezassete anos.

JR: Há uns dezassete anos já?

P: Já fez dezassete anos em Novembro, já vai para dezoito anos.

JR: Quando cá viviam os dois viviam nesta casa ou viviam ali em baixo?

JR: Quando viviam cá os dois no Tojo, quando ele ainda era vivo, viviam aqui nesta casa ou viviam na outra ali em baixo?

P: Estávamos aqui

JR: Estavam aqui nesta...

P: Ele não gostava..não gostava de estar além naquela além.

JR: Não? Porquê?

P: Sei lá!...

JR: Gostava mais desta? E a senhora?

P: Ai eu, eu é igual, é igual. É que aqui esta aqui é aqui mai alegre.

JR: É mais alegre?

P: Tem aqui a..tem aqui a..a coisa..tem aqui a..a cozinha aqui a..mai à porta de casa

JR: Ah...

P: E aquela é mais escura, é mais escura por fora..por dentro.

JR: Pois não..não..não..não tem..não tem janelas não é?

P: Não tem nada!...

JR: ...Só entra..entra a luz...

P: ...Aqui não tem nada...

JR:...entra a luz pela..pela..pela porta.

P: Ou a gente acendendo a candeia, mais nada.

JR: É isso é...

(...)

JR: Então mas quando...quando era..quando pronto..quando nasciam ..quando nasciam aqui crianças só chamavam o médico se havia algum problema se não era..quem é que era...

P: ...Então era...

JR: ...Era as pessoas que faziam.

P: ...Aquela que tinha bom aviamento tinha-os sem..sem..sem custo nenhum, as que não tinham aviamento tinham que ir ver de médico.

JR: E iam onde, a Santo Estêvão?

P: Poi. Santo Estêvão..aonde..onde..onde o havia. Agora vão para o hospital, apenas apanham a criança começam logo..começam logo a tratar. Mas naquele tempo nada. (...) É por isso que elas não sofrem nada.

JR: Também é por isso também...

P: Pois claro. Já..já estão tratadas, já estão..o médico..o médico anda sempre de roda delas.

JR: São outros tempos...

P: Têm uma dorzinha qualquer correm ao médico, tornam a ter outra dor correm ao médico e a gente não. Eu já há mais de quatro ou cinco anos que não vou ao médico.

JR: hum hum...

P: Tenho        mal, aguento as dores aguento as dores e pronto.

JR: Bem...

## 2ª Entrevista

(29/04/07)

P: Se fossem muitas mulheres estavam aqui assim assentadas ao pé de um senhor.

JR: Ai era? Então porquê? Eu sou novinho então...

P: Têm medo têm medo têm medo.

JR: Às vezes..às vezes pronto, mas eu também...

P: A gente é preciso pensar na..na vida. Há pessoas que não têm..não têm juízo.

JR: A senh...a senhora já..já me conhece..já aqui...

P: Ai... já o conheço já o conheço...

JR: Então já aqui vim tanta vez...

P: Eu não conheço cá ninguém. Vós o dizem mas não sei quem é nem quem não é. Se tem..não sei se tem bom..bom..boa aquela se não tem. Aii!... Camarada a gente não conhece as pessoas.

JR: Sim...mas eu já cá estive muita vez, a senhora já s..já..já sabe que...

P: Os demais, já aí veio..veio muita gente e já veio muita..muita vez e nunca me trataram mal.

JR: Então...

P: Eu quero é que não me tratam mal. Mai do mai resto venham quando quiseram.

JR: Está a ver, também..eu também nunca a tratei mal

P: Pois claro.

JR: E então...

P: Eu só quero bem a quem..a quem não..não me trata mal. Quem..quem me trata mal vão à puta que os pariu.

JR: É..é isso mesmo...é isso mesmo...

P: Hoje já fui à missa, já ao tempo que aqui estou mai o..mai o mê neto.

JR: E ele foi consi..foi..foi.levou-a à missa foi ou..foi..foi a pé?

P: Ai ali em baixo

JR: Em baixo onde?

P: Ali ao Moínho Velho.

JR: Ah mas viu a missa na televisão?

P: Hum hum..não foi na televisão foi na...

JR: ...no rádio...

P. ....no rádio. Ali com a da rata.

JR: Mas na..na..na televisão também costuma..também costuma...

P: Pois mas ela tem lá televisão

JR: Mas gosta mais do rádio...

P: Mas ela diz que não gosta, diz que...que se põe a cabeça à roda, de ver aquilo. Há pessoas que não gostam de ver, eu assim um bocadinho também gosto de ver, mas muito tempo também não.

JR: Muito tempo também não..também..também não gosta..

P: Quando minha prima era viva ia para casa dela a ouvir a missa na..na televisão. Agora já se faleceu já vai um..vai um ano, faz um ano pra..pra...

JR: Onde é que ela..onde é que ela morava?

P: No Rosmaninho.

JR: Ai ia lá ouvir a missa na televisão...

P: ...Nos Domingos...

JR: ...dela.

P: Nos domingos em vez de ir à..à missa à Igreja ouvíamos lá na casa dela.

JR: Da sua prima... E a sua prima era..era quê..era filha de um..de um irmão do seu pai ou de um irmão da sua mãe?

P: Era uma irmã..uma..uma irmã de mãe pai.

JR: E também eram aqui do Tojo?

P: Do Rosmaninho

JR: Ah eram do Rosmaninho

P: Era..era o homem e a mulher do Rosmaninho. Ela deu-lhe um enfardo pronto.

JR: Dormia em...?

P: Deu-lhe um enfardo..um enfardo, no coração.

JR: Ah! Deu-lhe um enfarte.

P: Deu-lhe um enfardo...

JR: ...sim...

P: ...já lhe tinha dado outra vez, mas deu-lhe com pouca força. Ela logo me dizia quando veio aqui à tempos “ Ai prima em me dando outro, já me vou embora”. E foi verdade.

JR: Isso já foi há muito?

P: Já faz um ano pra...pra quando?...pra Agosto.

JR: Mas ainda lá tem outros..ainda lá tem outros primos no Rosmaninho, não é ou não?

P: Ê tenho lá muitos primos mas...mas não fazem caso de mim. Fazem que não me veão. Mas aquela não.

JR: Dava-se bem com aquela...

P: E ficou o homem é tão bom ou melhor do que ela.

JR: É à ca..vai lá à casa dele de vez em quando também não é?

P: Vou lá a vê-lo poi

JR: Vai lá visitá-lo...

P: Há pessoas que não gostam de ver as pessoas mas eu gosto de as ver

JR: Faz-lhe bem.

P: Se \_\_\_\_\_ aos domingos, se \_\_\_\_\_ se ele vai ao comércio não vou lá à casa dele e se não vai vou lá ver dele \_\_\_\_\_ ele está. Então por morrer a mulher não se consta que a gente..a gente dei..deixe..deixe de visitar as pessoas.

JR: Claro que não...

P: Junta-se à mesma.

JR: Claro que não

P: Se tenho alguma coisa para levar levo, se não tenho nada para levar não lhe levo.

JR: O que é que lhe costuma levar?

JR: O que é que lhe leva quando tem alguma coisa para levar o que é que lhe leva?

P: Ai..agora tenho tido umas ervilhas

JR: Nas sua horta?

P: Poi ali em baixo. E tenho levado um mancheia de ervilhas. O mê neto também leva aí uma mancheia delas. Não tenho água nenhuma mas agora de Inverno posso lá pôr umas couves, ou posso semear assim umas ervilhazitas

JR: Mas não tem lá água é, na horta? É só..só..só a da chuva ou?

P: É só..só a que vem do céu.

JR: Não há lá nada ao pé com..com água?

JR: Pois... . Tem que arranjar uma ali ao pé do ribeiro.

P: Aiii Ja..arranjar! Tanta vez já me disse o meu vizinho que arranjasse ali um bocado então..então e êu tenho força pra isso?

JR: Era isso..era..era isso que eu lhe ia dizer....

P: .....Aiiii!.....

JR: ....peça ao seu..o seu vizinho arranja-lhe ali um cantinho, não lhe custa nada.

P: Arranja arranja... , arranja arranja...

JR: Então não..não..não era..ele não lhe ofereceu um cantinho..não lhe ofereceu lá um cantinho?

P: Oou... oou... . Se aqui a Maria tivesse força para arranjar as coisas então tinha-as.

JR: Pois é que eu lhe..é o que eu tou..é o que eu estou a dizer, eu estou a dizer arranjar não é ele arranjar, ele..ele dá-lhe lá um bocadinho de terra e depois a senhora é que tem que...

P: Aquele bocadinho ali em baixo era da parte do meu homem.

JR: Hum...

P: E eu é que \_\_\_\_\_ com uma..com uma picareta, ninguém lá pôs as mãos.

JR: Pois...

P: Aah...

JR: Então mas éé..é mais perto ali aquele do que lá o do ribeiro?

P: Ai mai longe

JR: Então porque é que não faz antes no ribeiro ao menos ali tem água.

P: É mai...aaah...tem águas às vezes te..é preciso trabalhar

JR: Então ali também..tamb..também traba..pois ali não tem que regar é só a chuva que rega.

P: É a chu..só a..a que vem do céu. Por causa disso é que não posso pôr umas alfaces, não posso pôr um..um...uma couve agora..agora no tempo quente nem nada, nem posso semear um feijão nem nada.

JR: Porque não tem água, pois...

P: Posso semar uma batatinhas, e..e já me as têm semeado, tive aí dois anos tiveram que me as semear, que eu não semeava.

JR: Porquê..por causa do...

P: Porque não podia arranjar a terra. Lá me lavraram a terra, semearam-mas, a minha vizinha mai o.. mais o... o outro vizinho do..da Benvinda Rata. Mas aquele partiu o braço.

JR: O seu vizinho já só tem um braço?

P: Poi

JR: Teve algum acidente foi?

P: Cortaram aqui o..cortaram-lhe aqui assim o braço. Uma coisa que lhe nasceu.

JR: Ai co..nasceu-lhe uma coisa tiveram que lhe cortar o braço, foi?

P: Pois... Mai nas mãos dos médicos nas mãos dos médicos, “Ai isso não é nada, ai isso não é nada, ai isso não é nada” mas ódepoi foi. Áááá médicos de um filho do diabo, a mim ninguém me \_\_\_\_\_ cá médicos que eu...., são bons pra \_\_\_\_\_ mas são maus pra outros. Tão o home andou tanto tempo ali a sofrer, foi num dedo diz que foi o..um raio de sol que lhe caiu.

JR: Foi um raio de sol que lhe caiu?

P: Foi um raio do sol que lhe caiu no dedo, como é..comeu-lhe o dedo todo ódepoi passou pra mão e ga..e..e..e co..e nas mãos dos médicos nas mãos dos médico, “isto não é nada, isto não é nada, isto não é nada, isto não é nada” , e foi tudo, tiveram que lhe cortar a mão.

JR: Pois...

P: A mãe e parte do braço.

JR: Se não ia tudo..

P: A eles não lhe dói, dói mas é às pessoas, às pessoas é que dói agora a eles não lhes dói. Às vezes podem salvar as pessoas não as salvam.

JR: Por isso é que lá não vai.

JR: Por isso é que lá não vai.

P: Porque é que lá não vou?

JR: Por isso é que lá não vai .

P: Pois claro. Sofro,sofro, sofro e não vou. Olha aquela desgraçada está ali que já há tantos anos, só anda numa cadeirinha, só assim de rojo, de rojo, de rojo \_\_\_\_\_ nem nada, e esteve nas mãos dos médicos e..e não lhe dão remédio para isso! Porque é que a não mandam pro hospital?

JR: Pois também não sou médico, também não sei. Então e o seu neto nasceu lá em Lisboa já?

P: Os dois. O pai foi pra lá de novo, ainda não tinha..ainda não tinha dezassete anos quando pra lá foi. Puxaram-no pra lá. Nós não queríamos que ele pra lá fosse. Mas o tal..a tal pessoa, de boa que era “ Ó Ti João porque vomeçê já não pode e a sua..e a ..e a Ti Patrocínia também já não pode, deixe-o ir deixe-o ir deixe-o ir, que vai pra minha casa e vai bem”, e foi, se não fosse ele não..não sabia nada. E foi só com o exame da quarta mai \_\_\_\_\_ o exame da quarta não faz nada. Não faz nada ou faz?!

JR: Na altura fazia agora..agora..já não..agora..agora já não faz não, agora...

P: Então e..e naquela altura também para lá foi, também já não iam só com o.....

JR: Com o exame da quarta

P: ...com o exame da quarta, era só..ou a..a terceira, da segun..da segunda da terceira é que..é que já iam. O meu lá foi coitado. Lá comprou um bocadinho, fez uma casinha, aos empurrões aos empurrões, ódepois de pedir o dinheiro..dinheiro emprestado, que ele também não tinha...

JR: ...Hum hum...

P: ...só a começou com dez contos. Quanto é que ele não poupou? Sabe Deus o que ele sofreu pra arranjar aquela casinha, e um quint..um..um quintal bom, um quintal comprido e ainda largo, não há lá nenhum que tenha um quintal como aquele. Ele também foi o primeiro que se para lá foi, foi ele.

JR: Lá para aquela zona onde ele mora?

P: Pois, já me disse ele “Ó mãe eu ajudei aqui os vizinhos todos, não houve cá nenhum que eu não ajudasse e ninguém me ajudou porque ainda cá..ainda cá não havia nada”

JR: Pois...ainda cá não havia nenhum para ajudar (sorrindo).

P: Está lá um Sargento que era..foi Sargento lá fora, quando eu lá estive, embora eu não gostava de lá estar por causa da nora, eu volta e meia dizia “ Ai já me vou de cá.. vou-me de cá embora, que eu não estou aqui a fazer nada” , “ Ó vizinha não abale então o seu ho..o seu filho é tão bom, para toda a gente, e a senhora quer de cá abalar?” “Eu não gosto de cá estar” dizia “ Eu não gosto de cá estar”, não dizia lá porque era, “Eu não gosto de cá estar.

JR: Só dizia que não gostava de lá estar.

P: E eu gostava de lá estar naquele sítio...

JR: Pois... . Estava ao pé do seu filho não era?

P: Não era..que é..que era..o pessoal era bom, o pessoal ali era bom.

JR: E..e..e havia mais gente não estava...

P: Tanto mulheres como os homens sempre me puxavam para a casa deles, sempre sempre estava lá uma que,estava assim da parte de cima dele um bocadinho, também era muita boa, muita boa mulher, chamava-se senhora Emília, e tinha uma..tinha uma irmã e uma irmã..e uma irmã médica. No dia que me lá viu ê já..já tinha partido a perna, já havia..já havia uma temporada boa, trouxe-me lá assim dois..dois coisitos, dois frascozitos de pomada.

JR: Para pôr na perna?

P: Para pôr na perna. Porque a irmã é que lhe disse “Olha aquela senhora..aquela senhora gasta da..daquela pomada assim e assim”, para pôr na perna que..e para pôr..estava toda inchada coma que era um bojão, e o médico logo lhe disse, pro mê filho, “ Vais à farmácia e compra desta pomada, aqui vai a receita, num a deixes acabar porque o inchaço é muito”.

JR: Hum hum...

P: E ainda não perdi a receita daque..daquela pomada.

JR: Ainda a cá tem...

P: Ainda a cá tenho.

JR: Se alguma vez for preciso...

P: Poi...

JR: Já sabe...

P: Se a gente tiver uma dorzinha qualquer e esfregar aquilo daí..num passa logo naquela hora, daqui a um bocadinho passa logo. Então...gasta-se aquela compra-se outra.

JR: Pois é isso mesmo.

P: Mas há pessoas que não por mais dinheiro que tenham não er..são capazes de dizer assim compro isto ou aquilo, porque preciso. Eu estivera ao pé de farmácia não deixava acabar.

JR: Então e...partiu a perna já foi lá na casa do seu..do seu filho que a partiu ou...

P: Foi na casa dele já..ia a botar de comer às galinhas, ia-lhe a pôr um pouquinho de farelo, um pouquinho de farelo amassado, passei do portão assim pra..do..daquele muro pra..pra baixo estava ali um bocadinho de relva escorreguei pronto, já não me levantei.

JR: Foi logo.

P: E seu eu não fizesse caso das galinhas, fosse lá agora a..a pôr de comer, ela disse-me ass.. “Ah partiu a perna, nem por ir à missa, nem por querer ir à missa Nosso Senhor a amparou”, tão Nosso Senhor num..Nosso Senhor num..não pode ajudar toda a gente.

JR: Nessa altura os seus netos ainda lá vivi..ainda viviam lá com o pai ou já..quando lá esteve.

P: Estavam lá.

JR: Estava lá toda a gente.

P: Ainda eram pequenotes. A garota tinha oito anos e ele o Sérgio era..era mais atiredo, era mais atiredo. (atirado)

JR: Quantos anos é que a senhora tinha nessa altura?

P: Ê sê lá já.

JR: Já não se lembra

P: Já tinha aí aun..auns..auns sessenta ou setenta..ou setenta anos, já.

JR: Mesmo assim já foi há algum tempo.

P: Oiii..já de há muito tempo. Já há mais..de certeza que já há mais de...já há coisa de..já ao menos vinte anos..que eu parti a perna.

JR: E que lá esteve...

P: Poi...

JR: Esteve lá dois anos não foi?

P: Estive lá nove meses. Estive lá nove meses na casa dele.

JR:Hum hum...

P: Quando..quando fui..para lá fui...a perna foi no..foi no dia 20 de Março, que a parti. Ódepois quando..quando me encontrei melhor me vim embora. Ódepois...também dei cabo do braço naquela altura que..que havia de vir.

JR: Mas lá também?

P: Lá também... . Ia-me a..a casa tinha assim..quer dizer um balcãozinho, assim uma..era assim..assim umas coisinhas pra gente passar e as galinhas andavam fora, fui-me a desviar prá galinhas passaram pró outro lado, entortei pronto.

JR: Foram outra vez as galinhas!

(Risomo-nos)

P: Poi..galinhas do damónio.!

JR: É o..É o..É o que lhe trazem as galinhas..é essas coisas.

P: É a pouca sorte!, é a pouca sorte da pessoa. Tão mal me desviei pó outro lado entortei, bati com o braço no cimento pronto.

JR: Foi logo.

P: Aqui em isto..nisto estando podre já não vale nada.

JR: E o seu filho antes de ir para Lisboa até aos dezassete anos viveu sempre aqui com vocês?

JR: O seu filho, até aos dezassete anos viveu aqui sempre no Tojo?

P: Nasceu cá e viveu cá.

JR: Em que casa é que vivia na altura era aqui no lado de baixo?

P: Era. Esta era do mê enteado, esta comprou-a ele.

JR: Do seu enteado...?

P: Poi, ê..ê tinha um enteado.

JR: Era..filho do..do seu marido?

P: Era. Ele já era viúvo.

JR: Ah era viúvo. Era viúvo de al..de al..de alguém aqui do Tojo ou...

JR: A antiga mulher dele era aqui também da terra?

P: Era..era..

JR: ...também..conhecia-a então..

P: ...era daqui. A mulher dele o pai dela chamava-se..chamava-se Paulo Gaspar, Paulo Gaspar.

Inda aqui havia muita gente.

JR: E ela como é que se chamava?

P: Quem?

JR: Ainda se lembra?

JR: Aaa...aaaa..a filha desse tal senhor, do Paulo Gaspar.

P: Era Maria José Gaspar.

JR: Maria José Gaspar...

P: Aquela também morreu atravessada(?) coitadinha.

JR: Morreu qual..com o quê?

P: Aquela..aquela trazia o..trazia o espírito do pai que o pai era muita velhaco. O pai era desses que andava a acuzinhar un..uns e outros. Pai dela. E ódepoi morreu...

JR: Andava a acusar uns e outros era?

P: Poi acusava uns..uns e outros que andavam a passar...andavam a passar vacas da Espanha para cá. E ele acusou-os...

JR: ...Hum hum...

P: Mas num dia foi a Vale Fresco, ele andava..andava aí a vender fei..feijão, foi a Vale Fresco a cavalo num burrinho, deram-lhe lá uma malha, mas se uma malha.

JR: Por ele andar a acusar as pessoas de elas andarem a passar o gado para o...

P: Pois claro. Eles deixaram-no bater, deixaram-no bater, deixaram-no bater, inté dizerem assim “Deixa-o que já está pronto”. Veio de lá, veio pró hospital lá morreu.

JR: Por causa da malha que lhe deram?

P: Poi atão. Era para se lembrar. Atão as pessoas são parvas, num pensam que a fazer mal que é uma coisa ma..mal feita. Poi se ele nem do bem, nem do bem vem bem quanto mai do mal. A gente há-de fazer mal pior ainda. Ódepois se eles soffressam mas eles não soffram. Depoi o espírito ent..entrou pra filha, a filha andava aí corria inté..inté ca..inté subia para cima dos telhados e tudo, mas não partia telha nenhuma, aquilo era..era dos má artes, num partia telha nenhuma. Ia aí pra baixo prá Serralheira na mesma, ia além prá serra igual, andava lá assim. Uma pessoa que..que a encotrasse que num..que num benzia a cabeça com..com uma coisa qualquer, ou com água ou com uma coisa qualquer, maracava-lo logo. Ódepoi foram metê-la..metê-la a Lisboa. Mandaram lá..mandou ele lá um cunhado chamado o Mené Vilas...

JR: Ele quem?

P: O..o meu..

JR: O seu marido?

P: O o meu marido ou..ou foi a mãe dela. Lá disse ao..ao..ao filho que a fosse a meter a Lisboa. Mas não lo disseram que “Deixas-la aqui, deixas-la aqui sozinha, não te importes, vai-te embora e deixa-a, anda que o..a pol..o polícia logo..logo dá nela”. Lá a deixaram assim ao Deus-dará.

JR: Em Lisboa...?

P: Poi...

JR: Isso também não foi assim muito bem feito ou acha que...

P: Ah... Naquele tempo não teve ninguém. Se tivesse alguém arrecolham-na e aquilo pagavam nas promessas e a mulher botava-se boa. E assim não, que ela \_\_\_\_\_ que ela há muito que se lhe diga. No outro dia ali no Rosmaninho também morreu um assim mas aquele..aquele foi desastre.

JR: E ela depois morreu lá em Lisboa foi?

P: Não este foi outro.

JR: Não mas a..a...a...

P: ....A..a mulher do meu..

JR: Sim, depois morreu lá em Lisboa?

P: Poi. Morreu lá em Lisboa e..e..e ninguém lá foi a ver dela.

JR: E como é que souberam que morreu?

P: Nem ao funer..souberam mas nem ao funeral dela nem nada foram.

JR: Então e..mas não havia maneira de..de a tratar ou de fazer alguma coisa por ela?

P: Ai...lá houve uma criatura que lá..lá fez os impossíveis, a ver se aquilo saía, mas as promessas também eram muitas, era pra ouvir missas e não sei quê mai, que era pra ouvir seis missas e o homem dizia assim “ Não há-de ouvir seis, há-de ouvir sete, há-de ouvir uma por cima ainda”. Aquela mulher se ela tem sabido mais cedo livrava-a da.. e ela ainda..ainda era viva, assim nada.

JR: Livrava-a daquilo?

P: Nunca teve ninguém, o homem também era um granda cão, e ódepoi eu é que..e eu ódepoi é que ainda vim..é que ainda me meti nelas. Minha mãe já sabia o que ela era..o que ele era, ainda me puxou para ele home. Pra ficar fiquer aqui à roda dela. Se não eu não estava aqui, era o estar.

JR: Então estava onde?

P: Estava aqui fora da al..fora da..desta..dessa piolheira. No Rosmaninho...

JR: ....Tinha arranjado outro homem era...

P: ...ou ia pra aldeia, ou ia pra Vale Fresco não estava aqui. Ê tinha tanto ai...

JR: Então porque é que se ajuntou com aquele?

P: Por causa de minha mãe. Minha mãe é que foi causante. “Ai porque este é melhor, porque ele é que tem a casinha, é que tem além um bocadinho e os mais não têm nada”, desta maneira, da outra, pronto. As mães são parvas. As mães são parvas são home!...

JR: ...Pois...

P: ...Às vezes..às vezes puxam a gente pra mal não é pra bem. Mê pai não queria, mê pai dizia assim \_\_\_\_\_ “hoje estás à tua vontade, não está minha, está à tu vontade”.

JR: Mas disse isso para quem, para a seu mãe?

P: Poi. Pois, porque ela..ela não tinha aqui ninguém à roda dela, alguma coisa qualquer a quem é que olhava?, a nenhum.

JR: Pois...

P:...Ah.....

JR: Pois por isso é que ela quiz..quiz que se cas..que era para ficar aqui...

P: Pois claro!

JR: Ah...

P: Minha irmã Maria foi para o Rosmaninho, a Amélia foi pralém mesmo..é que ela..que ela ainda estava solteira, a Amélia ainda estava solteira. Mas era porque..porque eu era mai..também era a mai feia. Ela “Fica agora aqui, fica aqui ao pé de mim”. Ooo.....  
(Rimo-nos)

JR: Era lá agora..era lá agora a senhora a mais feia...

P: Então não era? Ainda agora foi.

JR: Portanto aqui ficou...

P: A minha irmã a Amélia casou além pra Santo Estêvão mas o homem era bom, também teve pouca sorte também ao tempo que está viúva.

JR: Ah isso é assim ele..eles normalmente vão-se primeiro.

P: Não..atão tem que ser assim.

JR: As mulheres é que ficam cá mais tempo.

P: Ai e às..às vezes as mulheres e ficam os homens.

JR: Sim mas normalmente há..há aí mais viúvas do que há viúvos, se for ver.

P: Há há.

JR: Normalmente os homens morrem..morrem primeiro.

P: Ah..ali..ali no Rosmaninho há ali muito..há ali muito homem viúvo.

JR: A sua..a sua..a sua irmã Amélia casou-se onde?

JR: A sua irmã Amélia casou-se onde?

P: Em Santo Estêvão.

JR: E a..e os seus outros irmãos?

P: Está além pró fundo da alg..da Regal(?) Martins.

JR: Pró fundo...

P: Pró fundo da Regal(?) Martins...

JR: ...Não conheço...

P: ...onde estão os chafariz, ela está            na parte de cima.

JR: E os seus outros irmão?

JR: Os seus outros irmão?

P: Também lá está..lá foram pra Santo Estêvão.

JR: Vivem todos ali prós lados de..de Santo Estêvão...

P: O..o Manel ficou lá mesmo..no..no mesmo sítio que está..onde está a Amélia.

JR: Mas ainda é vivo?

P: Esse já..já morreu.

JR: Esse já morreu.

P: Já há uns..há uns seis anos.

JR: Então era a Amélia era o Manel e havia mais al..havia mais uma não era?

P: E a Maria. Era Amélia, era o José, era o Manel, era a Maria e era eu.

JR: Então a senhora era a mais velha.

P: Éramos cinco. Não, a mais velha era a minha irmã Maria. Eu é que era abeirada à Maria ódepoi era o Manel, arrumedo a mim, a Amélia e o José eram os mais novos.

JR: Você era a do meio.

P: Poi.

JR: E foi a única que cá ficou, aqui no..no Tojo.

P: Atão..eu é que fui parva, ê que era a mai maluca....

JR: ...A senhora era a mais maluca?...

P: ....ê que era a mai maluca fiquei cá.

JR: Então e porque é que diz que era a mais maluca?

P: Porque sim, porque..poque me deixei..deixei-me levar.

JR: Deixou-se levar por quem, pela sua mãe?

P: Pois claro. Às vezes pensam que fazem bem e fazem mal.

JR: Então e o..o seu casamento foi aqui no Tojo?

P: Foi.

JR: Foi uma festa grande?

P: Ai festa grande..ai festa grande...ainda cá havia muita gente, estava tudo povoado.

JR: Foi toda a gente à fe..foi toda a gente ao casamento então.

P: Na, era só..era só os de casa, os mais chegados. Agora é que levam assim uma malta grande que é pra ser muito dinheiro.

JR: É pra ser muito dinheiro mas também..também gastam.

P: Ah...também gastam mas também comam bem. Ir lá ao restaurante comem disto, comem daquilo, comem do outro.

JR: É verdade...

P: Ah... . Já ouviste..ouviste aqui o Sérgio só ca vinha quando..quando se casasse ali a prima, a do Sebastião. Que é na altura também vem..também cá vem o mê Francisco, o mê filho.

JR: Nessa altura ele também co..o seu filho também cá vem é?

P: Também.

JR: E o casamento já está marcado?

P: Já.

JR: É para quando?

P: É pra..não sei se é em Junho se é em Julho.

JR: Então já não falta muito.

P: Ah...tão...

JR: Então e senhora também foi convidada?

P: Ná ê..eu não vou lá.

JR: Não vai lá?

P: Eu não gosto de ir aos banquetes. Nem me dou nos carros nem nada êêê...eu ia lá e eles vão ao Fundão, vão ao Fundão a comer.

JR: Ah é ao fundão..é no Fundão?

P: Vão lá a comer ao Fundão.

JR: Ah vão lá de propósito comer.

P: Pois. Vão a um restaurante ali..ali ao Fundão.

JR: Se calhar o marido é..se calhar o..o noivo é de lá, não?

P: É daqui de Santo Estêvão.

JR: São..são os dois aqui de Santo Estêvão.

P: Poi. Então não valia mais irem ali à Termas....

JR: ...Se calhar há lá um restaurante bom...

P: ...que ainda é melhor.

JR: Se calhar há lá um restaurante bom no Fundão.

P: Óooo....

JR: Então e não vai lá?

P: Mas é mais caro

JR: Não vai lá aproveitar?

P: Ali..ali é mais perto, é mais perto e é mais barato.

JR: Nas Termas...

P:Dizam, dizem que eu..eu nunca lá fui.

JR: Tem que ir agora ao Fundão, exprimentar lá o do Fundão.

P: Poi..pois.... (ri-se). Agora arrebebe..o..os noivos arrecebem muito dinheiro. \_\_\_\_\_ é..é tudo para eles, tudo para eles, prós pai não é nada. Os pais é que têm que pagar aquela..aquela chelpa.

JR: É pra..para começarem a vida, esse dinheiro depois também ajuda para comprarem casa e coisas.

P: Ficam logo ricos, aquelas pessoas ficam logo ricas...

JR: ...Às vezes....

P: .....                     muita gente, ficam ricos. Ora no tempo da gente que não davam nada aiii.... e as fogaças ainda era tudo prós pai e prás mães.

JR: Como é que foi no seu casamento?

P: Poi. Na..naquela altura em que..que me eu casei era assim, agora..agora dá tudo..dão tudo ao            tudo ao           .

JR: A missa foi onde, foi no Rosmaninho ou veio cá o padre?

P: Em Santo Estêvão.

JR: Ah foi em Santo Estêvão.

P: Pois.

JR: Depois vieram para aqui?

P: Depois viemos casar a Santo Estêvão. Aqui na Serra, aqui por aí afora era tudo a Santo Estêvão.

JR: E depois onde é que foi o..a seguir ao..a seguir à missa o..não houve..não houve..não houve banquete não houve mas houve alguma coisa não?

P: Então não houve manguito ( quererá ter dito baquete), então fizeram cá o comer em casa.

JR: Ai foi aqui no...

P: ....Pois claro....

JR: Foi aqui no P..no Tojo. Puseram aqui umas mesa na rua?

P: Naa...em casa.

JR: Cabia lá toda a gente?

P: Então na..não era preciso toda a gente, er só..era só os..os mais..os mais chegados. Só assim a família de casa é que era, e irmãos ou primos.

JR: E foi bonito?

P: Então..então não é.

JR: Ainda se lembra?

P: Oi ainda me lembro...mal.

JR: Mas gostou? Está-se aí a rir...

P: Mal..mal me lembra já.

JR: E ficaram aqui os dois depois a viver?

JR: A senhora e o seu marido ficaram depois aqui os dois a viver.

P: Eu já tinha ali feito ali aquela casa ali, vieram cá uns de Santo Estêvão a fazê-la.

JR: Aquela ali ao lado?

P: E a outra debaixo também cá vier..também cá andaram os de..os..os...

JR: Pois que a senhora morava ali em cima com os seus pais naque que está..que já está esbarrondada.

P: Pois.

JR: Depois foram viver para ali.

P: Não...morreram os donos viea..vieram as casas abaixo.

JR: É assim...

(...)

JR: Quanto tempo depois de se casar é que nasceu o seu filho?

P: Sê lá. Oi o mê filho já havia sete anos que estava casada. O primeiro..o primeiro fo...já havia..ao fim de dois anos...

JR: ....Hum hum...

P: Este já levava sete anos..o outro já levava sete anos aqeste. Ainda teremos alvorada hoje ou já não?

JR: Se ainda teremos...?

P: Alvorada.

JR: O que é que é alvorada?

P: Os trovões.

JR: Ah os trovões. Hum olhe eu acho que não.

P: Oi ontem, oi ontem apanhamos cada \_\_\_\_\_.

JR: Foi? Em Castelo Branco não.

P: Aqui moeu tudo tudo tudo tudo.

JR: Mas...caiu gran..aind...aind...caiu..caiugelo, ou não foi só trovoada mesmo?

P: Trovoada e pedrisco.

JR: Caiu pedrisco...pois. Acho que lá alguma zonas em Castelo Brnaco também ainda caiu..ainda caiu pedrisco mas lá pró..pró lado da minha casa não c..não caiu.

P: Aqui no outro dia,aqui há tempos também cá caiu um bocadinho de pedrisco, pouco, mas agora foi mesmo muito muito.

JR: Para estragar as hortas é o melhor que há.

P: Aii...hortas e vinhas e tudo.

JR: Queima tudo. É verdade.(..) Queima..queima aí tudo.

P: Isso é que é uma desgraça, essas coisas não haviam de cá vir. Vêm cá. São coisas que Deus manda...

JR: ...A pessoa não manda nelas...

P: ...são coisa que Deus manda pronto. Ainda di..ainda há pa..há parvos que dizem que não há Deus, aii jesus jesus, atão se não p..se não houvesse Deus havia aqui alguma coisa aqui nas ruas ou..ou nalgum lado? Não havia nada.

JR: Isto começa o Verão também começam as moscas. Começa o Verão vem o calor...e aqui não há assim muitos currais aqui ao pé, lá na casa da minha avó os currais são mesmo à frente da porta está sempre tudo cheio de moscas...

P: ...Ai....

JR: ...não se para lá.

P: Mas e.. não há lá..não há lá estrumes?

JR: Nos currai..há nos currais estrumes...

P: ...Ah...

JR: ....e há lá os porcos....

P: ...pois pois...

JR: ....e as galinhas.

P: Mas aqui o que é que cá há? Só está ali um porquito ali..aqui em cima.

JR: Ee..e está ali o burro e ass...

P: Está o burro mas o burro volta e meia tiram-no estrume todo, volta e meia tiram-no estrume todo, as cabras é igual, ódepoi não há moscas.

JR: É...

P: Agora em vindo o tempo quente já apareçam.

(...)

JR: O seu filho foi à escola até quarta classe não é?

JR: Onde é que ele ia à escola?

P: Ia ali à serra. Há ali uma professora..há ali uma professora e ia ali à serra.

JR: Mas era alguma terra, como é que se chamava?

P: Fonte Sobreiro.

JR: Fonte Sobreiro... era lá a escola?

P: Estava lá uma escola, uma casa assim pa..própria prá escola. E a...e a professora era..era ali de Vila Flor mas casou com um aqui da...aqui da..da Fonte Sobreiro. Casou...casaram-na à força! O pai do..o pai do..do marido meteu-se com ela ainda lhe arranjou um filho, ainda o foram a env..a deixar ali pra Sant..pra...pra Santo Estêvão, lá..la numa terr..à..à porta duma criatura.

JR: Deixaram-no lá foi, abandonaram-no lá?

P: Poi.

JR: Mas isso o pai..o pai do marido dela é que se meteu com ela?

P: O pai de..o pai dele é que lá foram a..foi lá a..foi lá ele mai a mulher a..a deixá-lo.

JR: A deitar o filho foi?

P: Pois a deixar o filho. Ódepoi o..o pai dele obrigou-o a..a casar com ela. Então casasse o..ele com ela.

JR: Ele é que lho tinha feito não era?

P: Atão ele é..ele é que..ele é que a desonrou.

JR: Pois...

P: Aiii....ele é que também é um..um pachacho que ali anda que na..que não vale nada.

JR: Ainda é vivo?

P: Ainda.

JR: E ela também ainda é ou já não é?

P: Ainda. Mas ela tem assim pouco para ordoar também é..também é assim feia como a mim.

JR: Não é assim quê?

P: É assim feia como a mim.

(rimo-nos)

P: Não tem doaria.. num sei.

JR: Não tem doalha?

P: Doária, doária!

JR: Não conheço essa palavra.

P: Atão doária é a gente não ter cor nenhum nenhuma nenhuma sermos umas desconsoladas.

JR: Pronto uma pessoa está sempre..está sempre a aprender. E o seu filho ia lá à escola era?

P: Pois. Mas ela era valhaca, batia-lhe pela cabeça. O meu apareceu-me aí com uns polmões na cabeça disse assim “ Ó mãe já nunca mais torno a ir à escola”, “Então proquê filho?”, “Porque a professora bate-me lá,bate-me lá na cabeça, vomecê apalpe-me aqui se quer ver se enho cá os polmões ou não tenho?”.

JR: Se tenho cá os?

P: Polmões.

JR: Polmões?

P: Poi, então era coisa que se batesse pela cabeça a uma criança.

JR: Pois... E a senhora o que é que fez?

P: Tão eu fui lá ter com ela, “Atão minha senhora o que é que cá faz ao meu filho?” , “ Ai num lhe faço nada”, “Num lhe faz nada e aparece lá com polmões em ca..na cabeça? Alguma coisa lhe faz. Olhe que eu dou parte de si. Se ele..se ele toma outr..outro...outra aquela eu dou

parte de si.” , “ Ai..mande-o cá, mande-o cá, mande-ocá”, e ele já lá não queria ir. Ódepoi lá foi, ódepoi de aí por um tempo..já não me sei como é que..não sei se ela dali abalou logo por isso se não, foi pra lá uma..uma ali de Santo Estêvão uma..uma Candolas, aquela era boa, com aquela é que fez o exame da quarta. Não foi com esta foi com aquela.

JR: E passou...

P: Ainda foi uns dias ali à..ali onde é..onde está o lar, também lá estava uma escola, ainda lá foi uns dias sozinho à escola.

JR: Mas antes de fazer o exame?

P: Poi, antes de fazer o exame. O exame fez-o com ela...

JR: ...Hum hum...

P: ...com aquela professora. Aquela sim que era boa. Ele passava todos por não ser bom mas sabia, ela batia-lhe pronto, não queria ele lá ir já.

JR: E depois de fazer o exame da quarta já não quis ir mais foi?

P: Depoi parece que já não sei. Ou já não o quise..ou já não o quisemos mandar para lado nenhum ou não sei. O ano co..com o exame da quarta lá se tirou, ele os demais ainda foram ali pra Vila Flor, também ainda há escola, foram pró Rosmaninho, do Rosmaninho foram pra Vila Flor de toda a maneira não agarraram melhores empregos do que ele agarrou.

JR: Mas ele depois ao..ao fim de fazer o exame da quarta não foi logo para Lisboa ainda aqui fi..ainda teve..ainda aqui ficou um..uns tempos aqui pela terra?

P: Pouco.

JR: Pouco foi?

P: Pouco. Ódepoi ainda fo..ainda fomos além pró..fomos prá Espanha..prá

Espanha ao algodão, [rai vos partiu \_\_\_\_\_xô, xiiiiuuuuu], fomos pra lá ao algodão tinha ele..tinha ele quatorze anos....

JR: ....Foram para onde?....

P: ...ou treuze anos... . Prá Espanha...

JR:...Hum hum...

P: ....ao algodão.

JR: Ah foram pró algodão, está bem. E ele já tinha acabado o exame da quarta nessa..já ti feito ele o exame da quarta ness...

P: Num sei se já tinha feito se não.

JR: Hum hum

P: Já não estou alebrada, já há muito tempo.

JR: Sim...

P: Ele lá alombava com as sacas de algodão às costas dessas grandes, cheias, inté..inté à..até ó..aos paióis..até às casas. Eu gostava de lá andar na algodão.

JR: A senhora? Porquê?

P: Porque sim, mas ódepois choveu lá..choveu lá e viéramos embora.

JR: Pois ch....

P: E já pra lá não tornei a voltar.

JR: Mas só lá foram um ano foi?

P: Só.

JR: E ganharam lá bem ou...?

P: Ai..ai bem..ai bem. Como eles quiseram.

JR: Pois...como os patrões quiseram.

P: Os patrões é que mandam, se querem pagar bem pagam se não querem pagam mal.

JR: E ele o seu filho não trabalhava aqui na ..quando estava aqui não ia..não..não...

P: Trabalhava. Andava mai o pai a...

JR:....à jorna....

P:...a cavar, a cavar vinhas praí.

JR: Ah é o vento estava ali a ouvir um...

P: Está fresquinho.

JR: Pois está está, está fresquinho está.

P: Então e..e..e tu não tens outra camisola?

JR: A outra ficou no carro.

(Rimo-nos)

P: Aaaahhhh....

JR: Está..estava sol.

P: ão sol está quente.

JR: Mas agora aqui à sombra esta...

P: Aqui à sombra está mais frio.

JR: Aguenta-se...aguenta-se bem. Ai ia..ia aí trabalhar com o pai era, cavar vinhas?

P: Poi. Ele quando de cá abalou já sabia fazer tudo.

JR: Pois tinha que ajudar...

P:...Ah....

JR: ...também era só um, tinha que ajudar a..o...

P: Atão o irmão também era mas o irmão coma que ganhava só para ele. Naquele tempo que ele trabalhava já..já ele estava casado.

JR: O irmão de quem?

P: Era irmão dele.

JR: Do seu filho?

P: Pois.

JR: Então e o..e o..e esse..o que é que aconteceu a esse a..o..ao irmão, o que é que aconteceu a esse irmão?

P: O que é que se lhe aconteceu?

JR: A senhora a..não estou a perceber..a senhora só..só..agora só tem um filho não é?

P: Poi. Mas o meu homem já tinha..já tinha aquele rapaz.

JR: Ah o seu enteado!

P: Pois.

JR: Ah não estava a perceber.

P: O meu home já tinha aquele..aquele rapaz da outra..da tal mulher que ê disse que..que morreu desgraçada.

JR: Já percebi, já percebi tudo, não estava..tinha..tinha-me esquecido do seu enteado.

P: E aquele rapaz também trabalhava com o pai.

JR: Só que..só o que ganhava era..era..era só para ele não metia nada cá em casa.

P: O pai é que..é que arrecebia o..o dinheiro,                                  tudo para ele, nunca me disse "Para ti , toma lá" sequer uns cinco tostões. E agora nem para mim fala home.

JR: O seu enteado?

P: Poi.

JR: Onde é que ele vive?

P: No Rosmaninho.

JR: Então e porque é que não..porque é que não..nem para si fala?

JR: Porque é que nem para si fala?

P: Num sei, num sei. Nem se encontra comigo e nem nada, num sei. Eu vou lá nunca o vejo, está lá pa..ele mora lá pra riba, ond..pró pé de onde chamam a Senhora de Fátima.

(...)

JR: Mas e..ele morava co..ele morava com vocês...

P: ...Poi...

JR:...ali em casa?

P: Poi enquanto estive solteiro este..morava. Ódepoi casou-se foi a morar ali pa..pra baixo pro além pra baixo, ódepoi foi pra ainda..ainda praí foi justo(?) aí pra baixo pró..prós Talões, pró , ódepoi é que vieram..vieram pra cima além o compadre dele o Vidal, também já lá está na

terra da verdade, é que o puxou prós Coitos, ódepoi agora andava..andava sempre nos Coitos e agora por fim ele já lá não queria andar, “Ai ó compadre vale mai ir-me indo pra casa” , disse “Ó compadre deixe-se..deixa-te estar inda tens os filhos solteiros deixa-te estar inté casares-os, que vais agora a fazer pra..ainda pró..pró Rosmaninho, não tens lá nada, tens lá só a casinha mai nada, que vais pra lá a fazer?” O outro é que ainda o enriqueceu, o outro é que..é que o fez home mas ódepoi não foi ele, foi o outro.

JR: Qual outro?

P: O compadre dele. O que tinha a...

JR: Ai o compadre dele é que o fez homem...

P:...Pois....

JR: ...e que o enriqueceu. O que é que ele..o que é que ele fazia lá no..lá nos Coitos?

P: Nos Coitos quer dizer o compadre lavrava quer dizer...

JR: ....Ah tinha terras...

P: ...tinha o tractor lavrava, semeava. Ele tinha..tinha umas cabras e..e não sei se também tinha umas ovelhas se não. Guardava as..guardava o gado, tinha vacas, assim é que se..assim é que se ele arranjou.

JR: Hum hum...

P: Quando a não...ai mãe do céu...ele não era homem de viver no mundo.

(...)

P: E o pai ajudou-o muito, vinha..\_\_\_\_\_ia praquilo deles lá andava todo o Verão.

JR: Ia para onde?

P: Pó Coito. A ajudá-los a eles, e a vida dele deixava-a. É gente parva. Depois as mulheres são umas senhoras e as outras são as..são as escravas., pra eles.

(...)

P: Lá o compadre também não tinha filho nenhum. Ódepoi deixou-o...

JR: O compadre....

P: O compadre do..do mê enteado

JR: O pai..o pai da..da mulher dele?

P: Não

JR: Então que é que é o compadre?

P: Era um que era..era..quer dizer..era padrinho dos filhos todos.

JR: Padrinho do..de quais filhos t...

P: Dos filhos do..do meu enteado

JR: Ah dos filhos do seu enteado, está bem...

P: Tinha áuns..áuns quatro ou cinco filhos, ele é que era o padrinho deles, mai a mulher.

JR: Mas e...não tinha ma..qual é que era..não..não..qual é que era o grau de parentesco com ele, não tinha mais nenhum grau de parentesco?

JR: Porque é que er..porque é que era padrinho deles?

P: Porque ele num tinha..quer dizer..aquele rapaz nun..nunca teve filhos.

JR: O..o..o compadre?

P: O compadre nunca teve filhos

JR: Ah está bem.

P: E ódepoi diss..disse então pra eles “Ó Ernesto tu..vós se quisésseis davam..davam-nos o..o Vidal, davam-nos o outro, o outro rapaz” , eles feitos parvos deram-lhe mas o que é agora deixou-lhe tudo quanto tinha.

JR: Ah o..o..o seu enteado deu um ..um..um dos filhos dele ao..

P: ....Poi pois....

JR: ...e agora ficou com tudo quanto tinha. Herdou.

P: Agora..agora o que ele tinha herdou-o ele. Tinha um tractor tinha um bocado ali ao pé das casas, deixou-lhe alguns..não sei se foram cinco..cinco mil contos, se foram dez mil contos, em dinheiro.

JR: Hum hum. Como é que se chama o seu enteado?

P: É Zé António. [xoo! Ah filhas de uma púcara]

JR: E viveu..viveu consigo até se casar?

P: Poi.

JR: Depois é que se foi embora.

(...)

P: Ah se num calha a ser aquele..aquele rapaz também mal a sorte...mal.

(...)

P: Ódepoi as mulheres também são umas Toninhas ai...tanta mulher tanto a mulher com o..como a..como a cunhada umas toninhas.

JR: A mulher dele?

P: Poi.

JR: Porque é que diz isso?

P: Porque são uma mulherzinhas que num...tche tche tche tche tche tche tche tche parece que nem sabem falar nem coisa nenhuma.

JR: Mas são aqui da zona ou...? De onde é que elas são, são aqui da..da zona.?

P: Ê sê lá..já morreram..já morreram as..a..as mães delas.

JR: ah já morreram as mães delas...

P: Eh a mãe..a mãe dela também era aquase igual. Também..moravam aqui nesta casa.

JR: Moravam em qual casa?

P: Nesta

JR: Ai moravam nesta aqui...?

P: Elas nem..nem são pra elas ne são prós homens, são umas toninhas.

JR: Então a...a...a mulher do seu entea..do seu enteado..a mãe dela morava nesta casa,era?

JR: Ah (em resposta a uma confirmação gestual)

P: E..e a outra também.

JR: Qual outra?

P: A..a irmã, a irmã da..da do mê enteado.

JR: Ah..

P: Elas são irmãs.

JR: Eram aqui do Tojo, e moravam aqui nesta casa.

P: Elas eram irmãs.

JR: E depois forma-se embora?

P: Foram..depois foram-se embora porque queimaram aqui tudo com o maior fogo.

JR: Ah foi nessa altura que se foram embora...

(...)

JR: Pois é...é tanta gente que eu às vezes fico assim um bocado...

P:...Ah...

JR: .....assim um bocado perdido.

P: Poi poi...

JR: Tenho que...

P: ....O pessoal era muito...

JR: ...tenho que perguntar que é pra..pra perceber bem a...a...as ligações....

P: ...As coisas....

JR:.... as suas coisas...as ligações entre as pessoas.

P: Ai Jasus se isto tem muito que saber....!

JR: Tão então não tem!?

P: Isto tem muito que saber tem...

JR: Por isso é que me está a contar.

JR: Tem é que me contar mais coisas de si, conta muitas coisas dos outros mas não conta de si...

P: Ah...então é de mim não tenho que contar.

JR: Então porquê?

P: Porque não tenho que contar.

JR: Ah não tem...então não tem, então se outros têm porque é que não tem de si?

P: Diz que : diz a gente mal dos outros, para não dizer mal de si.

JR: Ah essa não conhecia mas se calhar é bem verdade.

P: (ri-se)

JR: Mas a senhora também não está dizer mal do outros.

P: Pois claro! Mas que há..há criaturas que estão mal dad..a dizer mal daquela ou da outra e terem mai mal muito pior do que à pessoa. A gente pra..pra falar da..das outras tem é que olhar para si, primeiro.

JR: Pois é...

P: Ah...

(...)

JR: É isso mesmo...

P: Pra quem é boa gente falar das..das demais proque são falsos testemunhos falsos. E Deus não quer aqueles falsos testemunhos.

(...)

P: A esta hora já o mê enteado abalou..ai..o..o mê filho abalou.

JR: O seu neto...!

P: Isso o mê neto...ai jesus...

JR: Ai isso já está tudo trocado!

(Rimo-nos)

P: Engano-me engano-me, quero dizer uma coisa digo outra

JR: O..o...olhe que..não se engana..não se engana muito. Sim a esta hora já ele de-se ter ido ele ainda ia..ainda ia..ainda ia pra longe.

P: Ele disse que..disse que abalava hoje, disse que abalava hoje ainda.

JR: A mulher dele veio com..a mulher n..ele é casado já?

P: Já.

JR: Já se casou?

P: Então já tem dois filh..não queste..este ainda é..ainda é solteiro.

JR: O seu neto ainda é solteiro, pois..já estava a pensar no seu filho outra vez...

P: Já aí trouxe du..duas raparig..uma rapariga e era boa, eu gostava daquela rapariga

JR: então mas e depois não..não...

JR: Depois...desoveram-se, não sei... ela ou foi por caus..ou que fosse a mãe ou de qualquer das maneiras ele agora já a cá não traz.

JR: É assim as pessoas...

P: Mas aquela rapariga, eu gostava dela, tinha assim bom..bom viver e era assim jeitosa.

JR: Era bonita?

P: Era...ela assim branca branca num era mas era assim..tinha assim uma cor bonita.

JR: As pessoas às vezes zangam-se...

P: Às vezes que..era capaz de ser por causa da mãe, a mãe..a mãe dele também é amóde parva.

JR: A sua nora...?

P: Poi é..é amóde a..adesconada poi, então a rapariga disse-me aqui que “ah o nosso Sérgio n..num..não casa com ela poruqe o ..o nosso Sérgio trabalha muito e ela não é trabalhadora” . Trabalhadora é ela! Elas é que não são trabalhadoras, elas é que não gostam de trabalho.

JR: Mas que é que lhe disse isso foi a namorada do seu..do seu neto quando cá veio?

P: Foi a..a minha neta.

JR: Ai foi a sua neta...

P: A minha neta é que me disse que a rapar..a rapariga que o..que o Sérgio namorava...

JR: ...Sim, que não era trabalhadora...

P: ...que não era trabalhadora. Cortei ali aquela..uma pernada de sobreira ali da..da..da..do pra baixo, ela é que acarreou a lenha aquase toda práqui, atão se ela não fosse trabalhadora não \_\_\_\_\_ num pau.

JR: Pois...

P: Veio cá..vieram cá..vieram à azeitona ela debulhou (?) igual a mim. E eles nem a cá assim. O rapaz é trabalhador é, mas elas não.

JR: Elas quem, a sua neta e a sua nora?

P: A minha neta não é assim trabalhadora, e a nora também num..num quer saber de trabalho. É só dez..dali por um bocado, alevantar-se, então aquilo é trabalho? É trabalho mas é a gente pegar numa..numa ferramenta e trabalhar, isso é que é trabalho.

(...)

JR: A Senhora ainda sabe em que ano é que nasceu?

JR: Sabe em que ano é que nasceu, ou já não se lembra?

P: Já não sei

JR: Lá porque tem..vai fazer oitenta e nove anos gora não é? A senhora vai fazer oitenta e nove anos agora não é?

P: Pa Outubro.

JR: Para Outubro...

P: Ódepoi já passo prós noventa.

(...)

JR: Pois nasceu em...1918.

P: Ai ê isso num sei.

JR: 1918.

P: Quem não sabe ler não sabe nada. Quem sabe ler sabe tudo.

JR: Ai isso não é bem assim olhe eu por exemplo sei ler ando aí..na escola, faculdade e assim, se tivesse que ir ali pró..prá horta do seu vizinho não fazia lá nada!

P: Ah isso sei eu. (ri-se)

JR: Se tivesse se eu..se mo..se morasse aqui e não tivesse dinheiro morria de fome...(rimonos)...o queé..o que é que me adiantava...

P: ...Havia..havia...

JR: ....o que é que me adiantava saber ler?...

P:...havia de se adiantar a fazer alguma coisa.

JR: Se eu tivesse quem me ensinasse

P: Atão mas o..o..o senhor tem..tem onde se empregar não é preciso andar a trabalhar.

JR: Hum isso do tem onde se empregar vamos ver, está..está difícil quando se acabar o curso logo..logo se vê.

P: Se às vezes calha, se as coisas corram..correm bem ainda vá mas se corra..se corram más é que é o diacho.

JR: E quando se casou lembra-se quantos anos é que tinha quando se casou?

P: 24 anos.

JR: 24 anos... O seu marido era mais velho se já tinha sido casado?

P: Ele já'.

JR: Quantos anos é que ele tinha lembra-se?

P: Sê lá.

JR: Já não se lembra...

P: Já a mai uns treuze..a uns treuze ou quato..ou quatorze anos

JR: Era mais velho do que senhora uns treuze ou quatorze anos?...Pois ( em prováel sequêcia de uma resposta gestual à pergunta).

P: Pois claro. Hoje há muitas torres, hoje há muitas torres de trovoada.

JR: São estas nuvens?

P: Esta nuvia aqui ontem deitou..deitava aqui água ca sei lá, e hoje não.

JR: Se calhar não era mesma.

P: Num sei

JR: Era uma parecida

P: Ali passou um vião

JR: Passou...um avião.

P: Aqui passam muito os aviões, aqui é a carreira deles.

(...)

P: Atão as pessoas se não trabalhassam ai..ai que vida havia de ser delas.

JR: Tem que ser, tem que se traba...

P: Tudo a..tudo a comprar, tudo tudo a comprar, atão o ordenado dava pra c..pra alguma coisa.

JR: É isso...

P: Ah... É como diz ali o..o meu vizinho “ Então eu se não trabalhasse atão o ordenado davam-mo?” , agora já está..já está a ganhar mas...

JR: Está a ganhar, está a trabalhar no quê?

P: Mas ele \_\_\_\_\_ num deixa de trabalhar, num perde nem um jornal, andou aí muito tempo coma que andava morto de todo, todos os dias ia, todo dias ia, todo dias ia. E eu “ Ó Zé num vás home atão..atão num te enfadas?” , “ Ah...se deixo de o ganhar deixo de o comer”. Que rais parta o dinheiro mai quem o pariu.

JR: É mesmo assim, as pessoas não ganham não..não..não comem.

P: Mas eles têm muito dinheiro no banco, eles só o dinheiro que ela recebeu da..da reforma, quem é que sabe o que ela recebeu. E o dinheiro que já lá tinha?

JR: É porque o poupam.

P: E agora vem, vem..vem a...vem o ganho vai pró mesmo, torna a vir vai pró mesmo, ele nunca o alevanta.

JR: É ra depois pra deixar ao filho.

P: Ah...Tinha lá uma casa na..ali no Cidral vendeu-a aquele dinheiro deixou..de..deu-o todo aos filhos. Se fossem outros homens não lho davam.

JR: Então ele está aqui ele tem a vida dele, para o que ele quer chega, o dinheiro...

P: ...Ai chega...

JR: ...o que sobra olha é prós filhos.

P: ...chega poque vai ganhando sempre sempre sempre sempre sempre, há pessoas que têm ali um bocado em baixo, volta e meia fica cá, volta e meia fica cá, vão ó médico, ó vai a Vila Flor, ó vai aqui, ó vai ali, este aqui num perde um jornal.

JR: É trabalhador...

P: Mas aqueles oi aqueles....e é cunhado, é irmão da mulher.

JR: É...as pessoas são assim, são diferentes.

P: Agora esta aqui, este aqui não perde um jornal, só..só morto.

Só morto é que o encontra em casa. Mas também eel..também ele tem..tem pra ele e prós filhos e pra dar eee....ainda sobra.

JR: Pois..quem trabalha é assim...

P: Pois claro!

(...)

P: E num é gastador só..às ve..onde é mai gastador é no tabaco. Mas ela..ela também num quer. “O tabaco que lhe faz mal, que o tabaco lhe faz mal”, quer dizer ele tem a branquite, ele tem muita branquite como a mim...

JR: Ah pois então faz-lhe mal faz.

P:E..e ela num.. Cada vez que fuma, que \_\_\_\_\_ que era logo uma tosse, uma tossarrona desgraçada. Ela custa-lhe, mas ele num..ele num o larga!

JR: Pois aquilo é..é difícil largá-lo.

P: E ódepoi gasta duas sonas..duas onças por semana,daquelas grandes.

JR: Gasta duas quê?

P: Duas onças.

JR: Hum..hum... é daquele de enrolar?

P: É..é. (..) O mê também fumava mas num era ssim tanto, era uma onça dessas pequeninas e tinha pa toda a semana.

JR: Pois eu s..é porque também se calhar havia menos dinheiro.

P: Havia menos dinheiro e num sei, há homens que..

JR: ...Que fumam menos...

P: Fu..fumam muito menos. E ele agarra...ele também é agarrado assim aquele também é agarrado também.. pa largar \_\_\_\_\_ das unhas foi o diaio.

(...)

JR: O marido da senhora morreu de quê?

P: Ah sê lá, de alguma que lhe deu.

JR: Mas foi assim de um momento para o outro ou ainda esteve no hospital?

JR: Ainda esteve no hospital ou...foi assim...?

P: Foi aqui, morreu aqui em casa.

JR: Já al..ali na outra ali em baixo?

P: Atão as pessoas já estão mortas vão..vão com elas pó hospital com elas..que vão lá a fazer?

JR: Pois..mas aquilo foi assim..foi assi..foi assim de um momento para o outro ou esteve doente algum tempo ainda?

P: Ai ainda esteve aí alguns quinze dias aí..aqui doente.

JR:E não veio cá o médico?

JR: Não o chamaram? (No seguimento de uma resposta gestual)

P: Ê nunca chamei o médico, para quê? Quem tem de morrer tanto faz vir médico coma vir médica, é igual. Alguns já vão..já vão com eles ao médico já estão mortos. Então que vão lá a fazer? É gente parva.

JR: Quantos anos é que ele tinha?

JR: Sabe quantos anos é que ele tinha?

P: Num sei.

JR: Isso já foi..já foi..foi há quantos anos?

P: Num sei se já tinha, se ele já..já oit..oitenta e quatro se não, já n..já não estou alembrada.

JR: Pois ele era..ele era..ele era mais velho do que a senhora.

P: Já há sete an..já há dezassete anos que morreu.

JR: Já há dezassete anos pois... foi há algum tempo.

P: Poi.

JR: Na altura custou-lhe...

P: Ai não custou nada, não me custou cá nada. Trabalho inté demai tinha eu. Tinha aí duas cabrinhas nem era po olhar dele, nem era po olhar das cabrinhas, nem era pra nada. E assim morreu acabou tudo. Poi.

JR: Mas ficou cá sozinha não...

P: Então e se estou sozinha, estou sozinha estou bem.

JR: Sim mas...

P: Só tenho medo é ó mal. Ó mal é que tenho medo.

JR: Tem medo ao mal...?

P: Ó mal..ó mal tenho medo. Estar aí a sofrer, o mais o mai resto...num importa. Há pessoas que têm medo ê..”Ai se fosse eu num estava lá , ai se fosse eu assim, ai se fosse ê..”, atão pa onde é que uma..pa onde é que uma pessoa há-de ir? Aqui está mal pra outro lado está mal.

(...)

JR: Dava-se bem com o seu marido?

JR: Davam-se os dois bem... ( no seguimento de uma resposta não verbal)

P: Nunca ralhámos um co outro.

JR: Então está a ver afinal a sua mãe...

P: ...Ah...

JR:...não escolheu assim..não escolheu assim tão mal.

P: Ah..poi não...(em tom de alguma ironia)

JR: Se nunca ralharam um com o outro...

P: Agora ja..ralham as pessoas porque querem. Se um num se cala um est..um está a falar e o outro se cala nunca se ralha, agora se um..se um ralha, se um..se um fala e o outro fala pior ainda.

JR: Era isso que a senhora fazia?

P: Pois claro. Há pessoas os homens que lhe batam, volta e meia andam-lhe a bater. Eu nunca apanhava porrada, de meu pai é que as apanhava e de minha mãe, agora por causa do mê..do mê não.

JR: Ah era uma boa pessoa?

P: Poi... Há criaturas que apanham porque querem. Palram palram pronto apanham porrada.

JR: E a senhora calava-se era?

P: Poi... Quem cala vence! Toda a vida assim foi quem cala vence.

JR: Ah se calhar era verdade.

P: E mai ca verdade ainda .

JR: Ainda é mais que a verdade...

P: Quanto mai uma pessoa fala mai erra. Esta a falar, a falar está \_\_\_\_\_.

(..) Estava a minha mãe nunca apanhou uma porrado d..do..do mê pai. Proquê?, não falava. Se um falava o outro calava-se.E nunca apanham. Agora quem está..quem está um..está um..um..um a falar e o outro ainda a falar por cima dele pior ainda.

JR: foi com a sua mãe que aprendeu então?...Uma boa lição.

P: Pois claro. Quem assim num faz num anda bem. Atão agora uma criatura

\_\_\_\_\_, o home porque se toca da pinga, toca de picar nele, toca de picar nele, toca de picar nele inté que apanha. E se cala?, num apanha porrada, num apanha nada. Às vezes, dantes, dantes era assim. Inté apa..inté lhe batiam cas sa..cas sapanas (?) aqui os braços todos..todos farruscos, a cara toda cheia de nódoas, Ai mãe do céu!... Aquilo é que parecia bem.

JR: Pois não parecia não..nada bem não.

P: A mulher que está casada tem o home o filho e vive em medo por causa da pinga deixa-o. Adeita-se na cama ou adeita-se num sítio qualquer deixa-se estar, até passar.

JR: Era isso que a senhora fazia? Ou o seu marido não..não era de se meter na pinga.

P: Ai à vezes também..às vezes também se tocava. Mas ê num me importava, ê num me ralava nada. Mas há mulheres que é assim rançam-nos, rançam-nos, rançam-nos, rançam-no, rançam-nos e está sempre aquele..aquele..aquele rançamento, depoi comam. Mas há pessoas, há homens, tocam-se da pinga ninguém os ou..ninguém os ouve nem fazem desacatos nenhuns. Deitam-se ó que f..ó que vão prá cama ó que se deitem num sítio qualquer é coma que estão mortos e há outros que não, inda ralham com elas.

JR: Então e o..se faziam..faziam aí vinho ou compravam ou tinham aí...

P: ...Ai...

JR: ...havia aí algum laga..alguma adega ou...

P: Então e ele..e el..quando iam prá tabernas pró Rosmaninho...

JR: Pois está bem mas a..aí não faziam, cá no Tojo?

P: Aquele que tinha vinho esse fazia.

JR: A senhora e o seu marido não..não faziam não.

P: Num tínhamos, num tínhamos nada.

JR: Não tinha ele..não tinham terras era só o que ele ganhava na jorna.

P:Poi, quando ele ia para jorna o que é que a senhora ficava a fazer?

P: Ai...que ficava a fazer?...Então ia além pó bocadinho já tinha que trabalhar.

JR: Pois..não..na horta?

P: Poi.

JR: Que era..era ali para os lados da Fonte Sobreiro não era?

P: Era era, era do lado de cá.

JR: Já lá não vai agora é muito longe?

P: Agora já não, num tenho lá nada.

JR: A terra ainda lá está ou não?

P: A terra está mas n..mas num é cultivada.

JR: Pois é...

P: Há lá acalíptros.

JR: Plantaram lá Eucaliptos foi?

P: Poi..

JR: Na sua terra...

P: Esta tudo cheio de..de acalíptros por aí a fora.

JR: Está bem...

P: Os cabrões mataram-me aqui mui..mataram-na aqui a criatura. Poram aqui os eucalitos mataram tudo. Este terre..estas terras aqui de pão e de trigo ee..e de hortas mataram tudo.

JR: Foi os do Marquês?

P: Parece que também já morreram cum ra..com o diabo Nosso Senhor os perdoe em vir.

JR: Quem é que já morreu?

P: Os que cá estavam a mandar. O Rocha...o outro senhor que era o...que era Ti António Maria, esse era bom.

JR: Mas esse era antes do Rocha não era?

P: O Rocha é que era pior, o rocha era pior porque também o faziam. Os..os alacaios que cá tinha é que era.

JR: Mas o que é que os lacaios aí faziam?

P: Ai..metiam uma pessoa num inferno, eram guardas faziam-se..faziam-se.. por serem guardas e guardar isto pronto.

JR: Eram os guar..guardar as terras aí do Marquês?

P: Poi, guardar as terr..os terrenos.

JR: E as pessoas trabalhavam nos terrenos dele?

P: Poi.

JR: E depois el..pois...depois ele pagava-lhes ou como é que era?

P: Pagava, a quem..a quem lá trabalhava pagava. A pôr estacas, a pôr isto, a pôr aquilo.

JR: Pagava em quê, em...?

P: Pagavam..davam..pagavam-lhe jorno.Pagavam-lhe um jornal. Agora já não, agora já não há quem pague assim.

JR: Pois agora já não...

P: Não há trabalhadores não há nada. Também já não há quem trabalhe.

JR: Sim assim no campo não. E a senhora fica triste por..por ver assim a..a terra a desaparecer e assim o...

P: Ah! Eu não, mas de que serve a gente estar triste, mas de que serve? A gente não tira nada por estar..por dize..por estar triste.

JR: Pois..mas às vezes uma pessoa não..

P:...pois claro..

JR: ...não manda nessas coisas.

P: Quem é que manda? Isto nem é Deus que manda é..é..é o..é o inimigo. Aqueles cães.

JR: É quem?

P: Aqueles cães dos patrões. Atão aquele Marquês tinha alguma coisa que apanhar est..estes terrenos aqui? Não tinha nada que apanhar. Então isto era do Manco e ele é que apanhou isto ao Manco.

JR: A senhora isso aí ainda foi..ainda foi no seu tempo ou...?

JR: Já não foi no seu tempo (no seguimento de uma resposta não verbal).

P: Nem no tempo dos..dos que cá estavam em vivos.

JR: E quem é que lhe contava essas histórias?

P: Poi a gente ouvia..ouvia co..ao Zé..ao Zé é que ouvia..ouvia contar.

JR: O que é que eles contavam?

P: Eles contavam que naquele tempo que era bom.

JR: Que era bom...?

P: O Manco era bom. Bom mas já não foi destes, já não foi destes que agora morreram agora aqui, já foi doutros passados.

JR: Já não foi do tempo dos seus pais ainda foi...

P: ...Ai...

JR:...antes disso...

P: ...nem dos meus avós. Quem é..alguém se lembra disto ser arranjado?, ninguém se lembra. Nem os que cá estavam se lembravam.

JR: Aqui as casas?

P: Pois as casas poi.

JR: De serem feitas...

(...)

P: Ódepoi estes cabrões andar..andaram aí a a pôr estacas...depoi oliveiras e metiam o pessoal a..a regar, com cântaros.(...) Os homens a pôr estacas e elas a regar a re..as estacas das oliveiras.

JR: A senhora também ainda lá andou a regá-las?

P: Ah ê nunca lá andei.

JR: Ainda era muito nova ou não quiz pa lá ir?

P: Ê já estava casada, já ó tempo.

JR: Ai já estava casada...

P: Já...

JR: Então e não foi para lá?

P: Tanpouco me casei pouco jornal ê f..pouco jornal ganhei.

JR: Porquê?

P: Porque não. Ainda andava ele a ganhar.

JR: Ninguém...?

P: Andava a ele a ganhar que ganhasse.

JR: Ah andava ele a ganhar...

P: É num podia deixar a vida.

JR: Pois...cada um fazia...

P: É naquele tempo tinha a gente um porquito, tinha galinhas, tinha um burrinho...tinha as cabrinhas. Num podia..não se podia deixar na..a..tudo ao desemparo.

JR: Pois...tinha que tratar da horta e ainda tinha que arranjar comida para isso tudo.

P: Ai não...! Pó porquito era..até a gente \_\_\_\_\_ós letões, às ervas.

JR: Hum..hum...

P: Num andava a comprar comprar sacas de farinha conforme compram agora...

JR:...Agora é...

P: ....da terrerrelão(?). A gente tirava um animal só com o..com o que tirava de um taleigo. Era o que tirava do taleigo sust..a..sustinha o animal to..oito dias e quinze dias.

JR: Oito dias e quinze dias o quê?

P: Sustentávamos assim o bur..os animais..os porcos. Ódepoi leitões, saramagos, leitões, saramagos, corvilheiras, com \_\_\_\_\_de..de farelo, pronto. Agora...

JR: ...Era assim que se tratavam...

P: ...agora sacas de rolão, sacas de farinha é...

JR: ...Hum..hum..

P:...há muito dinheiro.

JR: Pois agora é. E a senhora não..não sente saudades desses tempos em que tinha aí os animais?

JR: Se não tem saudades desse tempo em que tinha os animais e assim?

P: Tenho saudades tenho mas eu não os posso ter. Saudades tenho eu e muitas, eu gosto muito de andar com o vivo.

JR: Gosta muito de andar...?

P: Com o vivo.

JR: Com o vivo? Assim com os a..com os animais é?

P: Pois.

JR: Quando é que deixou de os ter foi depois do seu homem morrer?

JR: Foi depois do seu marido morrer que deixou de os ter?

P: Pois. (alguma tristeza na voz).

JR: Quando foi para Lisboa ainda tinha cá alguma coisa ou já não?

P: Tinha aí duas cabrinhas venderam-nas e meteram o dinheiro ao bolso e pronto.

JR: Quem é que a vendeu e meteu o dinheiro ao bolso?

P: Aiii...! Foi o..foi o meu enteado e o..e o filho.

JR: Nessa altura eles ainda cá vinha era?

P: Ai...ai vinha cá, vinha cá quando o manda..quando o cá mandavam vir. Estava ali o pai na cama e nunca disse “Fui-me a ver o meu pai que lá está”.

JR: Isso quando o seu marido estava a morrer..estava...

P: ...Se o mandasse vir...

JR:...estava doente.

P:...se o mandasse vir cá vinha, se não mandasse vir...e ainda era preciso pagar-lhe a viagem pa..pra abalar.

JR: E a senhora foi logo depois do seu marido morrer que foi lá para Lisboa ou ainda aqui esteve alguns tempos?

P: Fui pra..fui logo pra lá.

JR: Foi logo pra lá...pois.

P: Se soubesse num tinha pra lá ido não.Soubera o que sei hoje...num tinha pra lá ido.

JR: Mas também gostou esteve..

P:Ai gostei...gostei práquê? Dei cabo..dei cabo do arranjo que tinha.

JR: Deu cabo do...?

P: Do arranjo que tinha.

JR: Qual arranjo?

P: Atão vendi as cabrinhas fiquei sem nada...

JR: ...Ah pois...

P: ...a..o dinheiro da urna fiquei sem ele, num o vi, pronto. E eu em estando cá num..num abalava nada, e assim abalou tudo.

JR: E assim abalaram-lhe com as coisas... . Foi lá para o pé do seu filho.

P: Já es..ai!, pró pé do meu filho... O mê enteado algum..algum \_\_\_\_\_de alguma arquinha que cá havia,levou tudo. Aqui estas arcas..aquela arca além era dum..era dum home aqui do...chamavam-lhe aqui o \_\_\_\_\_deixou-a ali na casa dele. Disse-me o mê João “Olha lá vamos práqui a puxar aquela arca eles já a não levam, puxamosa práqui”.

JR: Quem é que era o seu João..quem é que era o...?

P: Era o meu homem.

JR: Ah chamava-se João.

P: A..trouxemosa práqui. Está aqui outra aqui esta aqui detrás era..era da sogra dele.

JR: Esta maior?

P: Sim...era da sogra. E esta aqui não a levou...óoo...ele era cão.

JR: O seu enteado?

P: Poi...

JR: Levou..levou o que..o que..o que..o que lhe agradou foi?

P: Levou o que lhe agradou mai levou e outro resto deixou.

JR: A senhora agora vive só aqui? Do..tem aqui a sua cama também dorme aqui e vive aqui.

P: Poi!

JR: Tem aqui um..está ajeitadinha a sua casa.

JR: Está ajeitadinha a sua casa.

P: Está está...está aqui uma furda.... (rindo-se)

(Rimo-nos)

JR: ...A senhora diz isso mas...

P:...isto é que é uma furda...

JR: ...mas está ajeitadinha tem a casinha arrumadinha.

P: Tenho tenho...

JR: Eu acho que sim...eu acho que sim que está uma casinha ajeitadinha.

P: Se fosse uma casinha que estivesse assim..tivesse...tivesse um..uns zulejos...

JR: ...Ah pois mas isso...

P: ...ou que estivesse..estivesse cimentada, está bem.

JR: É à antiga...

P: Mas aqui isto assim assen..ai..estas pedras \_\_\_\_\_ tanto faz lavá-las comas não lavar.

JR: Pois isso é..isso é assim...

P: ...eu metia era amóde uma doalha...

JR: ....já se sabe...

P: ...e a.e lasca,po..assim de lasca é..éma..são mai bonitas.

JR: Ah mas também não tem aqui uma casa feia.

P: Então isto nem é barrada nem é nada, ne..n..num tem..num tem planta nenhuma.

JR: Então é co..é como era..é como era nos outros tempos, nos outros tempos...

P:...Poi...

JR....também era assim era...

P:...poi era. Ai dantes havia assim muita furda, muita, \_\_\_\_\_ e por lá era igual...

JR: ...Pois são todas assim...

P: ...por lá..por lá agora já há..agora já há..já há mais, mas no tempo era na mesma.

JR: Então e os seus..os seus vizinhos não estão cá hoje?

JR: Os seus vizinhos não estão cá hoje?

P: Estão prá horta.

JR: O burro está ali preso, por isso é que eu estava a perguntar.

P: O burro te..prenderam-no ali.

JR: Para ele...

P: Está aqui no palheiro está só a cantar, a cantar, a cantar.

JR: A cantar...!

(Rimo-nos)

P: Ódepoi prendem-no práli num come canta à mesma olha puta co pariu.

JR: É uma bela cantoria.(Rimo-nos) Eu gosto de o ouvir. Ele não trabalha não o metem aí ao trabalho?

JR: Eles..se eles não o metem aí ao trabalho ou é só pra..o burro?

P: Então é pra tirarem os estrumes...

JR: ...Pois...Ah é para os estrumes...

P: ...prá horta...

JR: ...está bem..está bem...

P: ...é só pró que presta mai...

(Rimo-nos)

JR: Vive uma boa vida.

P: Tinham ali um mas já andava coxo, já era velho, e ó depoi venderam-no..deram-no aos ciganos...

JR: ...Deram-no aos ciganos foi...

P: ...e compraram este.

JR: Os ciganos costumam vir para aqui ou não?

JR: Os ciganos se costumam vir aqui ao Tojo?

P: Ah..ent..agora já não, em tempos vinham mas agora não sentem cá nada.

JR: Pois...

P: Ali para o..ali em baixo ainda vão. Sentem lá os burros vão, aqui não.

JR: Aqui já não. Não há cá nada que lhes interesse.

(...)

JR: Bem...

P: Já?

JR: Já!? (Ri-se) Queria mais..queria mais era? Então já estamos aq...eim desculpe que eu caio pró chão...

P: Já está cheio, já está isso cheio ( o gravador).

JR: Não cheio não está mas já estamos aqui à conversa há uma hora e dezoito minutos...

P: Estava a dizer que ia lá em cima a..a tirar as fotografias.

JR:Hoje na..hoje não pode ser. Eu..eu por acaso pensei nisso só que eu hoje...

(A parte que se segue foi recolhida minutos depois quando o continuar da conversa justificou o voltar a utilizar o gravador)

P: ...Fomos ao endireita primeiro, depois é que fomos ao médico, primeiro disse-nos assim o..o endireita “Olhem vocemecês agora vão ao médico, vão a tirar uma radiografia vocês..a tirar uma radiografia e logo vêam, se for desmentido venham cá e se for partido não venham cá, porque a perna está muito inchada. Ódepoi fomo..lá fomos ao médico, abalámos dali eram quê?, eram oito horas, quando de lá vimos do médico eram quatro horas da tarde, e frio que fazia, e fiquei ali sozinha, mas o..o meu deixou cá a papelada em casa veio cá a buscá-la, ela desa..desapareceu dali nunca mai a tornei a ver.

JR: Quando estavam lá no médico?

P: Pois. Ódepoi os demais já estavam todos aviados e eu era a que era primeira mas ele foi lá..ela foi lá fazer a ficha meteu-a, depois iam umas metia, iam outras metia, iam outras metia e ê fui a última. E se ela não calha a abalar?, era aquase das primeiras.

JR: Assim teve de lá estar aquele tempo todo.

P: Poi. Ali nem comer, nem beber, nem nada...ai mãe do céu. Ódepoi, quando de lá viémos, disse-me assim..o médico era assim “Agora, ao fim de quinze dias, voltam cá”, e o mê Francisco, o mê filho todo o dia me dizia assim “Ó mãe então que tal está, está melhor ou..ou sente-se pior”, “Ó Filho eu sinto-me melhor”, “Ah atão..atão não vamos lá ao fim de quinze dias”, disse o meu vamos lá ass “ Se lá não vamos ao fim de quinze dias nunca mai torno a olhar pra ela, nem que morra nem que viva”, a minha nora.

JR: Ela queria que lá fosse ao fim de quinze dias era?

P: Poi.

JR: Pois...

P: Ah mas fazia a mesma parte,fazia a mesma parte. Ódepoi o..o rapazinho é que ia comnosco, uma vez num queria ir.

JR: O seu neto?

P: Pois. Porque ali num se pode deixar um carro sozinho...naquele sítio.

JR: Porque o podem roubar?

P: Ah..poi.

JR: Onde é que era ainda se lembra?

P: Já num sei Num sei como é que er..como é que se chamava aquilo.E..e ódepoi o..o meu Francisco dizia assim “Ó vais ou quando não já apanhas” já sabes que não se podem deixar ali os carros”, parece que lá para cima pró médico estava certo, mas lá onde vai a tire..onde vai a tirar a..a radiografia não. Depois o rapaz lá foi, aquela hora lá foi, mas num tornou lá a voltar. Mas ela nunca mai tornou a fazer caso de mim, nem a falar nem nada. Ódepoi quando viémos embora, quando chegamos ali a..aquilo do pai, eu estava assim encostada à..à ombreira da porta, estava com o braço ao peito, não o podia mexer, e ela disse assim “ Por causa do...por causa dos pipos, por causa dos pipos é que eu estou aqui metida num inferno, por causa dos pipos é que ê estou metida em inferno”, disse-lhe “Ó filho diz tu aí em diante da so..da tua sogra o bem e o mal fez os pipos. Num te disse que os arrecadasses pra dentro, pa dentro da loja? Podia saltar o...um...um malandro ali plo portão e rouber-tos.”, mas o mê filho também num abriu boca, também foi um pachacho, também não abriu a boca. Inté hoje ainda não tornou a falar pra mim.

JR: A sua nora...

P: Poi.

JR: E foi por isso que se foi embora de lá...

P: Por causa di..por causa disso..por causa dela ser r..ser ruim é que ê de la´ abalei. Atão estava ali o corredor, o corredor era..era aqui assim e eu estava assim aquela parte de ali, nunca me disse para estar melhor que estivesse pior. Então o filho todos os dias todos os dias me..me ia..me..me ia a..me ia a dizer que tal que estava, se estava algo melhor se estava algo pior, e ele..e ela não tinha boca? Então quem é que me para lá levou? Ela diz..diz que disse aqui, que eu não ouvi, não sei se disse pa Luzinha se..que ela tinha que me a levar, eu não queria ir mas ê..ela tinha que me a levar, ou de rastos ou de empeneda, tinha que ir. Era uma besta ou não era?! Ah estafermo negro!! (muita raiva na entoação das palavras). Há noras que são boas há mas outras... .

JR: Não teve sorte com a sua.

P: Num tive sorte nenhuma nenhuma nenhuma.

## 3ª Entrevista

(20/05/2007)

P: Então e agora que vamos..que vamos cá a dizer agora?

JR: O que é que vamos começar a dizer agora?

P: Sim o que é que..tu é que sabes.

JR: Ai eu é que sei...(rimo-nos), não então olhe a..eu já tenho..já..já falámos bastante de algumas coisas agora dos tempos assim mais perto quando estive na casa do seu filho, quando estive lá para o..a..com os seus compadres e assim a..a ver se agora falávamos um bocado mais atrás também custa mais...custa mais uma pessoa lembrar-se não é?

P: É preciso é quem saiba (ri-se).

JR:É preciso uma pessoa lembrar-se não é, custa mais mas olhe vamos..vamos...vamos falando assim...

P: ...A gente não se lembra de tudo...

JR: ...mas vamos falando assim devagarinho e vamos vendo o que é que..o que é que a senhora se lembra. Está bem? O que é que, por exemplo, o que é que a senhora..o que é que a senhora se lembra dos seus pais? O que é que.. o que é que me pode contar dos...

P:O que é que me lembra de..de serem pobrezinhos. O que é que me lembra?, de serem uns pobrezinhos.

JR: E o que é que se lembra mais desse tempo?

P:...Ê sê lá...

JR: ...O que é que sabe deles?...

P: ...Ê sê lá...

JR: Tudo o que..tudo o que lhe vier à cabeça diga-me... Como é que eles se chamavam?

P: Minha irmã..minha mãe era Maria Espiga, Maria Espiga não sei se..não se tinha..se ia ao Sapo se não.

JR: Hum.hum...

P: Mê pai era Fra..Francisco Macieira, também não sei se tinha mai algum sobrenome se não.

JR: Ou se era só Francisco Macieira.. Eles e..eles eram daqui, eram aqui do Tojo?

P: Mê pai era aqui do Rosmaninho, minha mãe era daqui.

JR: Era daqui..era.era daqui do...

P: Minha mãe nasceu-se..nasceu além e criou-se.

JR: Aquela casa al..

P: Na do padre...

JR: Hum hum... Na casa do padre?

P: Ali é que era a casa do padre.

JR: Ai era...

P: E aqui era a igreja. Ê é que já num me lembra, ê já num me lembra nada disso.

JR: Já não é do seu tempo?

P: Ai nem do tempo dos meus pais era. É do te..do tempo dos meus avôs ou..ou dos avôs.

Porque isto já foi..acho que fo..foi tudo esboralhado e feito.

JR: Mas antes t..tinham..tinham..em tempos tinha lá morado um padre era?..Não, era a igreja.

P: Aquilo era Igreja e onde morava era a tal casa dele era ali.

JR: Qual esta aqui ou...ou...

P: Poi aquel..aquela do portão melhor.

JR: Hum..hum....

P: Onde está escrito.

JR: Sim...

P: Ê o que me lembro mai bem era aqui do..do portão do cemitério, estava cá um cemitério.

JR: Estava cá um cemitério era...?

P: Estava ali, ali diante.

JR: Então e depois o que é que lhe acontece..o que é que aconteceu à..às pessoas?

P: Sê lá...uns morreram, outros num sei.

JR: Não mas e ao..à..o que é que aconteceu ao cemitério? O cemitério o que é que lhe aconteceu?

P: O que é que se lhe aconteceu? Atão depo..o pessoal abalou, o pessoal morreu, ó que..ó que não morresse, ó que o pessoal desatasse pa algum lado. Depoi o cemitério...desbeitou(?)..quer dizer escangalhou-se, derrubaram-se as paredes, agora já \_\_\_\_\_ escangalharam tudo.

Ali naquela casa que ali..que ali está assim em fre..ali em frente os portados eram de lá.

JR:Ai é tinham vindo lá do cemitério os portados era...

P: Ê lembro-me de lá estar a portada da..assim..a portada assim na

\_\_\_\_\_ aqui estas casa está assim o portão, mas ódepoi começaram de lá a acarrear pedra, a acarrear pedra práqui pronto.

JR: Isso já não foi do se..já..já..já não foi do seu tempo e qua..quando do seu tempo as pessoas ainda eram lá enterradas naquele cemitério ou já eram enterradas ali para a o Rosmaninho?

Ou para Santo Estêvão?

P: Já eram enterradas pra..pra Mon..e..est..estes aqui eram pra Santo Estêvão e os que morriam do cemite..ein..do ribeiro Soito pralém eram pró Rosmaninho. Práli é outro concelho.

JR: Hum..hum...

P: Este é o concelho de Gadanha e aquele é concelho de Vila Flor.

JR: Está bem.

(...)

P: Hoje num fui à missa nem nada, hoje num havia lá missa.

JR: Não havia lá missa?, mas ainda lá foi andar?

P: Ontem morreu lá..ontem foi lá um funeral...

JR: ...Ah e foi logo ontem...

P: ...do Zé Calamote. E ódepoi disser..disse-se loga a missa. Disse que hoje que já..que hoje já cá num vinha. Então mas eles é que estão a..ele é que estam a pôr o mau exmple. Atão num..atão onte dizia a missa hoje tornava a vir a dizê-la.

JR: É porque não tinha tem...

P: Ontem..ontem era pró funeral, ontem era pó..pó cadáver e hojeg era pró pessoal. Ele é que tiram a fé.

JR: Logo a senhora não soube foi lá para nada.

P: Ai ê fui lá a ver de pão.

JR: Ah foi lá comprar o pão...

P: Pois quando não num ia lá.(..)Ê todos os domingos vou nem que cá venha..nem que cá tenha pão mau gosto me chega prá..pá semana...

JR:..Hum..hum...

P: ...tenho que ir.

JR: Tem que lá ir sempre comprar.

P: Ou \_\_\_\_\_, ó..ó tenho que encomendar.

JR: Entao e o..a..a sua mãe foi criada ali na..aqui nes..nesta casa foi?

P: Foi..foi naquela além foi.

JR: E o seu pai era do Rosmaninho.

JR: Então e a senhora ainda conheceu..ainda conheceu os seus avós?

P: Então num conheci. Conheci e bem que é que num..num sei o sobrenome deles..já..minha avó e..era a Galega, era gente das Galegas, mê pai num sê.

(...)

JR: E depois dos seus...

P: Aqui morava cá muita gente ainda... A \_\_\_\_\_ que é ali ó..na parte de baixo da Fonte Sobreiro..da parte de baixo..assim ao lado de baixo...

JR:...Hum..hum...

P: ...e havia lá sepulturas, concerteza praí também era algum..algum povozito. Que ali havia as sepulturas abertas. Agora já roubaram aquilo tudo já se não conhecem.

JR: Sepulturas abertas era?

P: Sepulturas on..onde..onde enterravam pessoal.

JR: Hum..hum...

P: Percebe?

JR: Sim sim.

(...)

P: Ainda as lá vi, ainda lá andei naquelas sepulturas. Quer dizer assim as sepulturas de si mesmas, já estavam tudo de rastos. Mas conhecia-se bem.

(...)

JR: E depois de se casarem foram viver para onde o seu pai e a sua mãe?

JR: Continuaram a viver nesta casa ou foram morar ali para a o..foram morar para outra ou continuaram aqui a viver nesta?

P: Aqui na..aqui..nesta que ali está esbarrondada.

JR: E foi lá que a senhora nasceu?

P: Nasci-me ê lá e..e mai..e mai três..mai três mai qua..mai quatro nós éramos cinco. Os outros é que abalaram, os rapazes foram pra Santo Estêvão a minha irmã Amélia, a mai nova, também foi pra Santo Estêvão. A Maria foi ali pró..pró Rosmaninho. E ê fiquei aqui, minha mãe começou a “ Ai porque ele..porque com este vai..vais mai bem, porque aqui já tem..já tem o seu arranjo, porque desta maneira, porque da outra”, num quiz que ê de cá abalasse. Se não eu num estava aqui não. (...) Fiquei aqui praquê? Para toda a gente saber que ê que es..que eu que estou aqui.

JR: Toda a gente quem?

P: Toda a gente sabe. Toda cá vem..cá vem ter comigo. Que vêm cá a fazer? Hum?

JR: Mas quando agora?

P: Poi agora à..à coisa de.. à coisa de três anos. E num ..num é agora por ser bonita.

(Rimo-nos)

JR: Se calhar também é sabe-se..sabe-.se lá. Qualquer dia ainda lhe aparece cá um pretendente.

P: Nem é agora porque ser bonita que tem cá vindo tanta gente a ver-me. Mas porque não procuram por mai ninguém home!?, vamos lá a saber.

JR: Por a se..não é ..não é..não é costume viver uma pessoa assim sozinha aqui numa terra e as pessoas vêm cá, depois também apareceu na televisão e nos jornais...

P: ...Ai....

JR:... as pessoas ficaram a conhecê-la...

P: Atão pois já ó tempo que eu lá ando, ó tempo. Por causa disso é que elas..é que eles cá vêm, aquando não não vinham cá.

JR: Vieram conhecer...

P: Ódepoi dizem já “É po..é por vocemecê ser mai..mais velha”, dizem os de mais de idade, então e..e aí por aí a fora já não têm tamb..a minha idade também?

JR: Mas se calhar não vivem assim sozinhos?

P: Ai...vivem aí uns sozinhos \_\_\_\_\_ então eu também não estou sozinha, ainda cá estão o Zé António mai a mulher.

JR: Pois mas as..as pessoas não sabem disso se calhar.

P: Ai não sabem disso...não sabem disso...se os amandasse a passear eles já sabiam, não os mando passear pronto. Se chegassem aqui uma vez e outra “pshhté rua, rua, rua”, num tornavam a cá voltar. Assim tiraram fotografias, a...tiraram sabe Deus o quê e tudo consentido pronto.

JR: Fez bem... Não lhe custou..não lhe custou..não lhe custou muito.

P: Ah num custou muito, num custou muito... houve aí um..houve aí um.. um casal tinha que uma pessoa andar práqui, práli, ai mude-se pralém praquela além, mude-se pro outro, ai mude-se práli.Ai os filhos do Diabo... estavam já a chatear-me muito. Foi o tempo que cá vieram assim mais.

JR: Hum.hum...

P: Veio aí o presidente da junta, que eles num me pessa..eles num..num me pescavam cá. Mas ódepoi disseram assim “Olhe lá”.. foram uma..esse..ele..foram uma noite a dormir à pousada, em Santo Estêvão, e depois disse-lhe assim o.. “Você se quer..vocês se querem ir ó Tojo vão a falar com o Presidente da Junta, além (Amaro) à Serra, que ele sabe adonde é”

JR: Ali ao..onde ele mora...

P:...Pois...

JR: ...ao jardim.

P: Pois, “Você vá lá..vão lá a falar com ele”, num sendo assim já a lá num..já a lá num agarra. “Ela já os lá num pode ver, então portanto vão a falar com aquele homem, aquele homem

amiga o pessoal todo”. Mas aquela criatura e o homem andaram aí quase oito dias, à primeira vez encontrei-os ali em baixo, aqui à \_\_\_\_\_ aqui ó.. aqui ó c..ó cimo dos eucaliptos, num disseram nada, ó outro dia tornaram a vir, ó outro dia tornaram a vir, ai..então mas isto pode-se aguentar? \_\_\_\_\_ chegava lá em baixo, al..ali..ali ó..ali ó Moínho Velho’, à saída das casas, iam eles no carro, “ai filhos daquela \_\_\_\_\_ lá”, voltava lá aos eucaliptos acima escondi-me detrás de um eucalipto, pronto. Andaram aí..o..mesm..uma..uma tarde andaram aí até às sete horas da tarde, práqui, práli, depois iam daqui pró Rosmaninho, tornavam a vir, tornavam a ir. Ai...é que está ali uma chatice. Era gente aborrecida.

JR: É como eu...

P: Atão para que é que..logo a primeira vez que me..que falaram pramim para que é que não disseram logo ao que vinham?

JR: Pois não sei...

P: Ai... é gente parva, anda..andam a abusar da pessoa, depoi comem. Gastam gasolina práqui práli e nada e..valeu-lhe ele estar aqui o tal do Zé António e irem lá a falar com o Presidente da Junta...

JR: Ah foi..foi o seu vizinho é que lhes disse...?

P: Se ele cá não estivesse, ele estava além \_\_\_\_\_ naquela pedra, o Presidente da Junta vei aí, foram lá eles chamá-lo, a..e ódepoi ê..ê estava aqui ê estava cá dentro de casa, vem daí o Zé António “Ó Ti Patrocínia! Ó Ti Patrocínia saia cá fora home”, “Atão mas o que é que vós querendes?”, “Está aqui o Sr Presidente da Junta, venha cá que lhe quer um recado?”, “Mau”, lá tive que abrir a porta e conversar aquilo com eles e ódepoi o Presidente da Junta, que também já aí estava há um bocado assentado mai o Zé, a conversar, abalou e eles ficaram aí. Uma pessoa que remédio teve que passar ali o tempo com eles. Oora....conversa.

JR: Ficaram-lhe a fazer uma perguntas é como eu agora também..também estou-lhe aqui a fazer umas perguntas.

P: Mas há perguntar perguntar. Não é chatear uma pessoa. A gente vem, eu ao que venho venho e ao que venho digo, minhas alminhas \_\_\_\_\_ comigo.

Pronto, entornou-se tudo (?). Agora chegaram há um mês aqui, amanhã tornam a chegar, o outro dia tornam a chegar, então que vêm cá a fazer? Óoo.. O mê filho logo me disse “Vocemecê seporte-se como é dado, num consente cá e..essa..essa. malta. Essa malta ponha-se de parte, que eles não têm vergonha.” Eu quando vi..quando vim práquilo do meu compadre disse-me assim “Ó mãe vomecê agora acoitele-se”, “Ó filho eu estou acoitelada, comigo ninguém arrisca”, disse-lhe eu, “Comigo ninguém arrisca, num penses lá tu que ê que sou mulher de faltas, num sou.” Nunca mai..a mim..nunca em Lisboa aconteceu mal

nenhum, nunca, nunca. Fui práli sozinha, andava no meio de homens a guardar uma cabras, uma mulher..ali uma..uma mulher que estava ali num..num arredamento (?)

                     disse assim pra minha irmã “Ó Amélia atão vocemecê conhecendo tão be..conhecendo sua irmã anda ali no mei de homens?”, “Eu estou a pensar como se não fizesse mal nenhum, não há lá homens nenhuns” e ela andava lá ó..um rapazito e..era ssim amo..amode tosco tamb..também com umas cabritas mas andava assim num..num coito numa ..numa terrinha ê andava num..num lado e ele andava no outro, outra vez ia a mãe outra vez ia o pai com elas, mas o outro..a outra tinha..a outra estava assim convencida que uma pessoa que..que a convencia logo.

JR: Que uma pessoa quê?

P: Que a convencia logo.

JR: Ah...

P: Óooo convencer...

JR: Mas isso..isso.isso foi quando?

P: Oi já há muito tempo, já há uns poucos de anos, já há mais de cinco ou seis anos.

JR: Mas era quando estava ali na casa..na casa dos seus compadres?

P: Pois..Ali onde chamam os Boieiros...

JR...Sim ali ao pé de Novais...

P:...para cá..para cá de Novais.

JR: Sim sim, já sei. Então e quando era pequena também costumava guardar as cabras aqui?

P: Ai, ai guardar as cabras ê na..minha mãe..minha mãe at..também as ..também as tinha..também..também                      aí du..duas ou três cabras de meio e guardava a do mê avô, vacas e cabras e...

JR: E os seus irmãos ajudavam-na?

P: Ai ajudavam..ainda eram pequenotes. Ali..ali ó pé do..do Moínho Velho...

JR: ...Hum..hum...

P:...tinha aí uma fazenda o mê avô e ia para aí com o gado.

JR: E a..então e a..e agora e..essa fazenda ficou para quem?

P: Ai agora tem-a Maria Dos Anjos mai a..mai aqui essa mulher aqui que é assim muito zangada, tem aqui..que tem aqui a..a horta em cima. Compraram assim um bocado dele.

JR: Ah...

P: Como não têm..não têm títulos nenhuns daquilo nem podem vender nem nada. O Marquês se quiser bota-lhe as unhas.

JR: Ai o Marquês se quiser que...

P: Porque ele..ele num passou..num passou o..papel nenhum. E num po..e num pode fazer escritura, como é que eles podem vender.

JR: Mas quem é que não lhe passou papel nenhum?

P: O Marquês.

JR: Ah. Mas a..é..mas esse..essa..esse terreno era..era do seu avô ou era..ou era do Marquês.

P: Ai quem é que sabe eu num sei, eu isso não sei.

JR: Essa coisa já não...

P: Diziam que era do..do..ê agora não me lem bra como é que era o outro..o nome do homem..ê já aí disse mas agora me esqueci..

JR: Quem?

P: O nome da..do..do terreno. O..o dono do terreno desse..desse terreno aqui que ele nem era do Marquês. O marquês agora..o Marquês apa..aga..agarrou-o com o pôr das estacas.

JR: Era do...

P: ....Ai...

JR: ...era do...do Manco!

P: Ah poi, poi.

JR: Era não era?

P: Diz-se que se chamava Manco ma..mas ê..ê nunca o vi. Só ouvia dizer mai nada. Esse Sr. Manco é que era.

JR: Já não foi do seu tempo então.

P: E nem do tempo de meus pais.

JR: Já não..já não foi do tempo dos seus pais.

P: Se calhar nem do tempo dos meus avós.Eu ós meus avós é que ouvia dizer, agora num sei...

JR: E os seus pais trabalhavam no quê?

P: Ai..naquilo que calhava. Se calhava na..trabalhavam na enxada, trabalhavam em pedreiro, a..a arranjar assim cabanas.

JR: Mas trabalhavam para o Marquê era?

P: Ah pra um qualquer.

JR: Era quem pagasse.

P: Poi.

JR: E depois tinham também a horta...

(...)

P: Ainda hoje me disseram “Então porque é que não vem aqui pró Rosmaninho?”, “O quê eu?, Hei..hei-de me ir aqui meter logo pró inferno? No inferno ando eu sempre metida,

aqui..ale..além estou mal aqui estava trinta ve..trinta vezes pior. Por criar práqui uma ca..fazer uma casa era preciso pa..pagar água, era preciso pagar luz, ainda era preciso comprar lenha e além não. ”

JR: Além tem tudo...

P: Pois claro, é com trabalho, mas aqui é melhor sendo nada a pagar. sendo nada a pagar. Uma pessoa que não tem quem lhe faça as coisas e quer para lhe apanhar a..as linhas e..as ovelhas e as linhas tanto faz..tanto faz estar num lado como estar no outro. A minha vizinha ouviu um carro, disse-me assim

JR: A sua..a sua vizinha quê?

P: Ouviu um carro e..e disse-me isso ali

JR: Ela estava..ela tá..ela..eu não os vi esla estava aí..ela está aí é?

JR: Ela está cá é? A sua vizinha.

P: Está pá horta.

JR: Ah está bem, vei cá ver o que é que..quem é que era.

P: Mas ouviu..ouviu aí um carro e parece que uma maior poêra e disse-me isso ali...

JR: ...Hum..hum...

P: ...disse-me “ Não é ninguém, os cães já ladram longe”

JR: Pois os cães estavam ali, meteram-se ali à m..à..à minha frente quando eu passei de carro.

P: Ai eles num abalam daí. O que é que agora já num..já num correm tanto aos carros. Mas de em princípio oi...

JR: Ainda correm bem, ainda tive que lá vir devagarinho com medo de os..de os atropelar.

P: Mas se for devagarinho, se for devagarinho vão pouco tempo com..com o carro....

JR: ...É, é, é eles só correm...

P: ...mas se vão à carreira...

JR:...só quando o carro acelera é que eles vão...

P: ...pois...

JR:...é isso.

P: Disse “Ó Ti Patrocínia guarde cá..guarde cá os..os cães home, hoje pode vir o rapaz e.. e fazerem-lhe por aí alguma”, “Não, acho que não.”

JR: Não, não, ele ladram mas eu...

P: Eles ladram, ladram mas se a gente corre..corre assim com o carro ou acelera eles correm à unha, a mai velha nem..nem por isso mas outra mais nova corre.

JR: Então e o..o..os..os cachorritos já os mataram ou andam por aí.

P: Já os mataram-nos.

JR: Ai mataram-nos.

P: Mataram e enterraram.

JR: Acabaram com eles. Então e a senhora quando era pequena não tinha aí..não tinha nenhum cão seu..não tinha um c..não..não tinha cães.

P: Quando me casei é que..é que eu tinha um podengo, tinha aí uma..uma cachorrita também dessas pequeninas.

JR: Hum..hum...quando se casou... Casou-se aqui no Tojo?

P: Poi.

JR: Veio cá o padre?

P: Íamos a Santo Estêvão.

JR: Ah foram a Santo Estêvão.

P: Pois.

JR: À Igreja. E depois o..a festa? Foi onde?

P: A..a festa era aí onde queira.

JR: A festa foi aqui?

P: (Ri-se)

JR: O que é que se lembra do seu casamento? Ainda se lembra de alguma coisa?

P: O que é que me..o que é que me hei-de lembrar?

JR: Num sei a senhora é...

P: Meséria! Meséria! Fome! Descalços comós cães. Ainda mai, ainda mai alguma coisinha? (ri-se) É verdade a gente antes anda-se..andava aquase sempre descalço, roto e esfarrapada, agora aquase que é igual.

JR: Naa...descalça nunca a vi.

P: Porque num calha, eu num era capaz de dar..dar uma..uma passada descalça.

JR: Pois...

(...)

P: E..e..dantes não havia nada homem. Era uma miséria, uma miséria desgraçada. Nossos pais num os tinham, nosso avôs num os..num tinham, pronto, depoi ainda cá \_\_\_\_\_ tirou as fazendas todas.

JR: Depois o quê?

P: Esse cão do Rocha tirou as fazendas todas.

JR: Ah.

P: O pessoal morreu.

(...)

JR: Como é que a senhora conheceu o seu marido?

P: Comé que o conheci?

JR: Sim...

P: Ai então ele era daqui.

JR: Ele era daqui?

P: Num..num tinha nada a conhecer era primo.

JR: Era seu primo.

JR: Como é que decidiram casar?

P: Era sobrinho de minha mãe, ele era sobrinho de minha mãe.

JR: Era sobrinho era, era filho de uma irmã dela?

P: Pois.

(...)

P: Xooo ah cadela! (para um animal). Shhhhiu! Atão e aí pra baixo num fizeram trovões?

JR: Aqui fizeram?

P: Oooooi aqui....

JR:...não...

P: ...toda a manhã...toda a manhã...

JR: ...não..não pra baixo..estava assim o céu..estava o céu farrusco mas..mas não..ainda deu assim pra chover mas nada de..nada..nada..nada de mais, depois acabou por não..nem sequer molhou o chão.

P: Ah mas na..nalguns sítios ainda descarregou como é dado.

JR: Não mas lá não.

P: Estiveramos lá no Rosmaninho disse lá o Tó Henrique “ Ali pra \_\_\_\_\_ caiu como é dado”. Ele conta que foi lá e que era trovoadas que aí que descarregou a água como é dado. Aqui pró lado de Novais diz que também descarregou como é dado.

JR: Hum..hum.. Aí para esses lados.

P: É onde..aonde carregam as trovoadas.

JR: Pois, é isso mesmo.

P: Mas ê..ê est..ainda estava na cama ouvi aquele rugido, aquele rugido, “Ai então, que raio, serão trovões...ou será por aí alguma festa?” Aquando me alevantei é que vi atão tudo in..tudo escuro, tudo escuro “Mau, isto é trovoadas”.

JR: Mas não..não..não apanhou chuva quando foi ao Rosmaninho?

P: Nada. Ele num caiu água nenhuma. Ê porque..conforme estou..conforme estou fui.

JR: Foi só..foi só os...

P: ...Só doi farrapos que mai nada...

JR: ...foi só..forma só os trovões.

P: Ai já ont..ontem também fizeram muitos. Ontem práqui também foi aqui uma trovoadas das lixada. Mas ódepoi parece que..parece uqe iam pralém, pró lado da Espanha.

(...)

P: Atão a malta anda por lá fixe ou quê?

JR: (Ri-me)

P: Ou não?

JR: Anda tudo bem.

P: É preciso cuidado que...

JR: ...Estão todos fixes...

P: ...é preciso cuidado com o mal.

JR: Ah isso por enquanto..uma pessoa tem sorte. Anda tudo...

P: ...O pessal ainda é novo...

JR: ..anda por lá tudo bem...

P: ...o pessoal ainda..ainda é novo num querem cá..num querem cá o mal.

JR: Às vezes querem mas sim mas...

P: Ele vem sem a gente querer

JR: Pois vem...

P: É precis..é preciso é a gente dizer assim quero..quero a..quero aquele mal em melhorando já está.

(...)

JR: Os seus pais ainda eram vivos quando se casou?

P: Oi então num era, e foram.

JR: Morreram tarde já foi..já eram velhotes quando morreram?

P: Mê pai tinha..tinha 84 anos, minha mãe parece que já num sei.

JR: Quem é que..quem é que..quem é que..quem é que foi p..quem é que morreu primeiro foi o seu pai ou foi..ou foi a sua mãe?

P: Foi minha mãe. Mê pai ainda..ainda durou parece que mai d..dois ou três anos. Mê pai num morreu aqui morreua além pra Santo Estêvão.

JR: Foi? Mas estava onde?

P: Lá naquilo do mê..naquilo de minha irmã Amélia. Além em Perdigão Martins.

JR: Ah estava com a sua irmã. E a sua mãe foi aqui no Tojo?

P: Foi aqui no Tojo foi, essa ainda sofreu bastante.

JR: Quantos anos é que a senhora tinha na altura?

P: Ai...

JR: Já não se lembra?

P: Sê lá...ai ainda..ainda não tinha sessenta anos quand..quando eles morreram. Ainda não tinha sessenta anos. (...) Isto num pode andar na..nas ervas.

JR: Pois não isso é para andar em casa (as pantufas que trazia calçadas).

P: Oooo \_\_\_\_\_.

JR: Se não fica tudo aí (rimos os dois)..fica tudo aí preso.

P: Fui-me lá a meter pronto!

(rimo-nos das pantufas cravadas de ervas)

JR: Para a próxima já sabe tem que levar a..tem que levar as botas.

P: Tenho que levar as outras botas, poi.

JR: Mas são novas essas aí, comprou-as à pouco tempo?

P: Óooo ainda es..ainda estava em Lisboa.

JR: Ah ainda estava em Lisboa quando as comprou.

P: Ainda...mas não as tenho calçado. No tempo da chuva num se podem trazer.

JR: Pois no tempo da chuva não.

P: É só agora no tempo..no tempo que anda bom.

JR: E mesmo agora no verão não são mui..isso não é..não são muito quentes?

P: Ai eu não as trago.

JR: Hum?

P: Ê não as trago.

JR: Pois... Ess..isso é mais..ééé..é..normalmente esses sa..

P: Calço aquelas catorras que o mê..que o mê neto trougue, que é assim uns catorros uns grandes e calço aquelas botas de..de borracha.

JR: Hum..hum..

P: Ê pra andar a comprar calçado e depois aventar prái com ele praquê?, num dava conta. (..)

Nem a minha vizinha compra calçado, ela só com o que deixa a filha tem.

JR: Ai é? Fica co..com o que a filha lhe vai deixando.

P: Ainda hoje trougue um..ainda hoje trougue outro par de sapatos. Elas calçam..calçam do mesmo uma da outra. Ela em vendo que vale deixa-os.

JR: Dá sempre jeito, não precisa de gastar dinheiro nisso.

P: E a sobrinha a..ali a..a Ma..a que vende os melões também é na mesma. Já lhe tinha..traz de lá calçado e calçado.

JR: Pois a senhora...

P: Deixam de..deixam-lhe de serv..não lhe deixa de servir, desgostam.

JR: Ah pois.

P: Desgostam deles.

JR: E dão-os à às mães.

P: Ela disse “Ó mãe dê..dê-os à minnha tia que minha tia..minha tinha rompe-os bem”. À mãe não lhe servem porque a cachopa tem o pé mais pequenino...

JR: ...Ah...

P: ...E a mãe tem o pé mai grande e mai go..mai grosso. Que não só ela a esgover..governava-a de..de calçado.

JR: Não precisam de gastar dinheiro nisso.

(...)

P: Num gastam dinheiro também choram-se à mesma comós outros.

JR: De toda a maneira?

P: De toda a maneira choram-se igual como..comós outros que gas..que o gastam. Ah...

JR: ...Isso é to..isso é toda a gente...

P: ...ah ê num tenho dinheiro, ai eu assim, ai eu assado. Quanto mais choram pior. A gente em tendo pão nosso pa cada dia já é ba..já é bastante. Vês além o gatinho como anada além a espreitar os ratos?

JR: Ah pois, tem que se governar também.

P: Ê também os governo.

JR: Também lhes vai dando.

P: Quando venho, ele..ele mesmo pede, a miar-me, a miar, a miar, a miar, a miar a miar, pra gente lahe atirar alguma coisa.

JR: E o que é que a senhora lhe costuma dar?

P: Ai dou o que..do que eu como. Se faço sopa boto-lhe sopa, aí numa latinha, o pão aquele come pão mas..mas a..a gata não, a gata nu.. o pão num o quer.

JR: É esquisita.

P: Só come se é molhado em...

JR: ...em leite...

P: ...em gordura.

JR: Ai é em gordura, pois.

P: Se a gente comer sardinha e esfregar com a sar..na sardinha...

JR:...Hum..hum..

P: ...já o come.

JR: Sabe-lhe bem.

P: Mai num sendo assim ai jasus. À cabrões!

JR: Isto é..são..isto é um peru.

P: São.

JR: Tem aí perús a sua vizinha...

P: Dois perús. \_\_\_\_\_ cá fora ainda é muita cedo.

JR: Ah pró..para os trazer cá fora?

P: Pois.

JR: Eles ainda são pequenos é?

P: São grandes já. Estes é que andam à bulha, ou é o burro ali ( em relação a um barulho).

JR: Deve ser o burro que está ali...

P: ...há-de ser o burro ali a...

JR: ...está ali do lado de baixo...

P:...a sapatear.

JR: Pois. Ainda aí há muito animal.

P: Ela ainda aí tem..é que tem muito vivo. Só além práquela casa além cabeira tem lá um..uns poucos de frangos e uma pita. Aqui tem os peruns, é de ouvirem o burro é que é ( comentário ao facto de os perús terem começado a cantar).

JR: Sorri-o.

P: Desses-lhe “Ó Celeste queres que os deite fora?”, “ Olhe deixe-os estar que ainda..ainda aquece muito o sol”.

JR: Deixe-os estar que quê?

P: Que os deixasse estar que ainda..ainda aquecia muito o sol.

JR: Ah...ah só os abre depois mais à tarde é?

P: Pois eles depenicam muito, aqui nas ervas depenicam muito. Vês que já vem a ver do comer (o gato).

JR: Ah...

P: Ah...pensas que eles que não sabem onde deito o comer?

JR: Hum.hum (sorrindo)

P: Há pessoas que num gostam..num..num gostam de um gatinho, num gostma de um cãzinho, num gostam de nada. \_\_\_\_\_aquela que ali tem a horta, ai mulher de um filho do diabo, nem um cão, nem..nem gato, nem nada. Nem os pode ver sequer na rua.

JR: Mas a senhora gosta...

P: Eu gosto, ê todo a vida gostei dum cãzinho e de..e dum gatinho.

JR: Mas o que é que aconteceu depois aquele cão ó..à..ó cão que tinha quando se casou?

JR: Estava-me a dizer à bocado que quando se casou tinha um cão, não era?

P: Pois tínha-mos um cãozinho assim pequenino. Aquele cão odepoi morreu  
\_\_\_\_\_ na fazenda com um nascido.

JR: Com um nascido foi? Nasceu-lhe alguma coisa foi?

P: Nasceu-lhe um nascido..num sei se foi numa perna.

JR: A fazenda era onde?

P: Era do la..do lado de cá da fonte Sobreiro.

JR: O que é que ele para lá ia fazer?

P: Ia para lá fazer horta.

JR: Ai tinham lá uma horta era?

P: Poi. Tínhamos lá um bocadinho arrendada ó..ó Marquês. E íamos para aí fazer uma horta.

JR: A senhora e o seu marido?

P: Poi.

JR: E por q..quanto é que pagavam ao Marquês pela...

P: Ê já num sei, a gente dava-lhe..dava-lhe semente. E..era anual.. chamavamos-lhe nós que era anual. Dava..dava-lhe a gente assim um..ou taramões ou meio farelo conforme era..conforme á o terreno.

JR: E o que é que..o que é que lá semeavam no terreno? O que é que lá plantavam?

P: Aquilo que quiséssemos. Batata, feijão...

JR: ...Sim mas normalmente era..é..era pa..era tu..tiam lá muita coisa era?...

P...milho, couves...

(...)

JR: Iam daqui pra lá trabalhar, a senhora e o seu marido...

P: Poi. Ai o mê marido andava pra lá a trabalhar a ganhá-lo pra..pra se comer.

JR: Na..na jorna.

P: Poi.

JR: E a senhora é que tratava da horta?

P: Que remédio tinha eu. Da horta tinha..tinha aí um..um porquito, tinha aí um burro, num sei se já tinha mai alguma cabra se não.

JR: E os seus filhos depois também a ajudaram quando...

P: ...Aiii ele...

JR: ...o seu filho quando nasceu...

P: Atão o mê filho ajudou-me nalguma coisa? Atão ele ainda não tinha dezassete anos, quer dizer aos quator..aos treuze..treuze ou quatorze anos foi..foi mai eu ali a..ao algodão...

JR: ...Hum..hum..para a Espanha...

P:....pra Espanha. Andamos lá parece que uns quinze dias. Mai depois daí foi pra Lisboa pronto.

JR: Ah mas só foi pra Lisboa...

P: ...Em Lisboa só ganhava pra ele.

JR: ...só foi pra Lisboa aos dezassete anos, até aos dezassete anos...

P: ...Ainda não tinha dezassete anos como é dado...

JR: ...até essa altura ainda teve tempo.

P: Bom ainda por aí andou a trabalhar mai o pai ainda.

JR: E não ia consigo pra horta ajudá-la..ó...há ia..ia trabalhar com o pai era?

P: Calhou com o pai a trabalhar, com a enxada nas mãos, ai camarada...o corpo é que sabe. Dantes cavavam vinhas metia..metiam assim o pessoal a cavar vinhas.

JR: Hum..hum... E ele ia pra lá.

P: Ele ia pra lá que remédio tinha ele.

JR: Ia a senhora ia traba..ia..ia trabalhar para horta.

P: Ê ficava cá a aviar a vida.

JR: A tratar aí da vida sim.

P: Ai o raio do burro, ao que é que ele estará ó..ao estranguelhõe (?).

JR: Também tinha que ajudar o..enquanto eles foram vivos também tinha que ajudar os seus pai não?

P: Ah!

JR: Eles também deviam ter aí hortas, ou..e eles também a ajudavam a si.

P: Eles tinham..eles tinham..tinham a horta ali em baixo, ali ao fundo, oi mas pra se fa..pra uma pessoa fazer..fazer uma hortinha daquelas, estava tudo cheio de juncos, pra se arrancar aquele junco era noite e d..de noite e de dia. Deixa-me ê cá ver onde é que está o raio do burro.

JR: Está logo..está logo aqui do lado de baixo.

P: Aí nalguma porta, ou é na puta que o pariu, (afaste-se para ir ver do burro e eu deixo de ouvir o que ouve oiço, apenas ao longe algumas imprecações lançadas ao animal, levanto-me e vou ter com ela).

(...)

P: Poi. Se eu não corto ninguém a corta.

JR: A sua vizinha não a costuma cortar?

P: A minha vizinha era pa sab..se arrumar aí com a gadanha a cortar tudo, mas não está só a só a \_\_\_\_\_.

JR: Só a quê?

P: Era pa..pa se arrumar aí a..a cortar essa..essa erva ca gadanha, ca cortava mai bem do que eu, e nem por isso.

JR: Não lhe dá..mas ali..ali já há uns montes cortados, foi a senhora...

P: ...também fui eu...

JR: ...Ah foi a senhora que cortou...

P: ...Ai não...foi..foi onde enchi a..as sapatas...

JR: ...ai foi quando ficou...(rimo-nos) quando ficou assim ca...( continuamos a rir)...

P: Ai graças a Deus

JR: Prá próxima já sabe, tem que levar outras.

P: Atão se fosse descalça...

JR: Na possa..(rimo-nos) também não devia dar muito jeito.

P: Jeito nenhum. A levar as meias..as meias também se enchem à mesma.(...) Ao menos parece mai bonito assim..as coisas estão acertadas do que lá a erva.

JR: É, depois cresce muito.

P: Ê já a tinha cortado. Queria começar aqui um montito dela também a acortei, mas tem vindo a água pulou logo.

JR: Ela ganha força com a água.

P: Aiii jasus, jasus.

(...)

JR: Então e quando é que deixou de ter animais?

JR: Quando é que deixou de ter animais, foi quando foi pra Lisboa?

P: Foi. Naquele tempo já..já só tinha duas cabritas.

JR: Nessa altura só tinha duas cabritas era?

P: Abalei pra lá venderam-nas e meteram o dinheiro ao bolso. Se eu num calho a abalar eles num levavam nada mas assim...eles..eles é que foram os causantes. Disseram que chegava aqui um fogo odepoi que ficava cá..que ê que ardia cá e dessa maneira..então e agora num se importam?! Agora jamais se importaram.

JR: Mas quem é que lhe dizia..quem é que lhe dizia isso?

P: O mê filho mai a..mai a..a mulher.

JR: Ah... Para a covencer a ir pra Lisboa.

P: Mas num foi porque eu num soube porque eu me lembro, porque ela disse..disse cá prá vizinhas que, que ela tinha que me levar, ê que num queria ir mas \_\_\_\_\_ tinha..tinha que me levar ó morta ou en..ó morta ó viva tenha que..tinha que ir.

JR: Mas tinha que a levar porquê?

P: Sei lá. Ela é que sabe...

JR: ...Pois...

P: ...para lá apanhar os corninhos(?) que lá apanhei.(...) Anda que agora já me pra lá não me puxa não, ooo e agora... .(...) \_\_\_\_\_ (em resposta ao burro que torna a fazer barulho).

JR: (rio-me)

P: Filho de um diabo, agora num vou lá nem...

JR: ...(continuo a rir-me)

P:...nem que deia cabo do carro da eira ou não, porque nu..ai porque o num prendam ali.

JR: Ele não é seu também (ainda a rir-me)

P: Já ontem..ontem o prenderam naquela parte de além, naquela pa..áquela olveira de além, hoje prenderam-no ali. (...) Ele..ele é assim seco nu..num come nada. Está dentro da cabana está..está a be..a berrar, deitam-no fora anda na mesma. Porque é que ele num come inté encher a barriga e odepoi que..odepoi que berre.

JR: Não tem fome se calhar.

P: Ai num tem fome, num tem fome. Pro que é bom é pra roe..é pro fazer mal é..é que..e é que tem fome e tem porte.

JR: Tem de brincar coitado...

P: Ahh brincar..brincar....aquilo num é brincar, aquilo é a atentar as outr..aquilo é a atentar as outras almas.

JR: A senhora também já teve um não foi?

P: Já. Tive int..inté cá dois.

JR: Tinha dois ao mesmo tempo era?

P: Uma burra..uma burra e uma..e uma burrita.

JR: Eras para o trabalho?

P: Era pra..era pró estrume. Era pra haver o estrume prá horta. E em tempos a gente, aqui na..nas \_\_\_\_\_ deitava aqui carumba.

JR: Hum..hum...

P: Curtia assim aqui aquela carumba e a gente empilhava-a aí e carregava-a pró terrenos.

JR: Iam buscá-la ali aos pinheiros?

P: Cada um só na sua..na sua atestada, por exemplo eu aqui metia aqui uma pouca de caruma aqui, aquela de cima era na mesma, aquela de além era igual.

JR: Iam buscá-la lá..ali à..iam buscá-la aos pinheiros a caruma?

P: Poi, à cabeça.

JR: À cabeça?

P: Ai não.

JR: Também era..também fazia quando.quando a t..fazia isso quando era pequena era prós seus pai também?

P: Ai e era. Num tínhamos mais nada que fazer.

JR: Não bricava aí com os seus...

P: Ele andávamos..no trabalho, quando havia que fazer, íamos pró trabalho. Quando num havia..tínhamos que fazer alguma coisa.

JR: Ah mas havia muito..muit..muit..havia aí muitos..muitas crianças e muitos..muitos...

P: Havia cá muitas havia.

JR: Deviam brincar aí não brincavam por aí?

P: Ai brincar!..ai brincar... A gente tinha alguma vontade de brincar?

JR: Então era só trabalho?

P: Ele naquele tempo a..a gente descalça comá..como os animais como é que podia andar? E íamos à serra à ..descalças à lenha. Oooo....

JR: ...E trabalhavam...

P: ...o que a gente..o que a gente passou.

(...)

JR: Ah mas também não devia ser tudo assim tão mau, também se deviam...

P: Ah..bem bem bem nunca sa gente viu isso é verdade. Porque os..os jornais eram..é..era..eram marados..

JR:...Hum.hum...

P:...atão pra..pa irmos..quando íamos assim pra mai longe, coma daqui...ao montinho que era aí pró..pós lados de cima da Senhora da Graça a ganhar 25 tostões, então aquilo era dinheiro?

JR: 25 tostões quê, por dia?

P: Poi 25 tostões e o..por dia poi. Atão aquilo era..era..era dinheiro ou..agora é que é dinheiro agora.

JR: Agora é?

P: Atão num é? Jornais caros.

JR: Claro, pois...

P: Agora o ordenado é muito caro.

JR: Pois eu sei, o meu avô às vezes prefere deixar a..as coisas nas árvores a ter que pagar a..às pessoas porque não..

P: ..então num dá...

JR:..não rende, pois não dá..

P:...num dá de maneira nenhuma. Se a gente sa..se a gente pode fazer o serviço está bem, agora se num pode...

JR: ...pois é isso...

P: ...ia a meter uma pessoa ou duas a..a ganhar jornal...

JR: ...é isso...

P:... num dá pra isso.

JR: É isso não..não..ou vêm..ou vêm os filhos ajudar ou assim agora para estar a p..a meter pessoas não...

P: ...Ah pois pois...

JR: ...não rende, não rende não...

P: ... quem tem filhos que os ajude está bem...

JR: ...pois não rende não. E a senhora quando ia para a jorna isso foi quê, foi antes de casar ou foi depois de casar?

P: Ai..de solteira.

JR: Era de solteira. Era para ajudar os seus pai?

P: Ai era...e..era pra tudo, era pra tudo.

JR: Era para a casa?

P: Era pra casa, nós ganhávamos pra casa.

JR: E ia com os seus irmãos?

(...)

JR: O que é que faziam normalmente?

JR: O que é que faziam, quando iam para a jorna normalmente iam fazer o quê, o que é que a senhora costumva fazer.

P: Ai eu sei lá.

JR: Em que é que costumavam trabalhar?

JR: O meu irmão Manel foi justo po..po Ti Manel Maria, além po..aqui po dono do..não é pó dono é..era pró senhorio.

JR: Hum..hum...

P: Chegou inté a ir pá Terla justo.

JR: Justo que é isso justo?

P: É um ganhão.

JR: Ah de ganhão.

P: Poi. Antes este e o..como este Marquês assim metiam pessoal de ganhões. Num tinha tractores, num tinham..tinham só as juntas e metiam assim o pessoal.

JR: E a senhora?

P: Ai eu \_\_\_\_\_ a sachar trigo, no tem que a..no tempo de..que todos sachavam o trigo, íamos sempre a sach..a sachar trigo, depois no tempo da.. no tempo da..da cor..da corta do milho, maçaroca, cortar o milho ma..e a descamesar maçarocas.

JR: Sarafolhar?

P: Maçarocas de me..de milho, de milho.

JR: Mas como é que lhe chama, como é que lhe chamou? O que é que iam fazer, iam tirar a..ali prós lados da minha avó chama-se sarafolhar.

P: Ai...

JR: Como é..como é que lhe chamam cá?

P: Atão num é descamesar?

JR: Descamisar...!

P: É descamisar.

JR: Lá..lá chamam-lhe sarafolhar.

P: Óooo....isso cada terra com seu uso, cada um com seu fuso.

JR: Lá é sarafolhar, sarafolhar maçarocas.

P: Poi isso ne..nem..nem..nem a gente sabe....

JR: ...É o sarafolho aquilo que se...

P:...o que é nem o que é.

JR: Cá chamam-lhe a camisa.

P: Poi aquilo é só descame..descamisar está bem.

JR: Sim, sim. Também..olhe tem mais jeito descamisar do que sarafolhar...

P:...atão num tem aí...

JR:...que percebe-se melhor.

(Rimo-nos)

P: Atão os velhos são assim todos, dá pra ver.

JR: E...mas e o milho era..era..era..era seu ou era..ou era vosso ou era..ou iam trabalhar prós outros?

P: Era prós outros. Ai pra nós, ai pra nós...

JR: Eles depois não davam nada?

P: Davam. Pagavam o jornal.

JR: Pagavam o jornal.

P: Tínhamos..tínhamos semanas de irmos ali pró Burrinho, estávamos lá toda a semana a descamisar. Juntava-se pra lá montes e montes de...mas pessoal também era muito. Anda cá, anda cá ó! Seu \_\_\_\_\_ shiuuu, xô, ai! ( Pra um animal).

JR: Ia com os seus irmão pra lá? Ou ia..ia com os seus..com as suas irmãs pra lá ou ia sozinha, quando iam pra lá descamisar?

P: Ah...quando..quando íamos daqui muitas ía..íamos de carrada. Quando num íamos...

JR: Iam de quê?

P: Íamos de carava. Quando iam uns três ou quatro íamos de carava e a se fosse só um ou sozinha ia sozinha.

JR: Iam de carava quê isso não sei.

P: De carava. Fazíamos conforme estamos agora aqui, a falar uns pró outros...

JR: ...Hum..hum...

P:...iam assim de carava.

JR: Como é que é a palavra?

P: Ca-ra-va! Ca-ra-va!

JR: Carava, ok.

P: Carava. Não é palavra, carava.

JR: E depois dormiam por lá era? Ficavam...

P:...não...

JR: ...por lá assim a semana toda ou vinham..vinham todos os dias para cá?

P: ...poi era ali perto.

JR: Ah iam e vinham.

P: Ia perto íamos e vínhamos.

JR: E ganhavam ao dia.

P: Poi. Quando era longe, quando era pa Gadanha ou..ou aí pra..pa baixo pó..pá Senhora da Graça é que a gente num vinha cá dormir, agora aqui perto vínhamos cá dormir.

JR: E as pessoas que..que..que vos contrata..que contratavam depois..a..davam sítio para dormir era?

P: Bom que remédio tinham elas? Nem que \_\_\_\_\_, nos palheiros óóó..aquilo que tivessem.

JR: Isso foi só até..até se casar depois de se casar já não..já não vo..já não voltou a trabalhar na jorna.

P: Ai às vezes ainda ia, quando aparecia ainda ia.

JR: Mas já era menos.

P: Já era menos. Num tinha vida disso, se tivesse vida disso...ia sempre.

JR: Então e não tinha vida disso porquê?

P: Porque diziam que eu arranjasse a vida, outra vida cá em casa.

JR: Ah pois.

P: Olhar do vivo, fazer alguma coisa, era preciso acadajar lenha pá caç..pá caçaroba que isto era..isto era uma \_\_\_\_\_ que aí estava pá gente cozer, ooiii....

(...)

JR: Que pão é que costumavam fazer aqui? Era de quê?

JR: Era de quê o..o..costumavam cozer aqui o quê?

P: Pão.

JR: De quê? Era de milho ou era de trigo?

P: Era centeio.

JR: Ah era centeio.

P: Centeio, aquela que tinha trigo cozia de..cozia trigo, aquela que num tinha cozia centeio.

Ainda era preciso comprá-lo, comprar o grão. Comprávamos o grão e iam..e..e íamos à fábrica moêlo.

JR: Onde é que era fábrica?

P: Era ali, no Rosmaninho. Outras vezes..

JR: ...Num tinham cá nenhum moínho?...

P: ...outras vezes dávamos ó..ós moleiros que vinham aí a..aos taleigos, dávamos ós moleiros.

JR: E depois eles..eles..dá..eles davam-vos farinha.

P: Eles traziam pra cá a farinha. Havia aí muito moleiro, por aí fora.Agora nem há moleiros, nem há moínhos, nem há nada.

JR: Agora há super-mercados.

P: (Ri-se) Agora num há nada.

JR: Não agora..a..ê...agora há pa..padarias não é? Agora vai comprar o pão à..à loja.

P: Algumas que outras num cozam.

JR: Outras cozem sim, e é..e é..é me..e é melhor eu gosto muito assim do pão..do pão..

P: É melhor é. Ai ê é que este p..este pão dali assim eu gosto dele.

JR: O pão de Vale Fresco é?

P: É bom. (..) É um pão grande e é..e é mesmo as..é gostoso.

(...)

JR: Os seus pais moraram sempre ali então, naquela casa que agora está esbarrondada moraram lá até..

P: ...até que...

JR: ...até falecerem...

P:...até que morreram.

JR: E a senhora depois veio morar aqui para baixo, depois de..casar.

P: Poi quando nos casamos fomos práli, ele já tinha a casa, já tinha arranjado ali aquel..aquela casinha.

JR: O seu marido...

(..)

P: Isto nem são casas nem são nada, isto são umas cabanas.

(..)

JR: Ele era seu primo então.

P: Era mê primo era, inté paguei letra.

JR: Diga?

P: Inté pagámos letra. Dantes.d..dantes pagava-se letra dos primos.

JR: Pagava-se letra?

P: Letra.

JR: Não..não sei o que isso é. Tem que..vai ter que me explicar.

P: (Ri-se) Tinha que se pagar letra, eu d..nós demos trinta escu..trinta..trinta escudos num er..num era assim muito. Mas naquele tempo ainda era caro.

JR: Hum..hum..

P: Atão é preciso uma..é preciso um primo..uma prima pagar letra?

JR: Mas pagar letra para quê parfa se casarem era?

P: Poi!

JR: Mas por serem primos é? Ou..ou qualquer pessoa tinha que pagar letra?

P: Era só por ter..sermos primos. Em sermos primos não num se pa..num se paga nada.

JR: Em não sendo primos, só se fossem primos é que tinham que pagar letra?

P: Poi.

JR: Porquê, sabe?

P: Sei lá eu agora. Para eles ganharam..eles é só pra ganharam, não é para mais nada.

JR: Pagavam a quem?

P: Pagávamos ao padre.

JR: Pagavam ao padre...está bem... . Então e como é que..quem é que combinou o casamento entre si e o seu primo? Foram vocês ou foram..ou foram os vosso pais?

P: Poi \_\_\_\_\_ foram eles..foram..foram nossos pais.

JR: Combinaram que se iam..que vocês se iam casar?

P: Poi. Agora já não é preciso, não é preciso lá irem os pais nem as mães nem nada, agora já..agora já é tudo \_\_\_\_\_.

JR: E como é que foi com a senhora?

JR: Como é que foi com a senhora e com o seu marido, como é que isso..como é que isso a aconteceu ainda se lembra?

P: Ê sei lá, eu num me alembra nada., já me esqueci de tudo. O tempo passa-se, passa-se, passa-se é como um cavalo.

JR: Sim há..há sempre coisas que um..que uma pessoa se lembra.

P: Ai..lembrava quem?

JR: Então há coisas..assim essas coisas importantes uma pessoa normalmente não se esquece delas.

P: Ai num se esquece... num se esquece mas é da malta, dele..dele num se lembra.

(sorrisos)

JR: Ah isso também é verdade.

P: Ah...! Há pessoas que só..só do mal é que..é que eles se esquecem, só do bem é que num se esquecem..depoi do mal..e do bem nada. Tendo que fazer bem num fazem mal, tendo que fazer mal num fazem bem, ai..ê sê lá, ê já num sei como é que é isto.

JR: Quando a senhora se casou os seus irmãos ainda moravam aqui? Ou já não?

P: Ainda não morav..nós ainda..ainda aqui morávamos poi.

JR: Ainda cá estavam os seus irmão todos, ainda não se tinham ido embora?

P: Então os meus irmão foram pa Santo Estêvão, três. Três delas foram..foram pra Santo Estêvão.

JR: Mas foram..foram antes ou foram..antes ou depois da senhora se casar?

P: Na...

JR: Já não se lembra?

P: Alguns...ai o Manel nem o Zé ja´ eu estava casada.

JR: Já estava casada a senhora quando eles se foram.

P: E a Amélia também. Primeira foi a Maria, ódepoi fui eu..

JR: ...A..a casarem-se?..

P: ..depoi foi o Manel, depoi é que foi o Zé..

JR: Mas essas não se casaram aqui no Tojo foram-se embora não é?

P: Poi casa..casaram-se cá.

JR: Mas depois foram-se embora...

P: Mas foram-se embora. Os homens não eram de cá.

JR: Os homens não eram de cá?

P: O da Maria e..era do Rosmaninho, o homem. A Amélia era do Salvado..era..era de Santo Estêvão. O Zé mai o..mai o Manel também era de Santo Estêvão, as mulheres.

(...)

JR: Está a ver ainda se lembra de algumas coisas, ainda se vai lembrando...

P: Poucas, poucas... o sentido vai abalando, vai abalando, vai abalando...

JR: Na..olhe que ainda..para a idade que tem ainda..ainda está...

P:...Oooo....

JR: ...ainda está..ainda está muito lúcida.

P: Ainda, ainda...era,era... Se num tivesse..num tivesse passado anos de amarguras ainda estava bem.

JR: Então que amarguras é que passou?

P: Amarguras de mal, não foi de bem foi de mal.

JR: Mas quais é que foram?

P: As piores foram as dos filhos.E agora...

JR: ...Dos filhos...

P: ...e agora..agora depoi que me..o..tenho tido os..o..os calos na..no pé..nos pés..também tenho aí passado boas.

JR: Por ca..ai isso não são marguras.

P: Nem..nem sequer aposso andar, ooo.....

JR: Por causa dos calos nos pés?

P: Agorra mesmo assim vá lá, vá lá...hoje já está..já estão muito bons.

JR: Então e que amarguras é que teve com os filhos?

P: Puz cá um...

JR: ...ah pôs lá um....um produto...

P: ...um bocadinho de desiva...

JR:...adesivo...

P: ...adesivo...

JR:...sim...

P:...e aquilo faz bem.

JR: Então e que amarguras é que teve...

P: Então os filhos, o primeira estive sete semanas na cama sem nunca me mexer para lado nenhum, nem voltar os \_\_\_\_\_ pa..pra uma lado qualquer. Do outro..do..do..agora do..do mais novo estive lá um mês(..)nunca ninguém me julgou viva.

JR: Ninguém...?

P: Nunca ninguém me julgou viva nem o médico.

JR: Esteve um mês de cama quando nasceu o seu filho mais novo, foi?

P: E o..e o outro estive lá sete semanas.

JR: Sete semanas!?

P: Sete semanas.

JR: O mais novo foi depois o que..o..o..o que..o que faleceu não foi?

P: Na,a foi o..o..mais velho.

JR: O mais velho é verdade eu estava a trocar as coisa tem razão.

P: O mai velho já mo tiraram morto. Morreu sexta-feira à noite foi tirado sábado depois do meio dia. Aquelas é que são elas é, aquelas é que elas são.

\_\_\_\_\_ toda a alma.

JR: Veio cá o médico foi?

P: Veio cá o médico.

JR: No sábado?

P: Senhor Doutor..Senhor Doutor Chora.

(...)

JR: Na altura custou-lhe muito...

P: Ai...então ê..eu não sentia nada. É coma que..é coma que estava morta, estava toda inchada, toda inchada... então médico nunca me julgou a vida.

JR: Julgou que ia morrer era?

P: Poi...o médico nunca me julgou a vida, sempre pensou que que morresse.

(...)

JR: Quanto tempo depois é que nasceu o...quanto tempo depois é que teve o outro?

P: Ao..ao fim de sete..sete anos.

JR: Sete anos depois foi?

P: E este médico logo me disse “Você não pode ter filhos, a senhora não pode ter filhos de maneira nenhuma, pode-se evitar o melhor possível, não os pode ter”.

JR: Mesmo assim ainda teve um..ainda teve..entre..entre o prim..o..o primeiro e o..e o..e depois o que teve mesmo ainda passou muito tempo sem te..sem ter nenhum.

P: E a mai nada.

JR: Diga...

P: Jámai nenhum.

JR: Pois...

P: Então o médico logo me disse, “Você evite-se o melhor possível”.

JR: Mas isso quando lhe..ele disse-lhe isso quê foi qua..depois quando nasceu agora o segundo?

P: Pois.

JR: Pois mas na..não estava a dizer que..entre o primeiro e o segundo que aind..ainda passaram sete anos não foi?

P: Não, quando foi...

JR:...Aaahh...

P:...aquando foi que..que tive o outro primeiro...

JR:...sim...

P: ...ainda tive sete anos sem ter este.

JR: Pois foi isso.

P: Mas o médico..este méd..este médico agora é que me disse...

JR: ...Ah...

P:...quando desse que me evitasse o melhor possível, para não arranjar filhos, porque eu não os podia ter.

JR: Isso já agora depois deste.

P: Só estava uma em Santo Estêvão é que também..é que é..também é assim quase igual a mim, mas que ainda não era tanto. Depois ê disse “Ah num os tem porque num quer, num os tem porque num pode ser de maneira nenhuma.”

JR: Então e na altura a seguir a ter tido o..o primeiro o que nasceu..o que nasceu já morto porque é que esteve tanto tempo sem..sem ter outro .

P: Ah...num calhou, porque num calhou.

JR: Mas dava-lhe...

P: A gente..a gente evitava-se, evitava-se, evitava-se mas o outro..o outro ho..o outro médico num me disse nada.

JR: Pois... Mas dava-lhe jeito cá um filho po..por causa do trabalho e assim...

P: ....Ah então num dava...

JR:...devia-lhe cá dar jeito.

P: Eu se não fosse assim não tinha só este. Que mai dá, são coisas que têm que ser. Há pessoas que os têm bem e num os querem...

JR: ...pois é...

P: \_\_\_\_\_ deles, e asqueias que os têm mal querem-nos e num..num pode..num pode ser.

(...)

P: Já vais?

JR: Não, não era aqui um...

P: ...um pelito...

JR: ...um pelito da medeira.

P: Está a brir de todo, se estivesse aqui fora já estava todo aberto (Em relação ao troço de madeira onde o grvador está poisado).

JR: A madeira à vezes é assim.

P: Essa coisa de eucalipto abre muito.

JR: Abre... isto é mais pa..para papel e assim, para lenha normalmente não se utiliza, não é? Isto para fazer assim móveis e assim não utilizam eucalipto é para...

P:...Ai...

JR: ...é mais para...

P:....éé..é preciso outras madeiras...

JR:...é para as fábricas do papel é que...

P:...pois...

JR:...é que mandam o eucalipto...

P:...é,é...

JR: ...deve ser por isso também que ela..de ela..de ela abrir.

P: Isto abre muito. O sobreiro já não é tanto.

JR: Não, o sobreiro não, o sobreiro é melhor.

P: O que é que a sobreira se for cortada e se estiver aí uns dias se num esteja tapada apodrece toda.

JR: Na altura ficou triste quando..por causa do seu..do se..do..do seu primeiro filho ter nascido morto?

JR: Se ficou triste na altura?

P: Ahe (expressão com valor semelhante ao encolher de ombros resignado)...eu num sabia sequer bem se tinha morrido nem se não.

JR: Mas depois quando..quando..quando ficou boa...

P: Aaahh...atão.(..) Ê tinha vontade, muita vontade de ter este filho.

JR: Então e depois porque é que esteve tanto tempo sem ter? Tinha medo era?

P: Num é o que a gente quer, é o que Deus determina.

JR: Mas tentou ter e não foi?

P: Poi.

JR: Só sete anos depois é que veio o outro.

(...)

P: Quem ande bem, ande bem e quem é saúde fica a gente contente mas e..mas se não têm saúde como é que é..como é que é..comé que é a vida triste? E às vezes..às vezes saem taramoucos de todo.

JR: Às ve..às vezes é. São coisas que acontecem. Mas depois teve sorte, está a ver.

P: Há pessoas que é assim ah não vão a buscar a benção..não vão a buscar a benção odepoi os filhos nasçam assim. E é verdade. Ali uma da Serralhera teve três filhos do..dos primeiros dois não lhe foram a buscar a bença, ódepoi teve uma rapariga já lhe foram a buscar a bença. A rapariga essa já..já a teve bem e..e.e tinha saúde.

JR: O que é que o..ir buscar a benção é o..o que é que é ir buscar a benção? Ah é ser baptizado?

P: Não, quando a gente se casa o padre é que nos dá bença.

JR: Ai mas..eles não se tinham casado era?

P: Eles já se tinham casado...

JR: ...mas não tinham levado a benç...

P:...mas num levaram a bença. Num levavam naquele..naquele..naquele domingo e iam lá a buscar ao outro. Ê também assim fiz, casei-me além em Santo Estêvão e vim ali a buscá-la ao Rosmaninho.

JR: Foi?

P: E quem acontece mal, quem não tem..quem num tinha um bocadinho de sentido. Ódepoi ela “Num nasçam bem, ah nasçam assim, nasçam assado” mas num dizem assim “ Samos nós os causantes”, que é uma coisa que num custa nada.

JR: Mas a..antes de cada filho é..é..é preciso ir l..ir ir ir..ir le..ir levar a benção é?

P: Poi antes de cada filho já..já levaram a benção.

JR: Quando se sabe que está grávida ir levar a..a..a benção. Antes..antes de ele nascer.

P: Poi antes de nasceram...

JR: ...pois eu essas cois...

P: ...num querem crer, num querem crer que há bruxas, mas ele haos. Há muita..há muitos que são assim taramoucos porquê?, porque os pais mai as mães é que têm a..é que são os causantes?

JR: Por não terem ido levar a benção.

P:Pois claro. Ele nem houve uma missa nem hou vam nada, nem sabem um padre nosso, nem sabam uma Avé Maria aiiii....é prec..num sei como é que é esta gente.

JR: A senhora ainda sabe essa..e..e..ainda sabe essa..essa..essas coisas todas?

P: Ê sei-as todas ê num me esquece.

JR: Disso não se esquece...

P: Ah se me esquecer mê amigo, se Deus num me der memória prá..prá..prás dizer já as num digo.Deus é que nos dá..é que nos dá os sentidos...

JR:...É isso...

P: ...Deus é que nos dá os sentidos e é que nos os tira. \_\_\_\_\_. Então eu agora vou ao Rosmaninho, então que mai dá estar lá mai uma hora ó me..ó..ó..ó me..mai uma hora ó menos uma hora, a ouvir a missa? Custa alguma coisa? Agora chegar lá e voltar logo então é que uma pessoa foi cá a fazer? Aqui esta minh..a minha vizinha vai lá mas diz que também as não ouve.

JR: Ai é...

P: Ela..anda que ela lá achará o erro ainda, deixa lá que..

JR: que ela quê?

P: Ela achará o erro.

JR: Ah ela achará o erro.

P: A gente agora num encontra o erro deixa lá que morra se queres ver, onde é que anda a alma por aí. (..) Uma pessoa se tiver e..antes de se falecer que é..é preciso ouvir missas, é preciso dar esmolas por aque..por aquela alma. Então se num der esmolas nenhuma...o que é que..o que é que a alma há-de fazer?

(...)

JR: Então e quando eram novas iam..quando e..era..era nova onde é que ia ouvir a missa? Iam ao Rosmaninho também era?

P: Todos os domingos, todos os domingos.

JR: Sempre com os seus pais?

P: Todos os domingos com os meus pais...

JR: ...Iam a p..iam a pé ou tinham algum...

P: ...a pé! Ai,ai, ai...

JR: Podiam ter um...podiam ter um burrico...

P: Ai, ai...burrico,burrico...ai burrico,burrico...

(Rimo-nos)

P: Burricos já éramos nós.(Rimo-nos ainda mais) Pois claro...enquanto no..enquanto hove..Nossos Senhor nos der pernas pa andarmos

\_\_\_\_\_ também num vê cavalo.

(..)

JR: Iam lá todos os domingos então.

P: A gente nem que apanhe..nem que..nem que apanhe um tombo num é tão ruim como é a gente ir a cavalo.

JR: É verdade...

P: Ah...

JR: Mas também se formos a cavalo cansamo-nos menos.

P: Então logo aí um carro, tu agora vens aí com um carro, vais bem, mas se vem de lá algum cão contra ti? Ficas aí espedaçado de todo. Uma coisa e outra. A gente a pé vai-se desviando, vai-se desviando, prós lados. Ê considero assim agora os demais num sei.

JR: E a senhora e a sua mãe davam-se bem?

P: Sempre.Sempre nos damos bem ê com minha mãe e c..e com os meus irmãos. Nunca há..nunca tivemos um despique uns com os outros. E há pessoas que andam sempre a ralar, andem aí mal..mal com os irmãos “Ê faço isto, ê faço aquilo..” ah...

JR: A senhora não, sempre se deu bem com eles todos...

P: Sempre. E eles que \_\_\_\_\_ conosco também. A gente diz que nem..nem do bem vem bem quanto mai do mal. O mal acarreta mal, e o bem às vezes também acarreta mal.

(..)

JR: Era boa pessoa a sua mãe...

P: Por acaso era... Num andava aí a ralar com ninguém nem..nem ela é esta, nem ela é aquela, nunca ralhou com ninguém. Mas havias aí perras como \_\_\_\_\_. Estava além uma naquela casa agora onde estão os per..onde estão os peruns era raro o dia que não ralhava com pessoa, com outra p..com outra..com outras vizinhas.Não há melhor coisa que a gente dar-se bem uns com os outros. (...) Ê está aqui a minha vizinha diga ela, é como a que é mãe com filha. Nem mãe com filhos se le..se levava melhor do que nós levamos. Ela se tem uma coisa e eu não tiver daqui a um bocado cá aparece com ela.

JR: Hum...

P: E há outras que não prefiram aventar com as..cas coisas pó meio da rua, podres ou de qualquer das maneiras, e não o dão a ninguém. Ainda ela hoje me veio com tanto. Mas ela o Zé António é bom rapaz mas para dar assim uma coisa qualquer ele num...

JR: Ai não..não é..não é de dar.

P: Num é de dar, ela..ela dá. Num se diz que quem dá tece com Deus e quem não o dá tece com o inimigo. Uma pessoa quando \_\_\_\_\_ vale mai sempre dar do que num dar. (..) Mas algumas dizem assim “ah a gente ir a dar, a gente ir a dar nem um bem haja dão à gente” atão elas à mesma que lá estão em..lá estão no céu, num querem lá..num querem lá a..num querem lá..as esmolos? Atão elas num pensam mais do que a isso?

(...)

P: Então hoje inda vais..inda vais pra Lisboa ou não?

P: Oii....( No seguimento de um assentimento gestual)

JR: ...ainda, ainda...

P: .... \_\_\_\_\_ só o frete. (Ri-se)

JR: Às sete horas....

P: Ooo só a gasolina que gastas para cá e para lá.

JR: Na não se preocupe.

P: Nim..nem ando preocupada.

JR: Não...É um trabalho, é um trabalho, tem que se fazer. Mas também já n..mais um..uma ou duas vezes e acabamos isto.

P: Já se acaba agora.

JR: Não...vamos falando mais um bocado.

P: Oooo mais um bocado, mais o outro, mais o outro...

JR: É porque..a não ser que a senhora não queira, não é eu por mim...

P: Ai eu num me importa!

JR: Então... A senhora vai-se lembrando das coisas.

P: Ai vou... mai me esqueço...mai me esquece...

JR: Na, não, não... Porque a senhora é ass...agora pe..dize..pe..porga..pedi-lhe para a senhora me falar da..quando era nova e assim, e a senhora diz que não se lembra...

P: ...Ai...

JR: ...mas depois se por acaso formos a falar e por acaso aparecer algum assunto dessa altura a senhora vai-se lembrando e...

P: ...Vai, vai...

JR: ...e até va..e até..e até me vai contando..e até me vai contando as coisas.

P: Poi, poi.

JR: Assim quanto mais falarmos mais hipóteses eu tenho de ir..de ir sabendo mais coisas.

P: Se a gente tiver..tiver saúde para ir falando, para ir falando ah...

JR: ...Então e não temos?...

P:...mas se não há saúde...

JR: ...então não há-de hav...

P: ...Ai não há-de há-de haver..

JR: Então se até agora tem havido.

P: Tema a ge..tem a gen..gente alturas que nem..nem pode sequer abri..abrir a boca.

JR: Até agora tem havido, porque é que não há-de haver a partir de agora?

Porque..eu já sei muita coisa não é já...

P: ...Bom...então já tanta vez que aqui..que aqui anda...

JR: ...já sei muita coisa mas ainda há..ainda..aind..ainda quero que me conte mais.

P: Mas ainda mai, ainda mai, ainda mai, ainda mai quanto mai muitas melhor. (Ri-se).

JR: Pois é isso mesmo está a ver.

P: Ai ai...(Ainda a rir-se)

JR: Enquanto a senhora não se importar e não me mandar embora eu também...

P: Ai eu não mando ninguém embora.

JR: Então...

P: Eu não mando ninguém embora. Enquanto num me..num me tratarem mai mal que ó que me tratam eu num mando ninguém embora.

JR: Eu não trato ninguém mal. Tem é que me ir então..temos é que continuar a falar. Como também não estou nada mal aqui sentado à sombra...

P: (ri-se)

JR: ...na..não me...

P: ...enquanto houver um bocadinho de saúde...

JR: ...não me...

P: ...a gente está bem...

JR:...não me importo...

P: ...agora o resto, o resto é mal há que o aviar. Mai mal estão os pais, às vezes estão co..com o coração em consultas “ Quem saberá como é que ele por lá ficará?” .

JR: Na eles sabem que eu sou..que eu sou ajuizado.

P: Ah...

JR: Conduzo deva..conduzo devagar.

P: É é...às vezes parece se a gente vai..vai bem \_\_\_\_\_ não, pronto.

JR: Pois azares a...

P: ...Ah...

JR: ...azares acontecem a todos não é mas...

P: ...É verdade...

JR: ...assim uma pessoa nunca..não pode...

P: ...É preciso a gente entregar-se ó..ó anjo da guarda e à Senhora da Guia. Que no..que nos gai..que nos guarde de noite e de dia \_\_\_\_\_.

JR: Quem é que lhe ensinou essas coisas todas foi a sua mãe?

P: Tiro-as da cabeça.

JR: Mas alguém teve que lhe as lá meter, alguém teve que lhe as ensinar ou não? Onde é que as aprendeu?

P: A gente ouve-as....

JR:...E não se...

P: ... tem que as aprender.

JR: ...e não se esquece.

P: À vezes esquece-se a gente mas outras vezes num se esquece.

JR: O que é que a sua mãe lhe ensinou? O que é que sua mãe lhe ensinava?

P: Ai, o Padre nosso e..e..e..e..e à Avé Maria.

JR: Ah mas também lhe ensinou aí o trabalho do campo...

P: Ah trabalho do campo a gente é que o aprendeu.

JR: E a..também deve...também lhe deve ter ensinado a coser e essas coisas todas não?

P: A gente não tem olhos? Não tem olhos na cara? Aaahh....

JR: Eu..eu também tenho olhos na cara e não sei coser.

P: Tem que ter olhos na cara e vive..viver (ver? Vir ver?) o que os mais fazem.

JR: E foi aprendendo...

P: Pois claro. Num é preciso tar com um pico a..a metê-lo na cabeça.

A pessoa que tem..que tem um bocadinho de sentido, agora uma coisa logo outra, aprende. E à pessoas que não, nem que esteja com um pico, a piquer-lhe na cabeça num é capaz de lá entrar nada. Há pessoas muita rúdias. Ou elas num lhe faz conta ou num sei.(.). Vá lá que lá se passa o dia o sem cair..aquí uma..aquí uma pinga de água.

JR: Hum..se não caiu já não deve cair hoje...

P: ...Na hoje...

JR: ...e se o céu está a abrir, já está sol...

P: ...já está isto, já está muito leve...

JR: ...se não caiu até agora...

P: De manhã é que é dizia que caía de manhã.

JR: Sim...se não caiu até agora já não deve...

P: ...Já não está muito escuro. Mas pra certos sítios caiu...

JR: ...já não deve cair não.

P: Agora a..agora o pessoal num que..num quer cá a água.

JR: Agora não dá jeito.

P: Anda com os fenos...

JR: ...Pois...

P: ...num querem cá a água. E se ela fazia cá falta.

JR: Para dar aos animais?... e para os fenos.

P: Aqui muita..aí..aí atrás caiu muita água, agora nada(..) Estão agora nos batatais, agora

.

JR: Diga?

P: Batatais, batata!

JR: estão agora a semeá-las, os meus avós estão agora a plantar..a semear as batatas.

P: Oi...

JR: É é.

P: É conforme é a terra. Aterra é...

JR: Quê cá..cá já..cá já as semearam foi?

P: Ai..então nós começamos logo..logo em Fevereiro.

JR: Não os meus avós estão a semeá-las agora..agora foi agora a minha..a minha mãe esteve lá agora no Sábado, eu não estive lá, porque só cheguei..só che..só cheguei ontem às quatro horas, só vim ontem às quatro horas de Lisboa. Mas os meus p..os meus pais foram à casa dos meus avós e estão eles agora lá a semear as batatas.

P: Conforme são os terrenos, se são frescos...

JR: ...é fresco...

P: ...ah pois...

JR: ...é fresco é, lá é fresco.

P: Há..há terrenos que são frescos e só agora neste tempo é que as semeiam

JR: É lá é fresco. Então e depois cá depois quando é que as tiram?

P: Quando estão capaz. Em tendo..em tendo três meses já estão capaz de arrancar.

JR: Pois...é isso é três meses, eles tiram-nas lá para Agosto...

P: ...Poi...

JR:...cá tiram-nas mais cedo, cá daqui...

P: Agora prá..agora pra Junho mai..mai de..mai do pessoal já as tira...

JR: Já as estão a tirar pois é isso é..é..é a diferença. Mas a minha avó..a minha avó semeia muitas.

P: Semeia muita?

JR: Muita batata, muita batata.

P: Pra vender se calha.

JR: Ah...eu não sei se vai vendendo alguma mas aquilo também dá tão pouco, mas olhe ele..ele..eles alguma coisa têm que pôr na terra olhe semeiam batatas.

P: Ah poi...

JR: Num há assi...no outro dia semearam milho...

P: ...Milho,milho, botelhas...se têm..se criam porcos.

JR: Sim têm e semearam milho mas depois passaram por lá os javalis, cá não há javalis?

P: Então num há.

JR: Lá passaram por lá os javalis comeram o..o grão todo que eles tinham...

P: ...Poi eles comem tudo, tudo...

JR: ...que eles tinham semeado na terra, depois tiveram que voltar...

P: ...Inté agora, inté mesmo na..nas aveias tiram o grão todo...

JR: ...tiveram que voltar a semear agora..agora o milho, outra vez porque o..os javalis tinham lá ido tinham comido tudo.

P: Ah e aço..agora comem à mesma. Agora em...

JR: ...Pode ser que não...

P: ...sendo capazes...ai poi não, sendo capazes de comer comem à mesma.

JR: O meu avô esteve lá pôs lá um..uns laços à volta a ver se..

P: ...O quer lhe há de pôr...

JR:..a ver se algum lá cai.

P: ...bocados de toucinho. Em volta, em volta, em volta que el..eles

Num arrimam mais lá.

JR: Ai é? Bocados de toucinho? Olhe ê..eu já ouvi muitas mas essa dos bocados de toucinho nunca..nunca tinha ouvido.

P: Aqui a minha vizinha é o que lhe põe, a ver se eles lá arrimam?

JR: Ai é...não sabia.

P: Nas árvores ass..assim um bocadito de toucinho, num é preciso muito, assim um bocadito de toucinho mete-o além num arame, depois numa árvore, depois assim em volta por aí a fora, por aí a fora, num é preciso se..estar basto que ele dá-lhe o cheiro já lá num arrimam.

JR: Quando a se...

P: A tua avó que faça assim também, se ela fizer assim eles também lá num arrimam.

JR: Quando a senhora era nova já os por aí havia? Quando a senhora era nova se já por aí havia javalis ou não...

P: Agora, agora é que há.

JR: Agora há mais.

P: Naquele tempo num havia, o que havia eram os lobos.

JR: Ai era?

P: Era. E agora lobos num apareçam.

JR: Haviam m..andavam por aí lobos era?

P: Andavam.

JR: Comiam os rebanhos...?

P: Como a que é..o gado os lo..quem tinha os rebanhos ficava sem eles. Agora não, agora lobos não há. Aqui porque os num há.

JR: Pois não.

P: Mas os javalis há.

JR: Os?

P: O javali há.

JR: Ah o javali.

P: O javali há..há aí..ai sei lá. Matam aí muitos. Agora eles que façam assim onde..onde vierem um bocadinho de toucinho, num é preciso agora ser..ser assim bastos o..os bocadinhos, ó numa..ó num árvore ó assim num..

JR: ...Hum, hum...

P: ...num pau ponhem em volta se queres ver. Aqui a vizinha é o que faz...

JR: ...Cada um tem a sua mezinha num é?...

P: ...e num arrimam lá. E outros pões lá os..as peles do..dos javalis.

JR: As dos mortos, as dos que mataram.

P: Poi. Também as lá põem e também lá num arrimam. Em cheirando-lhe lá a carne eles numa arrimam. A minha vizinha os mais ano..os primeiros anos comiam-lhe o milho todo, todo, todo quanto semeava , num deixavam lá nada. Uma vez já tinha tudo descamisado, tinha a secar ali..num terreno.

JR: Ah já tinha o grão a secar.

P: Já tinha o grão todo a secar, as maçarocas...

JR: ...Foram lá...

P: ...foram lá uma noite tchincaram-lhe tudo, tudo quanto lá havia.

JR: Pois aí já foi...

P:...o diabo...

JR:...aí foi mau foi.

P: Mas agora ódepoi que lá põe o toucinho nunca mai. Nem lá arrumam. E tua avó que faça assim que já lá num vão.

JR: Eu logo lhe digo, quando..quando lá for agora .

P: Porque assim com os..com os laços ou podem cair ou não podem cair.

JR: Pois é isso...

P: Eles vindo as noites também aqui armavam laços mas eles num caíam lá.

JR: Pois nem sempre caíem o meu avô também arma laços à muitos anos e...

P: ...Só assim...

JR: ...tamb..caiu lá um ou dois se tanto.

P: ...só assim é que..assim é que os \_\_\_\_\_ lá, porque eles num arrimem lá.

JR: Assim é que eles..é..é que eles se foram embora.

(...)

JR: Bem, vou-me embora..está na hora.

P: Na hora?

JR: Está na hora de eu me ir embora.

P: Ah...diz que quem tem que andar não há que esperar.

(Rimo-nos)

JR: Eu agora no próximo fim de semana não devo cá vir, só depois no outro a seguir está bem?

P: Está bem, está bem, tá bem...ê cá estou se tiver saúde ê cá estou.

JR: Então num há-de ter, está aí tão boa...

P: ...Ah...

JR: ...num há-de ter saúde agora..

P: ...estou, estou tão boa estou...

JR: É verdade que está olhe acredite que está, está aí..para a idade que tem está aí muito boa. Então não está.

P: Andei..andei aí uma temporada por causa dos pés oi jasus...

JR: Ah mas isso os pés não mata ninguém.

P: Ah poi não num ata ninguém não...

JR: ...Pois não então..

P: ...num ata ninguém não.

JR: Pode moer, moer mói, mas ninguém m..ninguém m...

P: ...Do..dor, dor, dor num podia andar de maneira nenhuma.

JR: Pois mas não mata ninguém.

P: Mas num mata?

JR: Não...

P: Ai...num mata, num mata...

JR: Mói, mói mas não mata então isso calos...

P: ...Mói e mata...

JR:...calos dos pés toda a gente tem...

P: ...consome..consome uma criatura...

JR: ...calos nos pés toda a gente tem não...

P: ...tem, tem...

JR: ...não é por aí.

P: Há calos que dão guerra e eu os que tenho aqui por baixo em princípio ainda não me davam guerra...

JR: ...só estes aqui por cima é que lhe dão...

P: ...mas aqueles que costumam nascer nos dedos há filhos de um raio que os partir. A minha vizinha é que também os lá tinha mas tinha-os assim entre o meio dos dedos depois botou lá..botou lá a pomada do..dos calos...

JR: ...hum,hum...

P: ...logo desapareceram.

JR: Então e senhora já experimentou a pôr essa pomada ou ainda não?

P: Ai já gastei du..duas..duas embalagens dela.

(Rimo-nos)

JR: E ainda não desa..ainda... (Ainda a rir-me)

P: E ainda me apareceu de tudo.

JR: São de pior raça os seus!

P: Filhos dum raio...(Rimo-nos) Era ..era em dois dedos, era um destes aqui por \_\_\_\_\_ e outro que se...que era pegado ao mindinho. Este aqui é que tem sido do pior.

JR: Estou a ver os seus..os seu..os..os seus são..são..são de pior raça.

P: Ainda hei-de ter que comprar outra..outra bisnaga dele.

JR: Quem é que lho compra? Compra a senhoras quando vai lá ao Rosmaninho, é?

P: Ah, preciso de mandar vir das farmácias.

JR: Então e é..manda-o vir a quem?

P: A uma pessoa que lá vá.

JR: Mas é a senhora que o manda vir ou mandam-lho vir ali no Rosmaninho?

P: É uma pessoa que vá..que vá à Gadanha, ou que vá a Castelo Branco, ou que vá a Vila Flor...

JR: ...Pede para lho trazer é?...

P: ...e ela traz.(..)Aqui há tempos trougue-me o..o filho aqu..da..aqui da minha vizinha. Essa aquase nada. Se for passar, for passando num compro mai nenhuma agora se num passa...

(...)

JR: Bem...

P: Ódepois num vás \_\_\_\_\_ esquecido.

JR: Diga?

P: O teu avô que ponha assim o toucinho..em volta.

JR: Não se preocupe que eu dou-lhe..eu digo-lhe isso quando...

P:...És capaz de te esqueceres...

JR: Na..não me esqueço não. Então olhe nem que seja está aqui gravado, portanto quando eu for..quando eu for a ouvir lembro-me.

P: Ah assim está bem, assim já.

(Rimo-nos)

JR: Quando for a ouvir eu lembro-me..lem..lembro-me...

P: Mas..mas aqui a minha vizinha foi o que lhe valeu...

JR:...lembro-me logo disso.

P: ...se não..num..num \_\_\_\_\_ aí milho nenhum. E aquilo num custa nada.

JR: Pois não.

P: O toucinho na vez de amandaram com ele que agora há ago..pouca...há pouca gente que o coma.

JR: Agora há noutros tempos não era bem assim não é...

P: Na vez de..na vez de amandaram com ele põem-no assim na..nas fazendas.

JR: Pois é...

P: E as cousas ninguém quer saber. Destas coisas ninguém quer saber.

JR: Então e também se se soubesse qual era o p..não..não..não houve, não houve...

P: Poi está bem mas a vizinha p.. punho..punha-o cá e nunca ninguém sabia. Só eu é que sabia...

JR: ...Era segredo...

P: ...de mai, mai ninguém o sabia.

JR: Bem, está na hora de me ir embora.

#### 4ª Entrevista

(03/06/07)

P: Mas há pesso..há..há pessoas que andam com..cas..cas camisas brancas e por aí abaixo aí...pareçam um..uns..uns tendeiros.

JR: Parecem uns tendeiros?

P: Uns tendeiros.

(Rimo-nos)

JR: Os tendeiros é que costumam andar com a roupa branca é?

P: A roupa branca é bonita, mas é..mas é em certas pessoas.

JR: Não é em todas...?

P: Poi não é em todas.

JR: Fiquei aqui com as..com as meias cheias de ervas de a..de atravessar ali à frente.

P: Ai!...Bom, bom. E mai ess..mai essas meias. Olha aqui as minhas pantufas já..já as catei mais de cinqu..mai de cinquenta vezes.

(Rimo-nos)

JR: Já da última vez estavam..estavam assim.

P: De manhã fui além a..a meter as cabras quando ela abalou, vim de lá com elas tudo, tudo cheio de..daquela..daquela fusca da..do..do feno.

JR: Hum, hum...

P: Ódepois fui lá pra baixo, que ela foi-se embora e fui lá pra baixo a arrancar umas batatas, e fui à missa, já não assisti à missa toda por causa dela.

JR: Mas hoje? Hoje já? Então mas hoje não esteve cá o seu filho?

P: Esteve cá o mê filho mas o mê filho chegou e abalou.

JR: Ah e depois a senhora foi lá a seguir.

P: E ódepois a Celeste disse-me “Olhe lá vomecê ainda se demora muito tempo”, “Então é o tempo que tu quiseses, eu demoro o tempo que tu quiseses”, “Olhe eu vou-me..vou-me a

tomar banho e vou-me a vestir e ódepoi vou-me embora. Se vomecê ficar aí mete-me cá as cabras, se não fica,meto-as eu”. Cá estive a um bocadinho meti as cabras fui-me embora, quando lá cheguei já estava a missa quase dita.

JR: Já só apanhou o fim.

P: Já só o fim já. Então mas Nosso Senhor perdoa.

JR: Foi por um bom motivo. Então e o seu filho e a sua neta estão bons?

P: Eh parece que enquando.. que agora que anda bom.

JR: Ah estava com bom aspecto.

P: Está assim ma..anda assim me.. está gordo.

JR: Está gordo...

P: Mas às vezes vêm-me aí..vêm-me..vêm-me aí a dizer que ele que bebe muito, que ele que bebe muito, ódepoi que lhe faz mal, daqui nada está..daqui nada está de..está de costas. Então estar de costas é como o outro, a gente tem que ir.

JR: Mas quem é que lhe disse isso, foi a sua neta?

P: Foi a minha..a minha neta e o neto é..é que..é que..é que me têm dito.

JR: Mas o...

P: Eles num querem que ele beba nada...

JR: ...Pois...

P: ...mas e..os diabetes também querem..querem vinho.

JR: Os diabete querem vinho é?

P: Queram. Não é muito, mas quando é hora do comer um copinho dele.

JR: O seu neto também cá veio foi?

JR: Foi o seu neto, a sua neta e o namorado da sua neta?

P: Só o neto mai a..mai a namo...mai o namorado e o mê filho, o neto não veio cá que o neto..o neto fo..saiu do..do casamento...

JR: ...E foi directo para Lisboa...

P: ...foi-se logo embora pa..pa Lisboa.

JR: Tinha trabalho...

P: Nem \_\_\_\_\_ tu.

JR: Pois ele também tinha cá vindo da outra vez.

P: Ah mas..mas vez eles..que está..quem está em arrisco a ter..a ter serviço tem que se apresentar.

JR: É verdade.

P: Agora quem não está...alguns lá pedem a uns e a outros lá lhe dão...

JR: ...Para os substituírem...

P: ...lha lhe dão uns dias para eles gozaram. Ali se calhar não havia ne..ninguém. agora eu não tive tempo também de falar para ele, dizer a verdade só.

JR: Vieram cá pouco tempo estou a ver.

P: Foi chegar e voltar.

JR: Ainda lhe deram as maçãs e as peras.

P: Ah...( do género olha que compensação) ainda me trougeram um pãozinho.

JR: Ainda lhe trouxeram um pãozinho, está a ver...

P: (Ri-se) Eu já o tinha encomendado. Eu já o tinha encomendado e tinham-mo lá guardado que a..lá..a freguesa não é preciso mandá-lo guardar.

JR: Já lá estava à sua espera.

P: “Vomecê quando preciso vem..quando vier ao Rosmaninho venha que eu tenho cá o pão. Não é preciso estar a..a encomendar ê..ê guardo-o cá sempre.” \_\_\_\_\_.

(Rimo-nos)

JR: Na está-se melhor...

P: ... \_\_\_\_\_ pó sol...

JR: está-se melhor assim.

P: Ai...

JR: Então e hoje? Do que é que vamos falar hoje?

P: Ai sei lá... tu aqui é que sabes.

JR: O que é que tem cá para me contar?

P: Algum par..algum par de selo..de lostras.

JR: Algum par de quê?

P: De lostras!

JR: Lostras...?

P: Sabes como é que..como é que são as lostras?

JR: Não.

P: Porrada.

(Rimo-nos)

JR: Mau...

(Rimo-nos)

P: Porrada não, parece mal.

JR: Isso não, se não eu vou-me já embora.

(Rimo-nos)

P: Na..nunca bati em ninguém e nunca me bateram a mim, há verdade nisso.

JR: Ainda nunca bateu em ninguém...

P: Há mulheres que apanham porrada dos homens a toda hora e todo o santo e é nunca lhe apanhei.

JR: Isso é bom.

P: Mas porque é isso? Porque palrais! Porque apanhais? Tornais a palrar, tornandes a apanhar. Há pessoas que num..num se calam, num se calam, num se calam ainda começam a..a apodier, a podier, a apodier pronto é quan..é quando comem.

JR: Começam a quê?

P: A conversar, a..apodiar a aconversar, começam a..a gozar o..a..

JR: ...Hum,hum...

P:...o que está. Quem está por cima começam a gozar, a gozar pronto depoi comam.

JR: E a senhora calava-se quando era assim...

P: Ai que remédio tinha eu. Ah nunca tive assim arengas nenhuma. Há pessoas na conversa que piam mai de cinquenta, piam..têm aquelas conversas é quando comem.

JR: Mais de quê?

P: Puxam as conversas..conversas que têm mais de cinquenta e quando.. quando estão a puxar aquelas conversas é que comam. Lá porque quando a gente está um a falar o outro cala-se.

JR: Pois é...

P: Agora aquela que começa a palrar, palrar é quando..quando apanha lostras.

JR: Quando apanha umas lostras.

(Rimo-nos)

P: Ai havia cá..havia cá umas mulherzinhas apanhavam mai porrada.

JR: Aqui no Tojo era?

P: Uma era do Toulões, agora estão pó Rosmaninho, era do Corrilha.

JR: A do?

P: A do Corrilha.

JR: Então e ela..mas isso era..é quê..era..era..era quando..isso era quandoa..quando a D. Patrocínia era pequena ou era...?

P: Oh...então é estava casada já ao tem..a mais..já ao tempo, já aos anos.

JR: Eram..eram da sua altura essas..essas senhoras.

P: E..ela era..eles eram mai novos. Eram mais novos do que eu.

JR: E apanhavam porrada era?

P: Apanhavam porrada porque ele era malino, ela malina era, portanto porrada um com o outro. Inté se incorriam à pedrada aí uns aos outros, porrada..ai jasus..esfarrapavam-se as..o..o fato ai mãe de Deus.

JR: Então e ele..essas pessoas para on..quando é que se foram embora?

P: Então e..ele morreu, ele morreu lá em Lisboa, foi para lá, os filhos andaram lá à d..à..à luta e morreu. E ela está ali, tem ali uma casa no Rosmaninho lá está.

JR: Mas já aqui não vem ao Tojo é?

P: Não tem cá nada. A casa onde eles estavam é..é uma que aí está esbarrondada ali ao fundo.  
(...)

JR: Então e enquanto cá viviam..quando cá estavam no Tojo do que é que eles vivam? Trabalhavam aí, era na...?

P: Poi trabalhavam poi.

JR: Para os outros?

P: Pós outros. Ele era serrador, andava a serrar à prá serra. E ela cá estava a aviar a vida, com os garotos. Quando ela para aí veio tinha um garoto novo, o Menel era peccarricho.

JR: Quem é que era pequerricho?

P: O Menel Guerrilha...

JR: ...Hum,hum...

P: ...é o que está lá em Lisboa, \_\_\_\_\_ e deixa-te estar.

JR: Isso era o filho deles?

P: Era o filho de..era o ma..era o mai velho. O mê filho é que me disse “ Ó mãe, ó mãe, fomos para a casa da Ti Rosaria Mãe, fomos para a casa da Ti Rosaria” já estava morta ela. Ele gostava muito de estar vê-la “ Fomo prá casa da Ti So..da Ti Rosaria”

JR: Mas quem é que lhe..que é que dizia isso?

P: Era o mê filho quando era pequenino.

JR: Queria ir para a casa dela era?

P: Poi queria lá estar assim, mas ele num..num podia estar ali empinado.

JR: Mas quê..a Ti Rosaria era quem, era essa que agora está ali para o Rosmaninho?

P: Não. Esta aqui é dos Toulões. A outra morreu era..era irmã da..ai..era..era tia da..da..ali da Maria dos Anjos.

JR: Hum,hum... Mas e essa aí..então mas e é..é..essa aí também levava porrada era?

P: A qual? A tal?

JR: A Ti Rosaria?

P: Ai...coitada. Ai que também apanhava porrada. E eu..eu num estava cá, diz que uma vez estava a cear, que iam a cear, comer, e..e que arrancou além pelo prato da..da sopa troucou-o por cima da cabeça. Ela era malino como tudo.

JR: E ele..e esse..o que é que aconteceu a esse..esse..esse morreu foi?

P: Esse..esse Guerrilha é já morreu. E a mulher morreu de parto.

JR: Qual é morreu de parto essa Ti Rosaria foi?

P: Foi, a..a Ti Rosaria é que morreu de parto.

JR: E era então quando o se filho queria lá ir vê-la?

P: Morreu de parto porque..ela teve o primeiro filho bem e ódepoi o outro como num vinha logo esse à carreira foram chamar o senhor doutor, o senhor doutor Perdigoto.

JR: Ai ela..mas ela tinha lá dois era? Era..é..era...

P: ...Eram dois...

JR: ...eram gémeos?

P: ...eram dois gémeos. Como um..como um não veio logo assim à carreira quando o..quando o outro veio, foram chamar o médico, o senhor doutor Perdigoto, o senhor doutor Perdigoto ou..ou não lhe botou as mãos ou não sei, certo é que ela aquando chegou ali ó..ali ó..ó Forno já estava morta. Veio cá..veio cá ele dizer que lhe arrancou um bocado do fígado. O médico à...

JR: ...Hum,hum...

P: ...à tal Rosaria. Mas porque é que eles não dão o tempo ao tempo? É preciso ir logo à carreira? Então mas nasceu..nasceu o primeiro bem, o outro também nascia.

JR: Eles é que sabem eles é que são os médicos.(..) Então e a senhora nessa altura o que é que fazia?

P: O que é que eu fazia? Num fazia nada.

JR: Alguma coisa havia de fazer, não estava o dia todo sentada.

P: Ai atão o..o..o gaiato era pequenino.

JR: Tomava conta dele era?

P: Tinha que tomar com..conta nele, e na outra vida.

JR: E o seu marido andava a trabalhar.

P: Poi. Que remédio há?

JR: E o que é que se lembra dessa altura?

P: Ai o que é que me lembra sei lá ê já..ê já estou muito..sou muito esquecidos. O que é que me lembra? Andar descalça comós cães nos

\_\_\_\_\_. E frio que a gente passava. E..e..e molhadelas. O que é que quer dizer uma..uma molhadela?

JR: Uma molhadela?

P: Uma molhadela é a chover.

JR: É a chover.

(Ri-se)

P: Agora já..agora já.

JR: Chover em cim...ah essa, essa era fácil.

P: Ah ê apanhei muitas.

JR: Chover em cima...

P: Ódepoi num tinha aqui o..num tinha aqui o bocadinho fazia, era além pó..pó pé da Fonte Sobreiro, do lado de cá um quase nada. É que tinha que para aí ir a tra..a tratar da vida.

JR: E levava o filho consigo?

P: Poi. Ao colo.

JR: Ia atrás.

P: Ai atrás, ai atrás...então ele era pequenino levava-o..ainda era..era..\_\_\_\_\_, de envoltas.

JR: Ainda era de quê?

P: Já era assim de envoltas e de um..de umas baietas a gente comprava um bocado de flanela...

JR: ...Ah umas fraldas?...

P: Não das outras que se põem por cima.

JR: Ah...

P: Isso chamávamos-lhe nós os cueiros e agora chamam-lhe umas fraldas.

JR: Uns cueiros era?

P: Não, uns cueiros, uns cueiros.

JR: Cueiros!, está bem.

P: Comprava a gente um bocado desses que há...

JR: De quê?

P: ...e faziam-se.

JR: Faziam os cueiros.

P: Fazíamos esses cueiros.

JR: E depois a..as outras era o quê as...?

P: As baietas..a..umas baietas eram uma envoltas.

JR: E como é que faz...como é que essas se faziam? Como é que faziam essas?

P: Então comé..como é que fazia, então a gente já as comprava feitas. Algumas tinham umas fitas em volta, assim em volta, outras não. Outras tinham elas \_\_\_\_\_ se as quisesse pôr punha-as se não quisesse... . Comprava uma..comprava uma \_\_\_\_\_ fitas e punha-as.

JR: E o seu marido andava o dia todo para fora a trabalhar.

P: Poi. E às vezes andava para longe e..e pró Sobral do Campo eu sei lá pra onde é que era.

JR: Para onde?

P: Pró Sobral do Campo.

JR: Sobral do Campo...

P: Naquele tempo havia poucos jornais, só longe, só longe é que lhe davam.

JR: E o que é que...o que é que comiam.

P: O que é que comiam, o que é que haviam de comer? Feijão, quando o havia, ou batata.

JR: Era tudo ali da..da horta ou compravam.

P: Batata co..batata colhíamos a da horta, e feijão às vezes..se a gente o semeava colhia, se não semeava não recolhia., tinha que comprar.

JR: Iam comprar as coisas onde?

P: Poi, ali ao Rosmaninho.

JR: Ao Rosmaninho.

P: Ou aos mercados de Santo Estêvão.

JR: E para além de feijão e batata o que é que comiam mais?

P: O que é que haviam de comer mais?, um bocadinho de massa, ou um bocadinho de arroz.

JR: E a carne tinham a..tinham aí alguma..alguma cabra ou assim ou compravam também?

P: Então a carne era só carne de porco atão a gente matava...

JR: ...Matavam...

P: ...matava um porco. E era o que levavam.

JR: Depois salgavam era?

P: Poi...

JR: Na altura ainda não havia..ainda não havia frigorífico, pois e aqui não têm...

P: ...Ai nós aqui na..aqui...

JR: ...aqui não têm luz,pois.

P: ...aqui nunca temos

JR: Pois é.

P: Ali em baixo têm.

JR: E como é que conse..como é que co..como é que conservavam a carne?

P: Então num se conserva bem na..no sal?

JR: Isso já não é..já não é..já não é bem do meu tempo.

P: Ah poi, poi.

JR: No meu tempo conservam-se as coisas no frigorífico.

P: Ah pois.

JR: Como é que faziam para conservar no sal?

P: Há pessoas que inté enterram os presuntos, fazem os presuntos..presuntos assim e tal, ou assim..do meio ou os outros, enterram-se no sal, bota-se um pouquinho de sal por baixo e põe-se um presunto, ódepoi bota-se um pouquinho de sal por cima, ódepoi põe-se o outro de cima, ódepoi enche outro assim \_\_\_\_\_ salgava-os.

JR: E a outra carne também e..não era ass..também salgavam assim era não era..era..ou salgavam só os presunto?

P: Só os presuntos pois.

JR: E o resto.

P: Só os presunto e ao fim ga..o toucinho era bem salgado. O enchido não.

JR: Do resto faziam enchido era?

P: Era. (...) Morcelas, farinheiras, chouriças, batateiras. Se calhar por além num fazem assim?

JR: Sim ainda, ainda... Na casa da minha avó ainda fazem.

P: Quem quer faz, quem quer faz...

JR: Ela farinheiras não faz, faz chouriças e faz...

P: ...Morcela...

JR: ...Morcela sim. É normalmente o que faz.

P: Há morcela de..de sangue e há morcela de..de fígado.

JR: Ela normalmente é de s..é é é..a dela é de sangue. Depois dá um por..depois dá muita carne, ele dá muita carne. Ela mata dois porcos.

P: Ah...Então ela é sozinha mai o home não é'?

JR: É mas depois dá muito aos filhos.

P: ah pois...

JR: Ou quase tudo. É tipo..é é..é um porco para os filhos, divide-se, e é para os filhos e depois o outro porco fica para eles.

P: É para eles e pa.. pos filho à mesma.

P: Poi..exacto mesmo o que fica para eles depois eles vão dando..

P: ...Pois claro...

JR: ...é para quando os filhos lá vão comer e assim, pois.

P: Ainda é mesmo.

JR: Portanto só depois aquela carne assim que vai sobrando é que eles a..a migam para..para o enchido. Não fazem..não fazem muito enchido.

P: Na o enchido é..mai é só o chouriço, chouriço e..e alguma..e..echouriças, conforme é febra.

JR: Pois...

P: Há muita gente que faz muito enchido. Fazem inté morcelas de..de botelha.

JR: De botelha!?

P: De botelha.

JR: Ah essa nunca tinha..essa nunca conheç..essa não conhecia. Já tinha ouvido morcela de cebola, morcela de arroz também conhecia, morcela de botelha não conhecia.

P: Mas as de botelha também são boas.

JR: A senhora também fazia morcela de botelha, ou não?

P: Ai as a gente não tinha, mas quem ti..quem tinha botelhas fazia.

JR: O que é que t..o que é que costumavam semear lá na horta? Lá na sua horta que tinha lá para a Fonte Sobreiro o que é que costumava lá semear?

P: Ai, feijão, batata, grão. Feijão grande e feijão pequeno. E punha, quando era no Inverno, punha as couves.

JR: E nabos e ce..e isso não?

P: Nabos ne..nem por isso.

JR: Não gostava deles?

P: Gostar eu gostava deles mas além o terreno era pouco.

JR: Dos grelos?

P: O terreno era pouco para se semear uma coisa sem a outra.

JR: Pois é verdade.

P: Ah...

JR: ...Tinha que...

P: ...aqui minha vizinha pode semear que a horta é grande.

JR: Agora pois...

P: Que ela era...há muito tempo que não tinha assim uma horta.Tinha só um bocadinho além pó \_\_\_\_\_, além pó..pó cabo, agora já além tem, já tem onde semear muito.

JR: Morava com o seu marido e com o seu filho ali naquela casa ali de baixo não era?

P: Vivia, ódepoi mudei práqui.

JR: Para esta aqui.

P: Aí..estava cá a Maria, a irmã do Zé António, ela..ela abalou disse-me..disse-me o mê patrão “Olha lá Amélia(?) vamos para ali..vamos para ali..a mudar praqu..práquela casa de cima”.

JR: Quem é que lhe disse o seu marido foi?

P: O meu marido. “Sempre é mai alegre do que a esta aqui, esta aqui é mais escura”. E aquela é mai..é melhor de andar do que esta aqui, é mai direitinha.

JR: Aquel..aqu..aquela ali debaixo é mais escura, mas era mais escura era?

P: Era. Mas é mais direi..é mais direita ta do que..do que a esta.

JR: Não têm, não têm janelas.

P: Nem tem nada e aquela também não.

JR: Mas tem..mas tem aqui a..tem aqui a...

P: Mas que é que está aqui a..o..o fogão está aqui em frente aqui pertinho da..da porta...

JR: ...Hum,hu...

P: ...e..e..e é mais clarinha.

JR: Mas tem aqui a casinha..tem aqui a casa toda arranjadinha.

P: Ooo..ó...

JR: ...É verdade...

P: ...está, está...

JR: ...então num é, então olhe..olhe aqui toda..olhe que tem..tem uma casa muito arranjadinha.

P: Olha, se estivesse no..se estivesse noutro sítio qualquer e tivesse uma casa mai própria eu num a tinha assim.

JR: Então mas estou..estou..estou-lhe a dizer está..está..a casa est..a casa..está cá muito arranjadinha para a casa...

P: Mas estas casa..esta casa aqui a gente lavar num a pode lavar não há aqui água nenhuma, é preciso acarrear-la do ribeiro...

JR: ...Pois, precisa...

P: ...quando está aqui a barragem cheia, esta aqui a barraagem aqui..aqui de trás...

JR: ...Hum,hum...

P:...a gente acarreta uma pinguinha..uma mão cheia de água e lava-a, mas agora que num há água?, precisa..precisam ir até ao ribeiro ou vir ali acima à barragem. Vai a minha vizinha “Raio que tenho a casa mais suja mais \_\_\_\_\_ que o Diabo”.

JR: Quem?

P: A minha vizinha.

JR: É que diz isso.

P: Minha v..minha vizinha. “Tenho aí a minha casa mai suja que o Diabo, mas não sei como é que a hei-de lavar. Há uma num tenho vagar,

a outra \_\_\_\_\_ está bem, é preciso acadejar a água para cá um dia e lavá-la ao outro dia.”

JR: Pois..

P: Agora tem andado com o feno. Passou já há uns três dias com o feno para além.

JR: Hum,hum...

P: Um dia a ajuntar, para o enfardaram, outro dia..o outro dia veio cá o.. veio cá o enfardado..o enfardeiro..o que faz ao molhos.

JR: Com a máquina...

P: ...Com a máquina...

JR: ...de enfardar.

P: Passam o tempo a acadejar o..os mo..o..os fardos para outro lado com..com um carinho de mão.

JR: Ódepoi ainda não os acabou de acadejar anda tornar lá a voltar a..acabá-los de acadejar para outro lado.

JR: Mas onde é que el..onde é que ela..onde é que ela tu..tinha o feno semeado era além na horta?

P: Aqui práli, para aquele lado ali.

JR: Ai tem out..outras hortas para ali era?

P: Práqui não tem lá nada.

JR: Pois ali é..é mais a..as coisas para comer em casa.

P: Ódepoi está sozinha, se ele cá estivesse ele ajudava-a muito mas ele num..num está cá num pode.

JR: Agora assim é complicado, é.

P: O que lhe vale sou eu para ir..pra lhe emparar as cabras quanto mai não.

JR: Sempre lhe dá uma ajuda.

P: Ela bem o diz “ Ai Ti Patrocínia se não fosse você...”

JR: ...Está a ver...

P:...então ódepoi é que eu havia de estar então”. E eu gosto de aqui estar, estou aqui sozinha e gosto de aqui estar home. Ela abalou há mais de três meses para o Rosmaninho, lá \_\_\_\_\_.

JR: E ficou aqui sozinha a senhora?

P: Fiquei sozinha.

JR: Não tem medo?

P: Então estão cá os cães aqui à..aqui sempre aqui ao pé de mim.

JR: Ah...às vezes...

P: Algum medo ou quê? Ah aqui ninguém..ninguém come outro.

(..) Ela abala e tapo-lhe..tapo cá as..as frangas, as pitas que tem ali ao pé da.. ao pé da minha casa, ela só dá de comer ao..aquelas que pralém tem e arrecada os perus e dá de comer ao burro mai ao..mai ao porco. Mas ainda é muito.

JR: Então e quando..quando a senhora e o..e o seu marido se mudaram para aqui o seu filho ainda cá vivia ou já tinha ido para Lisboa? Quando se mudaram aqui para esta casa?

P: Já..ó, ó tempo que ele estava em Lisboa, ó tempo. Ainda estávamos nós naquela.

JR: Quando ele foi para Lisboa ainda estavam naquela além naquela?

P: Ainda.

JR: Aquela ali era maior não?

P: Era, aqui é maiorzinha é, e ali é mai direita, esta aqui tem aqui..amode que tem aqui estes penedos aqui..nem..nem dá sequer la..lavagem, fica sempre na mesma.

JR: Ah o chão daquela ali é diferente é?

P: Aquela ali é de lascara. É dessas como aqui estas aqui assim.

JR: Hum,hum...

P: Lava a gente fica a alumier.

JR: Pois estes aqui não o granito...

P: ...Estes não,estes não...

JR: ...o granito não fica não, é mais difícil.

P: E têm muita poça.

JR: Então e depois mudaram-se para aqui foi?

P: Pois.

JR: Deixaram aquela e vieram para aqui.

P: Ódepois mora..estava aí um velho.

JR: Aí onde ?

P: Ali, naquela casa ali da..abaixo da..da Celeste.

JR: Hum,hum...

P: E abalou..abalou pa Vale Fresco, e assim..o mê..o mê patrão disse-me assim “ Olha lá Maria (?) está ali aquela arca é de castanho vamos pra..práqui a mudá-la” , é aquela além...

JR: ...Hum,hum...

P: ...“vamos práqui a mudá-la.” \_\_\_\_\_ . Agora vão os ratos já a ferraram por baixo, já lhe entra o \_\_\_\_\_ .

JR: Agora ou já na altura da...?

P: Agora, agora... Punha lá o pão punha lá assim as coisas...

JR: ...Agora já não pode...

P: ...e agora nada tenho tudo pendurado.

JR: Que eles andam..andam por aí eles são...

P: ...Ó cabrões...

JR: ...metem-se em tudo quanto é sítio.

P: Ódepoi o..o..os gatos só aí estão dois, um já anda..anda a morrer...

JR: ...Ai é?...

P: ...o outro é..o outro é pequenino, mas de manhã trazia um sara..um saragaço mai grande na boca ca sei lá.

JR: Um quê um saraga...?

P: Um saragaço, um..um rato.

JR: Ah...

P: Vinha dalém com ele práqui.

JR: O pequenino?

P: O pequenino.

JR: Ai o..o grande anda a morrer é?

P: O grande anda a..tem andado coxo, coxo, coxo, coxo e já ontem o não vi hoje também não.

JR: Se calhar já..já morreu e não o...

P: E..era capaz. Teve..teve aí um ano tinha aí cinco gatos, \_\_\_\_\_ só cá está..só cá está aquele.

JR: O que é que lhes aconteceu?

JR: O que é que lhes aconteceu?

P: Ai, um abalou daí, andava na horta, a caçar, desapareceu já cá num tornou a voltar.

Ago..o..este velho é que tem andado aí..o coxo é que aí tem andado.(..) Ali em baixo há muita ga..há muito gato, logo a Rata tem lá uns quatro ou cinco.

JR: Então e como é que era...como é que viviam quando..quando vivia ali com o seu marido e com o seu filho? Ele ia trabalhar, você ia para a horta não era?

P: Poi.

JR: E aquilo como é que era vocês..a casa tinha mais do que uma divisão, dormiam todos na mesma divisão, como é que era..como é que era ali a casa, como é que era a vida...

P: ...Então...

JR:...as pessoas...

P: ...o comer vinha a gente à tarde fazia o comer, ao meio dia levava um bocadinho de pão pronto.

JR: Depois há noite aquilo como é que é, ficava de noite não tinham luz iam logo para a cama era?

P: Então num ti..não temos o candeeiro de petróleo?

JR: É verdade...

P: No outro ano disse-me assim o mê neto...

JR: ...E o que é que ficavam..o que é que ficavam a fazer ou é que faziam depois..depois de comer à noite?...

P: ...dizia assim o meu neto “Ó avó vocemecê acoite-le-se com o..com o...com o..com o petróleo e com o gás”, “Atão eu não tenho gás nenhum filho!, comé..comé..comé que me hei-de acautelar?, atão eu num tenho cá gás nenhum. ”, “ Ah mas às vezes o petróleo também pode dar guerra.”, “Num dá.”.

JR: Já está habituada?

P: Ê tenho muitas noites só acendo o lume, ca luz do lume deito-me.

JR: Deita-se cedo normalmente é?

P: Ai...aí à..às..às oito nove horas, oito nove horas...

JR: ...E naquela...

P: ...dá..dá as dez...

JR: ...e naquela altura também se deitava assim..também se deitavam assim a essa hora?

P: Pois.

JR: Que era para o outro dia acordar cedo para ir tra...

P: ...agora vou ali pa..pa casa da minha vizinha, estou lá inté..inté à..às oito, nove, oito nove.

JR: E depois vem para aqui.

P: Venho praqui.

JR: Quanto é que demo..quanto tempo é que demora a vir dali para aqui?

P: Ai..tempo nenhum.

JR: Tempo nenhum...?

(Rimo-nos)

P: É..é só meter o pé da..o pé daqui pralém.

JR: Então e não se juntavam aí co..não se juntava aí com as suas..com as suas vizinhas?

Quando ainda aí vivia muita gente.

P: Quando era no..quando era à noite aqui nesta pedra aqui, nestas duas pedras aqui, juntava-se aí o pessoal todo.

JR: Era? Fa..a fazer o quê? Conv..falar?

P: Conversar uns com os outros. Contar suas vidas uns aos outros.

JR: Aqui ao pé do forno.

P: Pois. Quando a gente anda bem conversa assim umas com as outras e..e o tempo passa-se num instante, mas se anda mal não. Era por isso que ninguém, ninguém havia de andar mal uns com os outros, sempre bem, sempre bem.

JR: E as pessoas aí da terra davam-se..davam-se bem umas com as outras era?

P: Poi era...não alg..al..estava além aquela além naquela casa onde estão..onde estão além os peruns, era levada do diabo e..era velhaca. Quase sempre andava a ralhar com as vizinhas. Aqui o Gorrilha (Guerrilha?) era na mesma, o Gorrilha ó diabo.

JR: Também ralhava consigo era?

P: Ai comigo não, comigo nunca ralhou. Eu não lhe dava importância, eu não lhe dava importância. Aquelas pessoas querem mas é desprezo, que a gente as..as deixe, à larga.

JR: Então e..enquanto os..enquanto os seus pais foram vivos não..não a ajudavam?

P: Ai...

JR: Por exemplo qua..quando tinha..quando tinha o seu filho a si não..não ficavam com ele e..enquanto ia para a horta ou...?

P: Atão aqua..eles também num podiam já eram velhotes.

JR: O que é que se lembra assim dessa altura?

P: Lembra-me de passar mal.

JR: E para além disso, para além de passar mal?

P: Passar mal é que me lembra...

JR: ...Mas o que é que...

P: ...ainda hoje queria a gente..queria-o a gente comer e onde é que ele estava? Queria-o..queria-o..queria-o romper ou calçar onde é que ele estava? Onde é que estava o dinheiro para se comprar as coisas han? Agora não, agora temos tudo quanto queremos.

JR: Então e que é que faziam nessas alturas?

JR: O que é que faziam nessas alturas quando não havia.

P: Ai...o que é que fazíamos...

JR: ...Aguentavam-se?...

P: ...tinham que se aguentar tão na..num havia trabalho, tinham que se aguentar. Agora não a..agora à uns..às vezes vão para os cortes e o que vale é os cortes \_\_\_\_\_ os cortes.

JR: Mas para além disso de..de viverem mal não se lembra assim de..assim episódios, histórias, coisas que se tenham passado...

P: ...Êêêê...

JR: ...Tudo me interessa percebe?, tudo me... .

P: ...ê num me interessa..ê n..ê num sei de histórias, nem..num..num sei, há pessoas que sabam assim muitas histórias...

JR: ...Há pessoas que têm jeito outras não...

P: ...ê num tenho ê...

JR: ....pois.

P: Vês além o gato de cima do forno?

JR: Aquele é qual? Aquele é o velho ou é o novo?

P: Aquele é que é o novo. O velho ainda o cá não vi.

JR: E a...

P: Aquele é \_\_\_\_\_do novo.

JR: Então e cá não hav..c..cá não...a senhora não cosia não..e..

P: Cozia sim senhora.

JR: O que é que cosia? Fazia o quê? Fazia...

P:...Centeio...

JR: ...remendava a roupa ou...?...

P: ... \_\_\_\_\_cozia os pães pão..pães..pão centeio.\_\_\_\_\_. Não era como agora, que agora é só pão trigo, só pão trigo e é..e é daquele melhor e..e se passa de m..de um dia pó outro sem o comermos pronto aquele..aquela seme..aquele pão já vai pró lixo?

JR: Então e naquele tempo não era assim?

P: Era. Agora também..agora..há muitos que ainda vão até o..aquele pão que por lá deitam ainda o trazem e que ainda o comem.

JR: Pois às vezes é.

P: Aqui num se acontecerá assim mas..mas ê daqui a mim já me contaram isso.

JR: Quem não tem é?

P: Queira a Deus que não. (...) Nós aqui pão sempre tinha..sempre tínhamos. Comprávamos, comprávamos o..a..comprávamos às vezes o..comprávamos em grão íamos à fábrica moíamos ou dávamos aos serralhei..dávamos ao..aos moleiros, e cozíamos. Agora só a comprar a farinha, a comprar a farinha, a comprar a farinha, nem é preciso passá-la nem nada.

JR: Só amassam e cozem.

P: Poi. \_\_\_\_\_também não é trabalho nenhum. A gente a peneirar suja-se toda, emboleirra-se toda, e agora não. \_\_\_\_\_também é uma gatinha.

(...) Quer dizer tu..a tua avó tem lá forno, para cozer?

JR: Ah...

P: ...Num tem...

JR: ...não ela nunca..não, não tem, nunca..acho que nunca..há lá um na terra mas ela não o utiliza só utilizam os outros, lá os vizinhos dela. Ela compra, o..o padeiro passa lá com uma carrinha...

P: ...Ah pois...

JR: ...e ela compra lá o pão ao padeiro.

P: Então ainda lhe fica mai em conta a comprar do que a..doq eu andar a cozer.

JR: A cozê-lo, pois fica.

P: À lenha, precisam de andar à lenha...

JR: ...É...

P: ... práqui, práli ai... e agente..e eu não poder já.

JR: Aquilo passa la..passa lá o padeiro, não sei se..todos os..acho que não é todos os dias mas uma vez por semana pelo menos passa lá...

P: ...Ai então assim..aqui passa todos os dias, todos os dias, todos os dias...

JR: ...e buzina e não sei quê e ela vai lá comprá-lo.

P: Quem está aí à roda da..à roda da...

JR: ...Da estrada...

P: ...da estrada, compra-o todos os dias.

JR: Vão comprar sim.

P: Há pessoas nunca comam..nunca comam pão e..ai eu também não mas eu num..num estou lá assim à roda das coisas. Embrulho-o num paninho meto-o dentro de um plástico, penduro-o ali num..num espeques...

JR: ...E ele ainda dura alguns dias...

P: ...se ele está mole no tempo que fa..que ele há assim calor é co..ele se põe..põe-se todo cheio de bolor. Então ago..por agora não. Ao fim de oito dias estava todo cheio de bolor, mas agora com aquele que me deu o meu filho não dura lá tanto tempo, aquele pão está mal cozido.

JR: O que lhe trouxe o seu filho é?

P: Trougue-me o mê filho, ele é que me trougue o pão.

JR: Atão e o que é que a senhora se lembra de..o que é que a senhora se lembra de quando era mais pequena e quando vivia com os seus irmãos na casa dos seus pais?

P: Ah bulhávamos uns com os outros (ri-se).

JR: Bulhavam uns com os outros, era?

P: Poi.

JR: E então conte-me essas coisas.

P: O que hei-de contar? O que hei-de contar? Que andávamos sempre à bulha uns com os outros?

JR: O que se lembrar? Há-de se lembrar assim de alguma história não? Aquilo vocês dormiam quê dormiam todos assim no..na..me..na mesma divisão ou como é que era?

P: Ai...eu minha..mai minhas irmãs dormíamos todas três juntas e meus irmãos iam pó palheiro.

JR: Os seus irmãos ia.m.dormiam no palheiro era?

P: Poi.

JR: E as senho..e a se..e a...

P: ...Minha mãe dor..dormia..dormia no quarto.

JR: ...e a senhora e os seus irmãos dormi..dormi..dormiam onde?

P: Dormíamos ali na mesma casa.

JR: Mas tinham um quarto para vocês era, ou dormiam na...?

P: Estava assim um..aquela casa tinha..tinha assim uma..a como é que era um quarto. Tinha lá assim uma..um..uma parede de uma pedra mieira como aqui estas aqui...

JR: ...Hum,hum...

P: ...assim comprida e larga e nós metíamos umas sa..umas sacas de..de..

\_\_\_\_\_ assim estas sacas de..do..do..do adubo...

JR: ...Sim...

P: ...fazíamos uma enxerga e enchíamos de palha e dormíamos lá assim.

JR: E os seus irmãos iam dormir para o palheiro.

P: Pois, deitavam uma manta por baixo, ou um lençol, outra por cima. Dantes era..era uma lástima num era como agora.

JR: Ó outr..eram outros tempos, era como era.

P: Agora em boas camas e nem assim.

JR: E o que é que se lembra mais desse tempo?

P: Eu e o meu enteado ainda o cheguei a de..\_\_\_\_\_..ainda cheguei a deitá-lo..cheguei-me ó gropelha, que a gente andava..já..andava a acadejar o estrume e..deitávamos o co..e deitávamos-lhe assim o gropelha por baixo dele e depois deitávamos mantas por cima ou lenço.

JR: Uma quê uma groprelha?

P: Uma gropelha. Dessas da gente deitar aí o esterco.

JR: Tem que me explicar o que é que é uma gro...

P: Se calhar nunca viste uma coisa daquelas?

JR: Pois ca..mas como é que é? Explique-me lá.

P: O que é que é uma albarda?

JR: Sim...

P: Aquilo é como a que é...

JR: Mas é para pôr no..é para pôr em c..é para pôr nos animais é?

P: Põe-se de cima..de cima do..do aparelho da bu..do animal, e bota-se para lá o esterco, abre-se e bota-se para lá o esterco.

JR: Está bem eu nunca..nunca devo ter visto nenhuma não.

P: Ai no..agora..agora já..já não há.. \_\_\_\_\_ já não há. E havia umas zingarelas, as zingarelas também num sabes?

JR: Também não. O que é que eram as zingarelas?

P: Ainda és muito novo, ainda é muito novo...

(Rimo-nos)

JR: Mau e os meus avós tinham..os meus avós não tinham assim..não tinham burros..tinham bois.

P: Ah pois...

JR: Então os bois punham-lhes a...pronto punham-lhes a canga e depois era com o carro e andavam sempre com o carro.

P: Poi é aqui também havia muito disso, só eu é que..é que usei..é que usei aquela garopelha pra..pa..po...

JR: ...Hum,hum...

P: ...e outros era..usavam umas zingarelas..arranjavam umas zingarelas de pau, acadejavam assim.

JR: Pois eles lá era tudo..ainda era..por lá era tudo no carro dos bois.

P: Pois, pois...

JR: E depois..e depois acabaram com os bois e arranjaram um tractor.

P: Aqui também havia.

JR: Havia..havia o..havia..havia a feira todos os anos lá numa terra ao pé e eles todos anos iam lá e trocavam...

P: ...Pois...

JR: ...trocavam de bois. Tinham assim os bois um anos depois iam lá a feira e..davam aqueles e..e compravam outros.

P: Ou vendiam...

JR: ...Ou vendiam ou trocavam...

P: ...trocar, trocar nunca trocavam.

JR: Era?

P: Podiam vender e comprar outros mais novos.

JR: Compravam outros, todos os anos eles faziam aquilo.

P: Nós aqui também assim era.

JR: E depois aquilo ali eram..era \_\_\_\_\_, eles compravam aquilo a meias com um senhor lá..não era lá bem da mesma terra mas era lá perto, depois os bois estavam um tempo na casa de uns outro tempo na casa dos outros...

P: ...Ah pois...

JR: ...um tempo na casa de uns...até dividiam...

P: ...É como a que era de meias...

JR: ...eram, eram de meias era isso. Eram, eram...

P: ...dantes havia também assim a..também cá havia muito disso...

JR: ...no tempo da mosca aquilo eram...

P: Ó ó...eram bravos.

JR: Eles eram bravos eram.

P: Eram bravos eram. Xô. (Para algum animal)

JR: Então e o que é que o..o que é que traziam vestidos nessa altura, a senhora e as suas irmãs?, e os seus irmãos irmãos como é que se vestiam?

P: Como é nos vestíamos? Mal.

JR: Mal eu já sei, mas agora eu quero que me diga como é que é?

P: Ah...como é que é, ê não posso dizer como é que é.

JR: Então já não se lembra? Já não se lembra do que é que usava ?

P: Usavam-se umas calcinhas de cetim que era nu..num havia ga..num havia ganga, naquele tempo não havia ganga, só cotim e havia outras calças de..dos militares, ainda aí havia muito.

JR: Era?

P: Agora parece que já não vêm.

JR. E onde é que iam..mas onde é que iam com..onde é que iam comprar essas? Ali a...

P: Ali ao Rosmaninho.

JR: Ao Rosmaninho?

P: Ou a Santo Estêvão ao mercado.

JR: quando era pequena ainda era?

P: Já..e já..ai já estava inté casada. Eu nunca \_\_\_\_\_ muita..muita roupa do \_\_\_\_\_ ao..ao meu patrão.

JR: Muita roupa?

P: Poi.

JR: Ai ao..ao..ainda comprou muita roupa ao seu homem sim.

P: E...e ao meu enteado também. Ao meu filho já não mas para eles comprava.

JR: E a senhora e os seus irmãos davam-se bem, não bulhavam muito?

P: Nunca bulharam uns com os outros?

JR: Alguma bulha o...

P: ...Não, há pessoas que são...

JR:...lá tiveram...

P: ...Há mui..aonde?

JR: Ah quando eram pequenos e...

P: ...Ah...

JR: ...daquelas bulhas...

P: ...quando eram pequenos...

JR: ...isso sim não é?...

P: ...quando eram pequenos...

JR: ...toda a gente tem não é?

P: Os meus irmãos não eram senhores de dizer assim “Vai à fonte limpa”, nem de mê pai num..num dos meus irmãos à fonte limpa. O que é que quer dizer a fonte limpa?

JR: Tem que me explicar.

P: Ah...

JR: O que é que quer dizer a fonte limpa?

P: (Ri-se) É como se disse-se à..à merda. Ah camarada...

JR: Ai é? Olhe eu não conhecia essa.

P: Ai camarada. Dissesse-o agora diante de mê pai.

JR: Então o que é que o seu pai fazia?

P: \_\_\_\_\_ pelas ventas que nem éramos vistos.

JR: Não se podiam portar mas se não o seu pai...

P: Mê pai..mê pai nunca nos deixou ralhar uns com os outros. Eles com minha mãe podiam dizer alguma coisa mas com o mê pai não.

JR: O seu pai era mais...

P: O meu pai e ela não gostavam assim de..que andassem a ralar e que andassem a bulhar. Era assim um homem sério não gostava de..não gostava de..não gostava de macacadas.

JR: Também trabalhava aí era, o seu pai aí na jorna?

P: Poi trabalhava onde quera, onde quera aparecia é que ia a trabalhar.

JR: O que é que se lembra do seu pai?

P: O que é que me lembra coitado? Uma vez este..esteve un..esteve uns tre...três meses à cama sem nunca se mexer.

JR: Porquê?

P: Com o mal.

JR: Mas não sabe o que é que era não?

P: Era mal que lhe faziam.

JR: Que lhe faziam? Então quem é que lhe fazia mal?

P: Punha..punham-no aí negado de todo na cama.

JR: Mas quem? Quem é que o punha...

P: Quem?, sei lá.

JR: Mas é quê..eram...

P: As bruxas.

JR: Bru..bruxarias pois, mau olhados.

P: Poi. Aquelas pessoas assim \_\_\_\_\_ é que nun..nunca se mexe. Quanta gente não vai ,pronto.

JR: Então e depois como é que faziam para ele..como é que isso depois passava ?

P: Então não passava. Era preciso \_\_\_\_\_ fazer uns defumadouros e..e dizer uma rezas conforme era o caso e o..o bento.

JR: O quem?

P: O bento.

JR: Quem era o Bento?

P: Quem era o bento?, o bento era aí..era da Cabeça de Boi, sei lá para onde é que é a Cabeça de Boi.

JR: Mas era quê..era tipo assim um bruxo era que conhecia..percebia dessas coisas?

P: Não é..é..era uma criatura..era um bento..cá...

JR: ...Há um bento já pe..bento está bem...

P: ...um bento...

JR: ...está bem...bento não era o nome...bento não era o nome da pessoa.

P: P..poi.

JR: Está bem, eu ju..eu estava a julgar que Bento era o..que a pessoa é que se chamava Bento mas não era..era o bento. Mas era..era um homem ou era uma mulher.

P: Homem.

JR: Era um homem. E iam lá e ele é que lhes ensinava essa coisas.

P: Pois. Eles fo..foi lá meu avô.

JR: Foi lá?

P: O meu avô...

JR: ...Ah...

P: ...o pai de minha mãe é que lá foi.

JR: E a se..a senhora já era viva nessa altura.

P: Era, ainda era..ainda era pequenota ainda..mal me lembra.

JR: Ai é?

P: Eu mal me lembra.

JR: E depois fizeram...

P: Só ouvia dizer a minha mãe.

JR: O que é que ouvia dizer?

P: Que esteve três m..que ele esteve três meses na cama sem nunca de lá abalar, e nem se alevantar. Astão mas questes três meses nós o que é que nós comíamos? Atão éramos pequeninas trabalhar não trabalhávamos não tínhamos idade..ainda não tínhamos ideia para isso. Ainda éramos as du..novatas não podíamos..não tínhamos idade.

JR: O que é que comiam?

P: O que é que comíamos?, alguma coisa que nos davam.

JR: Se calhar o..o seu avô e a sua avó ajudavam.

P: Ah..então coitados eles também não podiam.

JR: Ainda se lembra deles?

P: Atão num me lembra.

JR: O que é que se lembra deles?

P: Lembro-me de el..de eles serem velhos.

JR: Lembra-se de eles serem velhos era?

P: O mê avô tinha aí uma fazenda em baixo, que é ainda agora da Maria dos Anjos, tinha lá umas cerejeiras, trazia..trazias num..numa cesta ou..um caldeiro cheio de cerjas começava ali ao fundo do povo a dar, a dar, a dar, a dar quando chegava aqui a casa não trazia grande coisa.

JR: Era um bom homem então?

P: Era um perdulério.

JR: Era um quê?

P: Era um perdulério.

JR: Ah um perdulário.

P: Um perdulério é uma pessoa boa.

JR: Pois. E a sua avó?

P: A minha avó igual.

JR: Onde é que eles moravam, moravam a...

P: Ali naquela casa.

JR: Nesta aqui?

P: Sim, na casa do padre.

JR: Que j..que já lá não morava na altura não é?

P: Que havia cá..havia cá a casa do padre e chamavam-lhe a igreja, também era aí.

JR: Mas isso já não era do seu tempo. Já não se lemb..a senhora já não se lembra do padre nem da igreja.

P: Num me lembra de nada. Só me lembra de estarem a..de estar ass..as cabanas e estes coisos tudo e..tudo empenado \_\_\_\_\_ lá dos meus avô uma junta de bois, e além também e eu só me lembra o portal do cemitério. Esse é que ainda me lembra de estar assim empinado.

JR: Já me contou.

P: Agora mai do outro resto num me lembra.

JR: Então e depois lembra-se...

P: Só me o..só me o..só ouvia dizer, ouvia dizer.

JR: E os seus avó..os avós também era..o seu avô também trabalhava e a sua avó estava aí na..

P: ...Ah...

JR: ...aí nas hortas não era?...

P: ...ele enquanto..enquanto pôde trabalhou ...

JR: ...era como toda a gente...

P: ...quando não pôde..ódepoi também lhe deu uma trombose, ficou sem fala.

JR: À sua avó?

P: Ao mê avô.

JR: Ao seu avô.

P: Num dizia nada, até que morreu.

JR: Lembra-se disso ainda é, quando ele morreu? Que idade é que tinha na..na altura?

P: Ê já..ê já estava casada, quando ele morreu.

JR: Já estava casada quando ele morreu?

P: Já. E morreu ali na casa de minha mãe.

JR: E nessa altura a sua avó ainda era viva ou já não?

P: Ainda, a minha avó era..era..era..eram dói..eram três tios meus, dois homens e uma mulher.

JR: Moravam todos aqui?

P: Todos.

JR: Havia cá muita gente homem, aqui havia muita gente.

P: E a sua avó depois mo..mo..ainda viveu muito tempo ou morreu também passado pouco tempo depois?

P: Ai ele já não esteve assim muito..muito tempo, chegou ó fim de um ano, um ano ou dois, depois faleceu.

JR: Faleceram aqui no pomar?

P: Foi. Tinha que a gente ir lá para Santo Estêvão nem é..ela arranjou \_\_\_\_\_.

(...)

JR: Está a ver? Dizia que não se lembrava de nada e já me está aqui a contar coisas que se vai lembrando.

P: Ah, atão mas estas coisas...

JR: ...Está a ver..é..é..é essas coisas que eu quero saber...

P: ...vai-se lembrando assim de pouco a pouco, de pouco a pouco.

JR: Pois por isso mesmo é que nós vamos estando aqui na conversa assim devagarinho que é para nos irmos lembrando, e cada vez que vamos conversando vai-se lembrando de mais coisas.

P: É coma que se fez lembrado.

(Rimo-nos)

JR: É..é..é quase.

P: Ai mãe do céu.

JR: É quase.

P: Estive a amostrar ali as fotografias.

JR: Ai esteve, e então?

P: Disse eu assim “Ó filha está, olhe lá aqui parece que ficou com os olhos fechados?”, “Ó avó está bonita, está bonita, está aqui está mais bonita que a outra, mas esta aqui também está bonita, também se conhece bem.” Há uma..uma não ficou assim muito bem.

JR: Qual é que não ficou assim muito bem?

P: Que acho que ficou assim amóde com os olhos amóde como é que era...como é que é a..a dormir.

JR: Mas qual é que é?

JR: Qual delas é que é? É aquela que está ao pé de mim, é aquela que está...

P: É a outra.

JR: Uma que está qual..aquela que se vê só o..que a senhora se vê pequenina e que se vê assim a casa toda, ou aquela em que se vê só assim a senhora?

P: Era..era capaz de ser aquela. ( a da casa toda)

JR: Pois, era o fotógrafo que não era muito bom. (Rimo-nos) Os model..os modelos eram bons o fotógrafo é que não prestava.

P: Atão ma..aquele..a..daquele..daquele que aí veio e que já não me lembra do que é que o rais que o parta, o da Celeste ficou bem e o meu não ficou bem.

JR: Ah quando aí veio pois...

P: ...Pois...

JR: ...também era o fotógrafo que não prestava.

P: Num era nada é que ele..a Celeste estava assentada numa..assim num..num alto e ele injoelhou-se assim da parte de baixo muito \_\_\_\_\_ ...

JR: ...Hum,hum...

P: ...estava injoelhado. Quanto mais baixo fica..quanto mai alta fica a gente melhor.

JR: Pois.

P: E eu estava ali numa pe..naquela pedra que além está fundeira assentada e ele estava da parte de cima, em vez de se pôr da parte da baixo pôs-se da parte de cima, depois o meu ficou mai mal. Ai que fazia agora a sombra.

JR: Então e a...a senhora e o...

P: ...Depoi ela disse-me assim...

JR: ...diga...

P: ...ela disse-me assim “Ó Ti Patrocínia vomecê ficou mai mal do que eu”, “Atão num vês que eu sou mais feia”. (Rimo-nos) “Num vês que eu sou mai feia do que tu, sou mai velha”, “Ai isso num interessa, isso num interessa, então das outras está bem e nesta aqui ficou mal”.Mas ela ficou mesmo bem, bem, conhecem-se-lhe lá os olhos, aconhece-se tudo.

JR: Conhece-se tudo, e a senhora não?

P: Ei..e a minha não.

JR: Às vezes acontece olhe eu também fico muita mal nas fotografias.

P: Eu num tenho ficado mal...

JR: ...Eu fico sempre feio...

P: ...agora..agora aquela ficou assim mal..mai triste, eu também sou..ela sou triste.

JR: Qual é que ficou mais triste?

P: A tal que eu digo, olhe aquela que eu vou buscar.

JR: Vá lá buscar então.

(...)

JR: Mostre-me lá então.

P: Tira.

JR: Eu já ti..eu já..eu tiro, eu tiro, tem que segurar.

P: O meu filho é que esteve a tirar aí \_\_\_\_\_ disso.

JR: Ah esteve aqui a ver? E então e ele o que é que disse.

P: A rapariga é que esteve a ver.

JR: E ela qual é que ela disse que estava pior? Era esta aqui?

P: É..é esta..é esta aqui..não é a outra, a outra.

JR: Esta tem olhos bem abertos.

P: Estas estão bem.

JR: Esta está bem.

P: E estas aqui também só a..aquela também está..tão é esta é...

JR: ...Está bonita em todas...

P: ...é esta aqui...

JR: ...deve ser esta aqui...

P: ...aqui também está amóde com os olha mai fechados.

JR: Sabe porquê? Porque foi aquela que não fui eu que tirei que fui..que eu puz ali a máquina e ela tirou sozinha...

P: ...Ah...

JR: E por isso é que não dá muito bem para..não dá muito be..não..não..não..não dava muito bem par se..para perceber se a senhora estava ..mas eu..eu acho..acho que está bem, acho que estava..acho que est..acho que está bonita.

P: Tá linda...coma minha cara.

JR: Eu acho que sim a..a..a..acho..acho que ficou bonita. Estou quase pior eu do que a senhora.

P: Na, na. Tu ficaste..fiquei...ficaste mai bem. Mas aquela..estas aqui já fiquei mai bem.

JR: Esta ficou, ficou,esta ficou esta ma..ficou mais bonita.

P: Vê-se..vê-se que os olhos estão mai abertos.

JR: Estão, estão os olhos mais abertos. Esta também está bonita.

P: Ai..

JR: Apanha aqui..apanha aqui a casa..a casa toda.

P: Poi,poi muita linda...(ironia) então mas é olha aqui...

JR: ...Diga...

P: ...Quem vê esta aqui e vê aquelas ali? Aquel..esta aqui sou eu e esta aqui...

JR: ...Ai isso, isso...

P: ...isto num é?...

JR: ...não isto não é, isto é aqui olhe é...

P: ...Ah...

JR: ...são estas..são estes madeiros aqui.

P: Estes paus?

JR: Sim são estes paus aqui assim. Esta pedra é aquela..é aquela ali assim à frente, isto é a entrada tem aqui o muro e depois isto são estes paus aqui assim. Esta aqui é que é a senhora, está aqui. Só que a senhora já vê mal não é, já é muito pequenina.

P: É..é,é.

JR: Já é muito pequenino.

P: Ai já sou uma estorva que aqui ando.

JR: Então olhe eu também sou muito mais novo que a senhora e também uso óculos, eu que normalmente não os trago.

P: Cada vez sou mai feia, cada vez mai feia, cada vez mai feia.

JR: É como toda a gente. Conforme..conforme vem a idade...

P: Num vai uma maçãzinha...

JR:...Não...

P: ...proquê?, ou..ou uma pêra?

JR:...estou cheio depois fico...

P: ...Oi e \_\_\_\_\_...

JR: ...comi muito, comi muito ao almoço. Uma pessoa passa lá as semanas a passar fome depois quando vem, quando vem pa..para a casa da ma..da ma..da mãezinha tem que aproveitar...

P: ...Ai sim...

JR: ...a comidinha que a mãezinha faz.

P: Isso é verdade é é, é é. Vou ali a buscar uma coisa. (..) És capaz de não querer tu és tamb..és amóde..é amóde \_\_\_\_\_.

JR: Sou amóde o quê?

(...)

JR: O que é que vai buscar?

(...)

JR: Ai são..são quê são broas de mel?

P: Foi aquele rapaz..é aquele que é..são da boda.

JR: Ai são da boda!

P: São.

JR: Mostre lá´.

P: Pêra lá.

JR: Então trouxeram-lhe isto da boda agora não lhe vou andar aqui a comer as suas coisas.

P: Come, come, come, ai e cala-te, tira e cala-te!

JR: Então olhe vou...

P: ...E..e estes e...

JR:...tiro só..tiro o..vou s..vou tirar só um bocadinho para provar está bem?

P: Anda que são bons.

JR: Tirar só um bocadinho para provar não...

P: Tira estes todos \_\_\_\_\_...

JR: Não, na,na,na,na, não como isto tudo, não como isto tudo.

P: Ai Graças a Deus à outra vez num..num te dou..num te ofereço nada.

JR: (Rio-me)

P: É assim é que faço.

JR: Olhe parto assim um bocadinho e como este bocado e já é muito, está ver.

P: Então comeso todo.

JR: Não como todo não.(..) Hum é bom é, não posso é falar com a boca cheia.

P: (Ri-se) Ai eu. Veio..veionosos cá trazer a..a Sandra também trougue um saco deles à..à celeste, trougue outro ali à..à nossa Benvinda Rata.

JR: Mas quem o seu filho,foi?

P: A..a cunhada..a cunhada dele.

JR: Também lá da boda foi?

P: Foi.

(...)

P: Eu num lhe dei nada. Essa daí também num lhe deu nada.

JR: Ó então assim as pessoas dão qua..quando querem não..não há..não há..não há obrigação dos outros também estarem..não há...

P: Quer dizer dinheiro num..dínheiro num os t..ê num os tenho cá, ela que os lá tem.

JR: Pois...

P: Se ê cá tivesse dinheiro, pegava em dois ou três contos e dava-lhos.

JR: Ai para quê.

P: Mas assim. Ê \_\_\_\_\_ eu também me esqueci de lho dizer.

(...)

JR: Então e depois dessa vez quando fizeram aí a..as..as rezas e as fumigações depois o..depois o seu..o seu..o seu pai depois ficou bem?

P: Do quê?

JR: Daquela vez que ele esteve um..não sei quanto tempo sem se mexer e depois foram..o seu avô foi lá ao..ao bento, e depois fizeram as rezas e assim..

P: ...Pois...

JR: ...estava-me a contar há bocado...

P: ...aí ficou bem. Pô..pôs-se a andar, pôs-se a andar e foi trabalhar.

JR: Então e a..

P: São os engatos, engatam uma criatura. As pessoas engantam uma criatura.

JR: E sabem..e sabe quem é que foi, ou não ?

P: Ai, quem é que sabe? Ninguém sabe, eles não dizem.

JR: Então e a..e a senhora alguma vez ficou também assim doente ou..ou não? não. Nem os seus filhos nem nada? Foi só essa vez do seu pai só?

P: Só o meu..só mê avô.

JR: Ai o seu avô também já tinha ficado era?

P: Poi(..) Aquela gente é para onde imclique, pra onde in..para onde in..para onde..para onde lhe de..lhe dá a cabeça fazerem mal fazem. Aquilo era só um tiro nos cornos é que elas queriam.

(...)

Alguém que passa: Boa tarde minha senhora.

P: Boa tarde.

(...)

P: Quando vem aqui é..dar a volta.

(..)

JR: Quem é que é esta senhora?

P: Se ninguém lhe dissesse nada \_\_\_\_\_...

JR: ...Quem é que é esta senhora?...

P: ...boa tarde ó menina. (Ri-se). É a tal que era.. \_\_\_\_\_.

JR: Deve ter julgado que nós estávamos a falar dela.

P: Num o conhece, num conhece quem é nem quem não é.

JR: Não me conhece, eu sou estranho aqui.

P: (Ri-se) Aquilo era ver se cá estava a Celeste.

JR: Hum?

P: Aquilo era a ver se cá estava a minha vizinha.

JR: Ah... Estava a ver dela.

(..)

JR: Então e o que é que a senhora e os seus irmãos faziam quando eram pequenos aqui no Tojo?

P: Ai que é que fazíamos?, brincávamos, brincávamos para aí uns com os outros.

JR: Brincavam ao quê? Que brincadeiras é que tinham assim na altura?

P: Brincavam uns com os outros a..umas vezes à..à..à bulha outras vezes e..outras vezes aos..para aí aos saltos.

JR: Aos saltos onde?

P: Aos saltos aí no ci..onde houvesse estrume.

JR: Saltavam para o estrume era?

P: Por exemplo como está ali aquela pedra saltavam dalém..daquesta práquela.

(..)

P: Ah rapaz come!...

JR: Hum...mais não, mais não.

P: Ai, ai, ai...

JR: Depois fico com dor de barriga.

P: Então levas-os.

JR: Na, não os vou levar, então nós temos lá tanta coisa, então...

P: Levas prá avó.

JR: Não posso, então eu agora não vejo..só vejo a minha avó daqui a quinze dias, eu agora vou-me embora para Lisboa só a vejo quando voltar só daqui a duas semanas então, já os bolos estavam..estavam feitos pedra.

P: Não mas le..levas aqui..aqui doutro bolo ou aquele pocadichito...

JR: São seus, não se preocupe com isso.

P: Ou os, ou os...

JR: Olhe é assim se não eu trouxe-lhe as...tragolhe...

P: Anda come..acaba de comer aquele ali.

JR: É bom mas eu não..não..não..a sério eu estou cheio, se não eu comia. Eu trago-lhe as coisas de boa vontade não é preciso depois estar-me a oferecer é que depois...

P: Mas eu não tenho cá nada para dar alma de Deus.

JR: Mas eu também não estou à espera que me dê nada...

P:...Ora,ora,ora...

JR: ...olhe o que eu estou há espera que me dê é que me conte estas coisas, é isso é que eu quero saber.

P: Mas eu..mas eu muitas vezes num..num as sei...

JR: ...Não as sabe mas..mas vamos..vamos andando então está muito bom...

P: ...esquece-me, esquece-me pronto.

JR: Esquece-lhe, não esquece nada.

P: Ai a porra disto.

JR: Então e assim..vá lá guardar os bolos então depois ainda falamos mais um bocado. Vá lá.

P: Ai o caraças, caraças nisto (Ao ir guardar os bolos)(..) Agora comias uma perinha, comeste uma maçã agora comias uma perinha e já ficavas bem.

JR: Quando me for embora, pode ser?

P: Ódepois, pode.

JR: Está bem, então depois quando me for embora como uma pêra então.

P: Estas peras num..as nossas ainda estão ruins..ainda estão verdes(..) Ela viu-me lá em baixo e agora vê..vê-me aqui “Ai, que raio, quem é que será quele, que é que será aquele?”. (Rimo-nos) Muito num faltará pa..para ela ir lá dizê-lo à Maria dos Anjos.

JR: Fica aí cheia de curiosi..fica aí cheia de curiosidade.

P: “ Olhe Maria do Anjos a..a Patrocínia tinha lá..tinha lá um moço, tinha lá um moço” (Rimo-nos). Quem sabia, quem sabia.

JR: Ai, ai. E então mas não se l..mas..além de correr e bulhar e saltarem deviam ter aí assim algum..alguns..algumas brincadeiras, alguns jogos, já não se lembra de que é que...

P: ...Ai...

JR: ...De que é que brincavam?...

P: ...ê sei lá agora, eles nu..parece que num tinha..num tinham jogos nenhuns. Era só assim à brincadeira uns com os outros, pronto, uns saltavam outros saltavam de uma lado para o outro.

JR: E não tinham..não tinham brinquedos não faziam aí brinquedos aí com...

P: Penso que não.

JR: Não fazia bonecas aí com...

P: Oah...uma vez...

JR: ...Com os trapos e com as pinhas e com...

P: ...umas vez fez a..fez ele aqui uma boneca po..aquando foi pelo São João, estava além uma..uma cabana, onde está além aquela casa, tinha lá uma..uma novilha dentro, um bezerro...

JR: ...Hum,hum...

P: ...e este lá..lá a berrezar.

JR: Devia quê?

P: E este lá a berrezar.

JR: E esse lá a braçar era?

P: Poi lá se queimaram além. Puseram aí o fogo, meteram fogo à boneca, veio o vento soprou para além, pronto, meteu-se lá dentro da cabana.

JR: Então e deitaram..deitaram fogo à boneca..a que boneca é que deitaram fogo?

P: Sei lá \_\_\_\_\_ lá lhe atearam fogo.

JR: Mas que boneca é que era essa?

P: Era um boneca de papel.

JR: Então e quem é que lhe deitou o fogo, já não..já não se lembra?

P: Foram o..foram a..foi quem a fez. Foi uma..era uma filha daquela...

JR: ...Mas e a senh...

P: ...e era a Rosaria....

JR: ...a senhora era pequena nessa altura ou já não?

P: Eu já era grandota.

JR: Já era uma..uma..uma rapariga.

P: Era..era meia rapariga. Uma meia canalha.

(..)

JR: Devia hav..havia aí m..havia aí um..muitas raparigas da sua idade aqui no Tojo na altura?

Tinha aí muitas amigas para além dos seus irmão tinha aí..havia aí mu..muitas raparigas da sua idade.

P: Havia, havia...

JR: Dava-se bem com elas?

P: então num dava? Eu nunca me dei mal com nenhu...com nenhuma.

JR: O que é que faziam por aí? Iam aí às outras terras ou...?

P: Ai íamos...nós não. Só íamos à..às outras terras quando era nos domingos ali pró Rosmaninho, é que mai íamos.

JR: Não havia aí festas aí nas outras terras, não iam lá às romarias?

P: Quando era à Senh..à Senhora da Azenha é que íamos, à Senhora da Azenha aqui à..a esta do Rosmaninho.

JR: O que é que se lembra dessa...

P: ...Quando era...

JR: ...de ir...

P: ...quando era ao fogo à noite...

JR: Sim ia lá ao fo..ia ver o fo..viam..viam o fogo era?

P: Íamos ao fogo.

JR: O que é que se lembra desses tempos de ir lá à Senhora da Azenha como é que era?

P: Ai...íamos a pé e vínhamos. Sabe Deus o que ele custava.

JR: E depois lá o que é que lá havia, o que é que lá faziam quando estavam lá na..

P: Bailávamos lá.

JR: Bailavam...

P: Poi.

JR: Que música é que bailavam?

P: Eu num sei se era a..era a “Aldeia”, parece que era música da Aldeia e no altifalante.

JR: Mas a..ai era num altofala..do alto-falante era?

P: Poi. (..) Agora já lá num..há muito anos que já lá num vou.

JR: Iam daqui a pé para lá?

P: Íamos a pé e vínhamos.

JR: Iam à se...iam assim..iam em grupo era?

P: Pois, à noite, quando era à tardinha abalávamos daqui, ó..ó fim do fogo vínhamos embora.

(..)

JR: Nessa altura..quando..quando lá iam arran..vestiam assim um fati..um fato melhor, não?

P: Ó...

JR: Arranjavam-se todas...

P: AH...ai ca rico fato...

(Rimo-nos)

JR: Mas...

P: ...Ai...

JR: ...mas a..mas vestiam qualquer coisa melhor do que traziam por aí, era ou não era vá?

P: Era o dos domingos.

JR: Ah pois...está a ver, está a ver como eu sei...

P: ...Ai...

JR: ...sou novo mas sei.

P: Você põe-se a pensar, a pensar, a pensar e depois sabe.

(Rimo-nos)

JR: Nos dias da semana trabalhavam aí era?

P: Trabalhávamos?, quando havia trabalho. (..) Íamos pó Montinho tu num..num sabes para onde..o Montinho pralém..pó Montinho e íamos pra I..íamos prá Gadanha, íamos prá Nave da Silva, que é além pra diante...

JR: ...Hum,hum...

P: ...além prá frente.

JR: Faziam o quê por lá?

P: Num sei se andávamos a tirar trigo..nem se não. \_\_\_\_\_ andávamos a sachá-la.

Íamos..íamos ali pó Montinho, íamos..íamos pó..ai negra como é que chamar...esquece-me..pós Touloões...

JR: ...Hum, hum...

P: ...pá terra da..pá terra da Judite. (..) Estava lá uma mulher que era a..que era amiga do Ti..do Ti António Maria também lá tinha ela uma casa que se estendia..que se via \_\_\_\_\_, quer dizer, a casa num era..num era grande...

JR: ...Hum,hum...

P: ...estava assim muito tempo, muito tempo por reparar..a..diabo esquece-me as coisas home...

JR: Ai isso não...

P: A cantareira. A cantareira era do chão ao fundo, lá de cima..do cimo ao fundo carregadinha de pratos, aquilo é..inté era um encanto ve..de ver aquelas coisas. Agora as cantareiras já não prestam para nada, já num..num têm louça num têm nada. Ê tenho duas, tenho além uma na outra que tem louça...

JR: ...Duas cantareiras...

P: ...duas cantareiras. A que além tenho aquele do..do Rosmanihal queria -ma comprar.

JR: Então e a senhora nu..quer-lhe-a vender ou nem por isso?

P: Eu vendia-lha mas ele ódepois não tornou cá a voltar.

JR: Tem-na onde, tem-na aqui na casa de baixo, é?

P: É.

JR: Há-de me lá ir mostrar um dia a su..ali a sua casa de baixo.

JR: Que me a há-de mostrar aqui a sua casa de baixo...

P: ...Ai...

JR: ...que eu nunca a vi...

P: ...então não tem nada que ver.

JR: Há-de me a mostrar.

P: Vamos para lá apanhar as batatas.

JR: Guarda lá as batatas é? (..) E...

P: Hoje trouxe mei..meio caldeiro delas, amanhã trago outro meio caldeiro delas.

JR: Tirou meio caldeiro delas hoje foi? Já está na altura é?

P: Está tudo abrasadinhas que nem se conhecem onde estão.

JR: Ai nem se conhece..já não...

P: Quando ve..quando veio essa..essa pedriscada, agora na última, ficou tudo, tudo abrasadinho. Já não sei qual é que é..parece-me que é ..num sei se é a Celeste, a minha vizinha, também lá tem assim uma leira foi o mesmo que lá passou lume. Isto é uma vida. Que elas não era pela sede, mas foi o varejamento que apanharam.

JR: Foi da..do granizo isso é..é um veneno.

P: Já tem vindo o grani..o garni..o gara..o garnil e num lhe fazer assim. E aí parecia uma parola (?). Aí pro norte.

JR: Sim já sei, viu na televisão foi?

P: Aí diz que..disse-me ali o rapaz da Celeste “Ficou tudo abrasado, tudo abrasado, vinhas e..

JR: ...Foi...

P: ...e oliveiras e tudo...

JR: ...também vi essa,também vi essa...

P: ...tudo abradeso...

JR: ...foi, era assim um..umas pedras assim deste tamanho.

P: ...Diz que sim que era muito..

JR: ...diz que foi umas coisas...

P:...que era muito..que era muito grossa...

JR: ...umas coisas grossas, era, era, também vi isso na televisão.

P: Aqui num er..nem por isso, também eram grossinhas mas num er...

JR: Mas num era assim..mas chegou, chegou para lhe estragar as..para lhe abrasar as batatas.

P: Poi.

JR: E o...tão mas e o..o..os seus pais num..num tinham aqui nenhuma horta aqui ao pé.

P: Ai tinham, tinham ali u..tinham ali em baixo ao fundo também.

JR: E a..e a senhora e os seus irmãos não iam..iam lá trabalhar também não?.. iam ajudar.

P: Nós é que ajudávamos, eu mai a minha irmã Maria é que mai ajudávamos.

JR: O que é que faziam?

P: A arrancar juncal, com uma picareta.

JR: E tratavam os animais também ou não tinham animais na altura?

P: Parece que tínhamos umas cabras ninguém no..eram de meias ainda..depois ainda arranjámos..ainda agarrámos uma..uma parelha de novilhas também de vo..também de meias. Mas naquele tempo não havia assim comidas como há agora, como as que estão ainda nunca.

JR: O que é que davam assim aos animais?

P: Ah ervas iam..ímos ao junco, íamos ao..íamos aos saramagos. Dávamos-lhe assim. Mas agora não, então agora ceifa-se aí um molhe de erva onde querem.

JR: Pois.

P: Este ano é fartura homem, já ano passado foi fartura este ano também. Este ano é pior..pior que ó ano pa..ca ano passado.

(..)

JR: A senhora quantos anos é que tinha quando casou?

P: 24.

JR: 24 era?

(..)

JR: O seu marido era aqui também do Tojo não era, conheci..conhecia-o daqui?

P: Era..era,era, era filho de uma mulher que morava ali ao fundo. Maria Teresa.

JR: Ele é..ainda é.. ainda era seu primo não era?

P: Poi, ele ainda era meu primo. Porque o meu..o..os meus avôs eram irmãos.

JR: Os seus avós eram..eram irmão do..

P: Eram irmãos do meu sogro e..e aquele também era irmão...

JR: ...Ah...

P: ...o daquela casa também era irmão, e ali o..outro que está aqui, ali da parte de cima do..do combro também era irmão, era o Sapo, porque ele acabasse em Sapo, o meu avô era Menel Sapo e o..e o meu sogro era António.

JR: António Sapo. Eram irmãos então.

P: Eram quatro irmãos e..e três irmãs..três..três raparigas. (..) Duas foram para a serralheira e outra foi para Vale Fresco.

JR: E foi a..quem é..quem é que arranjou o casamento, foi a senhora e ele ou foi..ou foram os seus pais é que lhes arranjaram o ca..é que lhe arranjaram o casamento.

P: Ah...Samos nós. Agora não, agora..agora o..os casados é q..é que arranjam os casamentos...

JR: ...Sim...

P: ...naquele tempo não.

JR: Como é que era naquele tempo?

P: Naquele tempo determi..determinávamos o casamento com..com pai da..com o pai delas, e agora não. Agora eles é que determinam um com o outro.

JR: E quem..então e a..a..no..no seu casamento quem é que combinou com quem.

P: Co..com mê pai e com minha mãe.

JR: O seu pai e a suam mãe..fo..a senh..quem é que fo..foi lá'com o seu pai e com a sua mãe foi isso, foi?

P: Pa saberem, sim ou não, era da vontade do un..uns dos outros.

JR: Ah...

P: O mê Francisco também lá fui eu mai o mê..mai o mê..o meu homem. A tecer (..) o casamento. Não foram eles que trataram, fomos nós. Se eu soubesse num tinha lá ido.

JR: Num tinha ido lá quê, tratar do casamento?

P: Como ela é muito boa...

JR: Ah quando foi do casamento do seu filho é que foi lá a tratar...

P: ...Foi...

JR:...está bem, está bem não tinha...

P: ...fo..fomos ali à..a Alvalade.

JR: Foi lá a senhora e o seu marido tratar.

P: Poi, à noite.

JR: E quando foi do seu casamento quê veio cá o..os..os pais do..do s..do..os seus sogros...

P: ...Ah o mê...

JR: ...tratar com os seus pais?...

P: ...o mê sogro já num veio, ele já num era vivo...

JR: ...ah já não era vivo.

P: O meu é..o meu é que tratou co..com os meus pais. Com meu pai e com minha mãe.

JR: Ai o seu..o seu..

P: ...O meu marido...

JR: ...o seu marido é que tratou com eles. Então e senhora já tinha tido assim mais algum pretendente ou foi assim o primeiro?

P: Ai tinha tantos. Melhores do que a queste.

JR: Ai era? Então e porq...

P: ...Ai, ai...

JR: ...porque é que ficou com este?

P: Fiquei com este por causa de minha mãe. Minha mãe pa..pra eu ficar aqui é que ela emburrou o pé à..à parede “ Porque este é melhor, porque este assim, porque este assado, pronto”.

JR: Então os o..os outros não eram daqui era?

P: Eram do Rosmaninho, e um..um..um era da aldeia, ou tro era de Vale Fresco, e ali eram dois..três, dali eram três.

JR: Então e a senhora de qual é que gostava mais?

P: Ah...

JR: Se tivesse sido a senhora a escolher qual é que tinha escolhido?

P: O que eu escolhia ainda está vivo. E os outros já..alguns já morreram...

JR: ...Mas depois qual foi a...

P:... e ele muito que me disse, o tal muito que me disse “Não namores com mai ninguém que quem casa contigo sou eu, num quero mai mulher nenhuma”

JR: ...Então e depo...

P: ...mas depois minha mãe começou a.. começou-me a rolar, come..come..como eu lhe disse que..se num lhe tenho dito nada ela nada..eu disse-lhe que fazia o caso..disse-me que não “ Olha filha este aqui é que tem a casinha, é que tem além a hortinha, é que tem onde te meteres, e o outro não tem nada”. Tiveste que ir à boa, à boa, à boa, pronto. Mas se fosse hoje num me levavam.

JR: Então a se..senhora depois arrependeu-se ?

P: Então arrependi-me e bastante. Porque a fami..porque a família era ruim.

JR: A família dele?

P: A família dele era ruim. Ainda hoje eles são maus.

JR: Porque é que diz isso que era ruim, tratavam-na mal?

P: Poi, fala..falavam..falavam m..para uns e para outros mal de mim.

JR: O que é que diziam?

P: Ai sê lá. O que lhes vinha à cabeça.

JR: Porque é que diziam mal de si, tem alguma ideia, ou...?

P: Poi era ca inveja. Era ca inveja que tinham.

JR: Mas a senhora sempre se deu be..sempre se deu bem com o seu marido?

P: Sempre, no..nós nunca, nunca ralhámos um com o outro.

JR: Acabou por não correr muito mal não é?

P: Ah...( Semelhante ao encolher de ombros resignado).

JR: Mas queria..queria-se era ter ido embora daqui?

P: Num queria..num queria estar aqui. E eu gosto..gosto mai daqui do que gosto do Rosmaninho ou de Santo Estêvão. Eu onde estou melhor é aqui. Então as pessoas muito..muitas pessoas num dormiam aqui sozinhas e eu durmo cá sozinha.

JR: Já está habituada.

P: A vizinha abala, agora cá..agora na..quando o homem foi pró hospital, há umas três ou quatro noite que cá dormi sozinha. Eu num tenho cá medo nenhum. Aqui ninguém vem. Nem que cá não estejam os cães, que os cães num os deixavam cá arrumer. E hoje..e aí elas hoje foi lá por causa da..da nora. A nora hoje abala pra..pa terra. Pra Espanha..pa Espanha.

JR: A nora de quem?.. ai da..da sua..da sua vizinha ?

P: Da minha vizinha. Veio sexta-feira à..à tarde e forma lá a ver o sogro.

JR: Hum,hum... Ela..o filho dela aind..ainda está lá para a Espanha, é? Com a nora.

P: O filho vai..agora vai levá-la ali a..a Valverde e ela vai sozinha pra lá e ele vem pra cá.

JR: E ele vem para cá.

P: Que ele tem que ir tirar..tem aí..tem que ir a..a tirar cortiça.

JR: Está a trabalhar cá é?

P: Ele está a trabalhar cá.

JR: Estou a ver.

P: Ai ele agora..já não anda com os camiões já cá não vem tanta..tanta vez.

(...)

JR: Então e a senhora e o seu marido ain..ainda se namoraram muito tempo antes de se casarem ou foi logo assim?

P: Na, ainda. Num sei se um ano se dois. Não é preciso a gente namorar e casar logo, isso não é bom.

JR: Ainda se namoraram um ano ou dois foi?

P: É preciso a gente pensar primeiro a..a vida.

JR: Como é que faziam, como é que se namorava nessa altura?

P: Ai como é que namorávamos? Como estamos agora a fazer uns para os outros.

JR: Era falavam assim um para o outro, era?

P: Pois claro.

JR: O que é que se lembra assim dessa altura?

P: Ê..ê num sei já.

JR: Não se lembra assim..de nenhum episódio, de nada não?

JR: Então e falavam aí sozinhos ou falavam na casa dos seus pais ou...

P: Poi aquando era à..à..à noite ao serão.

JR: Ele ia lá e ficavam lá a falar todo era?

P: Pois claro. Não era como agora, agora abalam os dois aí pós infernos sozinhos, nos carros, fazem o que querem, tornam a fazer. Naqueles tempos não era assim oi...

JR: Os pais não deixavam era?

P: Poi.

JR: Quem é que..era ele que lá ia à sua casa? Ou era a senhora que ia à casa dele?

P: Ooouu...ir à casa dele...

JR: ...Só se...

P: ...só quando me casei, mai nada.

JR: Era ele que ia lá à sua casa era?

P: Na, agora não, agora mal um lhe digo anda pra cá vai logo à carreira, elas são umas cadelas home.

JR: Então e naquele tempo como é que era?

P: Naquele tempo num era assim.

JR: Então era como?

P: Nem..nem os pais deixavam nem as mães. Uma rapariga a um baile num ia sem ir..sem ir a mãe a guardá-la. Agora não, vão para onde querem que elas querem e pronto. Tu também assim é..também assim há-des fazer, agarras numa no carrinho guirra!

(Rimo-nos)

P: De verdade.

JR: Sim a...

P: Se assim num fazes num andas bem.

JR: Deve acontecer isso sim.

P: É preciso, é preciso diante do ouro como é preciso as pessoas. Num pode a gente a ir com os olhos fechados. Que elas em lá estando algumas é assim.. em lá estando        bora!, conforme sei, num há juízo, num há vergonha pronto. Num se agarra o amor uns aos outros.

JR: Num se agarra?

P: Num se agarra o amor uns aos outros.

JR: Ai não se agarra o amor uns aos outros.

(...)

P: Uma pessoa quando não é certo para uma coisa não é certo para a outra. Agora num é assim, agora é..é tudo a eito.

JR: Então e senhora quando..quando o seu marido lá..que ainda não era marido não é..quando lá ia à sua casa chegou a conhecê-lo bem foi?

P: Ah às vezes. Num é..num era de minha vontade.

JR: Ainda pensava nisso era, na altura, que não era na s..de sua vontade?

P: Pois claro. E mesmo mê pai..mesmo mê pai disse a minha mãe “Já está à tua vontade, olha que ela os não quer, e eu também num quero, mas tu queres, já está..já está à tua vontade”.

JR: O seu pai também não queria era?

P: Mê pai também num queria.

JR: Porquê? Porque ele via que a senhora não queria ou porque ele não gostava do...?

P: Poi, via que eu..via que eu que num..num dava pé à m..num dava pé à peia pronto.

JR: Não dava quê?

P: Pé à peia. Num queria.

JR: Pé à peia, está bem.

P: Tu é preci..tens que aprender comigo porque se...

JR: Tenho, tenho...

(Rimo-nos)

JR: Tenho muito que aprender.

(Continuamos a rir)

P: Ai jesus, jesus...

JR: Tenho que aprender essas coisas todas.

P: Eu é que não sei, eu é que num sei explicar assim as coisas.

JR: Ah olhe que ainda...

P: ...Nãooo...

JR:...ainda sabe explicar muito.

P: Sei, sei...

JR: Está a ver devagarinho, devagarinho, devagarinho mas lá..lá..lá vamos indo.

P: Ó...

JR: Cada vez que cá venho aprendo umas coi..aprendo uma co..aprendo coisas novas.

P: Pouco, pouco...

JR: Pouco mas vou aprendendo, também se fosse muito esquecia-me logo num instante.

P: (Ri-se)

JR: Então e depois...

P: Tu..tu havias de estar com aquela que ali ia agora.

JR: Então porquê essa que..essa sabe muita história é?

P: Essa sabe mas é mal, não é bem, sabe mas é mal.

JR: Ensinava-me o mal era.

P: Não.

JR: Então olhe tive..tive..tive pontaria

P: Estás a ver que o meu filho foi lá para Lisboa, que o levou para lá o..o..o primo dele o Tonho Zé...

JR: ...Hum,hum...

P: ...na vez de o ensinar bem, ensinav-o mal, em vez de o ensinar prali, ensinava pralém.

JR: Mas isso..pois.

P: Então era primo e mesmo assim não olhava?, por causa disso é que ele lá partiu um braço. A mãe..a mãe..ele é ruim e a mãe é ruim.

JR: Quem esse..esse primo dele?

JR: Esse primo dele a mãe..ele..ele e mãe é que eram ruins eram?

P: Poi.

JR: Quem é que era a mãe dele?

P: É esta.

JR: Ah esta aqui.

P: Esta aqui el..ela não está bem com ninguém.

(..)

JR: Então e ain..também é sua..é su..é su..é sua..é sua quê é sua prima também?

P: A mim não me é nada!

JR: Ai a si não lhe é nada? Então..então porque é que eles eram primos o seu..

P: Ele é segundo primo, ele é só segundo primo.

JR: Ah é segundo primo está bem.

P: Ele é que era primo de minha mãe.

JR: O pai dele é que era primo de sua mãe?

P: Porque o pai dele, o pai dele era irmão do..do pai de minha..de minha mãe. Era por isso que eram primos direitos.

JR: Pois aqui as pessoas isto era um meio pequenos eram todas umas quase parentes...

P: Pois, pois...

JR: ...parentes das outras.

P: Quer dizer aqui num eram todos e..num eram todos primos.

JR: Mas era quase.

P: Há cá p..pelo menos duas casas que não eram primos. A mai eram tudo, tudo primos.

(...)

P: Esta gaja é muito..ela é..tem assim a muita ruim e ele também era ruim o homem.

JR: Já faleceu?

P: Já, já há uns poucos de anos.

JR: As pessoas vão-se...

P: Aquele também morreu assim na..num palheiro sozinho. Quer dizer, o dia, que foi de dia, era..foi ao Rosmaninho...

JR: Então mas deu-lhe assim uma coisa foi?

P: Se calhar deu.

JR: Ela foi ao Rosmaninho a..ao Banco, a buscar..foi a buscar o dinheiro. E ele..e ele ficou cá em casa, e ódepoi ela veio entregou-lhe o dinheiro e ele esteve a..esteve a conferir o dinheiro todo, o que ela trougue, e e..e ele disse para ela “Olha anda que eu vou ali pró palheiro a traçar uma pouca de palha pá vaca” que ela tinha ali uma vaca, “ vou prali traçar uma pouca de palha” chegou além e \_\_\_\_\_ o malho..o..o malho foi pra um lado e ele foi pó outro. É por isso que a gente num pode dizer mal nem pode andar mal com ninguém.

JR: Se não é castigado?

P:Poi. (..) Mau, mau...

JR: Então mau porquê?

P: Mau...

(Rimo-nos)

JR: Quer dizer que já me vou embora é?

P: Ah, tu é que sabes.

JR: Já não deve faltar muito? Tenho que ir andando que é para apanhar o comboio ainda hoje.

P: Ah pois. (..)Tens uns tacões mais grandes ó filho da puta.

JR: Isto agora é assim olhe então e se visse..se visse os do meu irmão ainda são maiores.

P: Oi...

JR: Isto não sei porquê, isto deve ser agora as pessoas cada vez têm os pés maiores, mesmo as raparigas, por exemplo a minha mãe calça..acho que é o 35 ou assim alguma coisa do género...

P: ...35 ca..calço eu...

JR: 35 pois deve ser mais ou menos, ela à vezes já tem dificuldade em encontrar coisas...

P: ...35,36...

JR: ...que agora as mulheres, mesmo..mesmo as mulheres é tudo já assim tipo 38,39...

P:...Poi têm o pé grande...

JR: ...crescem..num sei se nascem assim têm...

P: ...é..as botas, é as botas sa..é 36 e o..o..estes sapatos são..é 35 ....

JR: As pessoas têm..têm cada vez assim os pés maiores.

JR: Este a...

P: Atão é..é como Deus nos fez, tão...

JR: Pois é, é isso mesmo, como Deus os fez.

P: Pois claro.

JR: Ai.

P: Nós num fazamos nada.

#### 5ª Entrevista

(28/11/07)

JR: Pronto já está a gravar.

P: E agora o que é que que..eu o que é para lhe dizer agora?

JR: O que é que havemos de dizer agora?

P: Sim.

JR: O que estávamos a dizer até agora.

P: Agora..agora é que sabes o que..o que queres.

JR: É sempre assim não é que é que tenho que sempre fazer as perguntas? Vá vamos..vamos con..vamos conversando.

P: Pois claro, se queres alguma coisa de novidade...

JR: Se a senhora se lembrar de alguma novidade...

P: Eu num tenho..eu num tenho de cá abalado sequer. Ó domingo num abalei, sábado num abalei e..e ó domingo também num abala.

JR: Ai é não tem saído daqui, não tem ido ali ao Rosmaninho?

P: Tenho cá..vem cá pão.

JR: Ai ainda cá tem pão.

P: Tenho..trougue-me a Celeste um pão no sábado. A..ainda cá tinha mai de metade dum, é o que ainda ando a comer, trougue-me a minha neta outro pão inteiro, até está além pendurado.

JR: Hum,hum...

P: Tenho pão para to..para esta semana e para a que vem.

JR: Não precisa de lá ir.

P: A \_\_\_\_\_.

JR: Então e não vai à missa? Ou vai ouvir a missa na casa da sua..da..da..da sua vizinha?

P: À vezes vou ali, outras vezes...outras vezes pego no terço e rezo e pronto.

JR: Cumpre-se assim. Então e..sempre foi lá ao..quando os seus filho cá vieram para ir lá ao..aq..aquele casamento, sempre foi co..sempre foi ou..não foi ao casamento?

P: Foi, quem? O meu filho foi.

JR: E a senhora não?

P: Ê..ê num fui lá. O mê filho foi, mai o..mais os filhos, o rapaz e a rapariga, foram todos.

JR: Vieram cá nessa altura também vê-la, não?

P: Poi naquela alltura é que ele..é que ele cá veio o meu filho...

JR: Hum,hum...

P: ...que ele ainda cá não tinha vindo. Já havia três anos que num..que não o via. Ele num se atreve por cá, de maneira nenhuma, porque ele..ele já lhe deu..já lhe deu uma trombose. Já lhe..já lhe deu o caminho de três costelas, já partiu um braço, já...já lhe deu cabo doutro braço este..este osso que a gente aqui tem voltou-se práqui.

JR: Possa!

P: Oooi..o que ele berrou pó..pó arran..pó arranjam. Também tive que ir..tive que ir com ele às Aranhas a..a arranjá-lo.

(...)

JR: Então e a..a senhora se pensar assim..se pensar no tempo em que era nova...

P: ...Ai...

JR: ...quando era..na sua infância...

P: ...ai jasus...

JR: ...quais é que são assim a..as coisas que mais se lembra?

P: Nem quero que me lembre se cá houve \_\_\_\_\_, enquanto eu era nova.

JR: Quais é que são assim a..as coisas que primeiro se lembra, o que é que se lembra assim?

P: Ê...sê lá. De viver mal...

JR: É...

P: De viver mal lembro. Descalço comó..como os seres do \_\_\_\_\_ comós cães. Ver aí frio que fazia, mal enroupeda, agora mal mas naquele tempo pior.

JR: É assim a..a primeira coisa que lembra quando pensa nesses..qua..quando pensa nesses tempos.

P: É.

(...)

JR: Então e o que é que..o que é que a senhora se lembra da sua mãe?

P: O que é que me lembra? Viveu..viver mal. Viver mal sempre. Ter doenças em casa.

JR: Mas como é que era..como é que a senhora se dava com a sua mãe, como é que era, como é que..como é que se davam ?

P: Dava-me bem.

JR: Davam-se bem era?

P: Eu nun..nunca ve..nunca vivi mal com minha mãe, nem com mê pai, nem..nem com os meus irmãos. Nunca tivemos um azedo uns com os outros. Há pessoas, há..que ralham..agora ralham logo já estão bem, à outra v..à outra vez tornam a ralhar daqui a mai nada estão outra vez bem, ai...

JR: É?

P: Poi é. É bom e é bonito mas é agente viver bem uma..umas com as outras. A família toda. Agora viver mal, ai mãe do céu.

(...)

JR: E davam-se em então era... O que é que se lembra assim dessa altura, de se dar com eles? Como é que viviam...

P: ... Vivíamos mal num...

JR: ...o que é que faziam?...

P: ...a gente naquele tempo olha..naquele tempo jornais num havia, andávamos ali na casa Marquesa os jornais era só pra algum amigo, a quem te..a quem te..só dissesse bem, mais os outros nada. Fome, fome no corpo.

JR: O que é que comiam?

P: O que é que comíamos..íamos às leitugas, aos saramagos e arranjávamos..leitugas era..as lei..as leitugas arranjavam-se de selada, os sara..conforme se arranjam aí as..as alfaces, arranjava a gente assim uma seladinha. Num havia mai nada. Azeites num havia, não se podia apanhar uma azeitona aí. Agora já, agora..num há..num há aí olveiras mas se houvesse uma olveira já se arranjava. Quem fia bom pé e bom olho. (..) O meu vizinho ti..e não arranjava leite para eles e..e..e pros filhos ain..ainda sobra. Eles abalaram hoje agora aí pra baixo...

JR: ...Hum,hum...

P: ...pró fundo da estrada praí. Não é aqui perto aqui e..estes cães..estes cães dos eucaliptos comem tudo. Atão aqui esta oliveiras também não deram nada.

JR: Isso à vezes é os anos, o meu avô o ano passado teve muita...

P: ...Este ano nada...

JR: ...este ano não tem nada. É assim.

P: Há muitas pessoas que nem sequer uma colham.

JR: Pois. É da maneira que não têm o trabalho.

P: Ê tenho ali uma quatro olveiritas, eram de..eram da parte de minha sogra, uma saquinha de azeitona.

JR: Hum?

P: Só uma saquinha de azeitona.

JR: Ah uma saquinha, sim.

P: E ainda dá frio pa adoçar. Vai-me dar ali quê? Uns quatro litros de azeite se der.

JR: Foi? Mas ainda a..o..o..mandou-as para o lagar foi para fazer azeite?

P: Já lá está.

JR: Ai já lá estão é?

P: Já.

JR: Quem é que as co..que é que..quem é que lhas colheu?

P: Alguma colhi-a eu à..à porrada...

JR:...(Ri-me)...

P: Ó Celestes ainda não morreu! (Referindo-se a mim para a vizinha que agora se aproxima)

C: Ai ainda cá está o rapaz...(Rimo-nos). Ainda no outro dia estivemos a falar “ Ai o tal rapaz disse que vinha cá e nunca mai cá vem” diz ela.

P: Poi foi agora anteontem à noite.

JR: Não tenho podido, não tenho podido mas ainda..mas ainda..mas ainda não morri não.

C: Ah pois não.

JR: Mal calhava.

P: Então quer dizer esta..estavas pralém praquilo da..do \_\_\_\_\_.

C: \_\_\_\_\_.

P: Então e quem é que andava coma cabras, era o teu Zé?

C: Poi, então ele já aí está.

P: Ê num o via, só vi as cabras mai nada. Andavam ali no fundo da quelha.

C: É verdade muito se lembra ela do..do rapazinho “Ai o rapazinho, é tão bom rapazinho, e agora não me vem cá a ver” .

(Rimo-nos)

P: Porque ele disse que..que nem que cá num tivesse nada que fazer que me vinha cá a ver.

JR: E vinha mas depois...não pude. Mas vim cá hoje.

P: Atão...

C:...Sim,sim,sim...

P: ...diz que ho..que eram onze horas quando aqui vo...quando aqui chegou.

C: Ah....

JR: Estive cá às onze e meia sim mas depois...

P: ...Ê num estava cá...

JR: ...falei..fa..falei com o seu marido e depois ele disse-me que a D. Patrocínia só deva voltar aí para..para as duas, duas e meia...

C:...Sim,sim,sim...

JR:...e fui..fui até Santo Estêvão e depois voltei..voltei só agora.

C: Andaste lás a passear.

P: Vês \_\_\_\_\_.

JR: Estive a almoçar e assim

C: Sim, sim foste lá ao Po..à Pousada.

P: Eu estive ali muito tempo a separar batatas, ódepoi é que abalei pra baixo, eu num fazia à conta de ninguém.

JR: Pois, é verdade.

P: Ainda me lá assentei um bocadinho...

C: Ah mas ainda o viu.

P: Ai ainda ainda.

(Rimo-nos)

C: Já há um pouco que aí estás se calhar?

P: Han?

C: Já há um pocadichote que aí estão os dois.

JR: Há uns vinte minutos, se calhar.

P: Há um bocadito. Eu já fui à fonte, ele ia aí por aí a fora ainda pensava que era o tê Zé ou o tê António “Ai será o..será o António da Celeste que..que ali irá?” Quem é ali, quem vem?

Quando cheguei ao pé dele num o conheci.

C: Ah...(Rimo-nos) ...nem o conheceu.

P: Foi.

(..)

C: Vou-me lá a buscar uma cantarita de água, e a buscar couves pró à..prós frangos, num tenho cá couves já não tenho onde os \_\_\_\_\_, coitadinhos.

P: É que eu ontem ainda lh3 estive po a dizer ó tê Zé, que as trouguesse e que eu migueva-lhas ia lá eu deitar-las.

C: Tem as lá botado fora agora, de manhã já vim deitei as pitas fora e uma não estava lá.

P: Não?

C: Ele não disse “Olha se calhar ficou fora as raposas já a comeram”. Mas odepoi lembrou-me está lá num \_\_\_\_\_, entrou pra lá, lá está.

P: Ah... Já era..já era aquase lusco fusco e as outras estavam aí todas....

C: O Henrique hoje veio cá, hoje veio cá o Henrique, tenho além a tripar pa arranjar.

P: Ah. E ódepoi uma andava ali..ali pó..pó..pós casalelhos das cas..das cabanas.

C: Aquela num pôde sair num levou.

P: Á cadela negra.

C: Já viu que o gato já anda melhor já se atira à mija, já..já anda picado com ela.

P: À chapada.

C: Ande lá que pouco há-de doer. Pronto vou lá.

(...)

P: Vês aquela..aquela a ab..aquela a..a abalar.

JR: Fazem bem .

P: Agora comem tudo, comem as ervas, comem o..comem o milho, comem tudo.

JR: Então e a senhora quando era..quando era assim nova..quando pensava no..no que ia ser a sua vida e...

P: ...Ai...

JR: ...o que é que pensava?

P: O que é que havia de pensar? Pensava na morte. O que é que havia de pensar... E viver mal, conforme se vive, agora já não vai mesmo assim já tenho uns abonozitos, é pouco mas..mas dá jeito. E ao pé desta aqui está a gente muito bem. Aquilo a que tem, eu num me hei-de queixer mas ela sabe bem se est..se tenho a coisa ou não tenho. Aquilo que tem sempre me cá veio trazer.

JR: Hum, hum...

P: E ódepoi Rata queria que eu lá fosse para baixo, o quê a aviar-lhe a vida dela? Nem a minha ê posso..posso aviar quanto mai agora a vida dos outros.

(..)

JR: Então mas...o que é que pens..pensava que..que ia passar o resto da vida aqui no Tojo, pensava que podia ir embora para outra terra..

P: ...Ai...

JR: ...o que é que...

P: ...ê nunca pensei de aqui..de aqui ficar não, também nunca pensei de ficar aqui. Mas a minha mãe com o “ Tu aqui estás mai bem, porque desta maneira, porque da outra”. E mê pai também num queria.

JR: Não queria quê? Que se fosse embora ou que cá ficasse?

P: Num queria..num que ficasse aqui.

JR: Então e para onde é que a senhora gostava..gostava de ter ido?

P: Ai ê sê lá. Ê pra melhor é ó pra Santo Estêvão, ó pro Rosmaninho.

JR: Hum, hum..

P: Aí é que eu estava bem.

JR: E quando a sua mãe a obrigou a ficar cá ficou triste ou...?

P: Ah...( Semelhante ao encolher de ombros resignado) fiquei triste?,fiquei assim... eu ainda num sabia o que se me havia de acontecer.

JR: É verdade.

P: Ah....

JR: Chateou-se com a sua mãe ou não?

JR: Se..se ficou chateada com a sua mãe?

P: O mê pai ficou chateado o m..o mê pai, num fui eu, o mê pai é que ficou chateado, o mê pai é que ficou chateado “ Já a tens há tua vontade, eu num queria que ela ficasse aqui nem ela também..também num queria, tu querias que ela ficasse aqui, já a tens à tua vontade”. Porque aqui num ficou cá mai ninguém só a Celeste, ainda aí estava também a..a do Guerrilha, ainda aqui havia muita gente, estava a o Senhor António, o dono desta casa, estavam ali os Caramotes ainda havia muita gente aí. Agora já não, agora já..agora já..uns morreram, outros abalaram.

JR: E os seus irmãos?

P: Meus irmãos foram pralém. Tês pa Santo Estêvão, uma foi pra..uma foi pró Rosmaninho, a mai velha foi prali, e ê também era pa ir prali, por causa de minha mãe é que num fui.

(...)

JR: Como é que passava os dias quando era mais nova aqui no Tojo?

P: Ai comé que os passava? Atrás do gado. O meu avô tinha aí uma..tinha aí uma..umas vacas quem as guardava era eu.

JR: desde que idade mais ou menos lembra-se?

JR: Que idade é que tinha quando começou a guardar as vacas lembra-se?

P: Ai...aí à umas..à uns quinze anos. Num tinha mais.

JR: E até lá?

JR: Até lá o que é que fazia, até aos quinze anos?

P: Ai o que é que fazia brincadeira. Com uns e com outras. Íamos aos carrondos, agora no tempo dos carrandos que havi..tu não sabes o que é um carrondo?

JR: Acho que já me contou uma vez.

P: Então nessas estevas..essas estevas que nascem, criem-se lá os carrondos. Ou do..dos saragaços...

JR: Hum,hum...

P: ...também. Então nós íamos ó..íamos aos carrondos, levávamos uma cestinha, levávamos uma cestinha e um caldeirinho, trazíamoso..trazíamoso cheio sentavamo-nos aí à..à soalheira a ordenhá-los.

JR: E depois o que é que faziam com aquilo?

P: Ódpois arranjávamos..arranjávamos acinchos da boroita, da boroita.

JR: Da?

P: Da boroita.

JR: Isso é o quê?

P: Entas são as coisas que nasçam e têm assim..a folha assim larga, a gente ódepois ordenhava-os pa uma..pa um..po..pa um coiso qualquer e aquilo botávamos-lhe um bocadinho de sal e batia aqui lo num batido, num batido, num batido, e atirava pa dentro daquele acincho da..a..fa..fazia assim o acincho assim, como a gente costuma fazer pós queijos.

JR: Mas não..mas...

P: ...Han...

JR: Mas isso é nuns acinchos não eram os acinchos do queijos ou eram? Eram os acinchos dos queijos?

P: Nãooo...eram nos tais das boroitas. Eram nos tais das boroitas...

JR: ...Não sei o que isso é...

P:...havia por aí muito, ainda há agora..agora num se vêm agora...agor...

JR: Mas isso semeava-se ou nascia assim..nascia assim no campo?

P: Poi.

JR: Ai nascia assim...não sei, não sei o que é.

P: Vós estandes muitos anos nas cidades mas não sabendes..é como a que num sabendes nada. Alguma coisa de letras, alguma coisa de letras, é que sabendes o mai. Há aí tantas ervas que vós não sabendes o que..não sabende o que é.

JR: É verdade. Então e o que é que se lembra das suas amigas?

P: Ai...o que é que..o que é que se lembra? As amigas coitadas eram a como a mim. Ainda..ainda pior do que eu, que eram muitos. Logo aqui o Ti Gabriel eram algumas..algumas seis as raparigas. Além naquela casa criaram-se lá alguns..algumas quatorze pessoas. Ali numa ca..numa casinha ali em baixo treuze.

JR: Hum.hum...

P: E ódepoi é o pai e a mãe. Aqueles \_\_\_\_\_ aqueles.

(...)

JR: E depois de casar nunca pensou..nunca pensaram sair daqui, a senhora e o seu marido?

P: Ah...quando íamo..quando íamos à ao Rosmaninho,à..às vezes íamos à missa, que era nos domingos,queríamos comprar alguma coisa entrávamos aos comércios, se havia dinheiro se não havia dinehiro num com..num se comprava nada.

JR: Mas nunca pensaram ir vi..ir viver para outro lado?

P: Num havia carros home nós n..num havia carros, pa andarmos praqui e prali.

JR: Então e o que é que a senhora se lembra do seu marido? Do que é que é assim aquilo que mais se lembra?

P: Ai o que mai..o que mai me lembra...era de ser pobre.

JR: Mas como é que ele era? Como é que se dava com ele? Como é que se dava?

P: Dávamo-nos bem.

JR: Deve-se lembra de mais alguma coisa do que dele..do que dele ser pobre, não é?

P: Ah..pouco mai anda do que mai ou menos. Ele também era pobre, aqui num..num havia cá ninguém rico, todos eram pobres, mas quem tinha assim pouca família ainda vivia entre bem e mal, mas quem tinha muita? Ninguém escora (escolhe?) como é quer querem filho se querem agora têm o filhinho “Ai já não quero mai, já não quero mai, já não quero mai.” A filha desta também só tinha uma rapariga , tem num sei se..se seis anos se sete, agora anda outra..anda outra vez grávida.

JR: Hum,hum. Então anda..então anda..anda to..anda toda contente a sua vizinha vai ter mais uma neta.

P: Disse assim a mãe “Ó filha tu assim ficas mal porque tens só essa, vês vós sandes dois se ê cá estou mal abalas tu mandam..tu mandas vir o teu irmão..mai o teu irmão e tu ficas, e assim a tua rapariguinha? Se tu estás mal ou o teu homem a garota num vos sabe defender...e assim com dois já”. Ela lá..lá conseguiu também arranjar outro, não sei se é um rapaz se não.

JR: Se calhar ainda não se sabe.

P: Num sei, num sei se já se sabe ou se não. Ela só o tem para Abril.

JR: Ai é só..só..só o tem para Abril é?

P: Para Abril, é que o tem.

JR: Mesmos assim já não faltam..cinco mesinhos.

P: Ah poi. Mas a cachopa é muito esperta.

JR: Ai é.

P: “ Ó Mãe já num quero mai..já num quero mai ga..m..mai garotos, já num queiras mais garotos. Nem garotos nem garotas, eu chego bem à vontade..eu chego bem à vontade”. Ela tema ali um..um rico café.

JR: Onde?

P: Ali no Rosmaninho.

JR: Ai é?

P: O homem é artista.

JR: O homem é artista?

P: O homem é artista.

JR: O que é que faz?

P: Faz obras.

JR: Faz horas?

P: Faz obras.

JR: Ah obras.

P: Obras.

JR: Casas e assim.

P: Poi. Ele ganha bem. Ele é de Vale..é de Vale Fresco num é aqui de..num é aqui do Rosmaninho nem de Santo Estêvão, ele é de Vale Fresco. Aquele também já não tem mãe..já há muito..já há muitos anos coitado, ainda era novo quando..quando ela morreu. E ela num o queria, e a mulher com quem está num o queria.

JR: Aí a filh..a filha da sua vizinha?

P: Dizia-lhe assim à..a que se há-de fazer sogra “Tu há-des casar co mê..há-des casar co mê filho”, “ Eu?...Ê casar co sê filho Deus ma livre, Deus ma livre.” Ainda cá veio casar com ele.

JR: Acontece.

P: Ela também era muita boa pessoa, e o sogro o sogro quanto tem a sempre dá. (..) Desta tem tudo é..é..é repolho, tem repolho é repolho, tem tomates são tomates, tem pimentos são pimentos, aquilo que tem vai sempre carregada para lá. Batatas é as..é as que quer, feijão na mesma, grão igual. Ela colhe aí de tudo. Ela \_\_\_\_\_, quer de cá abalar, ela num queria estar aqui presa.

JR: Quem a..a sua vizinha?

P: Ela num queria estar presa co..com o gado, está presa prontos.

JR: Então queria ir para onde? Ela queria ir para o Rosmaninho era?

P: Ela queria ir para o Rosmaninho. Queria ir para lá a fazer a limpeza à filha...

JR: ...Ah...

P:...pa filha lhe ir..lhe arranjar os abonos. Mas ela num tem precisão.

JR: Então e porque é que ela cá ficou? O marido não se quer ir embora é?

JR:É por causa do marido, o marido não se quer ir embora?

P: \_\_\_\_\_, ele num vai. Se é muita a guerra ao tempo que já cá não estava, ao tempo. Shiuuu!

Rais os pariram (Para as galinhas que por ali andam) Ah cambões.

(...)

JR: Então a..a senhora fez agora 89 anos, não foi?

JR: Fez agora 89 anos.

P: Eu estou a pensar que sim.

JR: Em Outubro.

P: Agora em Oitubro.

JR: Já são muitos anos.

P: Engala..engao..daqui nada tinha oitenta anos..ai..noventa anos...

JR: ...Daqui a pouco tem noventa...

P:...daqui a nada tenho noventa anos. Já viste que não posso aquase andar nem nada.

JR: Não pode quase andar? Ó mexe-se bastante..mexe-se bem.

P: Ai mexo mexo, mexo mexo...

JR: Então o que é..o que é que..o que é que a senhora pensa disso de ter já quase 90 anos?

JR: O que é que a senhora pensa de já ter quase noventa anos?

P: Ah..eu o que queria era ir a po..era po lar. No laryjá num tinha dor de cabeça nenhuma.

Tinha quem me lavasse, tinha quem me..quem me desse de comer e tudo. Mas não pode ser, não há vaga. Agora ficaram de cá vir a trazer o..o comer ê disse num venha cá.

JR: Quando é que isso foi, agora há pouco tempo foi? Que cá ficaram de vir trazer o comer.

P: Agora para o mês que vem vinham cá a trazer o comer.

JR: Sim.

P: Diz a Rata, no que diz a Rata ê num me fio.

JR: Então e a senhora não quer que eles cá venham trazer o comer?

P: Ah eu num me importo. Disse que vinha..eram dois dias..dois dias na semana. Era segunda e quinta, vamos lá a ver. Enquanto os cá num vir num digo nada, calo-me.

JR: Pois.

P: Ela disse lá “Vêm logo à carreira, vê logo à carreira que vêm”, vêm logo à carreira?, num há-de ser nunca. Num há-de ser nunca, outros dias parece mas anda lá que...há-de ver como é que há-de ser.

JR: A estrada está um bocado melhor.

P: Han.

JR: Ali a estrada para cá está um bocado melhor.

P: É porque já a arranjaram.

JR: Não sei se arranjaram se foi os camiões quando passaram..ainda está má mas passa-se já um bocadinho melhor...

P: ...Então quer dizer...

JR: Já se passa um bocadinho melhor para cá...

P: ...assim pra cima..da estrada para cima?

JR: Sim, sim, a parte de..de..de terra quando se sai do alcatrão para a terra está um bocadinho melhor. Havia lá uma..uma lo..parte assim a subir que era muito má...

P: ...Já a arranjaram...

JR: ...e agora está...está m...está um bocadinho melhor. Continua a ser de terra...

P: Pois claro andaram lá aqui há tempos co..com a máquina .

JR: Pois.

P: Inda chegaram quase até ali ó..até ós eucaliptos, pa..passou ali...

JR: Deve ter sido isso.

JR: Então..gostava..gostava de ir para o lar era?

P: Eu gostava de po lar por..porque ê num posso fazer nada. É preciso semear as batatas, tenho que..é preciso arranjar a terra. Ano passa..este ano passado semeiei-as eu. Cavava a terra, arranjava a terra com um sacho pe..pequenino desses do trigo e ódepois já as enterrava com o outro.

JR: Já viu se fosse para o lar...

P: ...A terra mexida...

JR:...enquanto está aqui vai para um lado vai para o outro, passeia, vai ali a baixo, fala com a sua vizinha...

P: É..é por causa disso é que ê est..fiquei muito melhor...

JR: Se fosse para o lar estava lá assim...

P: Também podia ir, quem se pode mexer vai.

JR: Quem?

P: Quem se pode mexer vai...

JR: Ai vai passear lá por Santo Estêvão é? Pois...

P: ...vai práqui, vai práli...

JR: ...também é verdade...

P: ...mas quem se num pode mexer não.

JR: Mas gostava de ir para lá era?

P: Gostava de ir para lá só para dizerem assim “Num posso fazer, num posso ir a lavar o ribeiro e num posso fazer um..mui..muito serviço” Ir daqui po Rosmaninho a buscar..inda a buscar o combustível que era um custo, que ainda é longe.(..) Agora aqui estava..lá muito melhor. Estava como queria.

JR: Onde lá?

P: Aqui.

JR: Ah aqui.

P: Se me dá na cabeça ir pra baixo vou pra baixo, se me dá na cabeça...agora estar aqui assentada estou, ninguém me está a incomodar.

JR: Então mas então porque é que se..porque é que se quer..porque é que quer ir para o lar? Se aqui..se aqui está melhor por que é que quer ir...

P: Ah...Se me lá quiserem estava lá melhor no lar, ela estava melhor do que está aqui, só em termos de..de é que já não fazia mai nada. Já tinha quem me fizesse o..o serviço todo. Água tinha-a lá, a comida tinha-a lá,a..o lavarem-me na mesma. Assim pronto, tenho que eu fazer tudo. É poder mexer-me num me importava nada de estar aqui, preferia de estar aqui. Porque os vizinhos são bons. Se estivesse cá com vizinhos ruins...num gostava de cá estar não. Esta aqui se é der aqui um ai ouve-me..ouve-me lá vem logo cá a ver. Faz-me um cházinho vemmo logo a trazer. E se fosse ali pra baixo não. Ela nem me ouvia, na casa dela nem me ouvia nem nada.

JR: Pois é mais longe.

P: Hão-de vir a arranjar a casa e o..e o..o Garcia fica com ela arranjadinha e pronto. Mas a doutora queria que eu para lá fosse, queria.

JR: Quem é que queria que fosse para lá?

P: A doutora.

JR: Queria que fosse para onde?

P: Prali pa baixo. Que estava mai descansada.

JR: Quem é..quem é a doutora?

P: É lá a do lar. É a que manda no lar.

JR: Queria que fosse ali po..po..po...

P: Po pé da Benvinda. Só que ela é que lhe pediu, a Benvinda é que lhe pede “Porque aqui a..ali esta..aquí está melhor, porque há uma coisa qualquer e eu não posso lá ir em cima e ela aqui sempre vai andando sempre vai fazendo alguma coisa.” Mas em cá vindo e..em cá tornando a voltar já lho digo. Enquanto ê estiver aqui estou.

JR: A não ser que..que possa ir para o lar...

P: Se me lá quiserem no lar eu vou po lar, mas pa ir prali não.

JR: Mas ela costuma..costuma cá vir a doutora é?

P: Veio cá no outro dia.

JR: Veio cá ver como é que estavam por cá?

P: Veio cá a estar comigo. Ver se ê pra lá queria ir ó..ó não. Já..inté já trazia a..inté já trazia a chave, Já trazia a chave do..dos da Rata, da casa da Rata.

JR: Para saber se..se para lá queria ir era?

P: Pois. E agora hão-de cá vir a pintá-la e era para se ver com ela pintada.

JR: Hum,hum...

P: Aqui há tempos vieram cá a pintar a da Rata e..mas pensando que ele que lhes desse a chave também pra..pra pintar a dele. Começaram-lhe a meter mil..mil intrisgas , que não o quisesse, que não o quisesse, que não o quisesse, que ódepoi..ódepoi que num saía de lá, desta maneira da outra, pronto, não lha deu. Agora aqui há tempos foi lá..forma eles mesmo a ter com ele, foi lá o médico e..e foi lá..foi lá a Doutora. Agora a ela já lhe entregaram, à..à Doutora já lhe entregaram a chave, que ela amostrou-ma, “Vê-a aqui”...

JR: ...Hum.hum..

P: ...disse cá para mim “Anda, está bem..está bem entregue.”

(Rimo-nos)

JR: Ai,ai...

JR: Então e a..a senhora..quando..o..quando se lembra assim dos seus 89 anos, que já tem, quando se lembra da sua vida, qual é que são assim a..as primeiras coisas que se lembra?

P: Ai...

JR: Quais é que são..se pudesse escolher assim os..os momentos mais importantes o que é que..o qué..o que é..o que é que contava?

P: Sabes os alvos a que eu estou..o que eu escolhia? Era ter muita saúde e boa sorte. Saúde e boa sorte é que eu queria...

JR: ...Hum,hum...

P: ...mas isso Nosso Senhor num ma dá.

JR: Acha que não?

P: Na..ai acho que não.

JR: Então...

P: Já não tenho idade para isso nem nada. A gente vai e chegando a velha pa tra..pa trás sim mas pra dia..prá frente não.

JR: Pois não há..não há..não há muita gente que chegue à..o..à idade que já tem. Portanto não..não tem assim..não tem assim t...

P: Eu num tinha..num tinha..nunca tive ideia de chegar à idade que tenho.

JR: Não?

P: Sempre tive ideia de chegar só..ó..ós 84, 85, 84...

JR: ...(Ri-me)

P: ...vá lá, já passou muito.

JR: Então e..não se importa nada não é?

P: Eu num me importa porque..porque me há-de importar? Se me há-de importar? Tanto faz importar como a num importar é igual, fico na mesma.

JR: Vamos para o sol agora, está a ficar com frio.

P: Ai agora tens frio?

JR: Eu..eu..a senhora é que tem...

P: ...Ai ê num, ê num...

JR:...\_\_\_\_\_ está aí com os braços a...

P: ...ê num..ê num...

JR: ...Vá vamos lá...

P: ...ê num tenho frio nenhum.

JR: Está aí..está..está aí encolhida é porque está com o frio.

P: Ai...anda lá atão pralém pró sol home, tu é que estás encolhido.

(Rimo-nos)

JR: Ah pois sou eu agora...

P: Tu é que estás encolhido ê não ê num tenho frio.

JR: Se calhar posso levar aqui a almofada uma pessoa depois se..senta-se lá numa pedra.

P: Este aqui boto-o pralém.

(..)

P: Deixas-me lá entrar as pitas. Vamos cá atão praquela pedra pralem. (..) O burro faz aqui uns espojadouros...

JR: ...Ah pois eu t..eu tinha estado aqui a ver...

P: ...Cabrão...

JR: ...porque é que havia aqui este bocado de terra...

P: ...Porque quando aqui chega é que se espoja. Ai o cabrão de uma mãe.

(..)

P: Ah senta-te aqui nesta pedra alta.

JR: Então e senhora senta-se..senta.se onde? Senta-se aí?

P: Ê assento-me aqui ai...

JR: ...Então olhe então...

P: ...ê é adonde quer que calha...

JR: ...fica aqui assim.

P: O meu corpo já está abesado a tudo.

JR: Ai já está a habituado..

P: É tar aqui ó sol inté que se ponha.

JR: É..agora..agora aqui está-se melhor. Está cá mais calor.

P: Desde que o sol num aquece quando..quando é..quando é de verão aquece muito. Mas agora não.

(...)

JR: Mas...

P: Ai o raça, o tê pessoal, pensava que estava por lá doente.

JR: Na, felizmente ninguém está doente.

P: Ai tu mal anda mai depressa que a saúde.

JR: quem?

P: O mal anda mai depressa que a saúde, duam hora à outra. A gente às vezes parece que está bem e..e \_\_\_\_\_,pronto fica-se logo.(..) Tem praí visto m..montes de desastres.

JR: Tem visto para aí muito desastre é?

P: Vê muitos poi..

JR: É verdade.

P: É por isso que a gente num pode dizer nada. Agora à outra...

JR: Sim estamos todos..estam..estamos todos sujeitos. Aconetece a todos não é?

Mas...acontece. Mas então diga-me lá quais é que são assim..quando pensa assim na sua vida para trás...

P: Ai pa trás...

JR: Conte-me o que foi, no que viveu nesses..nesses 89 anos. O que é que se lembra assim, o que é que se lembra assim mais? O que é que são assim a..aquelas coisas que lhe vêm mais à cabeça.

P: Só me lembra de passar mal. Só me lembra de viver mal. Não é de viver bem, viver mal. Mai pa frente mai mal ando, mai..mai mal ando.

JR: Porque é que diz isso?

P: Porque sim, porque vejo que é verdade. Vejo que é verdade. A gente na vez de ir pa..pa frente vai pa trás. Que a vida num corre..num corre sempre bem.

JR: Pois é.

P: Ó tu tens \_\_\_\_\_ que corre?

JR: Não.

P: Hum.

JR: Mas e porque é que a senhora diz isso? O que é que aconteceu na sua vida para..pra..pra..para dizer isso?

P: Ah... \_\_\_\_\_ que me aconteceu? O que está a acontecer..e o que se a.. o que se acontece a quase toda a hora. Na vez de ir prá frente...volta pra trás. (..) Tu agora inté..inté teres o..os se..os te...os teus 60 anos ainda vai bem mas ódepoi daí pra diante vamos lá a ver. Ê en..ê..ê inté ós..inté ó..ós 60 é coma que estava na flor da idade.

JR: E o que é que se lembra dessa altura?

JR: Enquanto est..enquanto estava na flor da idade?

P: Lembra..ê lembra-me de viver mai bem mas não, pa trás, pa trás, pa trás.

JR: Mas isso foi depois a partir daí.

P: Foi.

JR: Mas e até aí? Quando era mais nova, quando estava casada, quando coiso, o que é que..o que é que se lembra assim..de que é que se lembra assim mais? Não..não me vai dizer que só se lembra de coisas tristes, tem que se lembrar de alguma coisa?

P: Para as coisas alegre é preciso a gente ter muita saúde e o viver bem , enche a barriga e viver bem. Mai num indo bem é sempre triste, sempre triste. Tendo mal nunca tem uma hora de alia..de alevia..de alegria. É sempre a sofrer.

JR: Ah então e a sua vida f..acha que a sua vida foi sempre uma vida triste? Mas a senhora não parece nada uma pessoa triste.

P: Não?

JR: Não.

P: Proquê?

JR: Ah..porque ri-se muito, está sempre animada, com certeza que se fosse uma pessoa triste não tinha ficado..não tinha chegado..não tinha chegado à ida..à idade que chegou.

P: Ah...num chegava...Deus é que sabe. Deus é que sabe à idade que a gente há-de chegar. Dizem que a gente já nasce com o signo que há-de morrer, que há-de nascer e que há-de morrer. Vamos lá a ver se assim sai certa. Há pessoas que têm..nem gostam de..nem gostam de ouvir as questas coisas que ódepoi têm medo de morrer. “ Ai em tanto tempo já morro, em tanto tempo já morro”. E ódepoi ainda passa e torna a passar e num morrem.

JR: E a senhora tem medo de morrer?

P: Eu num tenho medo de morrer, eu o que queria era morrer.

JR: Era?

P: Era. Ê num tenho medo de morrer, tenho medo é de sofrer, de sofrer é que ê tenho medo, mai do outro resto, ninguém sabe nada do que num fez. Se ê num tenho ninguém ao pe de mim, tenho o fillho, o filho está longe, é como a quem é n..nem ata nem desata. Só tenho viver mal. Ando com o mal se não os vir são bons (?).

JR: A senhora quando pensa no seu filho o que é pensa?

JR: A senhora quando..quando pensa no seu filho o que é que pensa?

P: O que é que hei-de pensar? Se estou mal fico pior, fico à mesma, fico à mesma proque..então ele a mim, ele a mim num me faz cá nada. Eu a ele também nada lhe faço. É como que a mim n..nem na..nem numa vista lhe faz falta, nem a mim nem a ele. Às vezes a viver um com o outro estava bem, e assim...

JR: E quando ele era..quando ele era mais novo quando ainda vivia cá no.. no Tojo consigo e com o seu marido como é que se dava com o seu filho? Davam-se bem?

P: O quê, eu e o mê filho?

JR: Sim, consigo.

P: O mê filho tinha..a..o mê filho quando foi..ai..tinh..nem sequer tinha dezassete anos quando de cá abalou. Pós correios. Vinha cá, ao fim de casado, ao fim de casado ainda cá vinha poi.

JR: Mas não vinha cá muita vez era?

P: Às vezes vinha cá. Sempre sempre não.

JR: Assim de quanto em quanto tempo..

P: Quase todos os anos cá vinha, todos os anos cá vinha.

JR: E a senhora tinha saudades dele?

P: A u..han?

JR: Se tinha saudades dele.

P: Ai...

JR: Sentia a falta dele cá?

P: Saudades tinha eu inté de mais, mas como \_\_\_\_\_, tanto faz ter soidades como a não ter nada.(..) Vós agora..agora estandes ao pé da tua mãe às ve..casandas desandas dali, às tantas quase nunca mai tornandes a ver. Só de tempos a tempos é que é..é que a vindes, quem tem tem saudades de todos os filhos...

JR: ...Hum,hum...

P:...e os filhos na mesma..a ver a mãe. Mas de que serve? Num pode ser.

(...)

JR: Então e até..a..a..até aos dezassete anos dele, antes de ele se ir embora?

JR: Antes de..antes dele se ir embora para Lisboa, antes dele ter dezassete anos como é que se..como é que se dava consigo? Como é que se davam os dois, davam-se bem?

P: Ai ele num..ele num veio para cá.

JR: Ele não veio para cá? Como?

P: Ele ódepois montou lá uma casita...

JR: Não mas eu estou a dizer antes de ele ir para Lisboa, quando ainda cá vivia ele viveu..até aos dezassete anos viveu cá no Tojo, não foi?

P: Num..já..ainda num tinha chegado bem aos dezassete anos quando pa lá foi.

JR: Mas pronto até..até..at..até à altura de ir para lá viveu..viveu cá no Po...

P...Poi vivia cá connosco aqui.

JR: Então e como é que..como é que se dava com ele nessa altura?

P: Ai...vivíamos bem. Vi aí..a ganhar o jornal mai o pai enquanto ê cá ficava em casa a arranja..a aviar a vida.

P: O mê João, o mê homem é que tinha..tinha muito dó deles.

JR: Deles de quem?

P: Do..do filho mai da nora...

JR: ...Ah...

P:...e do neto.

JR: ...sim.

P: Que eram três perdulários que lá estavam que num tinham ninguém. Casinha num a tinham, era só com o ordenado dele mai nada, o ordenado também ainda era pouco. (..) Depois se a mulher fosse boa eles viviam lá bem. Bichano, bichano,b ichano....(para um gato que passava), anda cá bichito.

JR: Este era o que andava doente ou?

JR: Andava aí um doente aqui há uns dias atrás...

P: Ah esse já morr..esse já m..já morreu.

JR: Ah esse já morreu.

P: Este às vezes também anda do..andam aí ca esgana home.

JR: Mas agora..agora parece estar melhor.

P: Num presta pra nada, come poucochinho.

JR: É da maneira que gasta pouco.

P: Come pouco é coma que é..é coma que é uma..uma mosquinha morta.

JR: Queria que ele comesse mais era?

P:Poi.

JR: Queria que ele estivesse mais gordo? A minha avó também é assim...

P:...Comesse, comesse a..crescia mais...

JR: ...a minha avó também tem um cão e problema dela com o cão é o cão ser demasiado magro, queria que o cão fosse gordo.

P: Ah pois. A gente a pôr-lhe comer e eles num comeram é que é o mal.

(...) Correde à carreira. ( para as galinhas) é que elas corram, a verdura.

JR: Correm bem correm.

P: Ela tem-as além pra baixo. Elas correm aí tudo.(as galinhas)

JR: Não se vão embora daqui?

JR: Não se vão embora daqui?

P: Ai vão, mas voltam..voltam..e voltam..andam..and..andam sempre de ali prali pró outro prali pró outro. (..) Então agora daqui vais pa Lisboa ó vais praquilo de tua avó?

JR: Não, vou para Castelo Branco, depois de Castelo Branco apanho o comboio vou para Lisboa. Hei-de apanhar o comboio para aí às sete, devo..devo sair daqui para aí daqui a..a vinte minutos, vinte minutos meia hora vou-me embora depois demoro uma hora a chegar a Castelo Branco, devo lá chegar para aí à quatro e meia cinco e depois às sete...

P: Olha não te acoiteles vai..vai à..à carreira e depoi que...

JR: ...Não, não vou devagar...

P: ...que haja algum azar...

JR: ...ando devagar não se preocupe.

P: Não te acoiteles olha que..

JR: E depois às sete horas..às sete horas apanho o comboio e vou..vou para Lisboa.

P: E se.. se ao menos estivesse ali ainda era pa..mai pertinho.

JR: Han?

P: Se ao menos estivesse ali era mai pertinho.

JR: Pois.

P: Ir daqui..daqui a uma hora ali po..pa Castelo Branco também é..num é fácil.

JR: Não..não é não..é..é...

P: ...Ah...

JR: ...não,não...

P: ...ai não, não...

JR: ...vai-se..vai-se..vai-se bem então são uns cinquenta quilómetros daqui para lá. Não, va..vai-se...

P: Trougeras praqui as couves que ê migueva-as aqui! (para a vizinha).

C: \_\_\_\_\_ (lá longe).

P: Mas aqui ó sol, miguevam-se aqui bem.

(...)

JR: A senhora quando os seus irmãos..

P: Esta rapariga anda ali como peixe na água. Ela que num gosta de cá estar.

JR:     rapariga...quantos anos é que ela tem?

P: Ela num queria..queria estar aqui mas queria ir todo o dia pó Rosmaninho e vir, todo o dia.

JR: Então e não po..não pode porque é..porque é que não faz isso?

P: Pois ele num quer.

(trecho de conversa sobre a vizinha e o vizinha praticamente inaudível devido ao baixo tom das vozes e ao burra que começa a zurrar)

JR: A senhora gosta dela.

JR: Que a senhora gosta da sua vizinha.

P: Eu gosto. Em princípio não...

JR: ...Ai é...

P: ...em princípio num era boa...

JR: ...Ai não?...

P: ..agora sim, agora já..agora já porque ê também lhe faço todas as vontades.

JR: Então e no princípio..no princípio não era boa porquê?

P: É preciso guardar-lhe as cabrinhas quem é que vai com elas?, sou eu. É preciso outra coisa qualquer quem é que vai? Sou eu. Quando não? Ai...

JR: Então e porque é que diz que no princípio não era boa?

JR: Porque é que diz que em princípio ela não era..ela não era boa?

P: Em princípio não.

JR: Mas o que é que fazia?

P: Ê agora já..agora mesmo assim já a vai conhecendo mais.

(..)

JR: Está a ver nem tudo..nem tudo são coisas más.

P: Ma...

JR: Tem aí a sua vizinha que é um bom..uma coisa boa.

P: Dissesse-me assim, ela é ruim e ê sou ruim como é que nós havíamos de viver bem.

Agora assim umas pessoas..uma pessoa sendo uma perdulária e a outra perdulária, pronto. (..)

Ali em baixo também assim era, ainda é mai uma besta de ovelhas e cabras quem é que as guardava?, era eu. Naquele tempo era boa e agora já arenga..já \_\_\_\_\_pa trás, pa trás.

(..)

JR: São assim as coisas...

P: Diz que quem de mel se faz as abelhas o comam.

JR: Han?

P: Quem de mel..de mel se faz as abelhas o comam.

JR: Essa não conhecia.

(...)

JR: Então e depois do seu..depois dos seus irmãos se irem embora de cá costumava vê-los ou...?

P: Não casa..casaram-se pra lá.

JR: Mas vi..não..não..não ia lá vê-los, eles não vinham cá de vez em quando?

P: Ah vinha cá, de vez em quando vinham cá. Ou a gente ia lá, eles num estavam uns..uns ao pé dos outros. O José morava aqui na Eugénia. O Manel mai a Amélia moravam pra Martins. Mas eles eram..eram muito bons.

JR: Está a ver e dava-se bem com eles...

P: E elas também eram..eram muita boas. \_\_\_\_\_a Celeste nem havia mulher melhor do que ela.

JR: Dava-se e..dava-se bem com eles...

P: Dava-me.

JR: Nem tudo são tristezas.

JR: Que nem tudo são tristezas.

P: Aonde..poi tem que ser assim.

JR: Mas quando eu lhe pergunto só me diz que é..só..só..só me fala de desgraças.

P: (Ri-se) Ah poi só falam de desgraças poi.

JR: Porque é que não me fala da..porque é que não me fala das coisas boas?

P: Ah...porque num calha. Agora a gente..nós já somos coisas boas.

JR: Então e quais é que são as coisas boas que se lembra?

JR: Quais é que são as coisas boas que se lembra?

P: É a saúde. A saúde é que é a melhor coisa. Que me lembra.

(..) Ah que hoje já está um rico dia mas estas noites passadas, acho que há umas três noites, era vento e vento, vento e vento, vento e vento.

JR: Tem estado muito vento tem. Mas ao menos não tem..ao menos não..quer dizer..pelo menos não tem chovido.

P: Mas hoje, hoje devia dar molhadita.

JR: Ai é?

P: É.

JR: Mas agora também estava na altura da..de chover e... do vento e assim.

P: Então mas não apetecia ir água.

JR: Não era para estar assim sol.

P: E ainda vir tanto vento conforme vem.

JR: É verdade.

P: Então este vento seca tudo.

JR: Aqui nem por isso mas..lá mais..lá mais para trás...

P: ...é pior...

JR: ...pouco antes de Novais para aí os eucaliptos estão todos..todos..todos secos com o vento.

P: Ui...

JR: Aqui não, aqui estão verdinhos. Lá estão..parece que são brancos. Por causa..por causa do vento que veio.

P: Carrega lá mai a..mai a..o vento.

JR: Deve ser.

P: Frio.

JR: Deve ser. (..) Mas aqui não.

P: Então quer dizer..o tê..o tê avô mai tua avó estão aqui pa este lado aqui, pra cima.

JR: É mais ou menos. Aquilo é pra...

P: ...pró..po lado do norte...

JR: ...é..é mais para o norte. Para o lado de Oleiros, também não sabe onde é.

P: Num sei. Sei que o Norte que é para aqui pra cima mas...

JR: Pois é mais..é mais..é mais..é..é mais para o norte. Mais para dentro, ou seja não..não aqui para o lado da fronteira...

P: ...Pois...

JR: ...mais...ma..mais para o centro e mais..e mais para o norte. Para..para o lado..para os lados da Sertã.

P: Ali Santo Estêvão..ali de..onde está o mê Francisco há lá muita gente que ainda \_\_\_\_\_ por aqui.

JR: Daqui..de Castelo Branco para a casa da minha avó são uns 50,60 km, ainda...

P: ...ainda é...

JR: ...para cima ainda é um boca..é mais ou menos como pa..é mais ou menos como para aqui, mas o caminho é pior.

P: Poi,poi.

JR: Tem mais curvas. Faz-se mais devagar.

(...)

JR: Como é que era a sua vida casada?

P: Disse-me lá o mê filho ali...

JR: ...Diga...

P: ...ali há..há aqui muita gente da..prá Meimoa, pá Benquerença, dest que..destas terras aqui assim há lá muita gente.

JR: Lá..lá em Lisboa?..Lisboa..na Costa da Caparica, não é.

P: Poi,poi.

JR: As pessoas saíram de cá.

P: É que ele ali está bem, quer dizer tem lá assim uma casa, se ele tivesse uma mulher boa, estava ali como o peixe na água. Uma casa grande como ele a tem, um quintal e agora ainda compraram uns bocados da parte de cima.

JR: Comprou lá mais um bocado foi.

JR: O seu filho comprou lá mais um bocado de terra.

P: O filho dele.

JR: Ai o filho dele. Também vai..vai ficar lá a morar é?

P: Diz que era para lá fazer uma fa..uma vivenda. Aquilo é para lá semear a batata e assim. Então disse-me que ia à lenha e nunca mai aparece?

(...)

JR: A senhora foi casada durante quantos anos?

JR: Quantos anos é que ainda esteve casada?

P: Sei lá.

JR: Não se lembra?

P: Ê já num sei. Tinha..ê tinha o..ê tinha..(...) (no meio disto alguns balbucios incompreensíveis) tinha 24 anos quando me casei.

JR: Hum.hum...

P: Agora já tenho aquase..já tenho aquase 90 anos.

JR: E o seu marido morreu há quanto tempo?

P: Há dezassete anos. É agora 18. Foi agora ne..neste mês, num sei se foi no dia..se foi no dia..no dia 28 se não.

JR: Ai é? O que é que se lembra disso? Dessa altura?

P: O que é que me alembra? Querer mal e sozinha, tenho estado sempre sozinha.

JR: Ele teve doente ainda muito tempo ou...?

P: Não. Só estive aí quinze dias de cama. Mas tinha duas hérnias muita grandes.

JR: Umas hérnias?

P: Duas hérnias.

JR: Em que sítio?

JR: Em que sítio, sabe?

P: Assim uma de cada lado.

JR: Ah.

P: Mesmo assim rentes, mesmo assim rentes à barriga. Quando ele viu que..que aquilo tinha operação não quis “Ah..agora pagar tanto dinheiro pa eu fazer a operação”, “ Então agora não pagas nada”, andava ali num corte mandava as despesas ao patrão “Ah..num vou, num vou”, pra cá ódepois já se num podia mexer óepoi é que..é que..é que queria então fazer a operação.

JR: Não chegou a estar no hospital então?

JR: Não chegou a ir para o..não chegou a ir ao hospital então.

P: Morreu cá em casa.

JR: E o médico veio cá, ou não?

P: Nem cá veio o médico nem nada. (..) Há uma pessoa mal estejam doentes correm logo com ele po hospital à vezes ainda mo..vão no meio do caminho ficam-se logo, então que vão para lá a fazer? Ele num lhe dão a vida.(...) Num estás melhor aqui do que estas..do que estavas além à..à vinagreira.

(Rimo-nos)

JR: Mas eu disse-lhe que se quisesse vínhamos para aqui a senhora é que..

P: Naquela vinagreira além...

JR:...A senhora...

P: ...agora faz lá frio....

JR: ...a senhora é que não se importou de ficar lá.

P: Ai eu num me rala nada.

JR: Ma..também já..também já lá estava com frio, estava lá...

P: ...Ê num tenho frio...

JR: ...aqui não mas lá..lá tinha...

P: ...com esta camisolinha num tenho frio.

JR: Essa camisola..essas camisolas são quentes são.

P: Às vezes daqui..daqui pralém é que faz além frio.

(..)

JR: O que é que a senhora sentiu quando o seu marido faleceu?

JR: O que é que a s..o que é que a senhora pensou, o que é que senhora sentiu...

P: ...Ai...

JR:...quando o seu marido faleceu?

P: ...O que é que havia de p..o que é que havia de pensar? Em estar sozinha conforme estou.

Ainda fui nove meses pa..pa Lisboa e...

JR: A seguir a ele morrer?

P: Eles é que pensaram..eles é que..eles é que disseram “ Ó mãe vomecê aind..aqui está mal, aqui está mal porque lança-se aqui um fogo morre aqui assentadinha”, e ela na mesma, e então agora já se não rala de cá vir..de cá vir a..ai já se num importa de..que haja fogo nem que a gente \_\_\_\_\_. Então agora quer dizer se não vo.. “Eu vou-a lá buscá-la e tenho-a aqui, e com o abono dela..com o abono dela num sei..não po..não é preciso a gente estar-lhe lá a pôr as coisas. Ela ainda ganha bem para ela, então portanto, deixemo-la estar inté..inté que Nosso Senhor a leve”. Mas não. Ela ao meu ver, ao meu ver dá-se com o patrão. Ao meu ver dá-se com o patrão dela.

(...)

P: Ali..ali em..ali em..em baixo também está um assim. Aquela também se há-de dar-se com todos. (..) Umas porcas.(..) Então o mê filho com o ordenado que ele está a ganhar, ela também est..ela também anda a fazer limpezas aqui e além, mas prá..é pa assim estar. Com o ordenado que ele ganha, se ele num lhe fez a casinha só co..só..com o ordenado dele, pediu dinheiro emprestado e ódepoi ia pagando pouco a pouco. Atão uma casa como ele ali tem com um rico quintal era preciso anda..andar de..a dar-se com uns e com outros? (...) Em caso dele também está mal mas em caso da mulher está pior. As mulheres só um tiro de bala nos cornos. (..) Ê agora estou aqui, uma mulher que também fiquei de nova sem..sem o homem,

então se estivesse..se estivesse com outros ai...Jasus era uma porcada. (..) E se é tinha muitos..muitos apogentos ódepoi que ele morreu.

JR: Tinha muitos interessados era?

P: Tinha.

JR: E então e não..não..

P: ...Mas é não..

JR: ...não quis.

P: Ê num quis cá homem nenhum.

JR: Porquê?

P: Proque não. Porque era vergonha.(..) Então e aquelas mulheres que se lhá um dinheirão para irem a mostrar as suas carnes a outros homens de fora. Ê Deus me livre. Então e quem é que quer viver num..num trabalho desses num..num.num \_\_\_\_\_ num se acu..num se aculam com ninguém. Está sozinha. Então num achas que é verdade.

JR: Hum,hum...

P: Ódepoi vai uma “Olha além o cornudo”, vai outra “Olha além o cornudo”, vai outra “Olha além assim, olha além assado.Aiiiiii.....

\_\_\_\_\_ dizer muita coisa. (...) A minha irmã Maria é que s..

\_\_\_\_\_ também já faz d..dois anos que está..que está na terra. Ao fim de dois..de dois três dia foi logo a preguntá-la. A ver se ele..a ver se ela se quezi..se quis casar? Oiii...e se eles também eram bons.

JR: E ela também não quis.

P: Ela também não quis. Atão uma pessoa para estar mal deixa-se estar sozinha, que está melhor. (..) A minha vizinha dizia assim “Ó Ti Patrocínia vomecê faz mal, vomecê faz mal .”, “ Proquê? Para andarem só a ap..é a..a apontar, a apontar pra mim? Num apontam não”.

Uma mulher quando tem vergonha e tem..e tem juízo não anda a..a dar que falar a esse e aquele. Mosca do Diabo. Nosso Senhor me aconserve inté..inté morrer. (...) Há pessoas que é preciso..é preciso \_\_\_\_\_.

JR: Hum,hum...

P: Está ali uma em baixo que é assim. E um bom homem como ela tem, uma home..um home alto e forte não é aqui como o da Celeste. Se um rapaz não for a ganhar já são contra ele sempre,sempre,sempre,sempre.

(..) Tu há-des arranjar um gorrinho agora pa de Inverno, sempre tens a cabeça melhor e as orelhas...

JR: Eu precisava era de um..era de um boné por causa do sol.

P: Poi. Um bonezinho ou um gorrozinho. Esta \_\_\_\_\_ é à tarde ou não? Já abalou, abalou..abalou esta manhã.

JR: Quem?

P: Já abalou esta manhã o Tonho. Ali o do \_\_\_\_\_.

JR: Abalou para onde?

P: Lisboa. Já deve ter azeitona, vai já meter o azeite em casa...

JR: Já se pode ir embora.

P: Já foi-se embora, \_\_\_\_\_ a olveiras.

JR: Hum,hum... (..) Então e a senhora antes..antes de se casar com o seu marido também tinha..tinha mais pretendentes ou..?

P: Tinha mai quê?

JR: Se tinha mais pretendentes...

P: ...Ah...

JR:...ou foi só ele?

P: Sei lá..se mais uma puta..uma puta reles aí.

JR: Outro homem que a queria também, era? Antes de se casar.

P: Quando casou comigo já..já andava com ela...

JR: ...Hum,hum...

P: Iam além pó, além pó Jardim e era em todos os cantos que havia. Veio práqui aqui também era..co..com este.. \_\_\_\_\_ da Celeste, e com outro que estava..que era do..que também era ali vizinho dela, na mesma. Aquilo era uma porca que aí estava. (..) Pa se \_\_\_\_\_ nos homes, vê lá tu o sentido delas. As \_\_\_\_\_ quando o são \_\_\_\_\_ Deus que lhe puxa a ideia para aquela porcaria.

(...)

JR: O seu marido quando casou consigo já era viúvo não era?

P: Já. Já tinha um..tinha um rapazito.

JR: O que é seu enteado.

(..)

P: Esta casa aqui era dele.

JR: Ai é..era do seu enteado?

P: Ele comprou-a a uma..comprou uma..arranjou uma mulher do Rosmaninho, foi pra lá.

JR: E a senhora aproveitou.

P: Ai ê..ê já cá..ê já ca estava, o mê..o mê marido é que me disse “Ó Maria vamos ali pra cima, vamos ali pra cima que estamos lá melhor”, e ele que estava li naquela de baixo. E ódepois mudou-se praqui.

JR: Esta aqui só é pena é não ter uma..uma..ter..não ter chaminé..

P:..Ai..

JR: ...e não ter uma..uma janela.

P: É pena...

JR: ...Estava..estava..estava melhor...

P: ...é pena é ela..é ela cair já a água aos bocães.

JR: Chove lá dentro é?

P: Chove poi.

JR: Mas não é em todo os sítio é só em alguns sítios?

JR: É só em alguns sítios.

P: É só nalguns sítios não é em todos.

JR: Se não, não podia lá estar. Ah mas o telhado ainda está..ainda parece mais ou menos conservado.

P: O telhado..as telhas tão..as telhas são velhas. Eu ós anos que ass..que assim estão arrançadas. Umas telha nova, assim ia lá mas assim não. Assim esta ainda no..ainda no outro dia lá andei a dar volta, ainda lá cai como no meio da rua.

(Rimo-nos)

P: Que se há-de fazer.

JR: Ai,ai..

## Anexo C

História de vida

Montagem do texto na primeira pessoa.

Eu nasci aqui, nasci aqui e criei-me. O meu pai era do Rosmaninho e a minha mãe era daqui, tinha uma irmã e tinha três irmãos...ai...tinha duas irmãs e três irmãos é que era, todos aqui do Tojo. Havia cá muita gente homem, ai, então isto é como é que era aqui um povo. As casas é que eram velhas, que eram antigas, se as casas estivessem arranjadinhas com um telhado como é que pareciam? E assim não, está tudo esbarrondado.

Isto era de um senhor que se chamava o Manco, mas quem é que se lembra disso, alguém se lembra? Nem os que cá estavam, nem os mais gentios se lembram agora disso. Era o senhor Manco, o senhor Manco, o senhor Manco, depois o Marquês é que deitou unhas a isto. Isto aqui não era dele, isto aqui...isto era forro, desde a estrada para cima era tudo forro. Não tinha ninguém, era lhano, depois foi agarrando, foi agarrando, ficou com isto aqui, depois foi agarrando com o pôr das estacas, pôs Oliveiras, pôs Oliveiras e agarrou tudo. Punha marcos aqui e além, aqui e além, andava então com os guardas a pôr os marcos.

Era o Marquês, era o Marquês da...o Marquês da Virdibeira...da...da hein raios partam o diabo quero dizer e não posso...da Vidig..da Vidigueira! Esse é que era o Marquês Da Vidigueira que era para onde a gente trabalhava, mas ele só vinha de tempos a tempos, tinha cá os criados. Os senhores que estavam cá a dirigir a casa é que pagavam, ele mandava o dinheiro lá de baixo e eles pagavam cá o trabalho que a gente lhes dava. Das casas pouco se pagou, parece que só um ano ou dois é que se pagou aí a renda das casas, alguns não pagavam nada. E aqueles que pagavam tiveram que as arranjar, tiveram que pagar vinte escudos por ano. Foram eles que as *arranjaram* mas o Marquês é que dava telha e é que dava a madeira e eles acarreavam a pedra, tinham juntas de vacas e acarreavam a pedra. *Nas hortas* os que estavam a cultivar tinham que pagar, pagavam semente, não davam dinheiro, pagavam semente. O que a gente lá colhia é que pagava. O Marquês é que dizia o que deviam dar, a renda, se eram dois alqueires ou se eram três, o que é que era. Agora não sei, agora não pagam nada, também cá não fazem nada. Desde que entrou o 25 de Abril pronto, tudo acabou.

Ou trigo ou centeio, aqui em volta semeavam tudo e agora?, agora não, está cá esta porcaria dos eucaliptos pronto. Naquele tempo a gente fazia hortas aqui, aqui por aí a fora

estava tudo cheio de hortas até ao fundo. Era tudo dele. Até além à Fonte Sobreiro era tudo dele. Os cabrões mataram-me aqui...mataram-na aqui a criatura. Puseram aqui os Eucaliptos mataram tudo. Estas terras aqui de pão e de trigo e de hortas, mataram tudo. Parece que também já morreram com o Diabo, Nosso Senhor os perdoe em vir, os que cá estavam a mandar. O Rocha, o outro senhor que era o Ti António Maria, esse era bom. O Rocha é que era pior, o Rocha era pior mas também o faziam. *As pessoas deixaram de cultivar os campos aqui à volta* quando o Rocha tirou aqui os terrenos. Estava aqui no Burrinho. O Burrinho eram casas como há aqui assim, uns pares de casas, mas estava lá aquele. Primeiro estive lá um que se chamava o senhor António Maria, esse era muito bom, depois veio aquele, não sei de onde é que era, veio para aí esse, *o Rocha*, esse também não era ruim mas os lacaios que cá tinha é que eram ruins. Os lacaios que cá tinha é que era, metiam uma pessoa num inferno. *Eles é* que o picaram para ele ser ruim para o pessoal. Eles queriam que o pessoal andasse sempre debaixo dos pés deles. Eles a mandar por cima e os desgraçados debaixo do pés deles.

*Quando semearam os Eucaliptos* só cá estava eu o Zé António, acho que a Matilde já cá não estava, mais de resto estava o pessoal para o Rosmaninho, outros arranjaram as casas ali para baixo, no Moínho Velho. *Tinham-se ido embora* por causa dos fogos e por causa de tirarem os terrenos. *Para tirarem os terrenos* meteram aí o gado do cimo ao fundo e comeram tudo. Tudo semeado, tudo semeado de milho e feijão e couves, nabos, tudo semeado e *o gado* comeu tudo. E trouxeram aí a guarda para as pessoas se lá não meterem...aí camarada aqui sofreu-se muito...aqui sofreu-se muito. Daqui a um bocadinho além para o pé da Fonte Sobreiro e aí para diante, quer dizer, além não comeu nada, aqui por aí acima é que comeu tudo, mas para além deixou. As pessoas deixaram os terrenos. Agora depois do 25 de Abril é que já não houve nada. Já tinham abalado, pronto. Isto ainda é antes *do 25 de Abril*, ainda foi antes...aquilo era um grande corno o filho do diabo. Não, o pessoal não abalava, o pessoal daqui não abalava, se não calha aí a meter o gado o pessoal não abalava. Continuavam eles a arranjar as casas a telhá-las e não abalavam, assim como ele tirou tudo... Ficaram sem obra. Então o trabalho é que nos governa, não é mais ninguém. A terra é que nos governa a nós, e nós para a terra nos governar temos que trabalhar nela. Isto foi muito antes dos fogos, quando andaram aqui uns fogos na serra, com medo que viesse o fogo, que chegasse aqui o fogo às casas, *algumas pessoas foram-se embora de cá*, para o Rosmaninho outros foram para Santo Estêvão. Isto já há uns pares de anos. Já há uns pares de anos já.

*Se fico triste por ver a terra a desaparecer?* Ah! Eu não, mas de que serve a gente estar triste, mas de que serve? A gente não tira nada por estar triste. Quem é que manda? Isto nem é Deus que manda é o inimigo. Aqueles cães. Aqueles cães do patrões. Então aquele

Marquês tinha alguma coisa que apanhar estes terrenos aqui? Não tinha nada que apanhar. Então isto era do Manco e ele é que apanhou isto ao Manco. *Isto já não foi no meu tempo* nem no tempo dos que cá estavam em vivos, a gente ouvia ao Zé, ao Zé é que ouvia contar. Eles contavam que naquele tempo era bom. O Manco era bom. Bom mas já não foi destes, já não foi destes que morreram agora aqui, já foi doutros passados. *Já não foi do tempo dos meus pais* nem dos meus avós. Quem é que se lembra disto ser arranjado? Ninguém se lembra. Nem os que cá estavam se lembravam.

*Os meus avós* já eram de cá também. Então não me lembra *dos meus avós*, lembro-me de eles serem velhos. O meu avô tinha aí uma fazenda em baixo, que é ainda agora da Maria do Anjos, tinha lá umas cerejeiras, trazia-as numa cesta ou num caldeiro cheio de cerejas, começava ali ao fundo do povo a dar, a dar, a dar, a dar quando chegava aqui a casa não trazia grande coisa. Era um perdulário. Um perdulário é uma pessoa boa. A minha avó igual, era a Galega, era gente das Galegas. *Moravam* ali naquela casa, na casa do Padre, havia cá a casa do padre e chamavam-lhe a Igreja, também era aí. *Isso já não era do meu tempo*, aí nem do tempo dos meus pais era, é do tempo dos meus avós ou dos avós. Porque isto já foi tudo esborralhado e feito. Não me lembra de nada, só me lembra de estarem assim as cabanas e estes coisos tudo empenado e além também só me lembra o portado do cemitério. Esse é que ainda me lembra de estar assim empinado, agora mais do outro resto não me lembra, só me...só ouvia dizer, ouvia dizer. Estava cá um cemitério, estava ali, ali a adiante, depois o pessoal abalou, o pessoal morreu, ó que não morresse, ó que o pessoal desatasse para algum lado. O cemitério desbeitou...quer dizer escangalhou-se, derrubaram-se as paredes, escangalharam tudo. Ali naquela casa que ali está, assim ali em frente, os portados eram de lá. Eu lembro-me de lá estar a porta assim como estas, aqui estas casas, estar assim o portão, mas depois começaram de lá a acarrear pedra, a acarrear pedra para aqui, pronto. *O meu avô* enquanto pôde trabalhou, quando não pôde...depois também lhe deu uma trombose, ficou sem fala, não dizia nada até que morreu. Eu já estava casada quando ele morreu e morreu ali na casa de minha mãe.

*De meus pais lembra-me* de serem uns pobrezinhos. Minha mãe era Maria Espiga, Maria Espiga não sei se...se ia ao Sapo se não. Meu pai era Francisco Macieira, também não sei se tinha mais algum sobrenome se não. Eu nunca vivi mal com minha mãe, nem com meu pai, nem com os meus irmãos. Nunca tivemos um azedo uns com os outros. Há pessoas que agora ralham, logo já estão bem, à outra vez tornam a ralhar, daqui a mais nada estão outra vez bem, ai!. É bom, é bonito mas é a gente viver bem umas com as outras. A família toda.

Agora viver mal, ai mãe do céu, vivíamos mal. A gente naquele tempo, naquele tempo jornais não havia, andávamos ali na casa Marquesa os jornais era só para algum amigo, quem só dissesse bem, mais os outros nada. Fome, fome no corpo. Íamos às leitugas, aos saramagos e arranjávamos...as leitugas arranjavam-se de salada, os saramagos conforme se arranjam aí as alfaces, arranjava a gente assim uma saladinha. Não havia mais nada. Azeite não havia, não se podia apanhar uma azeitona aí. Agora já, agora não há aí oliveiras mas se houvesse já se arranjava . Descalça como os cães. Ver aí o frio que fazia, mal enroupada, agora mal mas naquele tempo pior. Lembra-me de passar mal. Passar mal é que me lembra. Queria-o a gente comer e onde é que ele estava? Queria-o romper ou calçar onde é que ele estava? Onde é que estava o dinheiro para se comprar as coisas han?

Agora não, agora temos tudo quanto queremos. Em tempos não era como agora, em tempos vinham meses e meses e a água a cair e a gente ali em casa sem ganhar nada. Ali é que era uma tristeza, agora neste tempo...agora têm o que querem, são ricos. Basta dizer que só o abono, só o abono que se ganha dá para se governar. E naquele tempo nada, não tinham abonos nenhuns, era só algum jornal em que ganhavam pronto. *Governavam-se* mal. Governavam-se com fome. E agora não, agora é carne disto carne daquilo, é lambidela disto lambidela do outro, ora é o que querem, e de toda amaneira morrem à mesma. Ainda morrem mais. Dantes ninguém se ouvia dizer que ia a um médico, nem que iam a um barbeiro nem nada. A pobre vida bem pensada é um romance dos melhores que pode haver. Os romances é assim, é a gente a sofrer sabe Deus o quê. Queria para comer é como não o tinha, queria para vestir não o tinha, queria para calçar não tinha, os romances são estes.

Sempre nos demos bem, eu com minha mãe e com os meus irmãos. Nunca tivemos um despique uns com os outros. E há pessoas que andam sempre a ralhar, andam aí mal com os irmãos “Eu faço isto, eu faço aquilo” ah... A gente diz que nem do bem vem bem quanto mais do mal. O mal acarreta mal e o bem às vezes também acarreta mal. *Minha mãe era boa pessoa*, não andava aí a ralhar com ninguém, nem ela é esta, nem ela é aquela, nunca ralhou com ninguém. Mas havia aí perras... Estava além uma naquela casa, agora onde estão os perus, era raro o dia que não ralhava com pessoa, com outras vizinhas. Não há melhor coisa que a gente dar-se bem uns com os outros. Eu, está aqui a minha vizinha diga ela, é como a que é mãe com filha. Nem mãe com filhos se levava melhor do que nós levamos. Ela se tem uma coisa e eu não tiver daqui a bocado cá aparece com ela e há outras que não, preferem aventar com as coisas pó meio da rua, podres ou de qualquer das maneiras, e não o dão a ninguém. Num se diz que quem dá tece com Deus e quem não dá tece com o inimigo? Uma pessoa vale sempre mais dar do que não dar, mas algumas dizem “ Ah a gente ir a dar, a gente

ir a dar, nem um bem haja dão à gente”, então elas à mesma que lá estão no céu não querem lá esmolos? Então elas não pensam mais do que a isso.

É preciso a gente entregar-se ao Anjo da Guarda e à Senhora da Guia, que nos guarde de noite e de dia. *Não foi minha mãe que me ensinou estas coisas*, tiro-as da cabeça, a gente ouve-as tem que as aprender. Às vezes esquece-se mas outras vezes não se esquece. *A minha mãe ensinou-me* o Padre Nosso e a Ave Maria, o trabalho do campo a gente é que o aprendeu. A gente não tem olhos?, não tem olhos na cara? Aahhh.... Tem que se ter olhos na cara e ver o que os mais fazem, não é preciso estar com um pico a metê-lo na cabeça. A pessoa que tem um bocadinho de sentido, agora uma coisa, logo outra, aprende; e há pessoas que não, nem que esteja com um pico a picar-lhe na cabeça não é capaz de lá entrar nada. Há pessoas muito rúdias.

*Do meu pai* o que é que me lembra, coitado? Uma vez estive uns três meses à cama sem nunca se mexer. Com o mal, era mal que lhe faziam. São os encantos, encantam uma criatura, as pessoas encantam uma criatura. Punham-no aí negado de todo na cama. As bruxas. Aquela gente é para onde implique, para onde lhe dá a cabeça fazerem mal, fazem. *E depois*, era preciso fazer uns defumadouros e dizer umas rezas, conforme era o caso, e o bento. O bento era aí...era da Cabeça de Boi, sei lá para onde é que é a Cabeça de Boi. *Iam lá e ele é que lhes ensinava essas coisas*, foi lá meu avô, o pai de minha mãe é que lá foi. *Eu* ainda era pequena, ainda mal me lembra. Só ouvia dizer a minha mãe, que estive três meses na cama sem nunca de lá abalar e nem se levantar. Então mas nestes três meses nós...o que é que nós comíamos? Então éramos pequeninas, trabalhar não trabalhávamos, não tínhamos idade, ainda não tínhamos ideia para isso. Ainda éramos novatas, não podíamos, não tínhamos idade.

*Morreram já tarde meu pai e minha mãe*, meu pai tinha 84 anos, minha mãe parece que já não sei. Foi minha mãe *que morreu primeiro*, meu pai ainda durou parece que mais dois ou três anos, não morreu aqui, morreu além para Santo Estêvão, naquilo da minha irmã Amélia. *Minha mãe* foi aqui no Tojo, essa ainda sofreu bastante. Ainda não tinha sessenta anos quando eles morreram.

Aqui nesta *casa* que ali está esbarrondada nasci lá eu e mais três...mais quatro, nós éramos cinco: era a Amélia, era o José, era o Manel, era a Maria e era eu. A mais velha era a minha irmã Maria. Eu é que era abeirada à Maria, depois era o Manel, arrumado a mim, a Amélia e o José eram os mais novos. Eu mais minhas três irmãs dormíamos todas três juntas e meus irmãos iam para o palheiro. Minha mãe dormia no quarto. Aquela casa tinha assim a como é que era uma quarto, tinha lá assim uma parede de uma pedra mieira, como aqui estas

aqui, assim comprida e larga e nós metíamos umas sacas de...assim estas sacas do adubo, fazíamos uma enxerga e enchíamos-la de palha e dormíamos lá assim. *Meus irmãos iam dormir para o palheiro*, deitavam uma manta por baixo, ou um lençol, outra por cima. Dantes era uma lástima não era como agora. Agora em boas camas e nem assim. Eu, o meu enteado, cheguei a deitá-lo chegado a uma gropelha que a gente andava a acadejar o estrume e deitávamos-lhe assim a gropelha por baixo dele e depois deitávamos mantas por cima ou lenço. Uma gropelha dessas da gente deitar aí o esterco, põe-se de cima do aparelho do animal e bota-se para lá o esterco, abre-se e bota-se para lá o esterco.

*Quando éramos pequenos eu mais os meus irmãos brincávamos*, brincávamos para aí uns com os outros, parece que não tínhamos assim jogos nenhuns, era só assim brincadeira uns com os outros, pronto, uns saltavam, outros saltavam, de um lado para o outro, aos saltos, onde houvesse estrume. Por exemplo como está ali aquela pedra saltavam dalém...daquela para aquela. Bulhávamos uns com os outros. Andávamos à bulha uns com os outros.

Os outros é que abalaram, os rapazes foram para Santo Estêvão, a minha irmã Amélia, a mais nova, também foi para Santo Estêvão e a Maria foi ali para o Rosmaninho. Eu fiquei aqui, minha mãe começou a “ Ai porque com este vais mais bem, porque aqui já tem o seu arranjo, porque desta maneira, porque da outra”, não quis que eu de cá abalasse. Se não eu não estava aqui não. Fiquei aqui para quê? Para toda a gente saber que eu estou aqui? Então eu é que fui parva, eu é que era mais maluca, porque me deixei levar *pela minha mãe*. Às vezes pensam que fazem bem e fazem mal.

De vez em quando vinham cá, ou a gente ia lá, eles não estavam uns ao pé dos outros. O José morava aqui na Eugénia, a minha irmã Amélia casou além para Santo Estêvão mas o homem era bom, também teve pouca sorte, também ao tempo que está viúva e o Manel ficou lá no mesmo sítio onde está a Amélia. Esse já morreu. Já há uns seis anos. Esteve não sei quanto tempo no hospital, teve uma trombose, ficou sem fala, esquecido do corpo todo, esteve em Castelo Branco alguns quinze dias, daí levaram-no acho que para as Sarnadas, para um lar. E o Zé morreu cá.

*Passava os dias atrás do gado*. O meu avô tinha aí umas vacas quem as guardava era eu. *Tinha* aí uns quinze anos. Não tinha mais. Quando não tinha a gente aí uns treze ou quatorze anos não trabalhava. Trabalhávamos para o Marquês e íamos para os caseiros, eram pessoas que tinham assim terrenos para cultivar, semeavam as sementes, semeavam milho ou feijão e a gente ia para lá. *Antes disso* brincava, brincávamos umas com as outras. Lembrome de andar aí pelo meio dos matos aos carrondos. Nessas estevas que nascem criam-se lá os carrondos. Ou dos sargaços. Nascem assim no coiso das estevas, na raiz das estevas e depois

tiram-lhe as florzinhas e têm umas tetas e aquilo ordenha-se. Então nós íamos aos carrondos, levávamos uma cestinha, levávamos uma cestinha e um caldeirinho, trazíamo-lo cheio e sentávamo-nos ali à soalheira a ordenhá-los. A gente ordenhava-as para uma pedra, uma pedra qualquer, ou numa telha, ou numa cortiça e fazia paparrada e fazia queijos. Botávamos-lhe um bocadinho de sal e batia aquilo num batido e atirava para dentro daquele acincho, fazia assim o acincho como a gente costuma fazer para os queijos, depois quando estava assim meio torrada é que a gente comia. Arranjávamos acinchos da boróita. *A boróita* são as coisas que nascem e têm a folha assim larga. Havia por aí muito, agora não se vêem. Vós estandes muitos anos nas cidades mas não sabendes...é como a que não sabendes nada. Alguma coisa de letras, alguma coisa de letras é que sabendes, o mais... Há aí tantas ervas que vós não sabendes o que são.

As amigas coitadas eram como a mim, ainda pior do que eu que eram muitos. Numa tinha umas seis raparigas, logo aqui pegado à vizinha tinha seis raparigas, noutra abaixo tinha treze filhos, eram quatro raparigas e o outro resto eram rapazes...ainda aqui havia muita gente, naquela casa além criaram-se lá catorze pessoas, os outros: cinco, cinco, seis, cinco, seis. Se os pais podiam trabalhar, a ganhar o jornal, iam ganhá-lo para a gente comprar pão, pão e outras coisas quaisquer, mas dantes não havia tanto conforme há agora.

Ele andávamos no trabalho, quando havia que fazer íamos para o trabalho, quando não havia tínhamos que fazer alguma coisa. Eu mais minha irmã Maria é que mais ajudávamos, a arrancar juncal com uma picareta, *por exemplo*. Parece que tínhamos umas cabras, eram de meias, depois ainda arranjàmos uma parelha de novilhas, também de meias. Mas naquele tempo não havia assim comidas como há agora, como as que estão ainda nunca. Dávamos-lhes ervas, íamos ao junco, íamos aos saramagos dávamos-lhes assim. Mas agora não, então agora ceifa-se aí um molho de erva onde querem.

Ai brincar!, ai brincar... a gente tinha alguma vontade de brincar? Ele naquele tempo, a gente descalça como os animais como é que podia andar? E íamos à serra, descalças, à lenha. Óóóó o que a gente passou. Bem, bem, bem nunca se a gente viu, isso é verdade, porque os jornais eram marados. Então quando íamos assim para mais longe, como daqui ao Montinho, que era ali para os lado de cima da Senhora da Graça, a ganhar 25 tostões, então aquilo era dinheiro? Então aquilo é que era dinheiro ou agora é que é dinheiro?

Era para casa, nós ganhávamos para casa. O meu irmão Manel foi justo para o Ti Manuel Maria, para a o senhorio. Chegou a ir para a Terla justo, *de ganhão*. Antes, este Marquês e assim, metiam pessoal de ganhões. Não tinham tractores, tinham só as juntas e metiam assim o pessoal. Eu *andava também* a sachar trigo, no tempo que todos sachavam

trigo, íamos sempre sachar trigo, depois no tempo da corta do milho, da maçaroca, cortar o milho e descamisar maçarocas. Íamos trabalhar para os outros e *depois* pagavam o jornal. Tínhamos semanas de irmos ali para o Burrinho estávamos lá toda a semana a descamisar, juntava-se lá monte e montes de gente, mas o pessoal também era muito. Quando íamos daqui muitas íamos de carava, quando íamos uns três ou quatro íamos de carava e se fosse sozinha ia sozinha. Íamos e vínhamos. Quando era longe, quando era para a Gadanha ou aí para baixo para a Senhora da Graça é que a gente não vinha cá dormir, agora aqui perto vínhamos cá dormir. *Depois de casar* às vezes ainda ia, quando aparecia ainda ia, *mas* já era menos, não tinha vida disso, se tivesse vida disso ia sempre. Diziam que eu arranjasse a vida, outra vida cá em casa, olhar do vivo, fazer alguma coisa, era preciso acadajar lenha para a caçarola.

Havia *ai muitas raparigas da minha idade*. Eu nunca me dei mal com nenhuma. Só íamos às outras terras quando era nos domingos, ali para o salvador é que mais íamos. Quando era à Senhora da Azenha é que íamos, à Senhora da Azenha e aqui a esta do Rosmaninho quando era o fogo, à noite. À *Senhora da Azenha* íamos a pé e vínhamos, sabe Deus o que ele custava. À noite, quando era à tardinha abalávamos daqui, ao fim do fogo vínhamos embora. Bailávamos lá, eu não sei se era a “Aldeia”, parece que era a música da “Aldeia” e no altifalante. Agora há muitos anos que já lá não vou.

*Quando me casei tinha 24 anos. O meu marido era aqui também do Tojo*, era filho de uma mulher que morava ali ao fundo, Maria Teresa. Ainda era meu primo porque os nossos avós eram irmãos. O daquela casa também era irmão, e o outro que está aqui, ali da parte de cima do combro, também era irmão. Era o Sapo, porque ele acabasse em Sapo, o meu avô era o Manel Sapo e o meu sogro era António. Eram quatro irmãos e três irmãs, tês raparigas. Duas foram para a serralheira e outra foi para Vale Fresco.

*Por ser meu primo* até pagámos letra. Dantes pagava-se letra dos primos. Nós demos trinta escudos, não era assim muito, mas naquele tempo ainda era caro. Pagávamos ao padre. Então é preciso um primo e uma prima pagar letra? Para eles ganharem, eles é só para ganharem, não é para mais nada.

*Ai já tinha tido tantos pretendentes*. Melhores do que a este. Fiquei com este por causa de minha mãe. Minha mãe, para eu ficar aqui é que ela emburrou o pé à parede “Porque este é melhor, porque este assim, porque este assado”, pronto. Queria-me à roda dela, para eu estar ao olhar dela. Eram do Rosmaninho, um era da aldeia, outro de Vale Fresco e dali eram dois...três, dali eram três. O que eu escolhia ainda está vivo, e ele muito que me disse “Não namores com mai ninguém que quem casa contigo sou eu, não quero mais mulher nenhuma”. Mas depois minha mãe começou-me a rolar, como eu lhe disse que...se não lhe tenho dito

nada ela nada, eu disse-lhe que fazia o caso, disse-me que não “ Olha filha este aqui é que tem a casinha, é que tem além a hortinha, é que tem onde te meteres, e o outro não tem nada”. Tive que ir à boa, à boa, à boa, pronto. Mas se fosse hoje não me levavam. Arrependi-me bastante, porque a família dele era ruim, ainda hoje eles são maus, falavam para uns e para outros mal de mim. Era com a inveja que tinham. E mesmo meu pai disse a minha mãe “Já está à tua vontade, olha que ela os não quer, e eu também não quero, mas tu queres, já está à tua vontade”. Via que eu não dava pé à peia, não queria.

Ele já era viúvo. *A antiga mulher dele* era daqui *da terra*. A mulher dele o pai chamava-se Paulo Gaspar. Ainda aqui havia muita gente, *ela era* Maria José Gaspar. Também morreu atravessada coitadinha. Aquela trazia o espírito do pai, que o pai era muito velhaco. O pai era desses que andava a acusar uns e os outros. Acusava uns e outros que andavam a passar vacas de Espanha para cá, mas um dia foi a Vale Fresco, a cavalo num burrinho, deram-lhe lá um malha, mas se uma malha. Eles deixaram bater, deixaram bater, deixaram bater até dizerem assim “ Deixa-o que já está pronto”. Veio de lá, veio para o hospital, lá morreu. Então as pessoas são parvas, não pensam que fazer mal que é uma coisa mal feita? Pois se ele nem do bem vem quanto mais do mal. A gente há-de fazer mal pior ainda.

Depois o espírito entrou para a filha, a filha andava aí corria até cair, até subia para cima dos telhados, mas não partia telha nenhuma, aquilo era das más artes, não partia telha nenhuma. Ia aí para baixo para a Serralheira, na mesma, ia além para a serra, igual, andava lá assim. Uma pessoa que a encontrasse com uma vasilha à cabeça com uma coisa qualquer, com água ou com uma coisa qualquer, marcava-o logo. Depois foram metê-la lá a Lisboa. Mandaram lá...mandou ele lá um cunhado que estava além na vila. O meu marido ou foi a mãe dela. Lá disse ao filho que a fosse meter Lisboa. Mas não lhe disseram que “ Deixa-la aqui, deixa-la aqui sozinha, não te importes, vai-te embora e deixa-a, anda que a polícia logo dá nela.” Lá a deixaram assim ao Deus-dará. Morreu lá em Lisboa e ninguém foi ver dela, nem ao funeral dela nem nada foram. Naquele tempo não teve ninguém. Se tivesse alguém recolhiam-na e aquilo pagavam as promessas e a mulher botava-se boa, e assim não, que ela há muito que se lhe diga. Houve uma criatura que lá fez os impossíveis a ver se aquilo saía, mas as promessas também eram muitas, era para ouvir missas e não sei quê mais...que era para ouvir seis missas e o homem dizia assim: “ Não há-de ouvir seis, há-de ouvir sete, há-de ouvir uma por cima ainda”. Aquela mulher se ela tem sabido mais cedo livrava-a e ela ainda era viva, assim nada. Nunca teve ninguém, o homem também era um grande cão, e depois eu...e depois eu é que ainda me meti nelas. Minha mãe já sabia o que ele era e ainda me puxou para ele, homem! Para ficar aqui à roda dela. Se não eu não estava aqui, era o estar.

Estava fora desta piolheira. No Rosmaninho, ou ia para a Aldeia, ou ia para Vale Fresco, não estava aqui. Minha mãe é que foi a causante “ Ai por que este é melhor, porque ele é que tem a casinha, é que tem além um bocadinho e os mais não têm nada” , desta maneira, da outra, pronto. As mães são parvas. A mães são parvas são homem! Às vezes puxam a gente para o mal, não é para o bem. Meu pai não queria, meu pai dizia assim: “ Hoje está à tua vontade, não está à minha, está à tua vontade”.

*Namorámos* não sei se um se dois anos. Não é preciso a gente namorar e casar logo, isso não é bom. É preciso a gente pensar primeiro a vida. *Namorámo-nos* como estamos agora a fazer um para o outro, *assim a conversar, na casa dos meus pais*, quando era à noite ao serão. Não era como agora, agora abalam os dois aí para os infernos, sozinhos, nos carros, fazem o que querem, tornam a fazer. Naqueles tempos não era assim oi.... Ir à casa dele só quando me casei, mais nada. Agora não, agora mal um lhe diga anda para cá, vai logo à carreira, elas são umas cadelas homem. Naquele tempo não era assim. Nem os pais deixavam nem as mães. Uma rapariga a um baile não ia sem ir a mãe a guardá-la. Agora não, vão para onde quer que elas querem e pronto.

Naquele tempo determinávamos o casamento com os pais dela. Para saberem sim ou não, se era da vontade uns dos outros. Agora não, agora os casados é que arranjam os casamentos. O meu *filho*, o Francisco também lá fui eu mais o meu homem, a tecer o casamento. Fomos ali a Alvalade, à noite. Não foram eles que trataram fomos nós. Se eu soubesse não tinha lá ido, como ela é muito boa... Quando foi do meu casamento o meu sogro já não veio, já não era vivo, o meu é que tratou com os meus pais, com meu pai e com minha mãe, o meu marido. *A missa foi* em Santo Estêvão. Aqui na Serra, aqui por aí fora, era tudo a Santo Estêvão. *Depois* fizeram cá o comer em casa. Eram só os de casa, os mais chegados, só assim a família é que era e irmãos e primos. Agora é que levam assim uma malta grande que é para ser muito dinheiro. Ora no tempo da gente que não davam nada aí... e as fogaças ainda era tudo para os pais e para as mães. Miséria! Miséria! Fome! Descalços como os cães. É verdade a gente andava quase sempre descalço, roto e esfarrapado, agora quase que é igual. Dantes não havia nada homem, era uma miséria, uma miséria desgraçada. Nossos pais não tinham, nossos avós não tinham, pronto.

Nunca ralhámos um com o outro, *eu e o meu marido*. Agora as pessoas ralham porque querem. Se um está a falar e outro se cala nunca se ralha, agora se um fala e outro fala pior ainda... Há pessoas que os homens que lhes batem, volta e meia andam-lhe a bater. Eu nunca apanhava porrada, de meu pai é que as apanhava e de minha mãe, agora por causa do meu não. Há criaturas que apanham porque querem, palram, palram, pronto apanham porrada.

Quem cala vence! Toda a vida assim foi, quem cala vence. É mais que a verdade ainda. Quanto mais uma pessoa fala mais erra. A minha *mãe* nunca apanhou porrada do meu pai. Porquê?, não falava. Se um falava o outro calava-se. E nunca apanham. Agora se está um falar e outro ainda a falar por cima dele pior ainda. Então agora uma criatura, o homem porque se toca da pinga, toca de picar nele, toca de picar nele, toca de picar nele até que apanha. E se cala?, não apanha porrada, não apanha nada. Às vezes, dantes, dantes era assim, até apanhavam com as sapanas, aqui os braços todos farruscos, a cara cheia de nódoas, ai mãe do céu! Aquilo é que parecia bem... A mulher que está casada, tem o homem, o filho e vive em medo por causa da pinga, deixa-o. Deita-se numa cama, ou deita-se num sítio qualquer, deixa-se estar até passar. Ai *o meu* às vezes também se tocava, mas eu não me importava, eu não me ralava nada. Mas há mulheres assim rançam-nos, rançam-nos, rançam-nos, rançam-nos, rançam-nos e estão sempre naquele rançamento, depois comem. Mas há pessoas, há homens, tocam-se da pinga ninguém os ouve nem fazem desacatos nenhuns, deitam-se, ou que...ou que vão para a cama, ou que se deitem num sítio qualquer, é como que estão mortos e há outros que não, ainda ralham com elas.

Tive dois *filhos*, mas um está no céu, está no céu se estiver. Tiraram-mo morto. Eu nem sabia sequer bem se tinha morrido nem se não. E este aqui também é como que mo tiraram morto, que o médico que aí me veio tirar o meu veio aqui também tirar um a uma vizinha que ali estava e ela disse assim para o médico: “ Ó senhor Doutor então o menino ainda está vivo?”, “ O menino está vivo, olhe ali o da sua vizinha é que estava morto, nasceu morto”. Mas depois não sei, parece que ele estava magoado dos ferros e estava lá uma vizinha e estavam sentados ao lume, o médico e elas, estava lá também uma tia minha e estava uma vizinha, e ela disse assim: “ Ó senhor doutor o menino fez ah ah, ó senhor doutor o menino está vivo”. Deitaram-no ali por cima de uma arca, lavaram-no, deitaram-no de cima de uma arca, de cima de uma toalha, “ Olhe que o menino está vivo”, deite-o à água disse-lhe o médico, deite-o à água e diga lás as palavras. Até hoje. Mas o que ele sofreu, ele e eu. Ooo...isto é uma desgraça, o meu filho chorou tanto tanto tanto, eu sei lá...berrava de noite e de dia, de noite e de dia, de noite e de dia aiii Jesus... . Dizia o pai do tal rapaz que eu lhe estive a contar, do rapaz que nasceu na mesma altura, “ Quando aquele garoto não quebrou, não há alma nenhuma que quebre”.

Quem ande bem de saúde fica a gente contente, mas e se não têm saúde como é que é a vida triste? E às vezes saem taramoucos de todo. Há pessoas que é assim, não vão buscar a bênção, não vão buscar a bênção e depois os filhos nascem assim. E é verdade, Ali uma da Serralheira teve três filhos, dos dois primeiros não foram buscar a bênção, depois teve uma

rapariga já lhe foram buscar a bênção. A rapariga essa já a teve bem e tinha saúde. Quando a gente se casa o padre é que nos dá a bênção, eles já se tinham casado mas não levaram a bênção. Não levavam naquele domingo iam lá buscar ao outro. Eu também assim fiz, casei-me além em Santo Estêvão e vim ali a buscá-la ao Rosmaninho. A quem acontece mal é a quem não tem um bocadinho de sentido. Depois ela: “Não nascem bem”, ah nascem assim, nascem assado, mas não dizem assim, somos nós os causadores. Uma coisa que não custa nada. Não querem crer que há bruxas, não querem crer que há bruxas mas elas há-as. Há muitos que são assim taramoucos porquê? Porque os pais mais as mães é que são os causadores. Nem ouvem uma missa nem ouvem nada, nem sabem um Pai Nosso, nem sabem uma Ave Maria, não sei como é que é esta gente. Eu sei-as todas, eu não me esquece. Ah se me esquecer meu amigo, se Deus não me der memória para as dizer já as não digo. Deus é que nos dá os sentidos. Deus é que nos dá os sentidos e é que nos os tira. Então eu agora vou ao Rosmaninho, que mais dá estar lá mais uma hora ou menos uma hora a ouvir a missa? Custa alguma coisa? Agora chegar lá e voltar logo, então o que é que uma pessoa foi lá a fazer? Aqui esta minha vizinha vai lá mas diz que também as não ouve, anda que ela lá achará o erro ainda, deixa lá que ela achará o erro. A gente agora não encontra o erro, deixa lá que morra se queres ver onde é que anda a alma por aí. Uma pessoa antes de falecer que é preciso ouvir missas e é preciso dar esmolas por aquela alma. Então se não der esmolas nenhuma o que é que a alma há-de fazer?

O primeiro foi ao fim de dois anos *de me casar*, e quando foi que deu este aqui o outro já teria sete anos. O mais velho já mo tiraram morto, morreu sexta-feira à noite e foi tirado sábado depois do meio dia. Tinha vontade, muita vontade de ter esse filho. Eu não sentia nada, é como a que estava morta, estava toda inchada, toda inchada; então o médico nunca me julgou viva, sempre pensou que morresse. Estive sete semanas na cama sem nunca me mexer para lado nenhum. Do outro, agora do mais novo, estive lá um mês. Nunca ninguém me julgou viva, nem o médico. Aquelas é que são elas, aquelas é que são elas. Aquela que tinha bom aviamento tinha-os sem custo nenhum, as que não tinham aviamento tinham que ir ver do médico, a Santo Estêvão onde o havia. . Agora vão para o hospital, apenas apanham a criança começam logo a tratar, mas naquele tempo nada. É por isso que elas não sofrem nada, já estão tratadas, o médico anda sempre de roda delas. Têm uma dorzinha qualquer correm ao médico, tornam a ter outra dor correm ao médico e a gente não. Eu já há mais de quatro ou cinco anos que não vou ao médico. Aguento as dores, aguenta as dores e pronto.

O primeiro veio cá um que se chamava Senhor Doutor Chora. Este aqui também, também lá foram, este já foi o senhor doutor Perdigoto, também era muito bom o Senhor

Perdigoto, também era muito bom. Esse é que me disse que eu não podia ter filhos, “ Olhe você acautele-se que você não pode ter filhos, você evite-se o melhor possível”. Só estava uma em Santo Estêvão que também é assim quase igual a mim, mas que ainda não era tanto. Mas o que eu tenho sofrido ai Jesus, ai Jesus, nem quero que me lembre. Nessa altura e mesmo agora, mesmo agora ainda ando a sofrer. Porque eles cortaram-me e eu não soldei, só ficou assim um pouco de um quase nadinha para mo cortar de todo. E eu disse-o, disse-o ao médico quando fomos à junta médica, para a reforma. Estavam lá uns médicos e disseram assim quando eu contei isto, “ Ó senhor Doutor então é verdade o que esta senhora está a dizer?” , “ É verdade, vocês é que não viram, só eu é que posso dizer como ela ficou”. Eu não podia estar sentada, tinha que estar só assim de nalga, de nalga, de nalga, de nalga, eu não me podia sentar e tinha horas que nem podia andar...óóó...o que a gente sofria, nem quero que me lembre sequer.

*Depois do primeiro estive aquele tempo sem ter outro* porque não calhou, porque não calhou. A gente evitava-se, evitava-se, evitava-se mas o outro médico não me disse nada. Eu se não fosse assim não tinha só este. Que mais dá, são coisas que têm que ser, há pessoas que os têm bem e não os querem e aquelas que os têm mal querem-nos e não pode ser. Há pessoas que não sofrem nada, nada, nada, nada, dizem elas que é o mesmo que estar a urinar, mas há outras...porra! Contou-me o Doutor Perdigoto que só havia uma em Santo Estêvão que era como a mim e ainda não era tão apertada. Então os ossos é que dão, se ossos dão tudo vai bem, se não dão pronto. Mas o que é que se há-de fazer?, paciência. Uma mulher ter só um filho é como não ter nenhum, morre aquele pronto, e se tem dois... Então eu agora se morrer aquele já não tenho nenhum. Quem tem dois tem um, quem tem só um não tem nenhum. Agora se a minha nora fosse boa para mim eu estava bem, estava ali ao pé dele estava bem, e assim... Se eu fosse passarinho via-o todos os dias, sabia o viver dele, sabia a vida toda dele e assim não sei nada.

Tão pouco me casei pouco jornal ganhei, andava ele a ganhar que ganhasse, eu não podia deixar a vida. Naquele tempo tinha a gente um porquito, tinha galinhas, tinha um burrinho, tinha as cabrinhas, não podia...não se podia deixar tudo ao desamparo. Não andava a comprar sacas de farinha conforme compram agora. A gente tirava um animal só com o que tirava de um taleigo. O que tirava de um taleigo sustinha o animal oito dias e quinze dias. Agora é sacas de rolão, sacas de farinha, há muito dinheiro. Tenho saudades *desse tempo* tenho, mas eu não os posso ter. Saudades tenho eu e muitas, eu gosto muito de andar com o vivo. Há pessoas que não gostam dum gatinho, não gostam de um cãozinho, não gostam de nada. Aquela que ali tem a horta, ai mulher de um filho do diabo, nem um cão, nem um gato,

nem nada. Nem os pode ver sequer na rua. Eu gosto, eu toda a vida gostei de um cãozinho e de um gatinho. Tínhamos um bocadinho arrendado ao Marquês e íamos para aí fazer uma horta. A gente dava-lhe semente e era anual, chamávamos-lhe nós que era a anual. Dava-lhe a gente assim ou taramões ou meio farelo conforme era o terreno. *Semeávamos* aquilo que quiséssemos, batata, feijão, milho, couves. O meu marido andava para lá a trabalhar, a ganhá-lo para se comer, *na jorna*. *Eu é que tratava da horta*, que remédio tinha eu.

Não tinha aqui o bocadinho, era além para o pé da Fonte Sobreiro, do lado de cá um quase nada, é que tinha que ir a tratar da vida. *Levava comigo o filho*, ao colo, era pequenino, levava-o, ainda era de envoltas. *Usava* assim umas envoltas e umas baetas, a gente comprava um bocado de flanela...*não eram fraldas, eram* das outras que se põem por cima. Isso chamávamos-lhes nós os cueiros e agora chamam-lhe fraldas. O meu marido andava o dia todo por fora a trabalhar e às vezes andava para longe, para o Sobral do Campo, eu sei lá onde é que era. Naquele tempo havia poucos jornais, só longe, só longe é que lhe davam.

Então o meu filho ajudou-me alguma coisa? Então ele ainda não tinha dezassete anos...quer dizer aos cator..treze ou catorze anos foi mais eu ali para o algodão, para Espanha, andámos lá parece que uns quinze dias, mais depois daí foi para Lisboa pronto. Em Lisboa só ganhava para ele, ainda não tinha dezassete anos como é dado. Bom, ainda por aí andou a trabalhar mais o pai ainda, calhou com o pai a trabalhar, com a enxada nas mãos, ai camarada...o corpo é que sabe. Dantes cavavam vinhas, metiam assim o pessoal a cavar vinhas, ele ia para lá que remédio tinha ele. Eu ficava cá a aviar a vida. Quando de cá abalou já sabia fazer tudo.

*Foi à escola até à quarta classe*. Ia ali à serra, havia ali uma professora e ia ali à serra, à Fonte Sobreiro. Estava lá uma escola, uma casa assim própria para escola. A professora era ali de Vila Flor mas casou com um aqui da Fonte Sobreiro, casaram-na à força! O pai do marido meteu-se com ela e arranjou-lhe um filho, foram-no deixar ali para Santo Estêvão, lá numa terra à porta de uma criatura. O pai dele é que lá foi, foi lá ele mais a mulher, a deixá-lo. Depois o pai dele obrigou-o a casar com ela. Então casasse ele com ela, então ele é que a desonrou. Aiii ele também é um pachacho que ali anda que não vale nada. Mas ela tem assim pouco para ordoar também, é assim feia como a mim. Não tem dóaria, não sei. Dóaria é a gente não ter cor nenhuma, nenhuma, sermos umas desconsoladas.

*O meu filho ia lá à escola*, mas ela era velhaca, batia-lhe pela cabeça. O meu apareceu-me aí com uns polmões na cabeça e disse assim: “Ó Mãe já nunca mais torna a ir à escola”, “Então porquê filho?”, “Porque a professora bate-me lá, bate-me lá na cabeça, você apalpe-me aqui se quer ver se tenho cá os polmões ou não tenho”. Pois então era coisa que se batesse

pela cabeça a uma criança? Fui lá ter com ela, “Então minha senhora o que é cá faz ao meu filho?”, “ Ai não lhe faço nada.”, “ Não lhe faz nada e aparece lá com polmões na cabeça? Alguma coisa lhe faz. Olhe que eu dou parte de si. Se ele tomar outra daquelas dou parte de si.”, “Ai mande-o cá, mande-o cá, mande-o cá.” E ele já não queria ir. Ele passava por todos por não ser bom, mas sabia, ela batia-lhe pronto, ele já não queria lá ir. Depois lá foi, daí por algum tempo, não sei se ela dali abalou logo por causa disso se não, foi para lá uma de ali de Santo Estêvão, uma Candolas, aquela era boa, foi com aquela que fez o exame da quarta, não foi com esta, foi com aquela. Depois parece que já não sei, ou já não o quisemos mandar para lado nenhum ou não sei. Com o exame da quarta lá se tirou. Os demais ainda foram ali para Vila Flor, também ainda à escola, foram para o Rosmaninho e do Rosmaninho para Vila Flor, de toda a maneira não arranjam melhores empregos do que ele agarrou.

Pouco *tempo cá ficou depois do exame da quarta*. Ainda fomos para a Espanha, fomos para lá ao algodão, tinha ele catorze anos ou treze. Ele lá alombava com as sacas de algodão às costas, dessas grandes, cheias, até aos paióis, até às casas. Eu gostava de lá andar no algodão, mas depois choveu lá e viemos embora. Já para lá não tornei a voltar. *Ganhámos* como eles quiseram, os patrões é que mandam, se querem pagar bem pagam, se não querem pagam mal .

Tinha 17 anos quando para lá foi, *para Lisboa*. Nós não queríamos que ele fosse mas o tal rapaz é que nos disse “ Ó Ti João” , o meu homem era João, “ Ó Ti João deixe-o vir, deixe-o ir para ao pé de mim que vai entregue, ao pé de mim está bem, vai para a minha casa, eu faço tudo o que posso, eu meto-o lá nos correios que está lá bem”, mas estava lá um primo dele, que é aqui daquela mulher que está ali em baixo, ruim como a puta que a pariu, ensinou-o às avessas. Pela vez de ensinar para além, ensinava para ali. Por causa dele partiu lá um braço e fez um furo na barriga. Por causa de um cão, ele andava de mota...andava de bicicleta *a distribuir as cartas*. E aquele cão na vez de o ensinar bem, que era primo, ensinou-o mal. Aquele puta que o pariu é outro tal como a mãe. Ainda outro dia aquela vizinha que eu ali tenho em baixo, ela não se pode mexer coitadinha, ela só na cadeira vai assim prrrec prrrec prrrec, na cadeira, prrec prrec, que ela não se pode empinar, só assim, só assim é que anda. Chegou lá à porta dela aquilo encomendou-a ali. Ela disse “ Já me agarras presa se não me agarrasses presa hoje já ficavas aqui estendida”, então ali à porta dela, matava-a ali puxava-a para casa, ela comia ali uma tralhada mas era uma tralhada. É muito ruim, muito ruim aquela criatura. Só tem ali um irmãozinho, anda mal com ele que aquilo eu sei lá, capaz de se matarem um ao outro. E tanto como ele fez por ela. Morreu-lhe o homem, ele é que tinha de lavrar, ele é que tinha de semear, ele é que tinha que fazer tudo e agora leva assim aquela paga

homem. Esta gaja é muito ruim e ele também era ruim o homem, já há uns poucos de anos *que faleceu*. Ela foi ao Rosmaninho ao banco a buscar o dinheiro e ele ficou cá em casa. Depois ela veio entregou-lhe o dinheiro e ele esteve a conferir o dinheiro todo, o que ela trouxe, e disse para ela “ Olha anda que eu vou ali para o palheiro a traçar uma pouca de palha”, que ela tinha ali uma vaca, “vou para ali traçar uma pouca de palha”. Chegou além e o malho foi para um lado e ele foi para o outro. É por isso que a gente não pode dizer mal nem pode andar mal com ninguém.

O meu lá foi coitado, lá comprou um bocadinho, fez uma casinha, aos empurrões, aos empurrões, depois de pedir dinheiro emprestado que ele também não o tinha. Só a começou com dez contos, quanto é que ele não poupou? Sabe Deus o que ele sofreu para arranjar aquela casinha, não há lá nenhum que tenha um quintal como aquele . Ele também foi o primeiro que se para lá foi. Já me disse: “ Ó mãe ajudei aqui os vizinhos todos, não houve cá nenhum que eu não ajudasse e ninguém me ajudou por que ainda cá não havia nada.”

Eu não fiquei triste *quando ele se foi embora*. Eu o que eu queria é que ele ganhasse, é que tivesse uma boa vida, onde eu fiquei aqui. Se ele não fosse para o pé de boa gente eu custava-me muito mais. Mas ele foi para o pé de boa gente, primos e tudo, e ele estimava-o lá como se fosse filho. Era ele primo e a mulher prima.

*Quando ele vivia ainda aqui no Tojo*, estava aí tudo cheio ainda, olá, ele podia ter casado aí com uma rapariga, puxaram-no para além, pronto, para Santo Estêvão. Ele já estava em Lisboa quando o para lá puxaram. Foi um filho de um Paulo que aí estava, Paulo Gaspar, ele casou com um filha ali do Ti Zé Rato. Olha que não foi casar com aquela, já sabia como ela era, puxou para lá o meu. *Eu preferia que ele tivesse casado aqui com uma moça do Tojo*, estava ele melhor e estava eu melhor, e elas queriam-no, mas puxaram-no para além, puxaram-no para além para lá foi. E depois o meu homem também era assim, a modos que o que queria era a riqueza, pensava ele que tinha lá muita riqueza. E ele logo lhe disseram “ Ó João olha que o Zé Belo com o que tem come um almoço, se o for a vender come um almoço”. Tinha lá umas fazendazitas, mas ele também as comprou, que ele também não herdou, também as comprou. “Olha que ele o que tem come um almoço, se o for a vender come um almoço, não vás à espera que eles o dêem”. Mas o meu João tudo estava na fortuna em casar com aquela. Eu só a vi quando cá veio trazer os tremoços. Dantes davam tremoços, *em se combinando o casamento*, davam tremoços, eles davam vinho e elas davam tremoços e andavam a dá-los pelas portas.

Eu se soubesse o que sei hoje quando ele diz assim: “Ó mãe veja lá o que eu vou fazer, você já é mulher do mundo sabe mais do que eu”, eu soubera o que ela era não punha lá um

pé. Mas eu não sabia, ele não sabia e eu também não. Se a gente está onde ouve contar as coisas a gente sabe as coisas, a gente está onde não ouve contar nada, pronto. Porque se ela fosse uma mulher de honra e de vergonha eu não estava aqui, eu estava lá ao pé deles e assim estou aqui...estou aqui numa cabana.

O meu marido morreu há dezassete anos, é agora dezoito, foi agora neste mês, não sei se foi no dia 28 se não. Não sei se ele já tinha oitenta e quatro anos se não. Só estive aí quinze dias de cama. Tinha duas hérnias muito grandes, assim uma de cada lado, mesmo assim rentes à barriga. Quando ele viu que aquilo tinha operação não quis “ Ah agora pagar tanto dinheiro para eu fazer a operação”, “ Então agora não pagas nada”, andava ali num corte mandava as despesas ao patrão, “ Ah..não vou, não vou”, depois já não se podia mexer, depois é que queria então fazer a operação. Morreu cá em casa. Nem veio cá médico nem nada. Há uma pessoa mal estejam doentes correm logo com ele para o hospital, às vezes ainda vão meio caminho ficam-se logo, então que vão lá a fazer? Ele não lhe dão vida.

Não custou nada, não me custou cá nada, trabalho até demais tinha eu. Tinha aí duas cabrinhas, nem era pelo olhar dele, nem era pelo olhar das cabrinhas, nem era para nada. E assim morreu acabou tudo. Então e se estou sozinha?, estou sozinha estou bem. Só tenho medo é ao mal. Ao mal é que tenho medo. Ao mal é que tenho medo. Estar aí a sofrer e o mais o resto não importa. Há pessoas que têm medo “ Ai se fosse eu num estava lá, ai se fosse eu assim, ai se fosse eu...”, então para onde é que uma pessoa há-de ir? Aqui está mal para outro lado está mal. Ainda fui nove meses para Lisboa, eles é que disseram “ Ó Mãe você aqui está mal, aqui está mal porque lança-se aqui um fogo morre aqui sentadinha”, e ela na mesma, e então agora já se não rala de cá vir, já não se importa que haja fogo? “Eu vou lá buscá-la e tenho-a aqui, e com o abono dela não é preciso a gente estar-lhe lá a pôr as coisas. Ela ainda ganha bem para ela, então deixemo-la estar até que o Nosso Senhor a leve”. Mas não.

*Quando fui para Lisboa deixei de ter animais.* Naquele tempo já só tinha duas cabritas, abalei para lá venderam-mas e meteram o dinheiro ao bolso. Se eu não calho a abalar eles não levavam nada mas assim...eles é que foram os causantes. Disseram que chegava aqui um fogo, depois que ficava cá, que ardia cá e dessa maneira...então e agora não se importam? Agora jamais se importaram. *Queriam-me convencer a ir para Lisboa.* Ela disse cá para as vizinhas que ela tinha que me levar, que eu não queria ir mas tinha que me levar, morta ou viva tinha que ir. *Não sei porquê,* ela é que sabe, para lá apanhar os corninhos que lá apanhei, anda que agora já me para lá não puxa não, óóó.....

*Foram* o meu enteado e o filho *que venderam as cabrinhas e meteram o dinheiro ao bolso*. O meu homem já tinha aquele rapaz da outra, da tal mulher que eu disse que morreu desgraçada. Aquele rapaz também trabalhava com o pai, *só que o que recebia era* tudo para ele, nunca me disse “Para ti, toma lá” sequer uns cinco tostões. *Vive no Rosmaninho*. E agora nem para mim fala homem. Não sei, não sei *porquê*. Nem se encontra comigo e nem nada, não sei. Eu vou lá nunca o vejo, está lá pa...ele mora lá para riba, para o pé de onde chamam a Senhora de Fátima. Enquanto estive solteiro morava *aqui em casa*. Depois casou-se foi morar ali para baixo, depois ainda foi justo aí para baixo para os Toulões, depois é que foram além para cima. O compadre dele, o Vidal, também já lá está na terra da verdade, é que o puxou para os Coitos e agora por fim ele já lá não queria andar, “Ai ó compadre mais vale ir-me indo para casa”, “Ó compadre deixe-se estar, ainda tens os filhos solteiros, deixa-te estar até os casares, que vais agora fazer para o Rosmaninho, não tens lá nada, tens lá só a casinha mais nada, que vais para lá fazer?” O outro é que ainda o enriqueceu, o outro é que o fez homem não foi ele, foi o outro. Quando não...ai mãe do céu...ele não era homem de viver no mundo.

*Depois do meu marido morrer* fui logo para lá. Se soubesse não tinha para lá ido não. Soubera o que sei hoje não tinha para lá ido. Dei cabo do arranjo que tinha, vendi as cabrinhas fiquei sem nada, o dinheiro da urna fiquei sem ele, não o vi, pronto, eu em estando cá não abalava nada e assim abalou tudo. O meu enteado alguma *arquilha* que cá havia levou tudo. Aqui estas *arcas*...aquela além era de um homem aqui do Tojo, deixou-a ali na casa dele. Disse-me o meu João “Olha vamos lá para aqui puxar aquela arca, eles já a não levam puxamo-la para aqui”. Trouxemo-la para aqui. Esta aqui, a outra aqui detrás era da sogra dele, esta aqui não a levou...óóó...ele era cão. Levou o que lhe agradou e o outro resto deixou.

Estive lá nove meses. Estive lá nove meses na casa dele. Eu lá em Lisboa gostava mais *do que aqui no Tojo*, porque o meu filho tinha lá um retiro muito bom, tinha lá uma casa mas uma rica casa, aquela também a fez ele coitado, comprou lá um bocado e fez lá uma vivenda. Era...era a Costa da Pacarica...Caparica, mas a do meu filho fica para aqui e a Costa fica assim naquela parte de além. Tinha um quintal assim comprido, quase tão comprido como daí ao fundo das casas, tinha tudo cheio, tudo cheio de árvores: videiras, pessegueiros, tinha figueiras, também tinha pessegueiros, tinha lá...ainda tinha mais só que não me lembra como é que era. Eu gostava de lá estar porque aquele coiso também era bom, à uma tinha por onde me estender, ou a semear, ou a sachar, ou regar, tinha por onde me estender. Já tinha aí uns sessenta ou setenta anos, os meus netos ainda eram pequenotes, a garota tinha oito anos e ele, o Sérgio, era mais atirado. Isto já de há muito tempo, já à coisa de vinte anos que eu parti a

perna. Foi na casa dele já *que parti a perna*, ia a botar comer às galinhas, ia-lhes pôr um pouquinho de farelo, um pouquinho de farelo amassado, passei do portão, assim daquele muro para baixo, estava ali um bocadinho de relva escorreguei, pronto, já não me levantei. E se eu não fizesse caso das galinhas, não fosse lá a pôr de comer? Ela disse-me assim: “ Ah partiu a perna!, nem por ir à missa, nem por querer ir à missa Nosso Senhor a amparou”. Então Nosso Senhor não pode ajudar toda a gente.

Fomos ao endireita primeiro, depois é que fomos ao médico, primeiro disse-nos assim o endireita “Olhem vocês agora vão ao médico, vão a tirar uma radiografia vocês, tirar uma radiografia e logo vêm, se for desmentido venham cá e se for partido não venham cá, porque a perna está muito inchada. Depois lá fomos ao médico, abalámos dali eram quê?,eram oito horas, quando viemos do médico eram quatro horas da tarde, e frio que fazia, e fiquei ali sozinha, mas o meu deixou cá a papelada em casa e veio cá buscá-la e ela desapareceu dali nunca mais a tornei a ver. Depois os demais já estavam todos aviados e eu é que era a primeira, mas ela foi lá fazer a ficha e meteu-a, depois iam umas metiam, iam outras metiam, iam outras metiam e eu fui a última. E se ela não calha a abalar?, era quase das primeiras. Ali, nem comer, nem beber, nem nada...ai Mãe do Céu.

O médico era assim: “ Agora, ao fim de quinze dias voltam cá”, depois quando de lá viemos o meu Francisco, o meu filho, todo o dia me dizia assim: “ Ó mãe então que tal está, está melhor ou sente-se pior”, “Ó filho eu sinto-me melhor, ó filho eu sinto-me melhor”, “ Ah então não vamos lá ao fim de quinze dias”, disse-me o meu; “ Se lá não vamos ao fim de quinze dias nunca mais torno a olhar para ela, nem que morra nem que viva”, *disse a* minha nora. Ah mas fazia a mesma parte, fazia a mesma *parte ir lá ou não ir*. Ela nunca mais tornou a fazer caso de mim, nem a falar nem nada.

Estava lá um sargento que era...foi Sargento lá fora, eu não gostava de lá estar por causa da nora, eu volta e meia dizia “ Ai já me vou de cá...vou-me de cá embora que eu não estou cá a fazer nada”, “ Ó vizinha não abale então o seu filho é tão bom, tão bom para toda a gente e a senhora quer de cá abalar?”, “ Eu não gosto de cá estar”, dizia, “Eu não gosto de cá estar”, não dizia lá porque era, “ Eu não gosto de cá estar”. E eu gostava de lá estar naquele sítio... Tanto mulheres como os homens sempre me puxavam para a casa deles, sempre sempre, estava lá uma que...estava assim da parte de cima dele um bocadinho, também era muito boa, muito boa mulher, chamava-se senhora Emília e tinha uma irmã médica. No dia que me lá viu, eu já tinha partido a perna já havia uma temporada boa, trouxe-me lá assim dois frascos de pomada para pôr na perna. A irmã é que lhe disse “ Olha aquela senhora gasta daquela pomada assim e assim”, para pôr na perna que estava inchada

como que era um boião e o médico logo lhe disse para o meu filho: “ Vais à farmácia e compra desta pomada, aqui vai a receita, não a deixes acabar porque o inchaço é muito”. E ainda não perdi a receita daquela pomada. Se a gente tiver uma dorzinha qualquer e esfregar, não passa logo naquela hora, daqui a um bocadinho passa logo. Então...gasta-se aquela compra-se outra. Mas há pessoas que não, por mais dinheiro que tenham não são capazes de dizer assim compro isto ou aquilo porque preciso. Eu se estivesse ao pé de farmácia não deixava acabar.

Logo uma criatura disse para o meu filho: “ Ó Francisco tu tira daqui a tua mãe, olha que a tua mãe morre aqui seca, tira-a daqui que ela morre aqui seca como as palhas. Olha leva-a para onde ela esteja melhor, ou para Santo Estêvão, ou para o Rosmaninho ou para o Tojo, onde ela se sente melhor é que a hás-de levar. Se não aqui morre cá, tira-a de cá quanto mais depressa melhor”. Porque a minha nora era ruim, eles já sabiam o feitio dela e..e avisaram o meu filho.

A perna foi no dia 20 de Março que a parti. Depois também dei cabo do braço naquela altura que havia de vir. Lá também. A casa tinha assim...quer dizer...um balcãozinho, era assim uma coisinha para a gente passar, e as galinhas andavam fora. Fui-me a desviar para as galinhas passarem para o outro lado, entortei, pronto. Galinhas do demónio! É a pouca sorte!, é a pouca sorte da pessoa. Tão mal me desviei para o outro lado entortei, bati com o braço no cimento, pronto. Aqui em isto estando podre já não vale nada.

Vim lá de baixo da casa do meu filho ali para aquilo do meu compadre. Ele estava além para diante, ali para o cimo de Novais, chamavam lá os Boieiros, estive lá quase dois anos, faltaram três meses para dois anos. Eu quando para lá fui logo mo disseram “ Olha vens para cá, tu estás cá bem, o comer não te falta, mas o trabalho ainda te falta menos. Podes contar que o comer não te falta mas o trabalho ainda te falta menos”. E era verdade. Depois se a gente pode trabalhar com os braços ainda vá, mas se não pode? Se não trabalha “Ah porque ela é mandonga, ah porque ela é assim, ah porque ela é assado”, óóóó....eu já os cá tinha grossos.

Quando viemos, quando chegámos ali aquilo do pai, ela queria-me lá esfarrapar. Eu estava assim encostada à ombreira da porta, estava com o braço ao peito, não o podia mexer e *ela* disse assim “Por causa do pipos, por causa dos pipos é que eu estou aqui metida num Inferno, por causa do pipos é que eu estou metida num Inferno”. O meu filho tem lá videiras tudo em volta do cimo ao fundo, de um lado e de outro, cria lá uma pinga de vinho e comprou lá uns pipos desses de madeira. Depois quando eles se queriam vir embora, parece que um dia ou dois antes, o meu filho deixava-os ali e eu disse-lhe: “Ó filho não deixes aqui os pipos,

olha que salta um gatuno aí pelo portão, rouba-tos e depois vais comprar mais? Arrecada-os lá para dentro da loja, ficam lá bem” Ela não queria. “ Por causa dos pipos, por causa dos pipos é que eu ando metida num Inferno, por causa dos pipos é que eu ando metida num Inferno!”, e foi direita a mim para me esfarrapar homem. Disse-me assim: “Se não fosse por ser quem é já aqui a esfarrapava”. O pai traçou-a acima pela cintura, sentou-lhe o cu no chão, tanto berravam uns como os outros. Então mas eu tinha alguma culpa? Disse-lhe “ Ó filho diz tu aí, em diante da tua sogra, o bem e o mal que fizeram os pipos. Não te disse que os arrecadasses para dentro da loja? Podia saltar um malandro pelo portão e roubar-tos”, mas o meu filho não abriu a boca, também foi um pachacho, também não abriu a boca, até hoje *ela* não tornou a falar para mim.

Por causa disso, por causa dela ser ruim é que eu de lá abalei, *de Lisboa*. Então estava ali no corredor, o corredor era aqui assim e eu estava ali naquela parte dali, nunca me disse para estar melhor que estivesse pior. O meu filho todos os dias me ia a dizer que tal estava, se estava algo melhor, se estava algo pior, e ela não tinha boca? Então quem é que me para lá levou? Ela diz que disse aqui, que eu não ouvi, não sei se para a Luzinha, que ela tinha que me levar, eu não queria ir mas ele tinha que me levar, ou de rastos ou de empeneda, tinha que ir. Era uma besta ou não era!? Ah estafermo negro!! Há noras que são boas há mas há outras... . Não venha cá para lho perdoar que não perdoou.

Fui para lá, enquanto pude ajuntei-lhe ali uns poucos de montes de esterco, tinha lá a garota, a garota ainda era pequenota, parece que tinha uns oito anos, dizia assim: “ Ó avó, ó avó se você quisesse ia mais eu ali à serra”, “ Ó filha que vou eu lá fazer?, eu não posso com nada” , “ Ó avó leva um saquinho desses de asa e traz o estrume para estrumarmos aí o...” não sei como é que ela chamava, era assim em volta das parreiras por aí a fora. “Leva um saquinho e você traz o esterco e eu apanho pinhas.”, mansas eram pinhas mansas. Bom, lá fui, a garota levou-me assim aquele caminho, lá fui. Em primeiro ainda levava assim um saquinho trazia-o cheio de estrume, depois já dei em descer com meia saca de estrume, já trazia meia saca de estrume. Até que pude com uma saca de estrume *já a gente* tinha lá três montes, mas já eram três montes bons e não parava ali uma hora assentada. E depois o meu Francisco disse assim “Ó ti António” era um vizinho dele e era primo “ Minha mãe não pára nem um bocadinho, anda sempre a andar, sempre a andar” , “Ó Francisco não te importes que tua mãe ande, quanto mais anda melhor. Se ela se põe quieta então é que já não tiras nada dela, já morre. E assim vai andando, vai andando, vai secando os nervos...”. E era verdade. Uma pessoa ficando quieta pronto os nervos já se não esticam. Onde me disseram isto foi lá em Lisboa, era lá em Lisboa porque a casa do meu filho está por exemplo além e a serra está

assim para esta parte aqui: é como que é um lombão que vai assim por aí abaixo. E naquela serra havia lá assim sargaços, havia lá sargaços e a gente assim por baixo acarretava aquele esterco. Ali esparecia muito porque eu não parava lá em casa. Eu não gosto de estar de quieto, uma pessoa quando está de quieto já não tem valor nenhum.

*Quando* vi que já podia abrir a porta vim-me de lá embora, daquilo *do meu compadre*. Eles não queriam que eu de lá abalasse, muito lhes custou a eles que eu de lá abalasse. Eu tinha lá tudo para guardar, ele não guardavam, dava-lhes jeito não queriam que eu de lá abalasse. Eu abalei de lá porque eu não podia aguentar tanto trabalho. Vim-me embora, vim cá um dia a lavar estas furdas e ele quando foi que fui para lá...eu tinha lá dois caldeiros, dói baldes de plástico e trouxe-os para cá, quando eles viram que eu que já para lá não tornava foi quando eu cá deixei os caldeiros.

*Quando o meu filho foi para Lisboa* ainda estávamos nós naquela *casa além*. Vivia com o meu marido e com o meu filho naquela casa ali de baixo, *depois mudei para aqui*. Estava cá a Maria, a irmã do Zé António, ela abalou e disse-me o meu patrão “ Vamos ali para cima, vamos mudar ali para aquela casa de cima que estamos lá melhor. Sempre é mais alegre do que esta aqui, esta aqui é mais escura”. E aquela ali é melhor de andar do que esta aqui, é mais direitinha, mas esta o fogão está aqui em frente, aqui pertinho, e é mais clarinha. Se estivesse noutra sítio qualquer e tivesse uma casa mais própria eu não a tinha assim. Está aqui uma furda, isto é que é uma furda. Se fosse uma casinha que tivesse assim uns azulejos, ou que estivesse cimentada, está bem, mas isto aqui assim assente, ai, estas pedras tanto faz lavá-las como não lavar e mesmo que a gente queira não a pode lavar, não há aqui água nenhuma, é preciso acarretá-la do ribeiro. Quando está a barragem cheia, a barragem aqui de trás, a gente acarreta uma pinguinha, uma mão cheia de água, e lava-a. Mas agora que não há água? Vai a minha vizinha “ Raio que tenho a casa mais suja que o Diabo mas não sei como é que a hei-de lavar. Há uma não tenho vagar e é preciso acadejar água para cá um dia e lavá-la ao outro. É pena é ela cair ,a água, cá dentro aos bocães, as telhas são velhas, aos anos que assim estão arrançadas. Umas telhas novas, assim ia lá, mas assim não. Ainda no outro dia lá andei a dar volta e ainda lá cai como no meio da rua. Que se há-de fazer?

Eu tenho muitas noites só acendo a luz do lume, com a luz do lume deito-me. Aí às oito nove horas, oito nove horas, dá as dez.... Vou ali para casa da minha vizinha, estou lá até às oito nove, oito nove. *Depois* venho para aqui. No outro dia disse-me assim o meu neto: “ Ó avó você acautele-se com o petróleo e com o gás”, “Então eu não tenho gás nenhum filho como é que eu me hei-de acautelar?, então eu não tenho cá gás nenhum”, “Ah mas às vezes o petróleo *do candeeiro* também pode dar guerra”, “ Não dá”. *Antes* quando era à noite, aqui

nesta pedra aqui, nestas duas pedras aqui, juntava-se aí o pessoal todo: conversar uns com os outros, contar as suas vidas uns aos outros. Quando a gente anda bem conversa assim umas com as outras e o tempo passa-se num instante, mas se anda mal não. É por isso que ninguém havia de andar mal uns com os outros, sempre bem, sempre bem. Aquela que estava além naquela casa onde estão o perus era levada do Diabo e era velhaca, andava quase sempre a ralhar com as vizinhas. Comigo não, comigo nunca ralhou. Eu não lhe dava importância, eu não lhe dava importância. Aquelas pessoas querem mas é desprezo, que a gente as deixe à larga.

*Eu depois do meu marido morrer* não quis cá homem nenhum, e se eu tinha muitos apoquentos depois que ele morreu. Eu agora estou aqui, uma mulher que também fiquei nova sem homem, então se estivesse com outros aí Jesus era uma porcada. Era uma vergonha. Então e aquelas mulheres que se lhe dá um dinheirão para irem mostrar as suas carnes a outros homens de fora? Eu Deus me livre. Então e quem é que quer viver num trabalho desses?, não se juntam com ninguém. Depois vai uma “Olha além o cornudo”, vai outra “Olha além o cornudo”, vai outra “Olha além assim, olha além assado”. A minha irmã Maria, que o marido também já faz dois anos que está na terra, ao fim de dois, três dias foram logo a perguntá-la, a ver se ela se quis casar? Oiii... e se eles também eram bons. Ela também não quis. Então uma pessoa para estar mal deixa-se estar sozinha que está melhor. A minha vizinha dizia assim “ Ó ti Patrocínia você faz mal, você faz mal”, “ Porquê? Para andarem só a apontar para mim? Não apontam não”. Uma mulher quando tem vergonha e tem juízo não anda a dar que falar a este e àquele. Nosso Senhor me conserve até morrer.

*Às vezes vou ali ouvir a missa*, ali ao Moínho Velho com a Rata, no rádio. Ela tem lá televisão mas diz que não gosta, diz que se lhe põe a cabeça à roda de ver aquilo. Há pessoas que não gostam de ver, eu assim um bocadinho também gosto de ver, mas muito tempo também não. Quando a minha prima era viva ia para casa dela, *no Rosmaninho*, a ouvir a missa na televisão. Nos domingos em vez de ir à missa à Igreja ouvíamos lá na casa dela. Era uma irmã de meu pai, era o homem e a mulher do Rosmaninho, ela deu-lhe um enfarte pronto. Faz uma ano para Agosto. Já lhe tinha dado outra vez, mas deu-lhe com pouca força, ela logo me disse quando veio aqui “Ai prima em me dando outro já me vou embora”. E foi verdade. Eu tenho lá muitos primos *no Rosmaninho*, mas fazem caso que não me vêm e aquela não. Ficou o homem que é tão bom ou melhor do que ela, *de vez em quando* vou lá a vê-lo pois, há pessoas que não gostam de ver as pessoas mas eu gosto de as ver. Se aos domingos ele vai ao comércio não vou lá a ver dele e se não vai vou lá a ver dele, como é que ele está. Então por morrer a mulher não consta que a gente deixe de visitar as pessoas. Junta-se à mesma. Se

tenho alguma coisa para levar, levo, se não tenho nada para lhe levar, não levo. Agora tenho tido umas ervilhas, ali em baixo, e tenho levado uma mão cheia de ervilhas. Não tenho água nenhuma mas agora de Inverno posso lá pôr umas couves, ou posso semear assim umas ervilhazitas. *Água* é só a que vem do céu. Tanta vez já me disse o meu vizinho que arranjasse ali um bocado, então e eu tenho força para isso? Se aqui a Maria tivesse força para arranjar as coisas então tinha-as.

*Fiz agora oitenta e nove anos em Outubro*, daqui a nada tenho noventa anos, não posso quase andar nem nada. Ah eu o que queria era ir para o lar, no lar não tinha dor de cabeça nenhuma. Tinha quem me lavasse, tinha quem me desse de comer e tudo, mas não pode ser não há vaga. Agora ficaram de cá vir a trazer o comer, agora para o mês que vem, que vinham cá a trazer o comer, diz a Rata, no que diz a Rata eu não me fio. Disse que eram dois dias na semana, era segunda e quinta, vamos lá a ver, enquanto os cá não vir não digo nada, calo-me. Eu gostava de ir para o lar porque eu não posso fazer nada. É preciso semear batatas *tenho que pedir a alguém*, é preciso arranjar a terra *o mesmo*. Tive aí dois anos tiveram que me as semear que eu não semeava porque não podia arranjar a terra. Lá me lavraram a terra e semearam-ma, a minha vizinha mais o outro vizinho da Benvinda Rata. Mas aquele partiu o braço, cortaram-lhe aqui assim o braço, uma coisa que lhe nasceu, mais nas mãos dos médicos, “Ai isso não é nada, ai isso não é nada, ai isso não é nada”, mas depois foi. Ahhh médicos de um filho do diabo, a mim ninguém mete cá os médicos que eu....são bons para uns mas são maus para outros. Então homem andou tanto tempo ali a sofrer, foi num dedo, diz que foi um raio de sol que lhe caiu. A eles não lhes dói, dói mas é às pessoas, às pessoas é que dói agora a ele não lhes dói. Às vezes podem salvar as pessoas não as salvam. Por isso é que lá não vou, sofro, sofro, sofro e não vou. Este ano passado semeei-as eu, *as hortas*: cavava a terra, arranjava a terra com um sacho pequenino desses do trigo e depois já as enterrava com o outro.

Em poder mexer-me não me importava nada de estar aqui, preferia estar aqui, porque os vizinhos são bons. Se estivesse cá com vizinhos ruins não gostava de cá estar não. Esta aqui se eu der aqui um ai vem logo cá a ver, faz-me um chazinho vem-mo logo a trazer. Esta rapariga anda aqui como peixe na água, ela é que não gosta de cá estar. Ela não queria estar presa com o gado, está presa pronto. Ela queria ir para o Rosmaninho, queria ir para lá fazer a limpeza à filha. É por causa do marido, ele não vai, ele não quer, se é muita a guerra ao tempo que já cá não estava, ao tempo. Ao pé desta aqui a gente está muito bem, aquilo que tem...eu não me queixo mas ela sabe se tenho a coisa ou não tenho...aquilo que tem sempre me cá veio trazer. Eu gosto *dela*, em princípio não, em princípio não era boa, agora sim, agora já

porque eu também lhe faço todas as vontades. É preciso guardar-lhe as cabrinhas quem é que vai com elas?, sou eu. É preciso outra coisa qualquer quem é que vai?, sou eu. Quando não, aí....

Se fosse ali para baixo não, ela nem me ouvia, na casa dela nem me ouvia nem nada. A Doutora do lar queria que para lá fosse queria, ali para baixo, que estava mais descansada. Ali para o pé da Benvinda *Rata*, ela é que lhe pediu, a Benvinda é que lhe pediu “Porque aqui está melhor, porque há uma coisa qualquer e eu não posso ir lá acima e ela aqui sempre vai andando, sempre vai fazendo alguma coisa”. Mas em ela cá vindo, em cá tornando a voltar já lho digo: enquanto eu estiver aqui estou. Se me lá quiserem no lar eu vou para o lar, mas ir para ali não. *A doutora no outro dia* veio cá estar comigo, ver se eu para lá queria ir ou não, até já trazia a chave . Agora hão-de cá vir pintá-la e é para se ver com ela pintada. Ainda no outro dia me disseram “Então porque é que não vem aqui para o Rosmaninho?”, “ O quê, eu?, hei-de me vir aqui meter logo no Inferno, no Inferno ando eu sempre metida, além estou mal aqui estava trinta vezes pior. Era preciso pagar as águas, era preciso pagar a luz, ainda era preciso comprar lenha e além não”. *Aqui* é com trabalho, mas aqui é melhor, sendo nada a pagar, sendo nada a pagar. Eu gosto mais disto aqui do que gosto do Rosmaninho ou de Santo Estêvão. Muitas pessoas não dormiam aqui sozinhas e eu durmo cá sozinha. A vizinha abala, quando o homem foi para o hospital foram três ou quatro noites, e eu durmo cá sozinha. Eu não tenho cá medo nenhum, aqui ninguém vem, nem que cá não estejam os cães, que os cães não os deixam cá arrumar.

*Se eu pudesse escolher* o que eu escolhia era ter muita saúde e boa sorte. Saúde e boa sorte é que eu queria, mas isso Nosso Senhor não ma dá. Já não tenho idade para isso nem nada, a gente vai chegando a velha para trás sim, mas para a frente não. Só me lembra de passar mal, só me lembra de viver mal, não é de viver bem, viver mal. Mais para a frente, mais mal ando, mais mal ando. *Digo isto* porque vejo que é verdade, vejo que é verdade, a gente em vez de ir para a frente vai para trás, que a vida não corre sempre bem. Na vez de ir para a frente volta para trás. Até ao 60 anos ainda vai bem mas depois é que se vê, eu até aos 60 anos é como que estava na flor da idade. Para as coisas alegres é preciso a gente ter muita saúde e viver bem , encher a barriga e viver bem, mais não indo bem, é sempre triste, sempre triste. Tendo mal nunca se tem uma hora de alegria, é sempre a sofrer. Deus é que sabe. Deus é que sabe à idade que a gente há-de chegar. Dizem que a gente já nasce com o signo que há-de morrer, que há-de nascer e que há-de morrer. Vamos lá a ver se assim sai certa. Há pessoas nem gostam de ouvir estas coisas que depois têm medo de morrer. “ Ai em tanto tempo já morro, em tanto tempo já morro”, e depois ainda passa e torna a passar e não morrem. Não

tenho medo de morrer, eu o que queria era morrer. Eu não tenho medo de morrer, tenho medo é de sofrer, de sofrer é que eu tenho medo, mais do outro resto...ninguém sabe nada do que não fez. Se eu num tenho ninguém ao pé de mim, tenho o filho, o filho está longe, é como a quem nem ata nem desata. Se estou mal fico pior, fico à mesma, fico à mesma porque ele a mim não me faz cá nada e eu a ele também nada lhe faço. Às vezes a viver com ele estava bem, e assim...

Eu nunca tive a ideia de chegar à idade que tenho, sempre tive ideia de chegar só aos 84,85,84, vá lá já passou muito. Eu não me importo, porque me há-de importar? Tanto me faz importar como não importar, é igual, fico na mesma.

## Anexo D

## Categorias de análise temática

**Tom Narrativo:** As histórias de vida apresentam um tom emocional geral que pode oscilar entre o pessimismo sem esperanças e o optimismo sem fronteiras. Este tom tem as suas raízes nos primeiros anos de vida do indivíduo, uma época pré-narrativa, em que um conjunto de experiências e vivências se constituem como o material inicial a partir do qual, mais tarde, o *I* procederá à construção do *Me*.

As características destas experiências iniciais, em que se destaca a qualidade das relações de vinculação, dão o tom, maior ou menor, musicalmente falando, que depois influenciará a forma como o indivíduo tenderá a encarar e narrar a sua vida.

**Imagética:** As histórias de vida apresentam uma imagética característica que lhe atribui, para lá do conteúdo objectivo, uma textura e paladar próprios. Esta é expressa por fotografias verbais, sons, cheiros, sabores, símbolos e metáforas; sendo que, no processo de *selfing* envolvido na narração, são escolhidos os que melhor se adequam e confundem com a identidade única e percebida do indivíduo.

As fontes desta imagética podem ser ligadas aos anos pré-narrativos, adequando-se as características mágicas e fluidas do pensamento nessas idades à sua apropriação e armazenagem.

**Linhas Temáticas:** Os temas de uma história de vida encontram-se relacionados com as motivações humanas: o que as personagens querem, o que lutam por atingir e evitar no decorrer do tempo. Existem dois temas base aglutinadores: iniciativa e comunhão. A iniciativa encontra-se associada ao poder, à actividade do indivíduo sobre o meio enquanto agente principal da sua vida e conquistador dos seus objectivos. A comunhão refere-se à procura de união com o meio e a um desinvestimento na individualidade, tendo em conta um todo maior que inclui dimensões como a intimidade, o amor, a reconciliação, o cuidar e a fusão.

As linhas temáticas base têm a sua génese ainda na infância. Os guiões motivacionais organizados pelas crianças tendo em conta os seus desejos, e necessidades, de poder e amor podem encontrar o seu caminho até às histórias construída na idade adulta.

**Setting Ideológico:** Este refere-se às crenças religiosas, às convicções políticas e éticas e ao quadro de valores que o indivíduo expressa na história, bem como à sua origem e possível evolução. As histórias tendem a situar-se num determinado quadro ético – religioso permitindo em que o indivíduo, a partir de uma determinada perspectiva moral, pode aquilatar a qualidade da sua própria vida e a da vida dos outros.

A emergência de um determinado *setting* ideológico dá-se na adolescência, zona charneira para a construção da identidade, em que o problema da unidade e propósito do *self* se torna digno de questionamento filosófico e investimento emocional. A adopção de um *setting* ideológico fornece ao *I* linhas para reconstruir o passado na narração do *Me*, bem como permite situar a acção numa paisagem de crenças pessoais a respeito do que agora é tido como garantido ser o bom e o verdadeiro.

**Episódio Nucleares:** Os episódios nucleares constituem-se como pontos altos, pontos baixos, pontos de partida, pontos de chegada e pontos de viragem que sobressaem na história de vida, tendendo a expressar continuidade ou mudança no evoluir do *Me* ao longo do tempo. São escolhidos e reconstruídos para criarem um nexos narrativo coerente acerca de como o passado deu origem ao presente e de como este pode agora abrir caminho para o futuro. Assim o mais importante num episódio nuclear pode nem ser o que realmente aconteceu, mas sim o que o que a memória desse particular evento simboliza presentemente no contexto da história de vida.

**Imagos:** Um imago é uma personificação idealizada do *self*, um pequeno eu que povoa a grande narrativa do *Me* agindo e pensando de maneira individualizada. Os principais imagos nas histórias de vida tendem a reflectir a cultura contemporânea ao indivíduo e as personagens modelo que esta sugere em relação ao que é uma vida boa e apropriada. Uma história pode conter inúmeros imagos, uma vez que, à medida que a sua vida se desenvolve, entre os espaços familiar, profissional e social, o indivíduo irá investir em, a partir deste conjunto de personagens possíveis, dar um sentido à sua vida dando, naturalmente, um privilégio aquelas associadas às linhas temática predominantes na sua visão da mesma.

**Desenrolar Generativo:** Pela meia adultez a necessidade de perceber uma história de vida coerente, com início, meio e fim, ganha importância. Este fim atrás referido não é, no entanto, qualquer um: os indivíduos são desafiados a criar um desenrolar generativo que dê nascimento a um legado positivo deixado às gerações seguintes, providenciando assim um mecanismo narrativo pelo qual o *I* pode criar um *Me* que sobrevive ao *Self* atingindo um tipo de imortalidade simbólica. Esta procura ocorre, bastas vezes, pela exploração de imagens alternativas.

**Avaliação Narrativa:** Adultez tardia a dentro e até ao ocaso da vida continua a tarefa de revisão e reconstrução da história de vida tendo como fim a sua adequação às mudanças e preocupações presentes. Por esta altura este trabalho de revisão e arrumação da história sobrepõem-se ao de construção.